

O
MISTERIOSO
LAR
CAVENDISH

CLAIRE LEGRAND

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O MISTERIOSO LAR CAVENDISH

CLAIRE LEGRAND

Ilustração Sarah Watts
Tradução Santiago Nazarian


GUTENBERG

*Para meus colegas de mesa de almoço do sexto ano,
que amavam minhas histórias de medo.*



AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas se envolveram na feitura deste livro, muito mais do que originalmente se pensava. “Escrever um livro não é simplesmente um escritor se sentar a uma mesa e escrever?”, alguém pode se perguntar, perplexo. “Não é assim que se faz?”

Bem, sim, é assim que se faz – mas muito mais acontece depois disso, e mesmo antes e durante, e a essas pessoas, que fazem *muito mais*, é que eu gostaria de ter um momentinho para agradecer.

Primeiro, preciso agradecer à minha agente, Diana Fox, que é muito mais do que uma agente e de fato poderia ser considerada sobre-humana. Sou muito grata a ela pela crença em mim e nas minhas histórias. Também gostaria de agradecer a Pouya Shahbazian e Betty Ann Crawford.

Em segundo lugar, obrigada à minha brilhante editora, Zareen Jaffery, por entender tão precisa e vividamente meu livro e como torná-lo ainda melhor. Devo agradecer também à incansável equipe da Simon & Schuster Books for Young Readers, que ajudou a trazer este livro à vida: a intrépida Julia Maguire, Katrina Groover e Michelle Kratz, Justin Chanda, Michelle Fadlalla e Lydia Finn e Paul Crichton. Meus agradecimentos especiais à designer Lucy Ruth Cummins e à ousadamente talentosa Sarah Watts, por fazer tudo ficar tão lindo.

Minhas primeiras leitoras, Kendra Highley, Kait Nolan, Susan Bischoff, Lauren Hild, Amanda Johnson e Malika Horton me encorajaram e, como eu sabia que elas fariam, me tornaram uma escritora melhor. Obrigada a Joanna Volpe, assim como a Veronica Roth, Victoria Schwab, Nova Ren Suma, Leigh Bardugo, Stephanie Burgis, Kody Keplinger, Serena Lawless, às incansáveis apoiadoras Apocalypsies e a todos os outros autores no Twitter e na blogosfera, que me apoiaram, inspiraram e impressionaram.

Com o passar dos anos, vários professores me ensinaram a ler e escrever melhor: Judy Young (primeiro ano), George Uland (sexto ano), Susan Addy (nono ano), Mike Crivello (terceiro do Ensino Médio) e Ian Finseth (faculdade). E, considerando o quão importante a música se tornou para Victoria e Lawrence em suas aventuras, não posso esquecer meus professores de música: Ellie Murphy, que inventou histórias comigo, dr. Marty Courtney, que me ensinou a ter disciplina, e John Holt, que entendeu quando precisei deixar a música para trás.

Minha meia-irmã, Ashley Mitchell, e minha prima, Emily Jones, são leitoras vorazes e fãs exemplares. Minha família, todas as minhas tias, meus tios, meus primos, meus meios-irmãos me animam todos os dias. Devo agradecer especificamente a meu avô por avaliar meus “rabiscos” e a vovó, por sempre ter papel e lápis coloridos à mão.

Os agradecimentos mais calorosos vão para Brittany Cicero, que nunca me deixou desistir, e Jonathan Thompson, que sempre acreditou e nunca julgou. E para Beth Keswani, Melissa Drake, Amanda Tufano (da mencionada mesa de almoço do sexto ano), Chris Siefken, Starr Hoffman e Maureen Murphy, que toleraram muito silêncio no rádio da minha parte e ainda permanecem como as mais queridas amigas. Para Matt, que me ama – por favor, nunca pare de me girar no ar.

Obrigada a Anna e a meu pai, meus próprios Writer’s Digest, que me amam e apoiam de todas as maneiras possíveis, mesmo quando isso envolve ler um manuscrito imenso que ocupa três enormes

cadernos com espirais.

Para Drew, que é o irmão mais amoroso que eu poderia imaginar, para minha mãe, que é minha melhor amiga e a heroína definitiva, e para Amos, que é um excelente aconchego apesar de seu exagero de pelos – obrigada, sempre.



Quando Victoria Wright tinha 12 anos, ela tinha exatamente um amigo. Na verdade, ele era o único amigo que ela já teve. Seu nome era Lawrence Prewitt, e na terça-feira, 11 de outubro do ano em que Victoria e Lawrence fizeram 12 anos, Lawrence desapareceu.

Victoria e Lawrence se tornaram amigos pouco depois que os primeiros cabelos brancos de Lawrence apareceram. Ambos tinham 9 anos e estavam no quarto ano. Grossos e brilhantes, os cabelos brancos de Lawrence brotavam entre seus cabelos pretos e o faziam parecer um gambá. Todo mundo tirava sarro de Lawrence por causa disso, e, para falar a verdade, Victoria não poderia culpá-los. Victoria decidiu que esses cabelos eram um castigo cósmico pela falta de habilidade de Lawrence em pôr a camisa direitinho dentro da calça, usar um pente, prestar atenção à aula (ele preferia rabiscar a fazer anotações) e fazer qualquer coisa além de tocar seu maldito piano. Não que Lawrence fosse ruim no piano; na verdade ele era muito bom. Mas Victoria sempre achou aquilo uma incrível perda de tempo.

Após algumas semanas observando os cabelos brancos de Lawrence brotando mais e mais, ouvindo as risadinhas de todo mundo, Victoria deixou de lado sua falta de vontade de socializar, bem, com qualquer um, e decidiu que Lawrence seria seu projeto pessoal. Obviamente, o garoto precisava de ajuda, e Victoria tinha orgulho de saber dizer às pessoas como se comportar. Sacrificar seu valioso tempo para dar um jeito em Lawrence seria um presente para a comunidade de Belleville. “Que *caridoso* da sua parte, Victoria”, as pessoas diriam, e sorririam para ela e desejariam que *seus* filhos fossem como ela.

Então, um dia no almoço, Victoria marchou de sua solitária mesa para a solitária mesa de Lawrence e disse: “Oi, Lawrence. Eu sou Victoria. Agora vamos ser amigos”.

Victoria quase apertou a mão de Lawrence, mas pensou melhor, porque tinha medo de que ele pudesse estar infestado de piolhos ou sei lá o quê. Em vez disso, ela se sentou e abriu sua caixinha de leite, e, quando Lawrence olhou para ela através de seu cabelo de gambá e disse: “Na verdade, não quero ser seu amigo”, Victoria disse: “Bem, pior pra você”.

Com o passar dos anos, Victoria se enfiou na vida de Lawrence e era jogada para fora quando ele

decidia que já era demais. Então ela se enfiava de novo, até que finalmente eles ficaram amigos, de verdade verdadeira, de um jeito bem esquisito.

Todo dia de manhã eles se encontravam no cruzamento da Silldie Place (a rua de Victoria) com a Bourdon's Landing (a rua de Lawrence) e caminhavam juntos para a escola. Na maioria das manhãs, a conversa deles ia meio assim:

“Sinceramente, Lawrence”, Victoria dizia, levando-o apressada pela calçada de paralelepípedos, porque ela nunca andava para nenhum lugar sem um propósito extremo, “não dá pra enfiar a camisa dentro da calça?”

Às vezes era: “Não dá pra pentear o cabelo?” ou “Como você consegue passar na frente de seus pais com esses sapatos medonhos?”, ou “Terminou seu trabalho sobre o Império Bizantino para ter pontos extras, como deveria, ou ficou o final de semana todo tocando aquele piano idiota?”.

E Lawrence revirava os olhos ou cutucava o ombro dela e dizia: “Bom dia pra você também, Vicky”, o que Victoria detestava. Ela abominava apelidos, especialmente aquele. Também abominava ver que Lawrence estava sempre mastigando algo, fosse um palito de dentes, uma caneta ou qualquer coisa horrível que ele tirava do bolso.

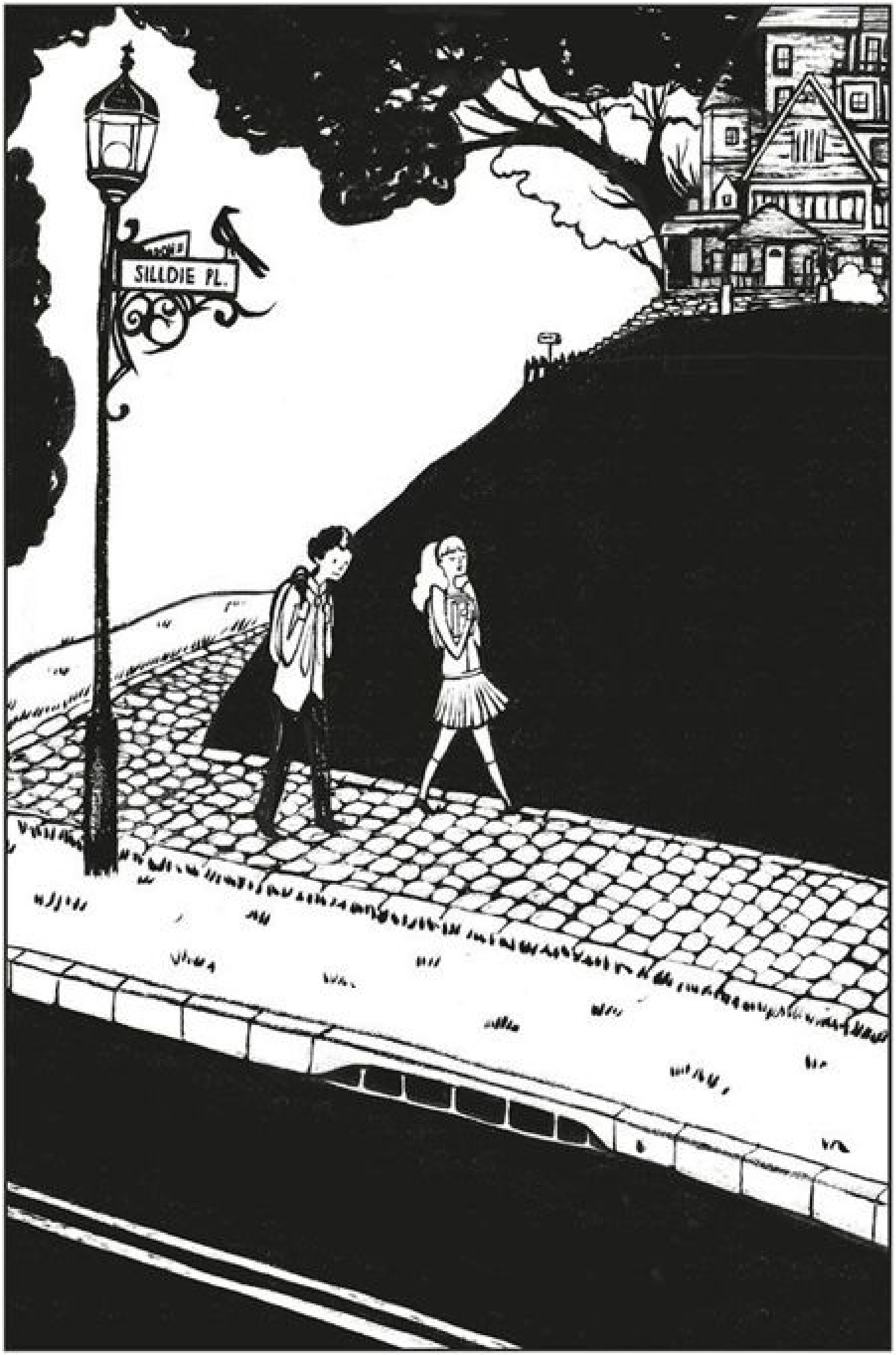
Ninguém gostava de Lawrence, porque ele nunca se importou realmente em fazer amigos. Ele vivia num mundo de sonhos de teclas de piano e camisas bagunçadas, despreocupado com as pessoas ao seu redor.

Aqueles cabelos brancos não ajudavam. Mas ele não parecia se importar com o que todo mundo achava dele. Na verdade, ele não parecia se importar com muita coisa além do seu piano – e de Victoria. Para o aniversário de 12 anos de Victoria, Lawrence escreveu uma longa carta e a leu em voz alta na frente dela. Estava cheia de piadinhas e histórias engraçadas, com as quais Victoria tentou não rir alto *demais*, e foi tudo bem bacana, até chegar o final.

“...então, o que eu realmente quero dizer é que”, terminou Lawrence, com o rosto ficando bem vermelhinho, “às vezes os orientadores ou professores, ou minha mãe e meu pai, dizem: ‘Você não se importa de não ter muitos amigos?’. E eu digo: ‘Na verdade, não. Porque eu tenho a Vicky’.”

Então Lawrence dobrou a carta e a enfiou no bolso. “Então... sabe, gosto que sejamos amigos, é isso que estou dizendo. Feliz aniversário.”

Victoria ficou tão sem graça que disse: “Bem.. é... eu... que legal”, e o ignorou pelo resto da semana. Ela nunca se permitiu pensar por que se sentiu tão envergonhada. Esses pensamentos eram complicados. *Amigos* eram complicados, motivo pelo qual Victoria os evitava a todo custo (com exceção de Lawrence, mas ele era só um caso de caridade, um projeto, e certamente – *certamente* – nada mais do que isso). Victoria odiava essas bagunças todas. Odiava distrações. Amigos eram a pior distração de todas.



“Sinceramente, Lawrence”, Victoria diria, “não dá pra enfiar a camisa dentro da calça?”

Victoria começava cada dia com um plano, e amigos simplesmente não faziam parte disso.

Na segunda-feira antes de Lawrence sumir, Victoria acordou às 6h30, como fazia todos os dias de semana – nem um minutinho antes e certamente nem um minutinho depois. Atrasar-se era uma ideia ofensiva. Ela tomou banho e vestiu seu uniforme de blusa branca e saia cinza de pregas bem passadinhas. Sentou-se na penteadeira que seus pais haviam encomendado da Itália e escovou os cachos loiros até brilharem. Tudo em Victoria brilhava.

Antes de sair, parou à porta do quarto, como gostava de fazer, e inspecionou tudo: penteadeira e escrivaninha; lustre brilhante, cama branca com dossel, uma parede de espelhos e uma barra de balé para praticar exercícios; diante da cama, uma parede de prateleiras, do chão ao teto, contendo caixinhas lindamente etiquetadas onde Victoria mantinha todos os seus marcadores de páginas, livros, loções, papéis, canetas, postais e fitas, porque assim não tinha de ver a mínima desordem. Seu maior orgulho eram as paredes imaculadas e o carpete branquinho, sem marcas de fotos nem manchas.

Na maior parte dos dias, Victoria olhava para tudo isso e sentia uma onda calorosa de satisfação. Mas na segunda-feira antes de Lawrence desaparecer, Victoria não sentiu tanta satisfação. Tudo parecia como deveria estar, brilhando de perfeição. A manhã banhava o quarto de uma luz branca e limpa. Os compromissos de Victoria estavam marcados sobre sua escrivaninha, indicando claramente as tarefas e lições da semana. Aulas de piano, aulas de balé, aulas de pintura e aulas de francês preenchiam todas as noites com blocos de cores ordenadas.

Mas, abaixo desses compromissos, estava seu boletim escolar, e, quando Victoria se forçou a olhar para ele, uma náusea se apoderou dela. No papel marrom lisinho, num texto preto e imaculado como a própria letra de Victoria, ela viu os três As – de Letras e Literatura, História Mundial e Francês Intermediário – e um grotesco, intolerável B. Ela tinha recebido um B justo na aula de *música*.

Victoria nunca havia recebido um B em toda a sua vida. Sabia que alguns de seus colegas torciam por um B. Ficavam felizes com um B. Festejavam um B. Mas para Victoria, um B era até pior do que uma mancha no carpete ou um nó em seus cachos loiros perfeitos.

Com a respiração palpitante, ela caminhou para a mesa, dobrou o boletim no envelope, apertou o selo dourado da escola na aba e guardou o boletim na gaveta mais baixa. Tinha uma fechadura, para a qual ela nunca vira utilidade até então, porque nunca teve um segredo que valesse a pena guardar. Encontrou a chave na caixa etiquetada como DIVERSOS, junto de outras coisas que ela não usava muito, trancou a gaveta e devolveu a chave ao seu lugar.

Ela se virou e olhou para a gaveta fechada. Precisava pegar a assinatura dos pais e entregar o boletim na manhã da segunda-feira seguinte, mas a ideia de admitir essa catástrofe para qualquer um a horrorizava.

“Apenas respire, Victoria”, ela disse, colocando uma mão sobre o coração.

Ela viu as horas no relógio prateado ao lado da cama: 7h04. Tinha perdido tempo.

Correu pelas escadas e passou apressada pela coleção de arte do pai, de um lado, e o jardim de rosas da mãe, do outro. Chegou à cozinha meio esbaforida. O pai levantou o olhar do jornal e a mãe da revista, porque Victoria nunca estava esbaforida.

“Bom dia, mãe, pai”, Victoria disse. Ela não podia olhar para os pais; se encontrasse os olhos deles, eles poderiam ver o B no seu rosto. Ficariam decepcionados com ela, o que nunca tinha acontecido.

Victoria não sabia como se sentiria se alguém ficasse decepcionado com ela, mas podia imaginar pelo que tinha ouvido os outros dizerem. O sr. e a sra. Wright iriam suspirar e sacudir a cabeça. Então, quando saíssem para jantar, não poderiam se vangloriar de sua filha perfeita com os amigos da mesa ao lado. Nem iriam mais sair; ficariam com vergonha demais.

Victoria engoliu em seco. Quando disse: “Bom dia, Beatrice”, sua voz soou meio engraçada.

A velha governanta, Beatrice, levantou a fina sobancelha branca e passou a Victoria uma tigela de frutas e uma fatia de torrada com geleia.

“Bom dia, Victoria”, disse a mãe.

Miranda Wright não trabalhava, não do jeito convencional, mas supervisionava Beatrice e o jardineiro que cuidava das rosas, e era uma especialista em compras. Mantinha suas revistas em lindas caixas etiquetadas em seu closet. Usava aventais chiques na cozinha, mesmo que não cozinhasse, porque ficava linda de avental, e é o que se deve usar na cozinha, afinal. Miranda Wright era linda e elegante, e tinha cabelos cor de cobre. Almoçava com importantes damas de Belleville e conhecia todos na cidade, mesmo aqueles que julgava terem “um gosto questionável”, como cochichava para Victoria. Seus saltos altos clicavam certinho. Membro da associação dos proprietários do bairro, ela adorava deixar tudo ao seu redor *certinho* também. Sempre que Victoria olhava para a mãe, sentia-se quase tão orgulhosa quanto quando acrescentava outra medalha à sua caixa de MEDALHAS, que guardava anos de pingentes de honra, prêmios de soletração e diplomas de melhor da classe.

Mas hoje não podia olhar para a mãe.

“Bom dia, Victoria”, disse o pai.

Ernest Wright era um bem-sucedido advogado de meia-idade, e tinha a aparência exata de um bem-sucedido advogado de meia-idade. Tomava um chá leve de hortelã, gastava milhares de dólares em tratamentos dentários para que seus dentes fossem perfeitos, brancos e brilhantes, e dividia com a esposa o fascínio pelas dietas da moda. Seu sucesso mais triunfante na vida era sua piscina brilhante e moderna, que ele havia instalado no quintal, apesar de nunca usá-la. Estava constantemente destruindo-a e colocando outra no lugar, porque a piscina dos Nesbitt era ainda mais brilhante e mais moderna do que a dele. O sr. Wright também conhecia todo mundo na cidade, e era um dos homens mais ricos de Belleville, e algumas pessoas tinham medo dele por ser tão rico e ter dentes tão perfeitos. Poucas coisas podiam impressioná-lo, mas Victoria sempre conseguia.

E agora ela havia fracassado aos olhos dele. Havia fracassado aos olhos dos dois. Perceber isso lhe deu um frio na barriga.

Eles não podem nunca descobrir, Victoria pensou.

Depois dos bons-dias, a sra. Wright virou outra página da revista e o sr. Wright voltou ao jornal. Para eles, tudo era como deveria ser na casa dos Wright. Corada de vergonha, Victoria voltou seus pensamentos ao B na aula de música. Pensou tanto nisso que não conseguiu terminar seu café da manhã e pediu licença, apesar dos protestos de Beatrice. Agarrando a mochila do armário de casacos, ela correu para a porta da frente.

Como toda rua em Belleville, a Silldie Place tinha calçadas de paralelepípedos, árvores grandes, cercas-vivas altas, postes de luz e portões de ferro. As casas tinham telhados pontudos altos, cumeeiras bonitinhas e chaminés de belos tijolos ornadas com pássaros de pedra. Os quintais eram luxuosos, arrumadinhos e sem uma mancha. Se o quintal de alguém começava a definhar, a sra. Wright deixava um bilhete de aviso em vermelho na caixa de correio.

A maior casa da cidade toda ficava no final da rua de Victoria, numa propriedade elevada, com árvores tão velhas que se podia ouvi-las ranger a duas ruas de distância, um lago e um longo muro de tijolos cinza. Esse era o número 9 da Silldie Place, o Lar Cavendish para Meninos e Meninas. Victoria

não gostava de pensar muito nesse lar. Nem gostava de chegar perto. Orfanatos a faziam pensar em bagunça e sujeira. Apesar de admitir nunca ter visto nenhum órfão, não podia evitar imaginar um grupo deles, com unhas sujas, fedidos, correndo desordenados e derrubando suas caixas etiquetadas no chão.

Afastando essa imagem horrorosa da mente, Victoria seguiu em frente, a cada passo mais brava por seu B. Com certeza Lawrence não tirara um B. Com certeza Lawrence não apenas recebera um A na aula de música, como outro dos relatórios brilhantes do professor Carroll sobre *talento, prodígio* e blá, blá, blá, levando o sr. e a sra. Prewitt a mandarem Lawrence para a cidade para estudos mais avançados.

Quando chegou à casa dos Prewitt, no número 2 da Bourdon's Landing, Victoria se pegou desejando fervorosamente que Lawrence morasse em outro lugar por um tempo. Agora, toda vez que o visse, seria lembrada de seu fracasso.

Ela bateu na aldrava até a porta se abrir e revelar um Lawrence curvado e de cara amarrada. Claro que a camisa estava fora da calça. Claro que a gravata não estava apertada.

“Chegou cedo”, Lawrence disse, dirigindo seus olhos cinza sobre o ombro para a casa escura.

Victoria fechou a cara, passou por ele e entrou na sala, onde os Prewitt mantinham seu antigo piano. Não era bom o suficiente para Lawrence. Em seus dias razoáveis, Victoria sabia disso. Em seus dias razoáveis, Victoria sabia que Lawrence devia ir à cidade para estudar música, mesmo que os Prewitt nunca permitissem. Eram cirurgiões-dentistas e queriam que Lawrence seguisse seus passos. A música deveria ser apenas parte de uma educação completa. Afinal, todas as crianças de Belleville precisavam de cultura.

Mas quando as lições de Lawrence se tornaram uma obsessão e ele começou a passar horas praticando sonatas de Mozart, prelúdios de Chopin e solos de Gershwin até os vizinhos reclamarem, os sensatos Prewitt perceberam que tinham um problema sério. Eles nunca quiseram que *isso* acontecesse.

Porém, aquele não era um dia razoável. Victoria tinha um boletim escolar em casa com um B, pelo amor de Deus. Não havia tempo para escutar Lawrence reclamar e suspirar porque queria que os pais o entendessem e entendessem sua música. Victoria abriu o piano com um estrondo e vasculhou os maços bagunçados de partituras de Lawrence.

“Onde está o Fauré?”, ela indagou. “Vamos tocar.”

Lawrence piscou. “O Fauré?”

“Sim, o dueto. Temos uma prova na semana que vem, não temos?”

Lawrence se sentou no banco do piano ao lado de Victoria, olhando ao redor por baixo dos cabelos. A casa estava muito mais escura do que o normal. O ar estava estranhamente silencioso e pesado ao redor deles.

“Não sei se é uma boa ideia”, ele disse.

“Bem, não me importa.” Victoria colocou os dedos nas teclas e olhou para ele. “Venha tocar.”

“O que há com você afinal?”

Victoria não respondeu. Começou a tocar a parte mais grave do dueto. Sua raiva tornava as notas cortadas e embaralhadas, mas ela continuava, com as bochechas inflamadas. Só conseguia pensar naquele B terrível zombando dela.

Lawrence se juntou a ela depois de algumas escalas. Mesmo na casa escura, apesar da fúria de Victoria, quando Lawrence começava a tocar, tudo parecia melhor. Seus dedos voavam pelas teclas, delicados e confiantes. A música vinha a ele tão fácil quanto a ordem e a estrutura vinham a Victoria. Os olhos de Lawrence se vidravam, e ele abria aquele sorrisinho que sempre tinha ao tocar. Quando terminaram o dueto com os quatro acordes vigorosos, Victoria se sentou com um silêncio raivoso. Olhou para o piano.

“Tirei um B”, ela disse.

“Imaginei.”

“Ai, não venha como se você me conhecesse tão bem.”

Lawrence sorriu. “Não posso evitar. É o que acontece quando você só tem um amigo.”

“Você tem sorte de ter pelo menos isso”, disse Victoria.

“Você não é má no piano, sabe. Você só precisa relaxar.”

Victoria reclamou. “Quem relaxa não consegue nada na vida.”

“Ah, tá certo. Por um segundo esqueci com quem eu estava falando.”

“Vai, tire sarro de mim o quanto quiser, mas depois não venha chorando quando estiver trabalhando num lixão, fedido e amarrotado, só com sua musiquinha tosca para lhe fazer companhia, enquanto eu vou estar num escritório bem chique em algum lugar, ganhando horrores de dinheiro e... e...”

Victoria parou. Lawrence a observava por baixo do cabelo, as mechas prateadas brilhando à luz do piano. Ele parecia patético e perdido. O estômago de Victoria afundava de vergonha, mas ela apertou a boca e se recusou a afastar o olhar.

“É isso mesmo que você pensa de mim?”, perguntou Lawrence.

“Não que eu tenha feito segredo disso”, respondeu Victoria, retorcendo-se por dentro enquanto as palavras saíam. Não era o que uma amiga deveria dizer. Mas ela não podia evitar; a raiva era grande demais. *Eu recebi um B, pelo amor de Deus!*, ela pensou. E, afinal, Lawrence precisava de uma ou duas palavras mais duras para tirá-lo de seu mundinho de piano para o mundo real.

Lawrence fechou a cara e o piano. “Vamos para a escola.”

Quando passaram pelo saguão, Lawrence pegou a mochila puída do chão ao lado da porta, tropeçando enquanto calçava os sapatos. Victoria observava, com o nariz torcido.

“O que há de errado com você?”, disse ela.

“Nada”, disse Lawrence, mas Victoria notou pela primeira vez que os olhos normalmente sonolentos do amigo estavam estranhos, como os olhos de um coelho, assustados e idiotas.

Alguém espreitava a sala do alto da escada. Victoria saltou com o barulho repentino. Lawrence estremeceu.

“Vamos sair daqui”, ele disse rapidamente.

Victoria o encarou. “Não deveríamos dar tchau para seus pais? Parece que eles estão descendo.”

“Não. Vamos nessa.”

Quando chegaram ao portão da frente, Victoria fungou e disse: “Olha, desculpa pelo que eu disse. Eu não falava a sério. Sua música não é uma droga”. Ela odiava se desculpar, especialmente quando sabia que estava certa. Tudo bem, a música dele não era uma droga; qualquer um sabia disso. Mas, se Lawrence não começasse a se esforçar mais na escola, ficaria de recuperação ou podia até ser expulso, e daí teria de ir para um colégio público e sair de Belleville, e isso acabaria com ele para sempre. Portanto, que bem a música lhe faria? Não era prático; não dava para ganhar a vida.

Victoria abriu a boca para dizer tudo isso a Lawrence, na esperança de que ele de fato a ouvisse dessa vez, mas, antes de poder fazê-lo, Lawrence agarrou a mão dela e a puxou pelo portão.

“O que você está...?”

“Depressa, Vicky”, ele disse, olhando por sobre o ombro novamente.

“Parece até que você está com medo ou sei lá o quê”, disse Victoria, sacudindo-o.

Mas daí ela também olhou para trás e viu o sr. e a sra. Prewitt observando-os silenciosamente da porta da frente. Ela estava muito longe para ver os olhos deles, e seus rostos eram apenas discos brancos borrados, mas, por algum motivo, a visão dos dois a arrepiou.

“Não olhe para eles”, disse Lawrence. “Eles... não estão se sentindo bem. Estão agindo de um jeito bem estranho ultimamente.”

“E daí? Você está sendo ridículo.”

“Eu os escutei falando sobre mim uma noite depois do jantar. Eles não sabiam que eu estava ouvindo, mas falavam sobre minha música e... sei lá. Talvez eu tenha ouvido errado. Eles não soavam como eles mesmos, se é que faz sentido.”

“Não faz, não.”

“Bom, é verdade.”

Victoria suspirou. “Então, eles estavam falando sobre sua música... e daí?” Lawrence balançou o cabelo no rosto e só disse: “Deixa pra lá. Não quero mais falar disso”.

Enquanto eles se apressavam para a escola, entre arbustos podados e enormes portões negros, Victoria ficou olhando para trás, mas não viu nada de incomum, exceto um grande besouro no chão, balançando suas anteninhas no ar. Mesmo assim, não conseguia afastar a sensação de estar sendo seguida.



Um emaranhado de prédios vermelho-sangue projetava-se alto num morro na fronteira oeste de Belleville. De lá avistava-se toda a cidade. Era o prédio da Academia Impetus: “onde a tradição encontra a inovação”.

Victoria e Lawrence se aproximaram da Academia pelas familiares ruas de paralelepípedos, que eram tomadas por placas pretas emolduradas de ferro, com palavras como *INSPIRAÇÃO*. Na época da construção da Academia, os projetistas da cidade renomearam as ruas que a cercavam com palavras apropriadamente educativas: *INTEGRIDADE*, *CURIOSIDADE*, *MOTIVAÇÃO*.

O peito de Victoria fervia de satisfação ao ver essas placas. *DESCOBERTA*. *CONHECIMENTO*. *VITÓRIA*.

Essa era a favorita de Victoria. Era como se seus pais sempre soubessem que ela seria uma vencedora. Seu nome significava troféus, medalhas e faixas de honra. Ela pensou naquele Bzinho ridículo e imaginou que era aquele besouro feioso que vira mais cedo na calçada. Daí ela se imaginou pisando naquele besouro, nas antenas e tudo o mais, esmagando-o e estourando-o, suas tripas medíocres esparramando-se sob seus sapatos.

A imagem ajudou. Victoria torceu os lábios com a estranha lembrança do sr. e da sra. Prewitt na porta da casa de Lawrence, e o que Lawrence dissera depois. Eles estavam falando sobre a música dele, foi o que ele disse. Isso não parecia tão horrível – a não ser que os Prewitt finalmente tivessem se cansado de Lawrence não fazer nada além de martelar o piano. Ela não podia culpá-los por estarem bravos, se era esse o caso; juntos, Lawrence e sua música podiam fazer qualquer um pirar.

Victoria olhou para ele. Outros alunos estavam se juntando a eles das vizinhanças próximas. “Enfie sua camisa pra dentro”, ela reclamou. “Pelo amor de Deus!”

Lawrence estremeceu quando passaram por uma árvore. “Não”, ele disse, e, quando Victoria abriu a boca para continuar falando, ele a cortou. “Não, Vicky, hoje não.”

Victoria parou de falar. Lawrence meteu as mãos nos bolsos, seus ombros magrelos tão curvados que quase tocavam suas orelhas. Ele olhava ao redor, por baixo do cabelo. Quando outro aluno chegou até

eles, Lawrence saltou para trás como se alguém tivesse lhe dado um soco.

Victoria olhou mais de perto, apertando os olhos naquele terrível olhar penetrante que Lawrence chamava de “visão do demônio”, porque aterrorizava e paralisava suas vítimas ao mesmo tempo. Lawrence nunca se assustou com isso na verdade, mas frequentemente tirava sarro dela, cambaleando para trás, caindo e pedindo misericórdia. Victoria achava isso terrivelmente engraçado e gratificante, mas nunca disse isso a ele.

Mas Lawrence não fez nada disso dessa vez. Na verdade, ele mal pareceu notar o olhar. Afundou ainda mais entre os ombros e apertou a mochila até seus dedos ficarem branquinhos.

Tudo isso fazia Lawrence parecer um gambá aterrorizado. Mas, por mais esquisito que fosse, Victoria não estava no clima de ter pena dele. Ele, sua música e seus pais compreensivelmente frustrados não eram problema dela. O B se afundava em seu cérebro até ela não poder ver mais nada.

“Você não tem jeito, Lawrence Prewitt”, ela retrucou, e se afastou.

Na entrada circular da Academia, carros prateados se enfileiravam um atrás do outro. Todas as portas se abriram ao mesmo tempo, e todos os rádios via satélite foram silenciados com um comando de voz de seus motoristas. Todas as crianças saíram dos carros para a calçada. Todos os pais acenaram em despedida e disseram: “Tenha um bom dia, Madison”, ou Brooks, Avery, Harper, e por aí foi.

Os carros se afastaram em silêncio, em filas certinhas, um atrás do outro, circulando pela entrada da Academia como criaturas de metal atarefadas, até outras tomarem seus lugares. Quando Victoria passou pelas portas abertas, ouviu os pais conversando e tagarelando sobre sabões chiques e tomates orgânicos, dietas e perda de peso, salões de cabeleireiro e de massagem, empregadas e babás. As crianças entravam na Academia entre pilares poderosos. Então o próximo conjunto de carros reluzentes entrou, num balé mecânico triunfal, até o primeiro sinal tocar às 7h45.

Victoria marchou direto para o Prédio 1, Sala 7, para a mesa redonda. Por meia hora, todo dia, antes do primeiro período, todo mundo do ano dela se reunia para discutir os acontecimentos atuais e os assuntos da Academia. Mas o que realmente acontecia, para desgosto de Victoria, era que os professores, em rodízio na mesa redonda, fofocavam enquanto tomavam seu iogurte, e os alunos jogavam aquele jogo da verdade idiota, beijavam suas namoradas ou seus namorados, e fugiam para a Sala 8, onde os meninos mais velhos ficavam. Victoria pegava trechos de conversa aqui e ali, sobre quem estava saindo com quem, o vestido que Bailey Hightower havia comprado para o baile de outono, e brilhos labiais.

Victoria torcia o nariz de desgosto com tudo isso. *Ninguém pode falar de nada importante?*, ela se perguntava.

“Ah, olha. O Gambá está em forma hoje”, Victoria ouviu alguém cochichar quando tomou seu assento. Ela se virou e viu Lawrence se apressando. Ele não se juntou a ela na mesa da frente, onde geralmente eles se sentavam sozinhos – Victoria, prontinha com seu caderno aberto, caso algum dos professores estivesse animado, Lawrence rabiscando seu caderno de composições ou fazendo algo igualmente inútil.

Em vez disso, Lawrence correu para um dos cantos do fundão e se sentou o mais perto da parede possível. Apertou a sacola na barriga e olhou para o chão, o rosto fechado em linhas soturnas.

Victoria franziu a testa – primeiro porque queria dar uns belos tapas em Lawrence, depois porque algo frio deslizou pela Sala 7 como uma brisa lenta. Victoria cruzou os braços e estremeceu, mas ninguém mais ao redor dela pareceu notar.

Os professores mais velhos, de pé, espalhados pela sala, pararam de falar para observar Lawrence. Seus olhos pousaram nele, e a postura deles se modificou. Alguns olhos piscaram, alguns pareceram assustados por algum motivo e alguns dos rostos tremeram com minúsculos sorrisinhos. Os sorrisos e tremores passaram de um para o próximo e o próximo.

Eles pareciam lobos vendo Lawrence como um possível lanchinho.

Então o frio desapareceu. *Talvez tenha sido só uma friagem vinda lá de fora*, Victoria pensou.

Os professores começaram a falar novamente. Seus olhos pararam de brilhar, e eles pareceram normais outra vez.

“Acho que o Gambá finalmente está desmiolando”, alguém cochichou, e Victoria se virou para ver Jill Hennessey se debruçando em sua mesa. Ela olhou direto para Victoria com um sorrisinho maldoso.

“O que você acha, *Vicky?*”, Jill disse, mais alto. Ela bateu os cílios e mostrou os dentes perfeitos. Algumas das meninas que estavam por perto riram. “Você saberia, não é? Já que vocês são tão... *próximos.*”

Victoria odiava um monte de coisas no mundo. Odiava quando Beatrice não passava direito as pregas de sua saia. Odiava o sr. Tibbalt e seu malvado cãozinho vermelho, que careciam ambos de qualquer tipo de higiene pessoal e infelizmente viviam logo no final da sua rua. Odiava quando as coisas não faziam sentido.

Odiava o B no seu boletim.

Ela até odiava Lawrence um pouquinho naquele momento, pelo jeito estranho como ele estava agindo.

Mas não odiava nada disso mais do que odiava Jill Hennessey, sua inimiga, a única pessoa entre todos os alunos do sétimo ano que se importava tanto com a escola quanto Victoria. Jill, que lutava com Victoria para ser a primeira a responder as perguntas, para escrever as redações mais longas, para ser a primeira da classe.

Jill, que nunca, *nunca* poderia saber sobre o B de Victoria.

Victoria olhou para Jill e seu sorriso congelou. Jill jogou seu cabelo vermelho brilhante e o deixou cair por sobre o ombro. Imediatamente, todas as amigas fizeram a mesma coisa.

“Não sei do que você está falando”, disse Victoria. Ela afofou seus cachos, que eram os melhores da turma, porque ela se certificara disso. Era parte do plano – a perfeição, conquistar o topo, o primeiro lugar. O rosto de Victoria queimou de orgulho e se endureceu num olhar feroz.

As outras meninas piscaram, mas não Jill. Ela continuava olhando para Victoria, os olhos afiados como os dos professores olhando para Lawrence, e Victoria sentiu-se um pouco mal, mas não podia desistir: “Eu não me importo com o Gambá”, Victoria disse. As palavras saíram sem sua permissão e torceram seu peito desconfortavelmente, mas ela afastou essa sensação. Não era hora de sentir peninha de ninguém.

Jill riu. “Qual é a sensação, *Vicky?* Quero dizer, como é ser a namoradina de um Gambá?”

Victoria tentou evitar corar, mas aconteceu de todo modo. *Namoradina?* Sua boca secou, e ela de repente não sabia o que fazer com as mãos. Elas não paravam de se mexer. O rosto sorridente de Lawrence apareceu em sua mente, e ela fechou a cara. “Não sou *namoradina* de ninguém”, ela retrucou.

“Ele está sempre rastejando como um inseto”, disse Tate Gardiner. “Como um... como um *gambá.*” Obviamente ela se achava muito esperta.

Victoria lançou-lhe um olhar seco. “Brilhante. Ninguém tinha dito isso antes.” Voltando-se para o seu caderno, começou a anotar os verbos em *-er* para a chamada de francês daquela tarde. Tentou afastar os pensamentos de Lawrence, de namoradas e da idiota da Jill Hennessey de sua mente.

Manger. Comer.

Mas não adiantava. Victoria as ouvia cochichando. Sentia Lawrence sentado no cantinho da sala e se sentia meio mal por tê-lo chamado de Gambá, mas, bem, existe uma coisa chamada tinta para cabelo. O rosto dele apareceu em sua mente, dessa vez parecendo triste e patético. Ela o ignorou e continuou estudando.

Je mange. Eu como. *Tu manges.* Tu comes. *Il mange.* Ele come.

Atrás de Victoria, Jill pigarreou.

Victoria franziu a testa e apertou mais forte o lápis.

Nous mangeons. Nós comemos.

As palavras sulcavam o papel. A ponta do grafite do lápis de Victoria quebrou.

“Ah, falando nisso, Victoria”, disse Jill, com uma voz bem alegriinha.

Victoria nem se virou. Sabia o que estava por vir. Percebeu o tom de Jill. A bile revirava no estômago de Victoria e em sua garganta. Uma sensação doentia corria por seus braços. Ela sentia arrepios e tentava afastá-los. Seu coração nunca tinha batido com tanta raiva e medo.

“Ouvi dizer”, Jill disse, inclinando-se para a frente, “que você tirou um B.”

As outras ficaram sem palavras. Algumas riram. Tate soltou um “Rá!”, o som ecoou e outros se viraram.

Victoria se virou também. Mantinha seu rosto frio e levantou uma sobrancelha.

“Você tirou um B”, Jill repetiu, sorrindo. “Na aula de Música.”

“Não sei do que você está falando”, disse Victoria.

“Sabe, sim. No seu boletim.”

Muitas pessoas estavam assistindo agora. Por dentro, Victoria esbravejava. Por fora, só revirou os olhos.

“Ah, com certeza”, disse.

“*Com certeza*”, disse Jill. “Eu vi o livro de notas do professor Carroll. Victoria Wright, B. Eu tirei um A menos.” Jill esbugalhou os olhos e cochichou: “Sabe o que isso significa?”.

Ah, Victoria sabia o que significava, e isso a deixava doente. Não podia conter mais sua humilhação. A vermelhidão subiu até as bochechas. Tate tapou a boca e riu.

“Significa”, Jill disse lentamente, aproveitando seu triunfo, “que agora *eu* sou a melhor da classe.”

O mundo de Victoria despencou. Sua mente se rebelou contra a ideia. A melhor da classe era ela e sempre fora. Ela merecia. Tinha lutado desde a infância por isso. Estava em seu sangue, estava em sua alma, e todo mundo sabia disso. Victoria nunca havia escondido sua ambição. Era sua identidade: Victoria, a melhor.

Jill, a segunda.

Lawrence, o Gambá.

Jill parecia pronta para explodir em gargalhadas.

“Ai, coitadinha da rainha do gelo, ficando toda vermelhinha”, Tate disse, rindo.

Victoria agarrou a única arma que pôde encontrar. Saiu de sua mente num jorro de fúria. Morria de raiva de que Jill ousasse se vangloriar assim, na frente de todo mundo, e fazê-la parecer idiota, quando na verdade ela era o oposto exato de idiota. Morria de raiva de que o professor Carroll ousara dar um B a ela. Morria de raiva de que Lawrence tivesse ousado nascer com um talento musical que o faria ganhar um A, enquanto ela recebia um B.

A raiva correu do topo da cabeça para os braços e as pontas dos dedos do pé, até que Victoria não pôde sentir, ver e pensar em mais nada. Ela olhou para Jill e disse, através de dentes cerrados: “E onde está sua irmã Jacqueline hoje, Jill?”.

Jacqueline, a aberração.

Usar Jacqueline era uma jogada desastrada, mas Victoria precisava de tempo para se recompor. Normalmente, ela curti discutir com Jill, porque gostava de fazer Jill parecer idiota. Mas agora que as pessoas sabiam sobre o B, Victoria não tinha mais bom senso. Então, usou como distração Jacqueline, a irmã gêmea feia, estranha, odiada de Jill, a vergonha da família Hennessey. Jacqueline, que conversava consigo mesma, que desenhava nos próprios braços durante a aula, que fazia desenhos horrendos em seu caderno. Jacqueline, que tinha uma pele cheia de brotoejas e manchas, andava curvada e se escondia

atrás de seu cabelo emaranhado.

Jill riu. “Jacqueline?”, ela disse. Além dela, seus amigos pareciam confusos. Seus olhos pareciam um pouco turvos. “Jacqueline de onde?”

“Como assim, Jacqueline de onde?”, Victoria disse. “Sua irmã gêmea, sua idiota.”

Uma corrente fria passou por Victoria. Os olhos de Jill endureceram. Seu rosto se afiou como o dos professores – como um lobo à espreita. De tão perto, era até mais notável. Victoria piscou e olhou para os outros, para ver se percebiam, mas eles haviam afastado o olhar, rindo e conversando entre si com olhos e sorrisos brilhantes.

“Jacqueline está doente em casa um tempinho”, Jill disse, mas sua voz soava diferente agora, mais baixa, silenciosa. Combinava com seu novo rosto de lobo. Ela sorriu um sorriso pequeno. “O que você quer com a Jacqueline, Victoria?”

“Nada”, disse Victoria. Ela não sabia o que fazer com o estranho comportamento de Jill e decidiu que estava imaginando coisas. Era culpa de Lawrence; se ele não tivesse agido tão estranhamente mais cedo, Victoria não estaria tão surtada. Ela ficou de pé, apressada. “Até onde eu sei, vocês duas são idiotas. Eu só achei que talvez, se você fosse encontrá-la, as duas juntas teriam QI suficiente para uma luta justa.”

O sinal tocou. O primeiro horário iria começar em dez minutos. Victoria se afastou de Jill, juntou seus livros e marchou em direção à porta.

Alguém a empurrou, com força.

“Cuidado, Victoria”, Jill murmurou em voz baixa, passando, apressada, seu cabelo parecendo sangue ondulante, sua bolsa reluzindo como moedas prateadas. Victoria a viu se afastar em meio à multidão de alunos. De soslaio, ela viu o rosto de Jill, e ele parecia normal de novo.

Victoria tirou as imagens extravagantes da mente. Claro, logicamente, Jill bateu nela de propósito e disse “cuidado” só para ser a bruxa que ela era. Mas Victoria não podia deixar de pensar que Jill queria dizer algo mais com aquilo. Os olhos assustados de Lawrence, o medo quando ele falou sobre os pais, o olhar cruel dos professores, a crueldade de Jill, a sala fria – tudo deixou um nó desconfortável na barriga de Victoria.

“Não seja ridícula”, Victoria disse para si mesma. Em vez disso, focou no som de seus sapatinhos ressoando no chão e no brilho de sua fita e de seus cachos nas janelas do pátio. Ela mantinha a cabeça erguida e sorriu. “Hora de trabalhar.”

Em Álgebra, quando todos trocavam os testes para receber as notas, Victoria rabiscava correções furiosas em todas as bobagens que Henry Calvary fazia passar por matemática. Ele ficou verde quando viu.

Em Biologia, quando sua parceira de laboratório, Catie Vassar, ficou enjoada e começou a chorar porque simplesmente *não podia* cortar o pobre sapinho morto, Victoria agarrou o bisturi, fatiou tudo, pregou os órgãos em suas devidas legendas e se sentou, emburrada, enquanto Catie corria para o banheiro das meninas para vomitar.

Na última aula do dia – História Mundial, Prédio 4, Sala 9, professor Alban –, Victoria estava de volta à sua essência.

Pegou o banco da frente, dobrou as mãos e esperou que o professor Alban começasse sua exposição. Ela aprovava o professor Alban. Os outros alunos reclamavam dele porque ele era novo. “Ele passa lição demais para compensar o fato de não saber o que está fazendo”, eles diziam.

Mas Victoria achava que o professor Alban sabia exatamente o que estava fazendo. Era verdade que ele dava muita lição para eles, mas era um desafio, e não havia nada de que Victoria gostasse mais do que um desafio.

Não havia nada melhor, exceto o som de seu nome sendo chamado nas cerimônias de fim de ano.

Todo ano, desde o jardim de infância: Victoria Wright, melhor da classe.

VITÓRIA.

Abruptamente, Victoria se lembrou de que talvez não ouvisse seu nome esse ano. E se nunca se recuperasse do seu B? E se, em vez disso, ela ouvisse: “Jill Hennessey, melhor da classe”?

Inaceitável. Isso não iria acontecer. Não *podia* acontecer. Ela encontraria uma maneira de vencer.

Durante a aula, Victoria fez anotações tão fervorosas que sua mão se congelou numa garra. O professor Alban continuava olhando para ela como se temesse que sua mão se quebrasse ao meio. No final da aula, ele passou um pequeno teste. Victoria agarrou seu papel. Atrás dela, Jill Hennessey agarrou *o dela*. Seus lápis rabiscavam mais forte agora, e doía um pouco, mas valia a pena.

Victoria terminou primeiro, Jill logo depois. O sinal tocou. Victoria correu para a mesa do professor Alban e entregou o seu teste. Jill fez o mesmo, empurrando Victoria para o lado.

“Ooops!”, Jill riu. “Melhor ficar de olho, Victoria. Vai ser atropelada.” Então desapareceu pela porta.

Victoria lançou um olhar para ela, fervendo. O professor Alban também olhou para Jill. Victoria notou pela primeira vez que ele parecia um pouco doente. Sua pele estava pálida, e sua testa franzida como se estivesse pensando incansavelmente sobre alguma coisa.

Aquele mesmo frio passou pelo ar novamente. Victoria nunca havia sido de fantasiar sobre o que quer que fosse, mas o frio trazia uma sensação penetrante, como a corda de um chicote ou uma cobra dando o bote.

Victoria estremeceu.

O professor Alban estremeceu.

Seus olhos se encontraram. O professor Alban tirou os óculos, limpou-os, colocou-os de volta e forçou um sorriso. “Como está sua mão, senhorita Wright?”

“Doendo”, disse Victoria incisivamente, e partiu.

Naquele dia ela não esperou por Lawrence na frente da escola como de costume. Aproveitando a satisfação de vencer todo mundo em tudo durante todo o dia, passou reto pelo lugar onde eles geralmente se encontravam e nem pensou nisso. Mais tarde, quando Lawrence tivesse sumido, ela se lembraria disso e sentiria uma pontada no estômago.

Mas ainda não era mais tarde, e então ela andou alegre sozinha para casa, certificando-se de estalar *só um pouco* seus sapatos na calçada de paralelepípedos, descendo por INSPIRAÇÃO para longe do empertigado círculo de carros prateados diante da Academia.

Finalmente parecia outono. Tinha chegado tarde esse ano, com o verão se alongando até o fim de setembro. Agora o ar pedia um pouco de lenha para a lareira. O céu parecia mudo, enterrado em seu próprio cinza, esperando. O vento raivoso puxava folhas mortas vermelhas e douradas para a rua. Puxava Victoria e seus cachos junto. Finalmente, na esquina da Silldie Place com a Bourdon’s Landing, o vento tirou a fita do cabelo de Victoria.

Ela observou com horror a fita descendo a rua, um delicado rosa de cetim misturado com todas aquelas folhas.

“Ah, não, você não fez isso”, ela disse para o vento.

Correu atrás dela, desviando de poças de lama e de terra, que não pareciam fazer sentido, já que não havia chovido recentemente, mas então um sopro de vento empurrou sua fita ainda mais longe. O vento a empurrava, mantendo o redemoinho de folhas que colocava sua fita fora de alcance. Ela passou pelo número 6 da Silldie Place, onde o cachorrinho vermelho do sr. Tibbalt latiu no portão. Ela parou para olhar para seu horrível rosto achatado. Ele olhou de volta para ela por um momento. Então, quando os olhos de Victoria começavam a queimar, o cachorro se afastou, gemendo.

“Isso mesmo, é melhor você fugir de mim”, disse Victoria, e, para completar, chutou o portão do sr. Tibbalt.

Finalmente, Victoria chegou ao final da rua, onde ela fazia uma curva e voltava. A massa de folhas que carregava sua fita bateu contra a parede cinza de tijolos, que tinha um portão de ferro preto, e se fragmentou em pedaços num redemoinho.

Victoria parou para recuperar o fôlego. Espiou além das folhas e flores de ferro do portão. Atrás dele havia um longo caminho que levava a uma área sombreada. Uma placa de bronze na parede dizia SILLDIE PLACE 9, e outra, mais escura, dizia LAR CAVENDISH PARA MENINOS E MENINAS.

Os olhos de Victoria captaram um brilho pálido – sua fita, enfiada nos ramos de um arbusto de amoras vermelhas perto do portão. Ela sorriu em triunfo, abaixou-se para pegá-la e ouviu alguém dizer: “Parece uma língua”.

Victoria congelou. Virou-se e viu um homem abrir o portão. Ela piscou. O portão estava fechado antes, e ela não o *ouvira* ser aberto, e lá estava o homem diante dela.

“Perdão?”, ela perguntou.

O homem sorriu. Usava roupas escuras de trabalho e tinha um ancinho numa mão. Seu cabelo castanho estava perfeitamente penteado. Seus olhos se moviam silenciosamente pelo lugar, como se ele estivesse vendo coisas demais de uma só vez.

“Eu disse que parece uma língua. Você não acha?” Ele tirou uma das luvas, e montes de terra caíram dela. Sua mão nua era grande e branca. Ele pegou a fita e a estendeu para ela. “É sua?”

Victoria arrancou a fita da mão dele, fechando a cara. Deveria ter sido mais educada, mas já havia tolerado gente esquisita demais por um dia, e esse homem era o mais estranho de todos. Era algo na expressão dele, e na maneira estranha como ele se movia, e como a mão estava inchada.

“Sim, é minha”, ela disse. “Perdi no vento.”

“O vento pode ser traiçoeiro”, disse o homem, sorrindo. “Especialmente nesta época do ano.” Ele estendeu sua mão sem luva. “Sou o senhor Alice.”

“Prazer em conhecê...”

“E você é a Victoria.”

Victoria se inclinou para cumprimentá-lo e lançar seu olhar demoníaco, para ver exatamente o que estava acontecendo com aquele homem. Mas não conseguia ver nada além de seus olhos ligeiros.

“Como sabe quem eu sou?”, ela perguntou lentamente.

“Ah, a senhora Cavendish faz questão de conhecer todas as crianças do bairro”, disse o sr. Alice. “Interesse profissional, sabe?”

Victoria apertou forte a mão do sr. Alice e a soltou. Esperava que o tivesse machucado. “Bem, tenho de ir agora. E obrigada por pegar minha fita.” Ela começou a se afastar, ajeitando seus cachos de volta no lugar.

“Talvez você possa conhecê-la um dia desses”, disse o sr. Alice atrás dela.

Victoria olhou-o de volta. “Conhecer quem?”

Mas o sr. Alice havia sumido.

O portão estava aberto. Victoria se aproximou e forçou a vista além dele. O caminho de cascalho contornava um limpo bosque de carvalhos, pinheiros e postes de luz já acesos para a noite. No final do caminho, bem longe na propriedade, viu a forma difusa de uma casa com três chaminés.

Victoria estremeceu. *É só o vento*, tentou se convencer, e o frio de outono a levou de volta para casa. Quando chegou ao número 3 da Silldie Place, ela forçou a vista para olhar a rua. O portão do Lar Cavendish agora estava fechado.

Naquela noite, quando Victoria caiu no sono, algo bateu em sua janela. Sua mente semiacordada

imaginou que a batida vinha dos dentes de um ancinho. E ela sonhou com jardins que ganhavam vida e tinham mãos e bocas.



Lawrence desapareceu no dia seguinte, terça, o dia de que Victoria menos gostava na semana, porque era um dia sem sentido. Segunda era o começo. Quarta era o meio. Quinta era um prelúdio de sexta. Sexta era o final. Sábado e domingo eram dias de estudar, limpar, se antecipar em tudo, e às vezes fazer compras, se a sra. Wright entrasse num surto de compras, o que acontecia com bastante frequência. Considerando tudo isso, terça era só uma encheção de linguiça.

(Mais tarde Victoria teria um motivo bem diferente para odiar as terças, e pensaria como vinha a calhar que todos os problemas começaram naquele que sempre havia sido o dia de que ela menos gostava.)

Assim sendo, Victoria acordou na manhã de terça, 11 de outubro, furiosa pela natureza do dia. Então se lembrou de três coisas:

Seu boletim imperfeito;

Lawrence como um gambá na escola no dia anterior (e Jill a provocando e dizendo que ela era *namorada* dele, pelo amor de Deus!); e

O sr. Alice segurando sua fita no vento com sua mão branca inchada.

O ânimo de Victoria ficou ainda pior. Depois de se permitir o costumeiro minuto extra para remoer sobre as terças-feiras, ela se lembrou das pancadinhas em sua janela na noite anterior e saiu da cama para dar uma espiada lá fora. Viu apenas a rua e o dia úmido de outono. Não havia ancinho, e os canteiros de flores abaixo de sua janela não tinham bocas ou dedos como ela sonhara.

“Bem, claro que os canteiros não têm bocas ou dedos”, ela murmurou, afofando os cachos. “Não seja boba.” Ela não podia permitir que pensamentos tão ridículos a distraíssem; tinha de pensar em coisas mais importantes, como o que fazer com aquele B horrível.

Obviamente, não podia dar o boletim para os pais assinarem, porque isso significaria admitir seu fracasso a eles. Obviamente, tinha de entregar um boletim assinado, porque do contrário receberia um demérito em seu histórico escolar, que de outra forma estaria perfeito.

Era um dilema.

Victoria ponderou sobre isso no café da manhã, enquanto o pai misturava seu chá de menta e assistia aos jornais da manhã na televisão. O sr. Wright assentia para os âncoras que gritavam e disse: “Não é uma vergonha?”.

“Sim, querido”, disse a sra. Wright, caída sobre um catálogo de cremes faciais, cremes para as mãos e cremes para os pés. Ela marcava os bons com círculos. “É, sim.”

Beatrice serviu o café da manhã de Victoria, que afastou seu prato. “Não estou com fome.”

“Precisa tomar seu café da manhã”, disse Beatrice. “Faz bem. Quer ficar forte, não quer?”

Algo na forma como Beatrice disse a última parte da frase fez Victoria levantar o olhar. Ela encontrou os olhos de Beatrice, que eram velhos, cansados e cinza numa pele sem defeitos. Beatrice fazia limpeza de pele toda semana. A sra. Wright não queria saber de ter uma governanta feia.

Beatrice fez um sinal de cabeça na direção do café da manhã de Victoria, como que dizendo: *Vamos, coma* –, e foi então que Victoria viu um pedacinho de papel embaixo do prato. Ela levantou o olhar com surpresa, olhou para os pais e de volta para Beatrice, que balançou a cabeça. O sr. Wright continuava suspirando pelo estado do mundo. A sra. Wright encontrou um novo creme para os olhos e, triunfante, clicou com a caneta.

Victoria puxou o papel escondido para o colo, desdobrou-o e viu duas simples palavras escritas na letra de Beatrice:

TOME CUIDADO.

Victoria lançou um olhar para Beatrice, que ficou na bancada, picando cebolas. Aquela mesma sensação inexplicável de frio do dia anterior passou pela sala. Os pais de Victoria nem notaram; eles não costumavam notar coisas fora do comum. Porém Beatrice continuou olhando para Victoria, apontando para o bilhete com os olhos.

Victoria ficou de pé e bateu a cadeira, perguntando-se por que todo mundo tinha de ser tão *esquisito* ultimamente, até Beatrice, que normalmente era mais objetiva até do que o sr. e a sra. Wright. E agora passava bilhetinhos esquisitos na mesa do café. Isso enfurecia Victoria.

“Não faça tanto barulho, Victoria”, murmurou a sra. Wright distraidamente, mas Victoria já saía pela porta da frente.

Cuidado. Pela segunda vez em dois dias alguém havia dito isso.

“E com o que exatamente eu preciso tomar cuidado?”, Victoria se perguntou.

Deve ter havido uma tempestade naquela noite, porque Victoria continuava tendo de andar entre poças. A rua estava ainda mais suja do que no dia anterior, com lama preta entre os paralelepípedos, como se algo tivesse sido escavado. O céu se agitou. O triste dia escuro e a luz amarelada tornavam impossível dizer a hora. Podia ser de manhãzinha, final da tarde ou hora do almoço. A única cor na rua era um ponto vermelho no número 6 da Silldie Place. Victoria franziu a testa ao ver o cachorro do sr. Tibbalt e começou a se afastar, mas então notou que o cachorro estava sentado em completo silêncio do lado de *fora* do quintal do sr. Tibbalt, o que ele nunca havia feito antes. Ela olhou rua abaixo em direção ao Lar. O vento soprava folhas sujas sobre o cachorro, mas ele nem mexeu uma orelhinha.

Victoria parou, se repreendeu por ser idiota e caminhou em direção ao cachorro. Parou ao lado dele, torcendo a boca, enojada. O pescoço dele estava todo ouriçado. Ele olhou para ela e grunhiu, como se *ele* é que estivesse com nojo *dela*.

“Sim, eu também te odeio”, disse Victoria.

O cachorro se virou e apontou suas orelhas peludas rua abaixo.

Victoria seguiu o olhar dele em direção ao portão do Lar, que estava semiaberto. A parte aberta balançava ao vento e batia contra o trinco seguidamente, numa poça de luz escura. Um sopro particularmente forte do vento acabou batendo o portão. O estrondo chacoalhou o nervosismo de Victoria.

O cachorro se ergueu sobre as patas e latiu para o portão, pulando como um brinquedo. Victoria franziu a testa para o rosto feio e bigodudo e se afastou.

“Cachorro idiota”, ela murmurou, e continuou caminhando em direção à casa de Lawrence, pensando em seu dilema.

Talvez pudesse forjar a assinatura dos pais, mas essa ideia fazia suas mãos suarem. Forjar era mentir, e Victoria não mentia. Mentir era quebrar as regras. Além disso, para forjar uma assinatura, teria de entrar escondida no escritório do pai, encontrar um documento assinado e copiá-la várias vezes até ficar perfeita. A Academia devia ter mecanismos para descobrir uma assinatura falsa. Eles levavam a falsidade muito a sério. E Victoria não estava acostumada a entrar escondida em lugar nenhum. Na verdade, fazia questão de evitar isso. Entrar escondido era para gente que fazia coisa errada, gente que por algum motivo não podia cumprir ordens. E isso Victoria não conseguia entender.

Pelo menos nunca havia entendido isso *antes*. Porém, agora...

Não. Ela balançou a cabeça. *Não. Eu faço o que me mandam. Eu sigo as regras. É por isso que sou a melhor.*

Talvez pudesse conversar com o professor Carroll e lhe pedir que mudasse a sua nota. Ela faria um ano inteiro de pontos extras, limparia pianos usando uma escova de dentes, copiaria à mão cada trecho de música dos arquivos da Academia com seu próprio sangue, se fosse necessário.

Ela precisava daquele A mais do que precisava do belo calendário colorido sobre sua mesa, mais do que de sua adorável estante cheia de caixas, mais do que de sua família e seus amigos.

Victoria pensou na última coisa. *Amigos.* Bem, ela só tinha um, mas já era alguma coisa. Talvez Lawrence pudesse de fato ajudar nessa situação. Ele podia ir com ela falar com o professor Carroll, e era bem possível que o professor Carroll fizesse qualquer coisa que Lawrence pedisse. Ele adorava seu pequeno prodígio de uma forma que Victoria considerava bem doentia, sério.

Por que não havia pensado nisso antes?

Sentindo-se bem melhor com a situação, Victoria chegou à casa dos Prewitt e bateu a aldrava. Um minuto passou e ninguém apareceu. Victoria bateu o pé contra a varanda. Lawrence provavelmente dormira demais ou algo assim. Claro.

Bateu novamente. Bateu três vezes. Bateu *quatro* vezes.

Victoria fechou a cara olhando para a porta. Tentou olhar pelas janelas laterais, mas as cortinas e persianas estavam fechadas. Olhou pelos cantos, para o jardim de vinhas. Uma mangueira havia sido deixada ligada, vazando água numa bagunça encharcada de flores destruídas e gnomos virados. Victoria torceu o nariz ao cheiro da gosma e desligou a torneira.

Voltou à varanda e gritou. “Olá.” Ela ignorou a aldrava e bateu na porta com o próprio punho.

A porta se abriu, e a pessoa parada lá encarou Victoria em silêncio.

Victoria levantou a sobancelha. “Senhor Prewitt?”

O sr. Prewitt sorriu para Victoria como alguém que tivesse alfinetes nos cantos da boca e os puxasse lentamente em direção às orelhas. Parecia o que um sorriso deve parecer. Na verdade, parecia melhor – largo, claro e brilhante.

“Olá, Victoria”, disse o sr. Prewitt. “Que prazer vê-la. O que posso fazer por você hoje?”

Victoria piscou. “Como assim?”

Atrás dele, a sra. Prewitt apareceu, mexendo algo numa tigela.

“Olá, Victoria”, ela disse, no mesmo tom animado e jovial do sr. Prewitt. “Que prazer vê-la. O que posso fazer por você hoje?”

Victoria deu um passo atrás e estreitou os olhos. “Eu deveria encontrar Lawrence e ir para a escola, é claro.”

A sra. Prewitt assentiu e continuou mexendo. O sr. Prewitt disse: “Sinto muito, Victoria. Lawrence não está”.

“Bem, e onde ele está?”, disse Victoria.

A sra. Prewitt parou de mexer na tigela. O sr. Prewitt batucou com os dedos na porta. Um frio passou por Victoria, e ela não pôde dizer se vinha de dentro ou de fora da casa. De toda forma, ela fechou o casaco.

“Foi visitar a avó no interior”, disse o sr. Prewitt finalmente. “Ela ficou doente. Pneumonia, sabe? Pobrezinha. Ela adora o pequeno Lawrence.”

“Ela *adora*”, repetiu a sra. Prewitt, sorrindo, e voltou a mexer na tigela.

Victoria tentou examinar os rostos deles, mas pareciam bem normais: o sr. Prewitt, distinto e careca; a sra. Prewitt formidável e de cabelos escuros. Victoria não sabia dizer o que exatamente a fazia pensar que algo estava muito errado.

“Bem, quando ele vai...?”, disse Victoria, mas, antes de poder terminar, o sr. Prewitt a pegou pelos ombros e a empurrou da varanda. As mãos dele beliscaram a pele dela.

“Fora daqui”, ele disse, mostrando os dentes sorridentes. Atrás dele, a sra. Prewitt sorria e mexia na tigela. “Não vai querer se atrasar para a escola, vai?”

“Mas...”

“Seja boazinha”, disse o sr. Prewitt, dando tapinhas na cabeça dela. A última coisa que Victoria viu antes de a porta se fechar foi o sorriso aberto dos Prewitt.

Victoria ficou ali por um longo tempo, franzindo a testa diante da porta.

“Mas o que foi isso?”, ela disse, mas ninguém respondeu. Estava silencioso. Silencioso *demais*. A varanda brilhava com tinta branca e flores vermelhas, e por algum motivo Victoria não achou nada bonito.

“Adeus”, disse uma voz abafada. Era o sr. Prewitt batendo na janela seguidamente. Ao lado dele, a sra. Prewitt sorriu e acenou.

“Adeus”, disse Victoria, acenando de volta. Ela caminhou rapidamente, com uma sensação aguda e doentia. O motivo ela não sabia. O sr. e a sra. Prewitt *pareciam* normais, exceto talvez por aqueles sorrisos animados demais, perfeitos demais. Mas eles podiam apenas estar felizes naquele dia. Talvez fosse bom ter um pouco de paz e silêncio sem Lawrence a martelar seus estudos de Mozart e Bach. Victoria não os culparia por isso.

Mesmo assim, uma sensação desconfortável revirou seu estômago. Era como se Beatrice tivesse empilhado errado suas caixas depois de tirar o pó. Ela sempre podia dizer quando algo estava errado no momento em que entrava no quarto.

Na esquina, ela olhou de volta por sobre o ombro. Os Prewitt não a haviam seguido; o cachorro do sr. Tibbalt devia ter entrado; o portão do Lar permanecia fechado. Não havia nada lá além de um par daqueles besourões pretos rastejando pela rua em direção à casa dos Prewitt. Victoria torceu o nariz e se afastou.

No caminho para a escola, Victoria pensou sobre o que os Prewitt haviam dito. Gente velha *pega* pneumonia, sim. Victoria parecia se lembrar de algo sobre uma avó há alguns Natais. Tudo se encaixava. Quase.

Então, tinha de caminhar sozinha para a escola. Bem, já houve dias em que Lawrence esteve doente

ou sei lá. Não era nada para se preocupar.

Logo ela parou de pensar nos Prewitt e em quanto tempo Lawrence ficaria no interior. Em vez disso, pelo resto da semana, pensou em seu dilema.

Na quarta-feira, quando se permitiu reconsiderar falsificar a assinatura, teve de passar o almoço tentando não ficar enjoada no banheiro. *Falsificação*. A palavra soava suja. Ela nunca havia pensado que iria se tornar uma criminosa. Era uma bagunça ser criminosa.

Na quinta, Victoria notou duas coisas:

O cabelo do professor Alban parecia mais ralo a cada dia, como se ele tivesse feito experiências com correntes elétricas. (Normalmente, o professor Alban parecia bem *composto*. Victoria torceu o nariz ao vê-lo tão *desmontado*. Os olhos dele vagavam como se ele tentasse esconder algo.)

Donovan O’Flaherty estava ausente.

Para a maioria dos alunos, isso era particularmente trágico. Todas as quintas, Donovan desafiava a política de tolerância zero da Academia em relação a doces. Levava merengues cobertos de chocolate e enfiava o máximo que podia na boca durante o almoço do sétimo ano. Todo mundo achava aquilo um espetáculo de grandes e divertidas proporções (exceto Victoria, que achava aquilo meramente repulsivo). A administração tentava toda forma de disciplina, mas nada intimidava Donovan. Ele ficava mais gorducho a cada ano, até que camadas de pele começaram a sair de suas roupas, mas ele ainda se estufava de doce toda quinta. Os alunos do sétimo ano riam e o animavam, enquanto açúcar e cobertura escorriam por seu rosto, mas não porque gostavam dele.

No almoço daquela quinta, ninguém disse: “Cadê o Donovan Gorducho?” ou fez barulhos de decepção porque não tinham nada de nojento para olhar e rir.

Na verdade, ninguém disse uma palavra sobre a ausência de Donovan Gorducho. Ninguém pareceu notar, exceto Victoria.

Provavelmente se matou de comer, ela pensou agressivamente. *E já vai tarde*.

Uma pequena parte da mente de Victoria pensou que talvez não fosse coincidência Lawrence e Donovan faltarem no mesmo dia. Afinal, Donovan nunca perdia uma quinta. Victoria sabia disso porque toda quinta ela se sentava, fervendo de raiva, enquanto todos os outros se faziam de idiotas e lhe davam os doces que *eles* levavam escondido, para se certificar de que ele comeria o bastante.

Então Victoria pensou que Jacqueline podia sumir também. Quanto mais tentava focar esses pensamentos, mais confusos eles ficavam. Não conseguia se lembrar bem da aparência de Jacqueline. E Donovan – o que ele comia mesmo? Quem era Donovan? Quanto mais tentava pensar neles, mais rápido perdia o fio da meada. Era como tentar segurar um sabonete escorregadio.

Mas então o rosto de Lawrence apareceu em sua mente, claro e fixo. Ela não teve problema em se lembrar do rosto dele e como ele arrastava os pés ao lado dela quando eles caminhavam juntos de manhã, e como ele cantarolava baixinho quando estava feliz.

Depois de pensar em Lawrence, ela descobriu que podia pensar melhor em Jacqueline e Donovan também – Donovan com seu rosto branco brilhante e lábios cheios de migalhas, Jacqueline com cabelos emaranhados caindo nos olhos e tinta de caneta nos braços.

Só estou nervosa por causa do boletim, ela se disse firmemente, franzindo a testa para seu almoço e tentando ignorar o pânico em sua garganta. *Não estou perdendo a memória, só estou estressada. Aquele B idiota está me fazendo perder o foco*.

Mesmo assim, um pensamento persistente incomodava, arranhando o canto da mente de Victoria enquanto ela mastigava seu sanduíche. Ela examinou a sala e se sentou sozinha. A cantina parecia estar mais vazia do que o normal. Claro, ela não podia dizer com certeza; nunca havia prestado muita atenção em quem se sentava onde e com quem e toda essa babaquice, e, enfim, era muito barulho para ela se

concentrar.

Ainda assim, sentia que algo não estava certo. Era a mesma sensação de pegar o caminho errado. Victoria largou seu sanduíche e o afastou. *A carne de hoje não está prestando*, decidiu.

Na sexta, Victoria bateu na porta dos Prewitt como havia feito nos últimos três dias. Novamente, o sr. Prewitt abriu a porta com um sorriso e deu uns tapinhas na cabeça de Victoria. Novamente, a sra. Prewitt ficou lá sorrindo e mexendo na tigela. E novamente Lawrence estava no interior.

“Mas...”, disse Victoria, frustrada. Precisava que Lawrence fosse com ela ao escritório do professor Carroll naquela manhã. Se o professor Carroll não mudasse a sua nota, ela teria de mostrar o boletim aos pais. Não podia falsificar a assinatura; não podia cometer um ato criminoso. Isso a havia mantido acordada nas últimas noites, assim como as batidinhas estranhamente metálicas na árvore diante de sua janela.

“A vovó de Lawrence o ama tanto”, voltou a assegurar a sra. Prewitt.

“Mas quando ele vai voltar?”, insistiu Victoria, e não conseguiu evitar bater o pé.

O pisão deve ter acionado algo. Veio aquele frio, empurrando a porta totalmente. Por um centésimo de segundo, os belos sorrisinhos do sr. e da sra. Prewitt se transformaram em enormes sorrisos de lobo. Os dedos da sra. Prewitt agarraram sua tigela com tanta força que a quebrou em pedaços. Centenas de amoras pretas gordas rolaram pelo chão como insetos. Victoria se perguntou se eram realmente insetos, porque algumas pareciam ter... *perninhas*.

“Lawrence vai voltar assim que estiver preparado”, disse o sr. Prewitt com uma voz estranhamente baixa e um sorriso duro e alegre. A sra. Prewitt ficou ao lado do marido, seus sapatos brilhantes esmagando as amoras. Elas fediam como comida que já passou do ponto, queimando no nariz de Victoria.

“É muita gentileza sua perguntar, Victoria”, disse a sra. Prewitt. Ela sorriu, colocando as mãos na cintura. Seu rosto e seus olhos estavam mais afiados, mais duros. “Lawrence tem sorte de ter uma amiga tão dedicada.”

Victoria se recusou a se assustar com eles, suas amoras podres e seus estranhos sorrisos de lobo. Em vez disso, disse: “Obrigada *mesmo*. Sinto *muito* incomodar. Por favor, *digam* a Lawrence que sinto falta dele”, e sorriu, apertando as mãos frias e duras deles só para ser educada. Então se afastou de cabeça erguida.

“Que boa menina”, cochichou o sr. Prewitt para a esposa.

Victoria fingiu não notar os arrepios em suas costas. Tentou não pensar no medo que sentira. Tentou não pensar em Lawrence. Só pensava em seu B. *Foco, Victoria*, ela disse a si mesma várias vezes, até que suas mãos pararam de tremer. *Foco*.

Mais tarde naquele dia, o sinal para o almoço tocou às 11h45. Victoria correu de sua aula de Biologia para o banheiro e esperou o trânsito de pessoas diminuir. Então, deu uma espiadinha e saiu pelo pátio sul em direção ao Prédio 5, onde ficava a sala de Música. Isso quase a fez ter um surto. Dar uma escapadinha durante o almoço definitivamente não era permitido.

Lawrence adorava o Prédio 5. Sempre dizia que se sentia mais em casa lá do que na sua própria casa.

Victoria sempre pensou que era uma coisa idiota de se dizer, mas agora parecia estranhamente terna. O rosto de Lawrence apareceu em sua mente – seus olhos preguiçosos, seu cabelo bagunçado, seu sorriso torto. Ela sentia saudades das musiquinhas dele.

Na porta da frente do Prédio 5 ela disse a si mesma: “O quê? Não sinto saudades dele *cantarolar*”. Puxou a porta com força e entrou.

Enquanto andava, escondeu o boletim nas costas, mesmo com os corredores vazios. A ideia do que estava prestes a fazer a aterrorizava tanto que ela não podia nem se preocupar com as formas pretas rastejantes seguindo-a na linha onde o chão encontrava a parede. A cidade toda podia estar infestada de

besouros que ela não iria se importar. Desde que conseguisse o A, aguentaria milhares de besouros milhares de vezes.

Bateu na porta do professor Carroll. Ninguém respondeu. Antes de perder a calma, ela levantou o queixo e entrou.

O sol se infiltrava por janelas sujas para dentro da sala principal, onde pianos se enfileiravam nas paredes – pianos pretos abertos, esperando, as teclas brilhando. Partituras em pilhas desordenadas espalhavam-se sobre teclados, esparramando-se entre as pernas dos banquinhos.

Victoria torceu o nariz para esse caos inconveniente. Depois de passar por estantes de música caídas e arcos partidos de violino, ela encontrou o professor Carroll em seu escritório. A plaquinha com seu nome na porta estava torta.

“Professor Carroll?”, disse Victoria.

Ele estava sentado à sua mesa, de costas para Victoria, encarando uma janela que dava para o gramado da Academia.

Ela tentou novamente, as palmas das mãos suando. Esperava que a tinta do boletim não borrasse. “Professor Carroll?”

O professor Carroll se virou lentamente em sua cadeira.

“Senhorita Wright,” ele disse numa voz muito mais animada do que Victoria já o ouvira usar. “O que posso fazer por você?”

“Bem, eu...”, começou Victoria, mas teve de parar e olhar, porque o sorriso largo e animado demais do professor Carroll era igual ao sorriso largo e animado demais dos Prewitt. O sorriso se congelou em seus dentes levemente separados. Seus olhos brilharam como se tivessem sido recentemente polidos.

Entre as pilhas de papel espalhados pela mesa do professor Carroll, algo farfalhou. Três canetas rolaram da mesa e atingiram o chão.

Victoria deu um salto para trás.

A mão do professor Carroll atacou e esmagou o papel que se movia.

O papel ficou em silêncio.

“Bem?”, disse o professor Carroll, virando a cabeça para Victoria. “Fale, senhorita Wright.”

Victoria se inclinou mais perto para dar uma boa olhada. “O senhor está bem? Porque não parece.”

“Estou muito bem, obrigado, senhorita Wright. E você?”

Victoria passou o boletim para ele antes de poder evitar. “Tirei um B neste bimestre.”

O professor Carroll baixou lentamente o olhar para o boletim. “Ah, sim, posso ver isso.”

Victoria respirou fundo, ignorando o frio na sala e os papéis na mesa, que começaram a farfalhar de novo, estalar e arranhar.

“Eu me perguntava se poderia fazer algum trabalho extra para...”

“Não se preocupe com isso, senhorita Wright”, disse o professor Carroll, pegando delicadamente o boletim. Ele usou o apagador da Academia para apagar o B e carimbar um A no lugar. Tirou sua caneta e escreveu novos comentários sobre a dedicação de Victoria a suas tarefas.

“Que garotinha mais comportada”, prosseguiu o professor Carroll. Conforme falava, ele mudava a nota no boletim de B para A. “Boas meninas que cumprem ordens recebem todo o tipo de agrados. Lembre-se disso, viu? Lembre-se de como eu a ajudei.”

Pareceu fácil demais, mas Victoria não ousou interromper. Olhando para o A, ela mal podia respirar. Seu coração levitou. Estava feito. Ela olhou para o A preto fresquinho. Tudo deveria ser perfeito. Com esse A, seu futuro agora estava salvo. Ela agora podia mostrar um boletim imaculado aos pais, que iriam sorrir, orgulhosos, e exibi-la para seus amigos, que, claro, tinham filhos muito menos notáveis. E o melhor de tudo: Victoria agora podia olhar Jill Hennessey bem nos olhos e se vangloriar – com bom

gosto, é claro. Não se deve ser insolente.

Mas a mesma sensação doentia se revirava no estômago de Victoria enquanto ela pegava o boletim das mãos do professor Carroll. Ele ficou lá, olhando para ela e sorrindo. Não estava certo, aquele sorriso. Não estavam certos, aqueles olhos duros e brilhantes.

“Sério, tem algo de errado?”, ela disse.

“Ora, ora”, disse o professor Carroll, “chega disso. Me deixe em paz”. E se virou para a janela, batendo os dedos nos papéis, que farfalhavam alegremente. Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e cantarolou um minueto. Isso fez Victoria se lembrar de Lawrence, e ela não pôde mover os pés para ir embora.

De repente, o professor Carroll disse: “Ah, me desculpe! Eu não falava a sério!”. Sua voz soou mais normal dessa vez – não tão animadinha, e mais parecida com a do professor que os forçava nas escalas. Ele se virou em sua cadeira e ficou em silêncio.

Victoria o encarou. “Desculpe por quê?”, ela sussurrou.

Mas o professor Carroll apenas sorriu e, muito mais calmo agora, suspirou um “Ah”, como se recebesse em casa uma velha amiga. Seu sorriso se alargou ainda mais.

Vários grupos de anteninhas pretas brilhantes escaparam por baixo dos papéis farfalhantes ao redor dos dedos batucadores do professor Carroll.

Horrorizada, Victoria se virou e correu.



Naquela tarde de sexta-feira, quando o último sinal tocou às três da tarde, Victoria correu para casa. Uma tempestade ameaçava desabar, o céu tingido de uma cor doentia, amarelada. Ela desviou de pilhas de folhas molhadas, abriu bem o portão e correu para os degraus da frente de sua casa. A cada passo, empurrava a lembrança dos dedos do professor Carroll cheios de insetos para mais longe da mente. *Não pense nisso, Victoria, não pense nisso.*

“Victoria?”, chamou Beatrice da cozinha.

“Que barulho horrível é esse?”, perguntou a sra. Wright de sua saleta.

Mas Victoria não parou até chegar ao quarto. Fechou a porta, sentou-se na borda da cama e tirou o boletim da mochila.

Olhou para ele, respirando fundo, a garganta doendo do ar tempestuoso. Lá estava: A. “Victoria é uma das minhas melhores alunas”, dizia o novo comentário rabiscado pelo professor Carroll.

Os dedos de Victoria tremiam à medida que ela lia essas palavras várias vezes. Eram mentira. Ela não era uma das melhores alunas do professor Carroll. Lawrence era.

Lawrence, que cantarolava enquanto andava. Lawrence, que ria e dizia a Victoria que ela era engraçada, mesmo quando ela certamente não tentava ser.

As palavras começaram a se borrar. Logo eram um grupo de preto e bege. Victoria deixou o boletim cair ao chão e começou a chorar.

A vida inteira Victoria nunca foi de lágrimas. Quando as pessoas choravam, ela ficava sem graça. Gente que chorava não conseguia lidar com a própria vida, e Victoria sempre podia lidar com tudo. Além disso, chorar destruía seu rosto. Era desordenado e inconveniente.

Mas ela não pôde evitar essas lágrimas. Não tinha saudades de Lawrence. Não podia. Victoria Wright tinha só um amigo, e ele nem era um amigo de verdade; era um projeto, alguém para arrumar e pôr em ordem. Mesmo assim, ela não podia parar de pensar nele. Mesmo com o belo A em suas mãos, que deveria ser tudo o que importava, Victoria só podia se perguntar para onde Lawrence havia ido, o que aqueles insetos faziam na mesa do professor Carroll e qual era o motivo dessa sensação insuportável no

peito, dessa sensação de que as coisas não estavam *lá muito bem*. Ela esfregou as bochechas até doerem, fechou as mãos em punhos e fixou a vista no chão, mas essa sensação horrível não ia embora.

Alguém bateu na porta. Victoria rapidamente limpou o rosto com um cobertor e alisou o uniforme amassado. Sorriu animada para a porta.

“Sim?”, disse ela.

“Trouxe seu lanche”, veio a voz de Beatrice.

Victoria hesitou. Não havia esquecido o pedacinho de papel que Beatrice havia deixado embaixo de seu prato de café da manhã, dias atrás: *Tome cuidado*. A lembrança ficou estranhamente em seu corpo após os acontecimentos da semana passada. Antes, não havia se importado com o estranho bilhete de Beatrice; mas isso foi antes, e agora se perguntava...

“Entre”, ela disse, endireitando a camisa e afofando os cachos.

Beatrice trouxe uma bandeja com frutas cortadinhas dispostas numa fileira – fatias de tomate e de maçã, metades de morangos. Fechou a porta e colocou a bandeja na mesinha ao lado da cama de Victoria, perguntando sobre seu dia.

“Peguei seu novo *collant* para a aula de balé de amanhã. Acho que você vai gostar do penne com salmão que estou fazendo para o jantar. Teve um bom dia na escola?”, disse Beatrice, sem parar, limpando as superfícies que não precisavam ser limpas. Com Beatrice e Victoria, aquele sempre foi o quarto mais limpo da casa.

Victoria a observou, mas não prestou atenção realmente. Mastigou uma fatia de tomate. A pele se partiu e a polpa derreteu em sua boca. Enquanto mastigava, ela removeu as coisas: professor Carroll e professor Alban; Donovan O’Flaherty e Jacqueline Hennessey ausentes por dias; o sr. Alice e seu ancinho; o bilhete de Beatrice; Jill dizendo: “Tome cuidado, Victoria”. Separadas, eram coisas pequenas, mas juntas pareciam significar algo mais.

“O que você quis dizer com aquele bilhete aquele dia?”, perguntou Victoria.

Beatrice congelou. “Bilhete?”

“O bilhete que dizia: ‘Tome cuidado’. O que isso significa? Cuidado com o quê?”

“Não tenho certeza do que você quer dizer”, disse Beatrice. Então ela se ajoelhou diante de Victoria e cochichou. “Não posso dizer muito. Não quero que nada nos escute.”

Victoria disse: “Que *nada*? Você quer dizer que não quer que mamãe e papai nos escutem? Por que não?”

Beatrice esfregou as mãos no avental. Era o mais moderno em uniforme para governantas. A sra. Wright tinha se certificado disso.

“Apenas siga com suas coisas”, disse Beatrice, olhando ao redor da sala como se esperasse que alguém a estivesse escutando. “Se tivermos sorte, tudo logo voltará ao normal. Às vezes é pior, às vezes é melhor, sabe? Como o tempo.” Beatrice balançou a cabeça. “Mas tem de fingir que nada está acontecendo.”

“Mas o que é que *está* acontecendo?”, perguntou Victoria. “Algo está, não é? Os professores na escola estão agindo esquisito. E Lawrence...” Ela parou e engoliu em seco. “Lawrence sumiu.”

“Ele não sumiu”, disse Beatrice. “Está visitando a avó no interior.” Ela não parecia acreditar nas próprias palavras.

“Ótimo”, Victoria disse. “Não acredito em você, mas tudo bem.”

“Precisa acreditar em mim”, disse Beatrice. “Se começar a se comportar mal...” Ela pegou a bochecha de Victoria. Sua boca tremia, fazendo-a parecer velha e exausta. Então seus olhos ficaram meio nublados, como se algo os tivesse apagado. “Eu... eu não...”, ela balançou a cabeça. Quando abriu os olhos novamente, eles ainda tinham aquele olhar meio borrado. “Só faça o que lhe mandam. Por favor?”

Por dentro, o coração de Victoria se endureceu, desconfiado de sua própria versão de pasmo. Por fora, Victoria sorriu e comeu um morango.

“Farei isso”, ela disse, e, depois que Beatrice partiu, caminhou de um lado para o outro no quarto por um longo tempo e finalmente parou à janela para olhar para fora.

O cachorro do sr. Tibbalt saltava na esquina, latindo para a Bourdon’s Landing, a rua de Lawrence. De algum modo, ver o cão penetrou em Victoria uma pontada de medo. Por algum motivo, bem no fundo do seu estômago, ela sabia que tinha de segui-lo.

Victoria agarrou o casaco e desceu para o primeiro andar. Quase conseguiu sair, mas então a mãe a chamou. “Victoria? Aonde está indo?”

“Hum”, disse Victoria. Ela não estava acostumada a mentir. Mentir significava segredos, coisas fora da ordem e, possivelmente, meter-se em apuros.

Beatrice olhou para ela da cozinha e balançou a cabeça freneticamente, mas Victoria a ignorou.

“O cachorro do senhor Tibbalt está solto, mãe. Vou trazê-lo de volta.”

“O senhor Tibbalt?”, disse a sra. Wright. Sua voz estava brava, mas Victoria já estava lá fora e não a ouviu.

Ela queria correr, mas se obrigou a caminhar, no estilo Victoria – com propósito, rapidamente, como se as pessoas não estivessem de fato enlouquecendo ao seu redor. Não sabia por que era tão importante agir normalmente, mas sabia que era. Andando ao invés de correr, como gostaria, ela sentia como se sua pele fosse arrebentar.

Quando chegou ao cachorro do sr. Tibbalt, ele parou de latir e levantou o olhar para ela. Seu rabo balançava, incerto.

Victoria não estava acostumada a falar com animais. “Então?”

O cachorro virou a cabeça.

“Não sei o que estou fazendo aqui fora”, disse Victoria, olhando ao redor. O cruzamento pulsava com a tempestade que se aproximava. Ou estaria indo embora? Ou sempre esteve lá, borbulhando? À luz amarelo-esverdeada, os paralelepípedos da rua reluziam. O ar tinha um cheiro amargo e picante, como comida podre. O coração de Victoria acelerou. “Eu deveria estar em casa fazendo meus exercícios, mas estou com uma sensação tão esquisita! Como se algo não estivesse lá muito certo.”

O cachorro se sentou. Seu focinho preto brilhante tremeu.

“Você não está ajudando em nada”, disse Victoria.

O cachorro se levantou e caminhou um pouco, descendo a Bourdon’s Landing. Parou na frente da casa de Lawrence, sentou-se e olhou de volta para Victoria.

A pele de Victoria se arrepiou, e ela foi em direção a ele. Quando passou por ele, ele não a seguiu.

“Não vem?”, ela perguntou.

As orelhas do cachorro se levantaram, mas ele continuou parado. Ele ofegou na direção da casa dos Prewitt.

“O quê? Por que está fazendo isso?”

O cachorro resmungou. Victoria seguiu o olhar dele através do portão e em direção à porta da frente dos Prewitt. Eles deveriam estar em casa; seu consultório dentário fechava cedo às sextas. Ela endireitou os ombros, jogou o cabelo e abriu o portão.

“Não seja idiota”, ela murmurou para si mesma. “O cachorro é só um boboca, e você só vai dar uma espiadinha para se certificar de que está tudo bem. Simples assim.” Ela seguiu pelo caminho de pedra úmida e pegou a aldrava fria de metal. Bateu tantas vezes que achou que os vizinhos do Prewitt podiam chamar a polícia, mas ninguém abriu a porta. Todas as cortinas estavam fechadas.

“Que estranho!”, disse Victoria. Foi à lateral da casa e se inclinou na varanda, mas não viu nada além

de uma luz fraca numa janela do segundo andar – e na janela uma pessoa observando-a.

A boca de Victoria ficou seca. *É só o senhor ou a senhora Prewitt*, ela disse a si mesma. Um sopro de vento a puxou pela mão para o canto da casa. Quando ela tentou colocar as mãos nos bolsos e se afastar, percebeu que não havia vento nenhum.

Era uma barata, brilhante e preta, com longas antenas, pousada no meio das costas da mão dela, piscando os olhos brilhantes para ela.

Victoria gritou e saiu correndo.

A barata, ou besouro, ou o que fosse, caiu de costas com uma batida e balançou as pernas para se virar. Então fugiu para o jardim.

Victoria limpou a mão no casaco para limpar os germes do bicho e queixou-se quando sentiu a picada. Olhou e viu dez marquinhas vermelhas na pele, onde haviam estado as pernas do bicho.

“Ai”, ela sussurrou. Tentou se lembrar de tudo o que sabia sobre baratas e besouros, que não era muito. Mas certamente eles não deveriam picar assim. E não tinham apenas seis pernas?

“Que bicho do mal”, ela disse. Então pensou: *Que estranho*, porque, por mais que não quisesse pensar nisso, as antenas do bicho pareciam iguais às anteninhas que tinham saído da mesa do professor Carroll. Ela estremeceu ao pensar nisso. Belleville estava sob ataque de alguma infestação de baratas? Mas como poderia ser isso? Belleville era a cidade mais limpa e adorável que havia.

Rangendo os dentes, Victoria disse: “Eu... *odeio*... essa falta de sentido”, e marchou de volta para a porta da frente dos Prewitt, preparando-se para bater novamente, dessa vez com mais raiva – mas a porta já estava aberta numa frestinha.

Victoria a empurrou e entrou. Deixou-a aberta caso precisasse sair rapidinho. O fato de ter de pensar em coisas como saídas rápidas a enfurecia.

“Só queria que as coisas ficassem normais novamente”, ela disse para si mesma e para qualquer um que pudesse ouvir. Deu alguns passos e parou.

Música. Especificamente, música de piano.

Seu coração se apertou, e ela não se importou de estar sendo boba de estar tão feliz por ver Lawrence novamente. Ela sorriu e correu para a sala, mas, quando chegou lá, o piano estava fechado. A música não vinha do piano, que já parecia cinza de poeira, como se ninguém o tocasse há anos.

Victoria se virou para encontrar a fonte da música e quase gritou.

A sra. Prewitt estava sentada numa cadeira de espaldar alto do outro lado da sala, segurando uma tigela e uma colher, e, mais uma vez, mexendo e remexendo. Moscas zumbiam ao redor do que quer que houvesse na tigela. A sra. Prewitt olhava para o piano e balançava ao som da música, que, como Victoria percebeu, vinha de um rádio em cima do piano, e não do piano em si.

“Não é uma graça?”, disse a sra. Prewitt, sorrindo aquele mesmo sorriso animado demais, apesar de agora parecer forçado, como se ela estivesse cansada demais para sorrir, mas não tivesse escolha.

Victoria reconheceu a música como um noturno de Chopin, uma das favoritas de Lawrence. *Mi bemol maior, opus 9, número 2*. Ela quase podia visualizar o rosto sonhador dele sorrindo quando lhe disse que tocá-la o fazia sentir como se estivesse flutuando.

Com punhos cerrados, Victoria disse: “Sim. É bonita”.

A sra. Prewitt assentiu, olhando para o piano em silêncio. “Uma das favoritas dele.”

Os olhos de Victoria se estreitaram. “Uma das favoritas de quem?”

“Do Lawrence.”

“Sinto saudades dele”, disse outra voz – era o sr. Prewitt, parado silenciosamente à sombra no topo da escada.

Victoria recuou em direção ao piano. “Senhor Prewitt, não o vi aí.”

“Sim”, disse a sra. Prewitt, assentindo. “Sentimos saudades dele. Mas ele voltará.” Ela se virou lentamente para encarar Victoria, tirou uma bola grudenta de algo dentro da tigela e deu uma mordida crocante. “Ele voltará antes de você se dar conta.”

“Eu... preciso ir”, Victoria respirou, cambaleando de ré em direção à porta.

“Oh, fique um pouquinho”, disse o sr. Prewitt, caminhando lentamente escada abaixo. Ele sorriu e esticou a mão. “Pode ficar com a gente para o jantar.”

“Não, sério, não precisa, obrigada”, disse Victoria, virando-se e saindo correndo. Não parou até estar em segurança na calçada. Olhando por sobre o ombro, não viu nada além de uma vazia rua escura, com lâmpadas piscando para se acender.

O cachorro do sr. Tibbalt a encontrou na esquina onde ela o havia deixado. Seu pelo estava arrepiado num emaranhado vermelho. Ele começou a segui-la, suas garras estalando na calçada.

“Vou descobrir exatamente o *que* está havendo aqui”, Victoria disse, com a voz tremendo. A imagem dos rostos duros, congelados e perfeitos dos Prewitt fazia seu coração acelerar. O cheiro podre da tigela da sra. Prewitt enchia seu nariz e sua boca. “Vou bater em cada porta se for preciso.” Ela virou a esquina e apertou a campainha no portão do número 2 da Silldie Place.

O sr. Everett atendeu. Ele e a sra. Everett eram bem velhinhos e colecionavam figuras de porcelana de animais africanos.

“Pois não?”, disse o sr. Everett pelo interfone.

“Senhor Everett, é a Victoria. Posso entrar, por favor?”

“Virginia?”

“Não, Victoria.”

“O que foi agora?”, disse o sr. Everett.

Victoria escutou a sra. Everett suspirar e dizer. “É a *Victoria*, querido”, e o portão destravou e começou a abrir. “Victoria Wright.”

O sr. e a sra. Everett deixaram Victoria entrar e deram a ela chá, que Victoria apenas fingiu bebericar.

“Já viu minha girafa mais recente?”, perguntou a sra. Everett, e estendeu uma girafa pintada em rosa e azul, que tinha o pescoço duas vezes maior que o tamanho do corpo. “Custou mil dólares. É uma antiguidade, sabe?”

Todas as figuras dos Everett eram antiguidades. Victoria não acreditava que algo tão feio pudesse ser tão caro. Também não podia acreditar que uma girafa rosa e azul fosse uma antiguidade.

“Sim, é bonita,” disse Victoria. “Agora, tenho uma perguntinha.”

“Ora, desembucha de uma vez!”, disse o sr. Everett, olhando em suas prateleiras em busca de outra figura para mostrar. Sua mão buscava um pequeno crocodilo quando Victoria disse: “É sobre os Prewitt”.

Os Everett pararam. Olharam um para o outro e para Victoria. Não disseram uma palavra. A sra. Everett serviu mais chá a Victoria e jogou quatro colheradas de açúcar nele.

“Os Prewitt”, disse Victoria. “Vocês os conhecem.”

“Sim, claro”, disse a sra. Everett.

“Estão doentes ou algo assim? Vocês sabem? E Lawrence...”

“Ele saiu da cidade”, disse o sr. Everett. “Foi visitar a avó. É o que sabemos.”

“Isso mesmo”, disse a sra. Everett. “Ouvimos isso, não foi? Dia desses.”

Victoria disse: “É, é. Mas...” Ela fez uma pausa. “Sabem quando ele vai voltar?”

Os Everett trocaram olhares novamente. A sra. Everett estendeu sua girafa e sorriu. “Não quer ver o resto da nossa coleção?”

“Olhe este crocodilo”, disse o sr. Everett, seus dentinhos brancos pontudos imitando os do crocodilo. “Impagável, sabe? Só temos o melhor na nossa coleção.”

Ah, eles sabiam de algo, certamente. Victoria podia ver com seus olhos penetrantes. Estavam apenas fingindo que não sabiam do que ela falava. Não iriam ajudá-la. Isso a enfureceu. Ela se forçou a sorrir o sorriso mais doce que já teve.

“Sinto muito, mas preciso ir”, ela disse finalmente, parando a pouco de derrubar sua xícara. “Muitíssimo obrigada por seu tempo.”

Ela tentou a próxima porta, a do número 4 da Silldie Place, mas ninguém respondeu, embora Victoria pudesse ver formas observando-a da janela do segundo andar.

“Bem, e quanto ao seu sr. Tibbalt?”, ela disse para o cachorro que ainda a seguia. O portão do número 6 da Silldie Place estava aberto apenas o suficiente para Victoria deslizar para dentro. O cachorro correu atrás dela para a porta da frente.

“O que você quer?”, alguém grunhiu.

Victoria parou pouco antes da varanda. O sr. Tibbalt estava de pé na porta da frente com o cachorro em seus braços. O cachorro parecia perfeitamente feliz, mas o sr. Tibbalt não. Ele fechou a cara para Victoria embaixo de seu boné de lã amarrotado. Estava remendado e gasto como o resto de suas roupas. Seus óculos reluziam à luz dos postes, bloqueando seus olhos.

“Com licença, senhor Tibbalt”, disse Victoria, escondendo o nojo das roupas maltrapilhas dele e o estado deplorável de seu gramado. Os avisos vermelhos de sua mãe balançavam por toda a varanda. “Odeio incomodar, mas tenho uma pergunta.”

“Chega de perguntas”, murmurou o sr. Tibbalt. “Perguntas demais.”

Victoria não conseguia acreditar na grosseria dele.

“É sobre os Prewitt”, ela insistiu.

Por um instante o sr. Tibbalt se endireitou e ganhou vida. Ele disse algo que Victoria não pôde ouvir bem, exceto por uma palavra: “*Vivian...*”

O vento escancarou o portão. O sr. Tibbalt saltou e acenou com o braço para Victoria. “Chega de perguntas”, ele gritou. “Saia daqui. Vá embora!”

Victoria olhou com desprezo para as roupas bagunçadas dele. Ela não deveria ter se incomodado com esse velhote maluco. “Eu vou, mas não porque você me mandou.” Ela se virou e partiu, ignorando os latidos indignados do cachorro.

“Ora, Victoria, que prazer em vê-la”, disse a sra. Baker no número 8 da Silldie Place. Ela era jovem e bonita e segurava no colo seu novo bebê. Seus filhinhos pequenos e lindinhos corriam em círculos ao redor dela.

“Victoria”, disse o belo sr. Baker esfregando as mãos numa toalha. “Acabamos de preparar o jantar. Gostaria de nos acompanhar?”

“Não, obrigada”, disse Victoria, ainda tão furiosa com o sr. Tibbalt que nem se deu ao trabalho de ficar de conversa fiada. “Vim perguntar a vocês sobre os Prewitt, o que há de errado com eles e o que eles fizeram com Lawrence.”

Os Baker pararam de se mexer. Seus sorrisos se congelaram.

“O que eles *fizeram* com ele?”, disse o sr. Baker, de repente muito mais animado do que um momento atrás.

“Há algo errado, sei que há”, disse Victoria. “E ninguém me diz o que é.”

A sra. Baker deu uma risadinha. “Parece que a tempestade está lhe dando ideias malucas, Victoria.”

“Não tenho ideias malucas.”

“Bem”, disse o sr. Baker, com seu sorriso se alargando. A cabeça dele e da sra. Baker se viraram estranhamente, como se eles fossem pássaros. “Acho que você deveria ir para casa agora, Victoria.”

Eles tentaram conduzi-la porta afora, mas Victoria afundou em seus calcanhares. “Espere! Quero ficar

e jantar com vocês, afinal.”

“Ah, me desculpe, Victoria”, disse a sra. Baker. “Está ficando tarde, veja só.” Juntos, os Baker empurraram Victoria para fora, fecharam a porta e a trancaram.

Victoria ficou parada sozinha na varanda, o vento balançando seus cabelos. Seus cachos estavam se desfazendo, o que piorava ainda mais as coisas.

“Ótimo”, ela disse. Claramente todo mundo por ali sabia mais sobre o que estava acontecendo do que diziam, e nada disso fazia sentido algum. E as coisas *deveriam* fazer sentido em Belleville. A situação toda era inaceitável.

“Que falta de educação”, disse Victoria, ajeitando o casaco com um puxão. “Talvez a senhora Cavendish seja mais educada.” Ela caminhou até o final da rua, parando diante do portão do Lar. O muro de tijolos cinza desaparecia nos bosques de cada lado. Não havia campainha nem nada.

“Como será que eu entro?”, murmurou Victoria.

O portão se destravou.

Victoria olhou para o portão enquanto passava. “É só o vento”, disse a si mesma.

Um caminho de pedra serpenteava por um grande gramado recém-cortado, onde se viam árvores negras, flores muito brancas e postes de luz. De passagem, Victoria viu um banco preto reluzindo com gotas de chuva, ou um balanço de corda pendurado num galho de árvore.

“Se qualquer um desses órfãos me tocar, vou falar ao papai para dar uma intimação à senhora Cavendish”, ela disse. A ideia do pai castigando pessoas e colocando as coisas em ordem animou seu espírito. Ela olhou por sobre o ombro e, lá longe, viu a porta aberta, com lâmpadas dos dois lados como dois olhos amarelos.

O Lar tinha três andares e era de tijolos cinza como o muro, estreito de comprimento, mas grande de largura, com um telhado preto e grandes colunas na varanda. Além do Lar, Victoria viu alguns pequenos chalés e jardins altos. Fileiras de janelas derramavam uma luz suave na grama.

Victoria bateu na porta da frente com uma grande aldrava de bronze em forma de rosa. Ninguém respondeu. Ela suspirou e cruzou os braços.

“Se mais uma pessoa não atender a porta para mim..”, disse Victoria.

“Procurando alguém?”

Victoria girou para ver o sr. Alice no final dos degraus da frente. Ele segurava uma enxada dessa vez.

“Queria falar com a senhora Cavendish”, disse Victoria.

O sr. Alice sorriu. “Claro. Por aqui.”

Ele conduziu Victoria dando volta na casa, subindo uma escadinha para uma porta com um toldo sobre ela. Uma boneca de papel se pendurava na janela e balançou com alegria quando o sr. Alice abriu a porta.

“Alguém quer vê-la, senhora Cavendish”, disse o sr. Alice. “Achei que não se importaria.”

“Claro que não”, disse a mulher diante do fogão com voz suave, bondosa e clara. Estava mexendo algo numa panela de metal. Cheirava tão delicioso que a boca de Victoria começou a se encher de água.

“Olá, senhora Cavendish”, disse Victoria, entrando na cozinha branca e limpa. “Sou..”

“Victoria”, disse a sra. Cavendish, abaixando a colher e se virando. “Claro. Eu a conheço.”

“Conhece?”, disse Victoria, encarando-a, porque a sra. Cavendish era bem bonita e nada do que ela esperava. Tinha um cabelo castanho-escuro que se encaracolava até a altura do queixo, olhos azuis brilhantes e lábios vermelhos.

A sra. Cavendish sorriu. “Faço questão de conhecer todas as crianças do bairro. Interesse profissional, sabe?”

Victoria se lembrou de que o sr. Alice tinha dito exatamente isso. “Ah. Certo.”

“O que posso fazer por você?”

“Bem”, disse Victoria, sem conseguir encontrar palavras. O cheiro delicioso do jantar, o sorriso adorável da sra. Cavendish e o calor da cozinha a deixavam sonolenta e tontinha. Ela franziu a testa. “Não me lembro. Espere aí.”

“Talvez você queira uma bala enquanto espera?”, disse a sra. Cavendish. Ela abriu um vidro cheio de balas amarelas perto do forno, tirou duas e as colocou na mão de Victoria. Seus dedos estavam quentes. “São de caramelo. Minha receita especial.”

Victoria colocou uma na boca. Imediatamente ela começou a derreter, espessa e calorosamente doce em sua língua.

Ela jogou a outra na boca também.

A textura era mais mastigável do que a que o caramelo geralmente tinha. E mais suculenta.

Risadas atraíram sua atenção através da porta da cozinha para o corredor além. Ela escutou crianças correndo e viu sombras vagas que não conseguia distinguir direito. Um aviãozinho de papel flutuou pela porta e aterrissou aos pés de Victoria.

A sra. Cavendish o pegou e o colocou no balcão. “Posso lhe oferecer algo mais? Eu a convidaria para o jantar, mas já temos muitas bocas para alimentar aqui.”



A sra. Cavendish sorriu. “Eu faço questão de conhecer todas as crianças do bairro. Interesse profissional, sabe?”

Victoria piscou, lutando para lembrar por que havia vindo. “Não, acho que está tudo bem. Eu preciso ir. Sinto muito por incomodar.”

“Que cachos bonitos”, disse a sra. Cavendish. Ela se aproximou de Victoria e acariciou seus cabelos com dedos longos e quentes. “Você é uma boa menina, não é, Victoria? Você sempre faz o que te mandam.”

Victoria não podia afastar o olhar dos bondosos olhos azuis da sra. Cavendish. Eles a atraíam como joias. “Gosto de ser a melhor.”

“Sim, é claro.” A sra. Cavendish sorriu. “E a melhor forma de conseguir isso é fazer o que deve. Certo?”

“Sim. Sempre achei que sim.”

“Seus pais amam muito você, Victoria.” O toque de seus dedos mandou ondas quentes pelas costas de Victoria.

Victoria pensou nisso. Amor não era algo de que ela e os pais jamais falavam, mas parecia adequado dizer. “Sim, e eu os amo”.

“Que garota boazinha! Agora corra para casa.” A sra. Cavendish foi até o armário na parede mais distante, para pegar alguns potes. “Estamos quase servindo o jantar. Senhor Alice, faça o favor?”

O sr. Alice pegou sua enxada e caminhou pelo corredor em direção às risadas.

Quando Victoria se virava para partir, viu o aviãozinho de papel no balcão. A visão disso a despertou um pouco, como se saísse de um sonho pouco antes de voltar a dormir. Ela deu uma espiada para ver se ninguém estava olhando, pegou o avião e o enfiou no bolso da saia.

“Obrigada pelas balas”, ela disse sobre o ombro, correndo para fora.

Saindo da luz do Lar, ela correu em direção ao portão o mais rápido que podia, mantendo-se entre as árvores para abafar seus passos.

À frente dela, o portão parecia estar se fechando sozinho, mas era provavelmente um truque do vento. Victoria correu mais rápido e conseguiu sair antes de o portão se fechar. A tempestade a perseguiu até em casa.

Beatrice a encontrou no saguão.

“Está atrasada para o jantar”, disse Beatrice. Ela parecia aterrorizada enquanto pegou o casaco de Victoria e a ajudou a tirar seus sapatos enlameados. “Vá se trocar e se limpe.”

“É a Victoria?”, disse o sr. Wright da sala de jantar.

Victoria correu para cima. Quando se viu sozinha em seu quarto, tirou o aviãozinho do bolso e o desdobrou.

Letras vermelhas grossas rabiscadas no papel diziam:

AJUDE-NOS.



No jantar, naquela noite, Victoria tentou explicar aos pais por que havia se atrasado.

“Eu disse, fui levar o cachorro do senhor Tibbalt para casa”, ela falou, várias vezes. “Ele fugiu.” Mas os pais não pareciam acreditar. Foi um jantar silencioso. Quando Beatrice encheu os copos, o tilintar dos cubos de gelo foi o único som na sala de jantar. De tempos em tempos, a sra. Wright limpava os lábios com o guardanapo. O sr. Wright cortava sua carne em quadradinhos. Nenhum dos dois olhava para a filha.

Victoria foi cedo para a cama, alegando dor de cabeça. Ela se trancou no quarto e desligou todas as luzes. Seu boletim ainda estava no chão. Distraída, colocou-o na mesa para se lembrar de pegar a assinatura dos pais na manhã de segunda.

Vestiu seu pijama e entrou na cama. Então tirou o aviõzinho amassado de baixo do travesseiro. Ela o desdobrou e leu as palavras à luz da lua tempestuosa:

Ajudar quem? E por quê? Havia algo no lar de que os órfãos não gostavam? Podia ser uma piada, ela acreditava – mas pensar nisso não a livrava da sensação desconfortável no estômago. E ainda havia uma pergunta: para onde Lawrence tinha ido? Ela não podia – não *iria* – acreditar naquela bobagem de uma visita à avó. Não, Lawrence estava em outro lugar e talvez também precisasse de ajuda. O único problema era que ela não tinha ideia de onde começar a procurá-lo. Ele podia estar em qualquer lugar, podia estar mantido escondido. Ela olhou para o bilhete em suas mãos. Alguém o havia mandado para a cozinha da sra. Cavendish para que Victoria o visse. Alguém queria sua ajuda. E talvez ajudar quem quer que fosse o “nós” pudesse levá-la até Lawrence.

Da maneira mais silenciosa possível, Victoria encontrou a chave em sua caixa de DIVERSOS e escondeu o papel na gaveta da escrivaninha. Então colocou a chave no fundo não da caixa de DIVERSOS, mas na de LÁPIS. Ignorar os rótulos das caixas ia contra todos os seus princípios, mas ela não podia correr o risco de que os pais encontrassem aquele papel, apesar de não saber dizer exatamente por quê.

Ela voltou para a cama, deitou-se e cruzou as mãos sobre a barriga. Enquanto a tempestade rugia lá fora, sem nunca começar de fato, Victoria pensou em tudo que havia começado até adormecer com a testa

franzida.

De manhã, como fazia sempre, Victoria acordou com um plano.

Porém dessa vez era um plano diferente.

Era um plano de investigação.

Era também um plano de enganação.

Victoria engoliu em seco o medo enquanto escrevia um bilhete para os pais.

Queridos mamae e papai,

Sinto muito avisar em cima da hora, mas tenho de faltar a aula de bale hoje, e também não virei para o almoço. Tenho de trabalhar num dever da aula de Historia Mundial. O professor Alban espera dez paginas, mas quero entregar vinte e realmente impressionar a todos. Preciso ir a biblioteca. Então estou indo para lá. Volto para o jantar.

Atenciosamente,

Victoria.

A casa estava em silêncio quando Victoria desceu as escadas às oito horas, o que era incomum, porque a sra. Wright se levantava cedo aos sábados para tomar suas bebidas de dieta e fazer seus alongamentos antes do *brunch*. Victoria estava acostumada a descer as escadas aos sábados e ver a mãe toda torcida em nós na sala de ginástica.

Mas naquele sábado Victoria podia ouvir os dedos do pé torcendo-se em seus sapatos. O silêncio era completo. A porta do quarto dos pais estava fechada. O ar eletrizante oscilava entre noite e dia, entre coisas boas e ruins. Victoria odiava essa sensação, e quaisquer sensações *intermediárias*, por sinal. As coisas tinham de ser uma coisa ou outra, nada de meio-termo, e certamente tudo estava muito *indefinido*. Por exemplo, Victoria sentia que as paredes prendiam a respiração, observando-a. Era uma sensação ridiculamente *indefinida*.

Sua pele se arrepiou. “Parem com isso”, ela disse a seus braços, e saiu.

Lá fora, as ruas reluziam. Nuvens de tempestades gordas, negras e pesadas cobriam todo o céu horrendamente amarelado. Victoria se perguntou se elas iriam se partir ou continuar cuspidas pancadas de chuva quando ninguém estivesse vendo. Ela apertou mais forte o guarda-chuva sob a capa de chuva e tentou não pensar na sensação de que as árvores a estavam observando.

Nas manhãs de sábado, a praça principal da cidade era um lugar glorioso. Por todo lado viam-se carros prateados, portas deslizantes, fontes gotejantes, e bellevillianas elegantemente vestidas batendo seus saltos e mostrando seus sorrisos para todos enquanto ziguezagueavam entre lojas, salões e bancos. Tudo cheirava a dinheiro limpo e novinho.

Victoria respirou com mais facilidade quando a multidão a colocou nas engrenagens. Em meio a essa gente iluminada e feliz, não havia homens estranhos com ancinhos, Lawrences desaparecidos ou tigelas de insetos. Ela ouvia sussurros sobre perda de quilos, cirurgias para rugas e manchas indesejáveis, e catálogos de coisas bonitas para colocar a vida da pessoa em ordem.

Em *ordem*.

Era uma bela expressão.

Victoria sorriu e caminhou com um propósito renovado, seus sapatos estalando nos degraus de mármore da biblioteca. *É assim que as coisas devem ser*, ela pensou.

“Olá, Victoria”, disse o sr. Waxman, o bibliotecário. Ele surgiu na frente dela e bloqueou sua passagem com um largo sorriso branco. “O que posso fazer por você?”

Victoria parou para pensar que por algum motivo não conseguia lembrar bem de por que estava ali. O brilhante relógio da praça por um momento a fez esquecer por que havia vindo. Afinal, como podia haver algo errado em meio àquela perfeição reluzente?

“Bem, eu...”, Victoria começou a dizer, mas então viu que o sr. Waxman parecia muito com os Prewitt, com seus olhos brilhantes congelados e aquele sorrisinho alegre. Essa percepção despertou Victoria de seu transe da praça. Uma onda fria passou por ela, embora as portas da biblioteca estivessem fechadas.

Num piscar, ela se lembrou das palavras em vermelho: “Ajude-nos”. Em outro piscar, viu o rosto bocejante com olhos cinza de Lawrence. Ele estaria bocejando, tão cedo num sábado.

Sim, sim, foi por isso que ela viera. Aquele bilhete requeria investigação. Era um bilhete muito *indefinido*. Um amigo desaparecido também requeria investigação. E não havia lugar melhor para começar do que a biblioteca. Era uma questão de ordem e de caixas etiquetadas; era a coisa mais distante da *indefinição*.

“Só vim fazer uma pesquisa para o jornal da escola”, disse Victoria finalmente. Seu coração saltou ao ouvir a mentira. Ela não estava acostumada a esse negócio de mentir para adultos. Crianças que ganhavam troféus e medalhas de honra não mentiam para adultos.

O rosto do sr. Waxman relaxou um pouquinho. “Bem, bem, acho que tudo bem, não é? Que responsável da sua parte.”

Ele saiu do caminho, seus olhos brilhantes e parados, e lambeu os lábios.

“Desde que você não pegue nada que não seja seu”, disse o sr. Waxman enquanto Victoria se afastava. “Temos de nos comportar, não é?”

Victoria sorriu educadamente e se afastou o mais rápido que podia sem parecer desconfiada. Seu coração deu cambalhotas frenéticas. A felicidade que ela sentira lá fora há muito desaparecera. Os olhos do sr. Waxman a seguiram até as estantes de livros, assim como os olhos do professor da Academia haviam observado Lawrence.

“Acalme-se, Victoria”, ela disse para si mesma. “Você só está imaginando coisas.”

Ela espiou a seção de referências, fingindo folhear as enciclopédias. Após meia hora, decidiu que era seguro continuar.

O que ela realmente queria estava na hemeroteca – jornais. Parecia o lugar mais lógico para começar uma investigação.

Victoria rastejou pelo primeiro andar. Parou aqui e ali para folhear livros e anotar coisas em seu caderno. A biblioteca parecia silenciosa demais até para uma biblioteca. Sensações agudas e invisíveis arranhavam os pés de Victoria. Ela tentou manter a cabeça erguida enquanto caminhava, mas sentia como se todos os livros tivessem olhos e fossem delatá-la para o sr. Waxman.

Finalmente, chegou à hemeroteca. Deslizou para dentro e fechou a porta. A sala estava vazia, pequena, fria e mal iluminada. Olhou por sobre o ombro, através da janela fosca da porta. Além dela, a biblioteca reluzia em branco.

“Não seja boba”, ela se lembrou, apertando bem a capa de chuva. Encontrou um computador num canto e se sentou, recusando-se a se esconder atrás dele como parte dela queria. Tirou seu caderno e

digitou tópicos respeitáveis de busca como “aborígenes”, “Declaração de Independência” e “zoologia”.

“Só por precaução”, murmurou. “Cautela nunca é demais.”

Então, olhando ao redor mais uma vez para verificar, buscou *Boletim de Belleville*. Era um jornal velho, porque Belleville era uma cidade velha.

Victoria parou, seus dedos pairando sobre o teclado. Não estava certa do que procurava exatamente. Em geral, quando vinha à biblioteca, era para uma tarefa, com uma lista de itens. Mas dessa vez era diferente, dessa vez ela não sabia bem qual era a tarefa.

Pense, Victoria, ela se repreendeu. Tentou combinar as memórias dos últimos dias:

1. Orfanatos que empregavam homens estranhos com ancinhos.
2. Gente que sorria tão largo e perfeito que parecia prestes a arrebentar a própria pele.
3. Baratas de dez patas que picam.
4. Crianças perdidas.

Ah.

Victoria começou com o último item e buscou crianças perdidas. Encontrou muitas coisas, infelizmente, porque o *Boletim* às vezes publicava histórias de jornais maiores. Mas não viu nada sobre Lawrence, Jacqueline Hennessey ou Donovan O’Flaherty. E não encontrou nada sobre baratas estranhas ou sorrisos perfeitos, exceto por um comercial do consultório dentário dos Prewitt, que a fez se arrepiar, franzir a testa e se curvar sobre o teclado com uma determinação renovada.

Ela também buscou Lar Cavendish para Meninos e Meninas e sra. Cavendish.

“Qual é o primeiro nome dela?”, Victoria se perguntou em voz alta, mas não sabia. Quanto mais pensava, mais percebia quão pouco sabia sobre o Lar Cavendish. Estava lá desde sempre, e ainda assim Victoria não conseguia se lembrar de ninguém da cidade jamais falar dele, o que parecia mais estranho cada vez que ela pensava nisso. Órfãos eram crianças sem pais. Será que as pessoas não falariam sobre pais de Belleville que morriam e filhos que eram mandados para o Lar? As pessoas não ficariam chocadas e chateadas, e talvez visitassem as crianças com flores, doces e condolências? E esses órfãos todos vinham de Belleville ou a sra. Cavendish trazia crianças de Grandville ou Uptown e das cidades pobres no meio do caminho?

Victoria balançou a cabeça. Não sabia as respostas a essas perguntas. Nunca tinha pensado em *se perguntar* sobre isso antes. *Não é esquisito, Victoria?*, ela se questionou. *Não é esquisito que você não tenha se perguntado?*

Porém o que Victoria sabia era que, quando ficou na cozinha da sra. Cavendish, no calor da comida que cozinhava, com os órfãos rindo no corredor ao lado, se esqueceu por que tinha ido até lá. Era quase como um feitiço das histórias de fada que Victoria sempre achou tão bobocas. Naquela cozinha, a sra. Cavendish era tudo o que Victoria via – até encontrar o aviãozinho de papel que escondia a mensagem: “Ajude-nos”.

O *Boletim* não incluía muitas coisas sobre o Lar, além de algumas propagandas sobre festivais, turnês e generosas doações da sra. Cavendish para a biblioteca, a Academia e o hospital.

Victoria franziu a testa. *Bem, que legal da parte dela*, pensou. Ela se lembrou do belo rosto da sra. Cavendish, o vestido limpo e os lábios vermelhos. A lembrança a fez sorrir antes de poder se conter, só que o sorriso não parecia mesmo o seu. Parecia que alguém forçava seus lábios gentilmente para trás.

Ela buscou mais uma vez e não encontrou nada de útil, mesmo anos e anos atrás. Então foi ainda mais para trás. Boletins de crianças desaparecidas. Cartas para o editor sobre tal e tal coisa. Anúncios: O LAR CAVENDISH PARA MENINOS E MENINAS ESTÁ OFERECENDO UM DIA DE ATIVIDADES AO AR LIVRE PARA TODAS AS CRIANÇAS DO BAIRRO NESTE SÁBADO, 14 DE ABRIL. DEDETIZAÇÃO BESOUROS-C-VÃO OFERECE ORÇAMENTO GRATUITO.

Nada disso significava nada. Eram peças aleatórias de diferentes quebra-cabeças.

Nesses jornais antigos, Victoria viu a construção da Academia, sua rua, e as ruas ao redor.

O número mais antigo do *Boletim* estava em microfilme. Victoria encontrou a gaveta certa na parede. Folheou os envelopinhos de filmes, pegou o do primeiro *Boletim*, foi até um dos leitores de microfilme e o ligou...

Atrás dela, a porta se abriu.

A luz branca da biblioteca iluminava uma figura escura.

Victoria buscou seu guarda-chuva, mas não conseguiu encontrá-lo. Ela o havia deixado ao lado do computador.

“O que deseja?”, ela perguntou, tentando soar corajosa.

A porta se fechou. A figura derreteu na escuridão da sala.

“Senhorita Wright?”, perguntou uma voz.

“Professor Alban?”, respondeu Victoria. Ela forçou a vista e viu o cabelo rareado. À luz do computador, seus óculos piscavam, brancos.

“Você está...”, disse o professor Alban. Ele entreabriu a porta um pouco, espiou lá fora, fechou e colocou uma cadeira contra a maçaneta. “Por que você está aqui?”

Victoria recuou. “O que está fazendo com essa cadeira?”

“Eles me pegaram, acho. Não tenho muito tempo. Pode ser a última vez que posso vir aqui.”

“Quem são eles?”

O professor Alban tirou os óculos para limpá-los. Victoria ouviu as lentes se quebrando.

“Não sei ao certo”, ele disse, “mas pessoas – coisas – têm me seguido desde que comecei a olhar ao redor, buscando arquivos na Academia, prefeitura, aqui. Pelo menos, acho que estão me seguindo. Não tenho certeza.” Ele limpou o rosto. “Por que está aqui, senhorita Wright?”

“Estou fazendo um trabalho”, disse Victoria. Ela escondeu o microfilme atrás de si e desejou ter fechado a gaveta.

“Está aqui por causa das crianças perdidas, não está?”, cochichou o professor Alban. “Notei há algumas semanas. Há uma dezena delas desaparecidas até agora. Eu deveria ter reparado antes, mas só agora estou me dando conta, sabe? Só estou aqui há alguns meses.”

Victoria sentiu mais medo do que nunca desde que tudo aquilo começara. O que exatamente o professor Alban estava tentando dizer?

Ela disse: “Não sei do que o senhor está falando”, e ficou feliz em ver quão clara e fria sua voz soava.

“Senhorita Hennessey, senhor O’Flaherty.” O professor Alban fez uma pausa. “Senhor Prewitt.”

Lawrence. O nome dele se grudou à garganta de Victoria, e uma pontada não familiar cortou seu peito. O professor Alban havia incluído o nome de Lawrence ao lado dos de Jacqueline e Donovan. Ele havia dito *em voz alta*. Teriam todos eles sumido juntos em algum lugar, como Victoria havia imaginado, mas nunca quis acreditar? Pela primeira vez na vida, ela desejou estar errada. Não sabia o que dizer.

“Sim, também notei que eles sumiram.” O professor Alban caminhou até o computador. Ele se inclinou para ler a tela. Leu e levantou o olhar.

“O Lar”, ele disse. “O Lar da senhora Cavendish.”

Victoria rangeu os dentes. “E?”

“Acho que posso confiar em você”, disse o professor Alban. “Você sempre foi uma boa aluna. E sei que o senhor Prewitt era seu amigo.” “É meu amigo.”

O rosto do professor Alban estava turvo e triste à luz do computador. “Sim, claro. O que você já descobriu até agora?”

Victoria não se mexeu. “Coisas esquisitas estão acontecendo aqui.”

“Sim.”

“Como posso saber que você não tem baratas nas suas mangas ou sei lá o quê, como o professor Carroll?”

“Baratas?”, perguntou o professor Alban. “O que quer dizer com baratas?”

Victoria bateu os dedos no microfilme. O professor Alban sempre havia sido um dos bonzinhos, um dos professores que realmente faziam as coisas funcionarem.

Ela decidiu confiar nele e lhe estendeu o envelope. “Eu estava olhando isso. O *Boletim de Belleville*.”

O professor Alban suspirou. “Era isso que eu estava procurando, toda vez que vinha aqui. Mas algo mantém isso longe de mim. Procuo no lugar certo, mas não está onde deveria estar. Não entendo. É como se alguém estivesse brincando comigo.” Ele riu com tristeza. “Às vezes mal posso me lembrar do que estou procurando, sabe? Tenho tanta dificuldade de lembrar a aparência deles. Às vezes me esqueço de que eles já estiveram aqui.”

“Lawrence tem cabelo preto com um monte de cabelos brancos também”, soltou Victoria, apertando bem os punhos. “Tem olhos cinza e cantarola quanto está feliz.”

O professor Alban a encarou. “Sim... sim, eu me lembro agora...”

Victoria escutou um farfalhar perto dela, e também longe, nas paredes, atrás das gavetas, embaixo das mesas. Uma mancha escura se aproximou dela.

Ela abriu seu olhar mortal, levantou a bota e deu um pisão na coisa escura quando estava perto o suficiente. A coisa guinchou e estalou, e um fedor preencheu a sala. Victoria ouviu um gritinho minúsculo e furioso, como de uma pessoinha ou vindo de algum lugar muito distante.

Os outros farfalhares se afastaram para os cantos da sala e ficaram em silêncio.

O professor Alban ficou de pé. “Que foi isso?”

“Uma daquelas baratas. Há um bando delas. Vi por todo canto.” Victoria vasculhou a sala, buscando nas sombras mais coisas em que pisar. “Acho que são do mal ou sei lá. Têm dez pernas e picam. Vi algumas embaixo dos papéis da mesa do professor Carroll. Bem, vi as antenas. Mas dá para saber. Vi uma na casa do Lawrence também.” Victoria raspou a sola da bota no chão, mas a bota estava limpa. Todas as entranhas e as antenas esmagadas haviam sumido. Era como se nunca tivesse havido inseto nenhum.

“Não sei ainda o que eles significam, mas significam *algo*”, disse Victoria.

“Bem”, disse o professor Alban. Ele cruzou os braços e se abraçou como se fosse muito pequeno. “Não sei quanto tempo temos.”

“Tem alguém atrás de nós?”

O professor Alban se encolheu mais ainda dentro dos próprios braços. “Acho que sim.”

“Mas *quem*?”

“Não sei ao certo. É tão difícil pensar.” O professor Alban puxou seu colarinho. Seus olhos estavam estranhos. “Sombras. Coisas sombrias. Não tenho dormido. Olhos nas paredes.”

“Eu estava pesquisando nos jornais”, disse Victoria lentamente, forçando-se a se manter focada. *Olhos nas paredes*. Havia olhos naquelas paredes, observando-os agorinha mesmo? “Quero saber mais sobre o Lar. É estranho, certo? Tenho uma sensação ruim sobre isso, e geralmente não tenho sensações ruins sobre as coisas.”

O professor Alban ajustou os óculos. “Como assim?”

“Bem, há o senhor Alice. Ele é o jardineiro. Tem estranhos olhos agitados, e sua pele é flácida e inchada, mas os Prewitt e o professor Carroll têm estranhos olhos *parados* agora. Nem parecem reais,

são tão animados e felizes. E o senhor Waxman também. Estão sempre sorrindo bem grande, grande demais.” Ela fez uma pausa para pensar nisso. “Fui ao Lar, sabe? Estava procurando Lawrence e, quando cheguei lá, tudo tinha uma aparência *legal*, e a senhora Cavendish me deu umas balas. Mas a *sensação* era esquisita. Sabe, aquele sentimento indefinido? É difícil colocar em palavras, mas sei que há algo errado.”

“Acho que sei o que quer dizer”, disse o professor Alban. “Continue.”

Victoria começou a caminhar. “E todas essas crianças perdidas. Eu me pergunto se há outras. Em Grandville e Uptown. Talvez tenha havido insetos esquisitos antes. E olhe só isso.”

O professor Alban olhou o aviãozinho desdobrado na mão de Victoria e o pedido de socorro escrito.

“Peguei isso quando fui ao Lar ontem”, Victoria cochichou. O ar ao redor deles pareceu repentinamente mais quieto. “Alguém queria que eu visse isso.”

O professor Alban ficava olhando sem parar para a porta. Limpou o suor do rosto.

“Deveríamos continuar procurando”, ele disse. “Guarde isso, por favor.”

Victoria guardou, e eles continuaram procurando em centenas de números do *Boletim de Belleville*. Alguns pedaços de filme estavam escurecidos com marcas escritas, queimados ou cortados.

O último número que viram era tão antigo que Belleville era pouco mais do que a praça principal e fazendas.

Ao lado do anúncio do Mercado A. C. Sherman havia outro, tão pequeno que Victoria quase não o viu.

“Espere”, disse o professor Alban, apontando para o leitor. A luz quente amarelada fazia seu rosto parecer gravemente doente. “Ali.”

Um pequeno quadrado dizia: NOVOS RESIDENTES CONSTROEM LAR PARA CRIANÇAS e LAR CAVENDISH PARA MENINOS E MENINAS e CONSTRUÇÃO e outras coisas, mas bolhas pretas manchavam a impressão. A mancha cobria quase tudo, incluindo a fotografia do Lar. Victoria só podia ver as chaminés.

“É a...?” ela disse, inclinando-se para ver mais de perto.

Na fotografia havia duas figuras – uma mulher num vestido branco e um homem em roupas escuras de trabalho. O homem carregava um ancinho. A mulher estava com as mãos na cintura. Borrões manchavam seus rostos e a maior parte de seus corpos, mas Victoria já vira o bastante. Um familiar olho brilhante olhava para ela do rosto da mulher.

Um frio passou pelos braços de Victoria, mas não era o frio estranho de antes. Era o frio de entender algo terrível.

“Parece com ela”, disse Victoria, apontando. “Com a senhora Cavendish. E esse é o senhor Alice. Tem de ser. Mas aqui... como isso é possível...?”

Victoria apontou para a data desbotada perto do topo da página.

“Isso faz mais de 150 anos”, cochichou o professor Alban.

“Bem, essa gente na foto tem de ser seus... seus ancestrais, sei lá,” disse Victoria, se afastando da mesa. “Talvez a tataravó dela. E o senhor Alice, seu tataravô, certo?”

“Talvez a posse do Lar passe pela família”, disse o professor Alban, mas não parecia acreditar nisso.

Victoria não pôde evitar olhar para as duas figuras borradas.

“Se são eles”, ela disse, sem querer dizer, mas sabendo que precisava. “Se essas pessoas na foto são nossos senhora Cavendish e senhor Alice... como podem estar vivos ainda?”

Ela e o professor Alban se olharam, a terrível pergunta fluando entre eles.

Bang.

Algo bateu na porta. Bateu novamente. E de novo. Cada vez mais alto.

Bang.

Bang.

“Estão vindo atrás de mim”, disse o professor Alban. Ele agarrou Victoria e a empurrou para o canto mais distante da porta. “As sombras. Os olhos na parede. Estão vindo.”

Victoria esfregou os braços. Eles doíam onde o professor Alban a agarrara. Ela olhou para ele enquanto ele se afastava da porta.

“O que quer dizer?”, ela perguntou.

O professor Alban não respondeu. Ele se afastou até uma mesa e caiu numa cadeira que de repente parecia grande demais para ele. Parecia uma criança se afogando em roupas de adulto, assustada e tremendo.

Victoria foi em direção a ele.

“Não”, ele cochichou. Uma mão estendida a deteve. “Esconda-se. *Esconda-se.*”

Os únicos sons que Victoria podia ouvir eram as batidas na porta e as de seu próprio coração. As batidas começaram a ficar sincronizadas. Seu coração *estava* batendo na porta.

Ela se encolheu num canto e colocou as mãos sobre as orelhas. As batidas continuaram, chacoalhando as paredes, fazendo a luz branca ao redor da porta ir e vir, mais perto e mais perto...

Sombras escureceram o vidro fosco.

Duas correntes escuras de... *algo*... deslizaram da luz branca para dentro da hemeroteca. Elas desapareceram nas sombras da parede. Mais correntes escuras se juntaram a elas debaixo das mesas e por trás dos gabinetes. A sala rastejava.

Um farfalhar soava por todo lado. O frio entrou pela porta contornada de branco, em direção aos dedos dos pés de Victoria.

O farfalhar ficou mais alto. Victoria espiou seus braços através dos dedos das mãos. Estavam nus e inteiros, mas ela sentia como se houvesse algo lá, arranhando-a, tentando prendê-la em nós malignos.

Ela escutou o som terrível de um garotinho bem pequeno choramingando de terror.

Era o professor Alban.

Victoria ousou levantar o olhar e viu as ondas escuras convergindo para a cadeira onde ele se sentava, deslizando ao redor de suas pernas, um enxame, estalando e balançando suas antenas sobre ele.

A porta se abriu afinal, batendo na parede.

Victoria escondeu o rosto. Escutou sons pesados, rastejantes. O professor Alban começou a gritar. Victoria apertou as mãos nas orelhas, fechou bem os olhos e recitou em francês para ocupar seu cérebro.

Crier. Gritar.

Je crie. Eu grito. Tu cries. Tu gritas.

Il crie.

Ele grita.

Silence. Silêncio.

A porta se fechou e, após vários minutos, Victoria se forçou a levantar o olhar.

O frio escuro da hemeroteca retornou. O leitor de microfimes zumbia com sua luz amarela.

A cadeira do professor Alban estava vazia.

Victoria saiu do canto para investigar. Os estranhos ruídos e o farfalhar sombrio haviam sumido, as gavetas estavam fechadas, os microfimes guardados. Victoria tentou abrir as gavetas, mas não conseguiu.

Ela agarrou suas coisas e fechou tudo como se estivesse pronta para ir para a escola, como se fosse um dia qualquer.

“Não sei o que vi”, ela disse repetidamente. “Nada aconteceu. Estou bem.”

Mas não estava bem. Tinha visto e ouvido algo terrível. E agora o professor Alban havia sumido.

Havia só uma coisa a fazer, percebeu Victoria, enquanto olhava para a porta, agora em silêncio.

Correr.

Ela avançou para a porta e a abriu. Saindo pela biblioteca branca e limpa, percebeu que estava sozinha. Todas as pessoas haviam partido. Ela quase começou a chorar com a ideia de ficar trancada para sempre numa biblioteca cheia de insetos pretos e luzes brancas, mas estava correndo rápido demais para chorar.

Chegou até a porta de saída. Não estava trancada. Quando saiu para descer as escadas, o sr. Waxman, parado sozinho na porta da frente, gritou: “Volte logo, Victoria”.

A praça estava movimentada como sempre, como se nada tivesse acontecido na biblioteca. As pessoas cintilavam, rodopiavam e sorriam. Tudo era prateado, tudo era perfeito.

Victoria abriu caminho além da praça principal, passando por ruas de portões escuros e soturnos, cercas-vivas brilhando com a chuva, casas e persianas limpas, e, aqui e ali, um aviso em vermelho num quintal com a grama alguns centímetros alta demais. Ela correu para a Silldie Place. A calçada de paralelepípedos estava tão escorregadia da chuva que ela podia ver seu reflexo nas pedras – um fantasma pálido voando numa capa de chuva.

Parou em casa apenas o tempo suficiente para fuçar as prateleiras impecáveis do pai na garagem. Alguém a estava chamando da cozinha, mas ela ignorou quem quer que fosse, murmurando: “Onde está, onde está?”, até que encontrou: uma lata de inseticida.

“Victoria?” Era a mãe lá dentro, perto da cozinha, e, pela primeira vez desde bem pequena, Victoria queria sua mãe. Queria se esconder. Queria admitir o fracasso. A porta que levava para dentro da casa estava tão perto que ela poderia agarrar a maçaneta...

Mas seu aperto no metal frio da lata evitou que ela entrasse. Ela não poderia se esconder. Tinha de encontrar Lawrence. A imagem de sua placa de rua favorita apareceu na sua cabeça: VITÓRIA. Victoria Wright não admitia o fracasso.

Enfiando a lata na capa de chuva, ela saiu novamente na tarde úmida, passando correndo pelas casas 5 e 7 de um lado, e 4, 6 e 8 do outro. Estava assustada demais para parar, desesperada demais para entender o que havia visto na biblioteca. Não iria acontecer com Lawrence, *não iria, não iria*, ela repetiu para si mesma a cada passo.

Silldie Place número 9: o muro cinza, os canteiros vivos de flores, a placa escura com o nome. O portão do Lar estava aberto e, quando Victoria entrou, ele se fechou com um pesado clique metálico.

Ela queria dar meia-volta, escalar o portão e fugir, mas não podia se esquecer do professor Alban e das coisas escuras e malignas sobre ele. Não podia esquecer a porta batendo, a biblioteca vazia, a foto borrada da sra. Cavendish e do sr. Alice.

Mas talvez não fossem eles. Talvez Victoria estivesse sendo tola.

Mas se *fossem* eles...

Ela tinha de saber. Tinha de ver o lugar por si mesma. Talvez, se desse uma boa olhada lá dentro e na sra. Cavendish, tivesse uma melhor ideia do que fazer em seguida. Poderia ajudá-la a descobrir o que aconteceu com o professor Alban. Ela teria de ser cuidadosa, teria de entrar sorrateiramente e permanecer escondida, mas, se conseguisse, poderia descobrir pessoalmente mais sobre o Lar...

Isso poderia ajudá-la a encontrar Lawrence antes que ele fosse levado embora de vez. Ela não queria nem imaginar ouvir Lawrence gritando, mas não conseguiu evitar. Ela o imaginou rastejando com baratas, gritando e chorando como o professor Alban havia feito. E, não importava quanto ela tentasse, não conseguia chegar a ele.

Na frente da casa, degraus largos levavam à varanda e à porta da frente, mas Victoria os evitou e se encaminhou para o lado direito do Lar, mantendo-se próxima da parede de tijolos cinza. Enfiou a mão dentro da capa de chuva e tirou a lata de inseticida.

“Experimentem só vir até mim, seus insetos idiotas”, ela disse. “Vão ver só o que acontece.”

De passo em passo, Victoria parava para escutar sinais de vida, mas não ouvia nada além do vento nas árvores, farfalhando e estalando. À frente, passando a esquina do Lar, arbustos de flores, moitas e caminhos de pedra se estendiam pelo terreno. Jardins.

Não posso começar aqui, Victoria pensou. *Talvez alguém esteja lá fora espiando.*

Ela deu uns passinhos à frente, parou, deu mais uns passinhos e então mais um passo...

...direto na barriga do sr. Alice.

“Hum...”, ele disse, sorrindo para ela. Numa mão, tinha uma pá enorme com terra e algo podre pendurado.

“Eu... eu...”, disse Victoria, cambaleando de volta. Tentou dizer algo, *qualquer coisa*, mas sua garganta estava apertada demais. Um movimento escuro no chão atraiu seus olhos – uma barata, saindo de trás do sr. Alice para se enfiar num buraco num tijolo.

Victoria não pensou duas vezes. Avançou em direção a ela e apertou o botão do spray. Uma nuvem de veneno cobriu a barata – Victoria viu com seus próprios olhos – e ainda assim a barata parou e olhou para ela, estalando seus olhinhos pretos. Ela apertou de novo, e de novo, e o bicho acenava com as antenas e não morria.

Victoria baixou o braço. “Não entendo.”

O sr. Alice mandou para longe o spray inútil com sua pá. Com o movimento, a pele ao redor de seu pescoço pareceu rolar e soltar-se.

“Quero falar com a senhora Cavendish”, disse Victoria, levantando o queixo. Ela não agiria assustada. Agiria como se tivesse todo o direito de estar ali, como se fosse a coisa mais normal do mundo. “Agora.”

Ele sorriu largo. “Venha.”

O sr. Alice colocou a mão nua no pescoço de Victoria e a conduziu de volta para a frente da casa. Estranhamente, a aldrava na porta parecia diferente dessa vez, com um porco com um grande focinho em vez de uma rosa. Victoria franziu a testa para a porta, o suficiente para acalmar seu coração acelerado e reunir coragem. Ajeitou os cachos.

Lembre-se, você é Victoria Wright, ela se lembrou. Talvez em sua imaginação não pudesse chegar a Lawrence, mas na vida real era bem diferente. Na vida real, Victoria Wright sempre conseguia o que queria. Ela ajeitou a capa de chuva e preparou seu olhar mais feroz.

O sr. Alice empurrou a porta. Algo mais escuro do que sombras se estendeu dele para o Lar, formando um corredor com uma leve luzinha no final. Uma onda de frio passou por Victoria.

“Entre”, disse o sr. Alice, apontando com a pá. “Ela está esperando por você.”



O corredor se estendeu pelo que pareceu a Victoria serem dias, entre portas fechadas dos dois lados. Victoria se perguntou se um dia iria acabar.

O sr. Alice mostrou o caminho. Ele usava a pá como uma bengala, batendo a ponta no carpete. *Pa, pa, pa.* Sombras no carpete estalaram e zumbiram junto deles, escuras e rápidas demais para que Victoria pudesse vê-las. Ela olhou bem à frente, recusando-se a pensar na barata lá fora, pingando veneno e vivinha da silva.

Talvez essa não tenha sido uma boa ideia.

Considerou sair correndo, mas, quando olhou sobre o ombro em direção à porta da frente, nada viu além de escuridão. Com certeza a porta estava lá, mas Victoria tinha a impressão de que, se corresse de volta e tentasse encontrá-la, se perderia para sempre. O corredor poderia continuar dobrando e nunca deixá-la sair.

Que ridículo, ela disse a si mesma. O corredor não podia ser maior do que um corredor normal. Afinal, o Lar não era tão comprido. Ela tinha visto de fora, nada demais. Só tinha três andares e uma quantidade normal de janelas. Ela só estava assustada, só isso.

Bem assustada.



O corredor se estendeu pelo que pareceu a Victoria serem dias, entre portas fechadas dos dois lados.

O ponto de luz à frente deles ficou maior até formar uma porta. O sr. Alice parou e apontou com o braço.

“Por favor, Victoria Wright”, ele disse, sorrindo.

Victoria rangeu os dentes e passou por ele para um corredor dourado, iluminado com lâmpadas suaves em lustres. Estava determinada a não mostrar nadinha de medo para o que quer que estivesse do outro lado.

Mas o que havia do outro lado era impossível.

Ela não viu uma cozinha ou nada perto do normal, como da primeira vez.

Em vez disso, uma longa galeria se estendia para a direita e para a esquerda, fora do alcance de sua visão. As paredes da galeria tinham sacadas e janelas. Além do primeiro andar, tudo estava mais escuro, e havia seis andares ao todo, com corrimãos e corredores sombrios, colunas torcidas que caíam sobre as paredes como vinhas. Pássaros pintados cobriam o teto, olhando feio para Victoria lá embaixo. Havia algo de estranho neles. Victoria levou um longo tempo para descobrir que, em vez de garras, nos pés eles tinham longas mãos finas.

No segundo andar havia fileiras de janelas e, dentro das janelas, penduravam-se cabeças de papel, lousas, telas – salas de aula. No terceiro andar havia pinturas tão grandes quanto as paredes, pinturas de balões e pipas, lobos e ossos. No quarto, quinto e sexto andares coisas se moviam nos arcos entre as colunas, sombras escuras rastejavam nas sacadas.

Na verdade, *tudo* se movia. Quando Victoria desfocou os olhos, toda a galeria, os seis andares, as janelas e sacadas, as salas e cabeças de papel penduradas, tudo tremia e rastejava.

“Isso não faz sentido”, disse Victoria, cruzando os braços. O ridículo de tudo ao redor superava seu medo. Ela se agarrou à sensação e a segurou firme. “Isso não faz o menor sentido.”

Pa, pa, pa, veio a pá do sr. Alice pelo carpete. “Venha comigo.”

“Mas isso... é grande demais. O Lar só tem...”

“O Lar é só o que precisa ser”, disse o sr. Alice. Ele sorriu, traçando o contorno da pá com a mão. “Ela vai ficar brava se você se atrasar.”

“Eu não tinha hora marcada. Ela nem sabia que eu vinha.”

O sr. Alice apenas riu.

Victoria o seguiu, passando por uma sala com pianos escuros. Suas tampas estavam abertas, cordas caindo em pilhas no chão. Victoria se lembrou da classe do professor Carroll no Prédio 5, mas numa versão virada do avesso.

“Lawrence”, sussurrou Victoria.

“O que foi isso?”, disse o sr. Alice. “O que foi isso agora?”

“Nada. Só espirrei.”

“Saúde.”

Eles pararam diante de uma porta alta e estreita, sob a pintura de uma mulher, um menino e uma menina. Inicialmente a pintura pareceu adorável. Porém, quando eles se aproximaram, o rosto da mulher ficou mais longo e mais magro. Seus ossos pareciam prestes a explodir para fora da pele. E o sorriso das crianças se tornou desvairado. Os dedos da mulher enfiavam-se nos ombros delas e desapareciam em sua pele.

Victoria escondeu seu tremor.

A porta tinha cenas entalhadas em fileiras de alto a baixo. A cena no nível dos olhos de Victoria parecia uma caça à raposa. Em outra, acima, meninas soltavam fogo pela boca. Na cena abaixo via-se um apresentador de circo com duas cabeças. Um pequeno monstro de cabeça cheia de protuberâncias dançava com uma mulher nua. Num palco vazio, um maestro movia os braços para músicos que não estavam lá. Suas mãos haviam caído.

O sr. Alice bateu na porta, que não tinha maçaneta. Uma bela voz de trás da porta disse: “Entre”, e a porta se abriu. O sr. Alice empurrou Victoria para dentro.

“Com licença”, disse Victoria, se soltando. “Posso andar sozinha.”

A bela voz riu. “Claro que pode, Victoria. É bem capaz de muitas coisas, não é? Por favor, entre. Sente-se, por favor.”

Victoria entrou na sala. Quando seus olhos se acostumaram à fraca luz, ela percebeu que as paredes estavam nuas e eram de um vermelho profundo. Uma parede tinha uma janela gigante. Ali estava de pé a sra. Cavendish, com a mão nas cortinas. Parecia estar olhando algo, mas além da janela havia uma escuridão sólida. Victoria não podia ver nada.

“Bem? O que acha?”, disse a sra. Cavendish, sem se virar.

“Do quê?”, disse Victoria. Era uma linha tênue entre ser corajosa e ser audaciosa. Tinha a impressão de que não seria inteligente interromper a sra. Cavendish como costumava se safar interrompendo todos os outros.

“Do Lar, é claro. Do meu Lar.”

“Bem, é grande. E tem muitos cômodos interessantes.”

A sra. Cavendish riu. “E o que mais?”

Com seu senso de organização completamente ofendido, Victoria queria gritar: “O Lar não faz sentido!” e exigir uma explicação, plantas, mapas do encanamento.

Em vez disso, deu de ombros. “É muito elegante e agradável.”

“Talvez você queira conhecê-lo inteiramente qualquer dia desses?”, disse a sra. Cavendish, tocando as cortinas franjadas.

“Talvez.”

A sra. Cavendish suspirou e se virou. Mais uma vez, Victoria não pôde evitar olhar o belo rosto da sra. Cavendish e a calma silenciosa que ela mantinha. O cabelo castanho encaracolado, os olhos azuis firmes, as dobras do vestido caindo organizadamente ao redor do corpo da sra. Cavendish a faziam parecer com o tipo de pessoa que você gostaria de abraçar depois de um pesadelo.

“Então, Victoria”, disse a sra. Cavendish. “Por que veio me ver?”

Victoria fez uma pausa. Como dizer o que realmente queria? Não podia exigir diretamente que a sra. Cavendish trouxesse Jacqueline, Donovan e Lawrence de volta, ou quaisquer outras crianças perdidas. Antes de tudo, não sabia realmente se a sra. Cavendish estava com elas. Talvez o aviãozinho de papel tivesse sido uma piada de um órfão. Talvez Jacqueline estivesse realmente doente, talvez Lawrence fosse só um bom neto e talvez Donovan O’Flaherty finalmente tivesse recebido seu castigo pelos bolos que comia. Talvez tivesse sido transferido para a Escola Disciplinar na cidade, para onde iam os meninos maus.

Mas e aquele sentimento indefinido que estava incomodando Victoria a semana toda? E a maneira estranha como todo mundo agia? E o inseto pingando veneno e os gritos do professor Alban?

“Bem?”, disse a sra. Cavendish, sentando-se em sua bela cadeira, que tinha garras nos pés. “O gato comeu sua língua?”

Perto da porta, o sr. Alice riu. A boca da sra. Cavendish deu uma tremidinha. Victoria pensou

rapidamente, lembrando-se de fragmentos de notícias que vira no *Boletim de Belleville*. De certa forma, precisava investigar sem parecer que estava investigando.

Ela pensou em Lawrence gritando em algum lugar, sozinho, e engoliu em seco.

“Eu só... bem, eu queria ver o Lar com meus próprios olhos, só isso”, disse Victoria. Ela alisou o casaco e se sentou na cadeira oposta à da sra. Cavendish. As próximas palavras foram duras de dizer; ela ainda não estava acostumada a mentiras e fuxicos. “As pessoas dizem coisas ruins, sabe, mas nunca acreditei nelas.”

“Coisas ruins?”, perguntou a sra. Cavendish. Seu sorriso se congelou docemente. Ela virou a cabeça educadamente. “Que tipo de coisas ruins?”

“Ah, que é um lixo, que as crianças são maltratadas e que a senhora tira dinheiro delas e tudo isso”, disse Victoria, acenando com a mão. E riu a mesma risada alta e jovial que a mãe usava quando tinha companhia. Mas claro que Victoria nunca havia ouvido ninguém dizer nada sobre o Lar, bem ou mal, e lembrar-se disso a envergonhou. Como nunca havia *notado* isso antes?

Os olhos da sra. Cavendish se esbugalharam. “Maltratadas, você disse?”

“Ah, a senhora sabe como as pessoas são tolas às vezes. Mas eu queria ver por mim mesma.”

“E o que você vê, Victoria?”

“Vejo muitas coisas.” Victoria fez uma pausa. “Vi sua sala de pianos.”

O sorriso da sra. Cavendish vacilou um pouquinho. Seus dentes se mostraram. “Ah?”

“Foi interessante. Todos aqueles pianos abertos.”

O sr. Alice se remexeu; no silêncio, o som parecia ensurdecedor. A sra. Cavendish coçou o canto da boca com a unha.

Victoria esperou algumas respirações antes de falar novamente. “Meu amigo Lawrence. Lawrence Prewitt? Ele tocava piano.”

“Tocava?”, disse a sra. Cavendish, seus olhos afiados. “Você quer dizer que ele não toca mais?”

“Ele partiu, imagino.” Doía a Victoria dizer isso alto naquela silenciosa sala cor-de-sangue.

“Partiu?”

“Partiu por alguns dias”, disse Victoria, levantando-se para andar. Precisava dos lentos passos medidos para evitar sair correndo. “Os pais dele dizem que ele está com a avó, mas não acredito neles.”

“Por que não acredita neles?”, perguntou a sra. Cavendish.

“Tenho essa sensação.”

A sra. Cavendish riu. “Sensação? Achei que você estivesse além dessas coisas, Victoria.”

“A senhora diz isso como se me conhecesse”, disse Victoria bondosamente. “A gente só se conheceu outro dia.”

“Ah”, disse a sra. Cavendish, voltando para suas almofadas. “Eu a conheço muito bem, na verdade.”

Bang.

Victoria saltou.

O som parecia o da porta da biblioteca batendo pouco antes daquelas coisas escuras – aquelas *baratas* – levarem o professor Alban embora.

Bang.

Vinha da grande janela escura. Algo batia contra ela, tão forte que Victoria achou que o vidro poderia quebrar. Pequenos borrões brancos batiam no vidro.

A sra. Cavendish foi rápida. “Cuide disso”, sussurrou para o sr. Alice, que fechou as cortinas antes de sair por uma porta no canto. A sra. Cavendish agarrou o braço de Victoria e a puxou pela alta e estreita porta de fileiras entalhadas. Na saída, Victoria avistou uma fileira que não havia visto da primeira vez – uma longa mesa, cadeiras vazias e os pratos de um banquete empilhados até o alto.

“Sinto muito interromper sua visita tão curta, Victoria”, disse a sra. Cavendish, arrastando Victoria pela galeria. Acima delas, os balcões retorciam-se à luz de lampiões, enquanto as batidas atrás delas de repente cessaram. *O que ela vai fazer comigo?*, Victoria pensou, com uma pontada de medo. *Vai me trancar?* Ela olhou freneticamente para as sombras ao redor, procurando uma porta ou janela aberta. Talvez pudesse sair correndo.

“Pare de me puxar com força”, disse Victoria. Ela tentou soltar-se dos dedos da sra. Cavendish, mas não conseguiu, nem mesmo quando bateu neles com a mão livre. “Para onde está me levando? Me solte agora mesmo.”

“Sabe, sou uma mulher ocupada e não tenho muito tempo para visitas.”

“Que coisa era aquela batendo na janela?”

Na metade do corredor infinito, a sra. Cavendish se virou, de costas para a porta da frente, que Victoria não podia ver no escuro. Ela se perguntou se a sra. Cavendish iria jogá-la nas sombras, onde poderia se perder até morrer de fome – ou algo pior.

“Não sei do que está falando, Victoria”, disse a sra. Cavendish, seu sorriso se alargando no escuro.

“As janelas. Havia coisas batendo nelas.”

“Havia?” A sra. Cavendish empurrou Victoria para a frente. Ela atingiu a porta da frente, se virou e se encolheu de encontro à maçaneta.

“Gosto de você, Victoria”, disse a sra. Cavendish, observando cuidadosamente o rosto de Victoria. “Somos parecidas, eu e você.”

“Parecidas?”, perguntou Victoria. “Acho que não. Quero dizer, a senhora...”

“Sim? Eu?”

“A senhora...” Victoria engoliu o medo e todas as coisas horríveis que queria dizer. “A senhora é tão adulta e esperta, quero dizer.”

“Você precisa ir. Vá para casa e seja uma boa menina como você sabe que quer ser.”

Victoria decidiu ser forte. Essa poderia ser a única chance de perguntar, afinal. A sra. Cavendish não parecia querer vê-la lá nunca mais. Seus belos olhos azuis piscaram. Victoria abriu a boca. *Onde está Lawrence?*, ela quase disse.

Mas a sra. Cavendish a interrompeu antes que ela pudesse começar.

“Obrigada por visitar o Lar Cavendish para Meninos e Meninas”, disse a sra. Cavendish, como se lesse um roteiro. Seu sorriso era largo, sua voz animada. “O horário normal de visitas vai das quatro às seis nas tardes de semana, e sábado sim, sábado não, das dez ao meio-dia...”

A sra. Cavendish abriu a porta da frente, com uma mão no pescoço de Victoria, como se ela fosse um gato. Victoria queria chutá-la e mordê-la, mas se deixou ser conduzida para fora, enquanto a sra. Cavendish continuava seu discurso sobre excursões e atividades futuras. Quem sabe o que aconteceria se tentasse lutar?

Atrás de Victoria, a casa se abria e estalava. O chão se mexia. As paredes reluziam com asas negras.

“...e claro”, disse a sra. Cavendish, olhando de volta para o corredor, os ombros caídos, os belos olhos azuis passeando pelo teto e pelas paredes, “informe-nos de qualquer criança que possa se beneficiar da educação do Lar.” Ela empurrou Victoria na varanda e lambeu os lábios. “Estamos *sempre* buscando mais crianças para ajudar.”

Victoria caiu de joelhos. Quando se voltou, a porta estava fechada, e a sra. Cavendish se fora. Um ondular minúsculo passou pelo lado da frente da casa, como se os tijolos fossem pele e o ondular fosse sangue correndo por baixo. Abaixo dos pés de Victoria, a varanda estremeceu.

Victoria limpou os joelhos e endireitou o casaco. Seus joelhos tremeram, mas ela se recusou a se deixar cair. Havia começado a chover. Minúsculas gotas escorriam pelas largas árvores. Olhando de

volta para o Lar, ela levou um tempo examinando todos os cumes, calhas e janelas.

O edifício não era grande o suficiente para uma galeria e seis andares, uma sala de pianos e sacadas bem altas. Não era grande o suficiente para um corredor infinito. Enquanto caminhava para casa, Victoria tentou entender isso, mas não conseguiu. *Ela me deixou ir*, ela pensou. *Por que ela me deixou ir? E por que ela disse que eu era como ela?* Quanto mais ela andava, mais confusas ficavam suas lembranças do que havia acabado de acontecer, deixando uma sensação amarga em sua garganta e seu estômago, como carne que estragou.

O portão do Lar estava aberto. Depois que Victoria passou, ele se fechou silenciosamente atrás dela. Sua cabeça, pesada e cheia, nadava com sombras escuras, mas através delas Victoria ainda podia ver o rosto de Lawrence, se se esforçasse o suficiente. Ela podia ouvir seu canto feliz quando caminhavam juntos para a Academia e sentir o cheiro da terra no sapato dele. Apertando o punho, ela se concentrou nessas coisas, e sua cabeça começou a clarear.

Em casa, tudo estava escuro por causa da tempestade. Victoria pendurou a capa de chuva e hesitou com o eco de cada passo encharcado.

“Olá?”, ela disse. “Hum, pai?”

Uma coisa era entrar sorrateiramente no Lar. Outra bem diferente era encarar os pais depois de desaparecer deixando apenas um bilhete, após *mentir* quando nunca havia feito isso antes.

A única luz era uma lâmpada fraca e vacilante abaixo da porta do quarto dos pais. Victoria levantou a mão para bater, mas um barulhinho na cozinha a fez parar.

Beatrice acenou para Victoria através de uma fenda na porta. “Venha aqui”, ela balbuciou.

Victoria não demonstrou, mas por dentro seu coração estava a mil. A casa tinha um clima ruim; *como a casa dos Prewitt*, ela notou – muito escura e silenciosa. Ela seguiu Beatrice para dentro da cozinha.

Beatrice fechou a porta e se virou em direção a Victoria com uma faca reluzente na mão.



A boca de Victoria ficou seca. Arrepios de terror subiram por seus braços, formando um nó em sua garganta.

“Beatrice...”, ela disse, afastando-se lentamente.

“Estava esperando por você”, cochichou Beatrice, caminhando para a frente.

“O que...”, Victoria tentou dizer. “O que está fazendo?” Mas suas palavras não saíam. O medo a havia tomado e não a deixava.

Vou morrer, seu cérebro recitou calmamente. *Vou ser esfaqueada até a morte. Que chateação. Tenho tanto ainda a fazer.*

Beatrice franziu a testa. “Por que você está tão...? Ah.” Ela notou a faca e a colocou no balcão da cozinha. “Desculpe, Victoria. Assustei você? É só que, do jeito que as coisas estão, preciso tomar cuidado. Não vou deixar ninguém me levar.”

Victoria se encostou no fogão. O terror dentro dela se *esvaiu* como um suspiro. Ela lançou um olhar penetrante para Beatrice.

“Da próxima vez, abaixe primeiro a faca”, ela reclamou.

Beatrice colocou um dedo nos lábios. “Quieta”, cochichou. “Quieta.”

“O quê? Por quê?”, disse Victoria, cruzando os braços. Então notou quão estranhamente Beatrice estava vestida. Não estava usando o uniforme que a sra. Wright a fizera usar – o belo vestido de trabalho e avental, o chapeuzinho, os sapatos reluzentes. Em vez disso, Beatrice usava uma longa capa de chuva e um lenço sobre a cabeça branca. A pele sob seus olhos estava escura. Aos seus pés havia uma mala.

Victoria estreitou os olhos. “O que está fazendo?”

“Ah, fiquei acordada a noite toda preocupada, imaginando, esperando, vigiando...” Beatrice murmurou, as mãos apertando furiosamente a cintura.

“Vigiando o quê?”

“Não quero ver acontecer de novo, não *de novo*. Muitas vezes, vezes demais.” Ela franziu e esfregou a testa. “Mas é difícil de lembrar.”

Victoria agarrou seu braço. “O *que* aconteceu?”

Lá fora, trovejava. Beatrice baixou o olhar em direção à suíte principal. A luz ao redor da porta congelou, como se alguém tivesse se mexido e então parado.

“Quieta”, disse Beatrice, pegando os ombros de Victoria e abaixando-se como ela ao lado da bancada da cozinha. “Não os deixe escutar.”

Victoria estreitou os olhos para inspecionar o rosto de Beatrice. “O que você quer dizer? Não está falando do papai e da mamãe, não é? Isso tem a ver com o bilhete que você deixou? ‘Tome cuidado’?”

Beatrice assentiu, mas, quando levantou os olhos novamente, Victoria viu aquele estranho olhar turvo que havia visto antes. Se Beatrice estava cansada ou se era outra coisa, Victoria não soube dizer.

“E com as baratas?”, ela disse. “E com o professor Alban?”

Beatrice olhou para ela sem expressão. Assentiu e esfregou os olhos.

“E com o Lar? E as crianças desaparecidas?”

O rosto de Beatrice se enrugou. “Sim, as crianças.”

Victoria pensou como tinha se sentido feliz e aquecida na cozinha da sra. Cavendish, como havia sido difícil lembrar por que estava lá, como fora difícil falar. Ela havia ficado parada e deixara a sra. Cavendish acariciar seu cabelo.

O olhar de Beatrice passava aquela sensação que Victoria sentira – vaga, pacífica, quieta.

“É a senhora Cavendish, não é?”, Victoria cochichou, e sua pele se arrepiou quando ela disse as palavras em voz alta. “Eu sei. Não estou imaginando coisas.”

Beatrice assentiu tristemente. Então colocou as mãos nas têmporas. Lágrimas brilharam em seus olhos.

“Eu sei porque fui lá hoje e...”

“O quê?”, disse Beatrice. “Ah, não. Você não fez isso.”

“Fiz. Primeiro fui à biblioteca para investigar os jornais. Encontrei o professor Alban por lá e...” Victoria fez uma pausa. “Bem, não sei o que aconteceu. Acho que ele pode ter desaparecido também. Eu me fartei dessas esquisitices acontecendo por todo lado e então fui ao Lar para dar uma olhada, mas o senhor Alice me pegou, me levou para dentro e...”

“Como você saiu?”, Beatrice cochichou. “Ninguém nunca sai, a não ser que *ela* queira.”

“Ela me deixou sair. Ela disse que gosta de mim.”

Beatrice colocou uma mão no coração. “Talvez então ainda haja tempo.” Ela agarrou os ombros de Victoria com força. “Escute. Está escutando?”

Victoria baixou os olhos para esconder o fato de que Beatrice estava mesmo assustando-a. “Sim, estou escutando. Pare de me apertar.”

“Você pode ficar bem, se ela a deixou sair, se ela *gosta* de você, ou talvez esteja pior do que qualquer um. Não sei”, disse Beatrice freneticamente. Continuava espiando ao redor da bancada em direção à porta fechada. “Mas se sabe o que é bom para você – e sei que você sabe, Victoria – faça o que lhe dizem. Vá para a escola, coma direitinho, faça o dever de casa, não perca as aulas. Não faça perguntas. Entendeu?”

“Como você *sabe* de tudo isso?”, Victoria questionou. “O que está havendo? E para onde você está indo?”

“Estou indo embora. Não posso mais ficar aqui. Estou tão assustada, mas... não. Não vou deixá-la me levar.” Seus olhos se encheram de lágrimas. “Não sei se *posso* partir, mas vou tentar.”

Victoria se abaixou ainda mais, olhos bem abertos. “*Levar* você? Então é verdade. Ela leva as pessoas? E você viu isso acontecer antes? Quantas vezes já aconteceu? Tinha amigos que foram levados? Eles conseguem voltar?”

“O senhor Tibbalt”, disse Beatrice, ainda mais baixinho. Victoria teve de olhar bem para os lábios dela para decifrar. “Pergunte a ele. Ele sabe. Ele vai... lembrar.”

“Lembrar do quê?”

“Não posso. Não posso. É demais.” Beatrice apertou o lenço na cabeça. “Só fique em segurança, Victoria. Não fique espiando por aí. Comporte-se. Finja que não me viu. Sinto muito. Vou... vou sentir saudades.” Ela beijou a cabeça de Victoria e partiu.

Victoria ficou parada na porta da frente, observando-a partir. O cachorro do sr. Tibbalt latiu pela rua, saltando atrás dela.

Então algo *estava* acontecendo. Não era um sonho, não era imaginação, ou talvez Beatrice estivesse louca, ou talvez estivessem todos loucos. Victoria sentou-se à mesa da cozinha, sozinha e pensando, até que o enorme relógio do avô no saguão bateu sete vezes e seus pais vieram jantar.

“Bem, onde está o jantar?”, perguntou a sra. Wright, os cabelos cor de cobre reluzindo, nenhuma ruguinha em suas roupas da moda. “Para onde foi minha querida Beatrice?”

Victoria viu a mãe circular pela cozinha, espiando por trás de panelas e armários, como se estivesse procurando algo. Passou os dedos suavemente pelos cabos das facas de carne.

O sr. Wright ficou cantarolando na porta da cozinha, ajeitando a gravata. Um olhar feroz de lobo surgiu em seu rosto. Victoria se convenceu de que era só efeito da luz.

Melhor pegar leve, ela pensou, lembrando-se das palavras da sra. Cavendish: “Seja uma boa menina como você sabe que quer ser”.

“Mãe, pai”, disse Victoria, indo para cada um deles e beijando-os no rosto. A pele deles parecia dura e fria. “Sinto tanto por tudo hoje, sinto mesmo. Pesquisei todo tipo de coisas para minha aula de História Mundial. Estamos estudando os aborígenes da Austrália.”

“História Mundial?”, perguntou o sr. Wright. “Quem ensina isso?”

“Ah. O professor Alban.” Os pais se viraram para encará-la, seus rostos vorazes à luz fraca. Victoria tentou não recuar, torceu o nariz e fungou em desdém. “Não gosto muito dele”, ela mentiu. “Ele é... *abelhudo*.”

Seus pais relaxaram. A sra. Wright sorriu alegremente. “Sim. Abelhudo. É isso. Isso, exatamente.”

“Ele me incomoda. Sempre fazendo perguntas. Tenho vontade de lhe dizer para cuidar da vida dele e me deixar fazer o que quero, porque sou melhor se me deixam em paz, certo?”

O sr. e a sra. Wright assentiram.

“Abelhudo”, disse o sr. Wright.

“Cuide da vida dele”, disse a sra. Wright.

“Bem, então, enfim. Só tirei A neste bimestre”, disse Victoria, forçando um sorriso. “Podem assinar meu boletim?”

Os pais relaxaram ainda mais.

O sr. Wright sorriu largamente. “Claro.”

A sra. Wright apertou a fita no cabelo de Victoria. “Que aluna aplicada.”

E foi isso. Ninguém mencionou a ausência de Beatrice ou perguntou se ela voltaria logo. Victoria não ousaria, e os pais pareciam ter esquecido que Beatrice existira. Comeram os restos do assado no jantar. Victoria comeu o mais rápido possível antes de se trancar em seu quarto; a visão dos pais sorrindo animadamente para ela e mastigando a carne com a boca semiaberta a deixou com muito pouco apetite.

Pelo resto do fim de semana, Victoria foi uma filha exemplar, estudando e fazendo seu dever de casa, praticando seus verbos em *-ir* e *-re*. Na segunda, foi para a escola com o boletim assinado em mãos. Na mesa redonda, ela o entregou. Jill Hennessey olhou para o boletim de Victoria por baixo dos cabelos ruivos, vendo a nova nota com olhos aterrorizados.

Victoria sorriu e acenou para Jill, mas, por dentro, nem pensava no boletim. Em vez disso, pensamentos do quarto fechado dos pais enchiam sua mente. Eles não haviam saído para o café da manhã ou para dizer bom-dia. Victoria havia acordado numa casa escura e silenciosa.

Na aula de História Mundial, o professor Alban não apareceu. Victoria esperava que seu rosto não demonstrasse nada quando ela viu a cadeira vazia. Mas por dentro ela sentiu como se alguém chutasse seu estômago.

“Ahã”, disse o dr. Hardwick, o magro diretor de cabelos brancos parado na frente da classe. “Senhorita Wright, não é?”

“Sim”, disse Victoria.

“Por favor, sente-se.”

Pela primeira vez em sua vida, Victoria desobedeceu um funcionário da Academia. Ela não se sentou. “Mas onde está o professor Alban?”

O dr. Hardwick deslizou os dedos pela mesa do professor Alban de um lado para outro, contornando os cantos. “O professor Alban foi dispensado.”

Jill riu. “Graças a Deus. Definitivamente o pior professor que tivemos.”

“O pior”, ecoaram os outros, rindo.

“Dispensado?”, disse Victoria. “Era o melhor professor desta escola. Pelo menos não é preguiçoso, nos faz trabalhar, se *importa* com seus alunos e até... até...”

Ela parou. Estava prestes a contar a história toda da biblioteca e as coisas terríveis que aconteceram lá. Os olhos do dr. Hardwick brilharam. Seus dentes brancos como diamantes reluziram.

“Sim? Ele até... o quê?”, ele disse.

“Nada”, disse Victoria, sentando-se. Suas bochechas se tingiram de um vermelho vivo, mas não era por causa de Jill e de todos estarem rindo, achando que Victoria Wright havia ficado louca.

As bochechas de Victoria queimaram porque finalmente ela se fartara.

Dessa vez não deixaria o medo detê-la. Não enfrentaria o problema armada com nada além de um estúpido inseticida.

Faria o que ela fazia de melhor: *o dever de casa*.

Depois da escola, não foi para casa. Também não foi para o Lar. Caminhou para o número 6 da Silldie Place, passando pelo quintal cheio de lixo e entulho, e bateu na porta do sr. Tibbalt. O cachorrinho vermelho saltou nos calcanhares dela, quase sem poder se controlar, mas Victoria nem notou. Seus pensamentos estavam em Lawrence, trancado em algum lugar, num quarto cheio de bichos com o professor Alban, perguntando-se onde Victoria estava e se alguém o encontraria. Ela respirou fundo para evitar derrubar a porta. Não havia tempo a perder.

Quando o sr. Tibbalt abriu a porta, Victoria levantou o queixo.

“Olá, senhor Tibbalt”, ela disse. “Me diga tudo o que o senhor sabe sobre a senhora Cavendish.”



Inicialmente, o sr. Tibbalt apenas a encarou, com a mão tremendo onde segurava a parede. Victoria se perguntou se ele bateria a porta na cara dela.

Então ele disse, com uma voz muito rouca: “Sobre... sobre quem, você diz?”.

“Você me ouviu.” Victoria não queria dizer em voz alta novamente. O vento havia cessado. As coisas estavam silenciosas demais.

“Rápido”, disse o sr. Tibbalt, acenando para que ela entrasse. Quando a porta se fechou, ele espiou pelas persianas por um longo tempo. Aos pés de Victoria, o cachorrinho vermelho se sentou, ofegante, sorrindo para ela. Conseguir permissão do sr. Tibbalt para entrar parecia significar que a opinião dele sobre ela tinha mudado.

“O que está fazendo?”, disse Victoria.

O sr. Tibbalt tirou o chapéu e se afastou para um canto. Nuvens de fumaça flutuaram ao redor dele.

“Por que quer saber dela?”, disse o sr. Tibbalt. Apoiado contra a parede, com a voz pesada e lenta, ele parecia uma pessoa completamente diferente do vizinho que Victoria sempre conhecera, temera e desprezara.

“Estou curiosa sobre ela”, disse Victoria cuidadosamente. “Estou escrevendo um artigo para o jornal da Academia. Sobre negócios locais.”

O sr. Tibbalt caçoou. “Claro que está.”

“Não acredita em mim?”

“Não, mas sei por que está mentindo. Eu também já menti. Nunca parei de mentir.”

“Do que está falando?”, disse Victoria.

“Venha, vamos sentar e conversar”, disse o sr. Tibbalt. Conduziu Victoria pelo corredor principal. Mais lixo se enfileirava pelas paredes, que traziam retratos tão pretos pelo abandono que Victoria só podia captar vislumbres de coisas, assim como na velha fotografia da sra. Cavendish na biblioteca – uma flor, uma cabana, uma estrada, cabelo escuro, tudo desbotado pelo tempo.

O sr. Tibbalt mantinha um velho piano de armário enfiado no canto da sala.

Lawrence, Victoria pensou, com aquela pontada cutucando sua garganta novamente. Ela correu ao piano e pressionou uma das teclas. Estava tão desafinada que a nota doeu em seus ouvidos. O cachorro do sr. Tibbalt uivou.

“Silêncio, Gallagher”, disse o sr. Tibbalt.

“Gallagher?”, disse Victoria, levantando uma sobrancelha.

“Algum problema?”

“Não.” Victoria se sentou na borda do banquinho do piano, evitando as áreas escuras questionáveis da almofada. “É um nome bem apropriado, só isso.”

O sr. Tibbalt colocou uma tigela de comida diante de Gallagher. “Um nome apropriado para um cavalheiro.”

Gallagher começou a comer, seu rabo balançando. Victoria observou o sr. Tibbalt se alojar no sofá, que trazia uma marca de onde ele deveria se sentar todos os dias, todas as noites. Era o único ponto limpo na sala. Ela se sentiu desconfortável quando notou que algumas vezes ele cambaleava, e que o ato de sentar-se marcava seu rosto esquelético de dor.

“Bem”, disse o sr. Tibbalt. “Tem cutucado onde não devia, não é?”

Victoria manteve a voz controlada. “Só estou escrevendo meu artigo.”

O sr. Tibbalt se inclinou. Não sobrava muito cabelo nele, e o que sobrava estava arrepiado em tufo sem graça.

“Eu não deveria”, ele disse. Então mais baixo: “Não deveria”.

“Por que não?”

“Você vai ficar presa, assim como ela, como todo mundo.”

“Presa?” Victoria tirou seu caderno e começou a escrever. Ajudava a fazer o papel de repórter. “Assim como quem?”

O sr. Tibbalt acenou para ela. “Ah, deixe dessa porcaria.”

“Engraçado o senhor dizer isso”, disse Victoria, torcendo o nariz quando captou um leve cheiro podre de algo detrás do piano.

“Você não me engana. Sei sobre o garoto. O garotinho musical.”

Victoria se forçou a continuar respirando e escrevendo. “Que garoto?”

“Lawrence”, disse o sr. Tibbalt, revirando os olhos. “Deixe de fingimento e converse comigo, ou vá embora. Não tenho tempo para bobagens.”

Victoria fechou o caderno. “Ótimo.”

“Bem? Está procurando por ele, não está?”, disse o sr. Tibbalt.

“Estou. E acho que outras crianças também. Crianças da escola.”

“Que crianças?”

Victoria se endireitou sentada. “Por que se importa com eles?”

“Quer que eu ajude ou não?”, perguntou o sr. Tibbalt.

Aos pés dele, Gallagher parou de comer para rosnar para Victoria, seus bigodinhos tremendo.

“Não sei se posso confiar no senhor”, disse Victoria.

“Bem, não, não sabe”, disse o sr. Tibbalt. “Mas pode.”

Victoria lançou ao sr. Tibbalt um olhar demoníaco, e o sr. Tibbalt lançou um de volta. Naquele momento então Victoria decidiu confiar nele. Qualquer um que podia lançar um olhar daquela qualidade tinha de estar certo.

“Jacqueline Hennessey”, disse Victoria. “E Donovan O’Flaherty. Ninguém sabe sobre Donovan, e Jill diz que Jacqueline está doente, mas...”

“Mas você não acredita neles.”

“Isso mesmo.”

O sr. Tibbalt coçou seu queixo não barbeado. “Quem é Jill?”

“Irmã de Jacqueline. São gêmeas.”

“Sim, família.” Ele assentiu. “Não é terrível quando sua própria família se envolve numa coisa assim? Você acha que está segura em casa, mas muitas vezes não está.”

“Do que está *falando?*”, perguntou Victoria.

“Sinto muito dizer isso, mas eles se foram, todos eles. Se tiver sorte, eles vão voltar.” O sr. Tibbalt esfregou o rosto com um lenço puído que tirou de sua jaqueta. “Mas às vezes você não tem sorte.”

Gallagher deixou seu jantar para subir no sofá e colocar a cabeça no colo do sr. Tibbalt.

“Para onde eles foram?”, Victoria questionou, mas o sr. Tibbalt apenas se sentou, olhando para os cantos escuros e bagunçados da sala.

Trovões quebraram o silêncio. Os raios fizeram a casa parecer ainda pior, e o sr. Tibbalt até parecia mais velho e mais cansado. Gallagher levantou a cabeça para uivar.

Victoria não tinha tempo para pessoas dramáticas. Após abrir espaço pela sujeira, ela torceu o nariz e cutucou o ombro do sr. Tibbalt.

“Para onde eles foram?”, ela repetiu. “Me diga ou eu *vou* embora.”

O sr. Tibbalt piscou com tristeza. “Ela os levou.”

“A senhora Cavendish?”

“Sim.”

“Tem certeza?”

“Sim”, disse o sr. Tibbalt. “Estão com ela. Estão no Lar.”

“Eu sabia”, sussurrou Victoria.

“Por que está sorrindo?”

“Por que eu supus certo.” Victoria começou a andar de um lado para o outro. “Bem, vou apenas contar aos meus pais, e eles vão chamar a polícia e vão tirá-los de lá. Quero dizer, não se pode simplesmente roubar crianças e levá-las para o orfanato. Tenho certeza de que é contra a lei. Meu pai...”

“Você não entende”, disse o sr. Tibbalt. Ele colocou o boné de volta e ficou de pé. “Por aqui.”

Victoria pegou um atizador da lareira e o seguiu, com Gallagher seguindo nos seus calcanhares.

“Para que isso?”, grunhiu o sr. Tibbalt, empurrando uma porta bloqueada com pilhas de papéis e livros.

“Caso você tente me machucar”, disse Victoria. “Eu faço exercícios, sabe? Então tome cuidado.”

O sr. Tibbalt assentiu. “Isso pode ser útil, se você está levando isso a sério.”

“Isso o quê?”

“Tirá-los de lá”, disse o sr. Tibbalt. “Pais, polícia, repórteres não a ajudarão. Você ficará sozinha. E provavelmente não vai funcionar. Você vai ficar presa também. Ela vai pegá-la. E, se você sair, não vai se lembrar do suficiente para contar a ninguém, e, mesmo se acabar se lembrando, não vai querer dizer nada. Vai ter medo demais. Como eu. E, se não sair, não vai sair nunca, nunca, nunca mais.”

O sr. Tibbalt murmurou isso enquanto tentava abrir a porta. Victoria o encarava. Suas palavras pareciam loucura, mas ele era a primeira pessoa a levá-la a sério e realmente conversar com ela. Ela relaxou o aperto no atizador.

“Sempre acontece, ano após ano, década após década”, continuou o sr. Tibbalt, abrindo espaço entre velhas almofadas de sofá e um mancebo para chapéus. O quarto tinha muitas janelas e um grande lustre. Prateleiras de bugigangas cobriam a maioria das paredes. “Ela está aqui há muito tempo, e Belleville sempre foi ávida por perfeição. As pessoas não se importam desde que tudo pareça como deveria ser, desde que elas possam se mostrar e se sentir bem consigo mesmas.” O sr. Tibbalt fez uma pausa e

levantou uma grisalha sobranceira peluda. “Você entende isso, Victoria?”

Victoria levantou o queixo e disse. “Sim, entendo”, recusando-se a desviar o olhar.

“Porém às vezes”, continuou o sr. Tibbalt, “ela fica ambiciosa demais. Pega vários grupos de crianças de uma só vez. É quando as pessoas começam a notar. Não se pode deixar de notar. É quando as coisas ficam feias.” Ele suspirou, esfregando a sobranceira. “Como quando eu era criança.”

“Mas de onde veio isso?”, disse Victoria. “Ela apareceu um dia e começou a roubar crianças?”

“Até onde eu sei.”

Victoria quase bateu o pé. “Mas para o quê ela os *quer*?”

“Você não está ouvindo?”, disse o sr. Tibbalt, a boca ficando torcida como uma fruta seca. “Ela quer *corrigi-los*. Um lugar como Belleville não gosta de crianças estranhas, feias, ou crianças que não fazem o que é *normal*. É quando ela entra.”

“Mas...”, Victoria fez uma pausa. Se ela não fosse cuidadosa, a boca do sr. Tibbalt poderia se revirar até desaparecer para sempre. “Por que deixam que ela faça isso?”

A boca do sr. Tibbalt tremeu num franzido. “Às vezes você consegue o que você pede, e às vezes... consegue mais. Muito mais.”

A mente de Victoria se revoltou contra essa bobagem, e ainda assim... o nó em seu estômago não ia embora. “Mas como ela torna sua casa tão maior por dentro do que por fora?”

O sr. Tibbalt congelou. “Por dentro? Como você sabe de dentro?”

“Estive lá”, disse Victoria. “Fui lá, só para ver o que dava para ver. Havia algo batendo na janela da saleta. E ela me deixou sair, mas não sei por quê. Achei que ela poderia me trancar, mas não trancou. Ela disse que gostava de mim. Disse que eu era como ela.”

“Ah. Ela *deve* gostar de você, sim.”

Victoria se eriçou. “O que isso significa?”

“Você gosta que as coisas sejam certinhas, não importa o custo”, disse o sr. Tibbalt, tirando uma grande foto de baixo de alguns jornais embolorados. “Assim como ela. Assim como todos por aqui. E *como* ela faz o que ela faz, prefiro não saber.” O sr. Tibbalt levantou o olhar para ela. “Há truques mágicos, como acertar uma carta e tirar coelhos brancos da cartola, e então há outros truques. Truques feios. Acho que é isso que a senhora Cavendish faz. Mas certamente não quero descobrir.”

Bem lá no fundo, num lugar que ela nunca havia sentido antes, Victoria estremeceu. Ela rapidamente mudou de assunto. “Beatrice disse que posso ficar bem, já que a senhora Cavendish gosta de mim.”

“Ou talvez você esteja pior do que qualquer um.”

“Sim, foi o que Beatrice disse.”

“Pobre Beatrice”, disse o sr. Tibbalt. “Ela já viu acontecer antes, várias vezes, assim como eu. Mas é difícil para ela ver as coisas. Não é forte o suficiente. Ela nunca contou, assim como eu nunca contei. Isso nos mantém a salvo, sabe? Tínhamos tanto medo. *Temos* tanto medo. É inevitável, quando a gente é criança e vê seus amigos sendo levados e nem se lembra se eles eram seus amigos – até eles voltarem. Diferentes. Mudados. Ou talvez eles não voltem nunca, e você não se lembra de que eles estiveram lá, e tem sonhos loucos, perguntando-se quantas pessoas você conheceu e esqueceu.” A voz dele estava amarga. “Mas ficar em silêncio nos mantém seguros. *Seguros*.”

“Beatrice partiu”, disse Victoria.

“Ela quase partiu várias vezes, no decorrer dos anos. Mas é difícil deixar um lugar quando você está preso a ele por medo. Mesmo assim, mesmo assim... há um limite para o que uma pessoa pode aguentar.” Ele suspirou. “Eu não fui sempre como sou agora, sabe?”

Os olhos de Victoria se encheram de lágrimas quando ela olhou para o chão. “Meus pais estão agindo de uma maneira estranha.”

O sr. Tibbalt fez uma pausa.

“Não estão agindo como costumam”, disse Victoria. As lágrimas cresceram, mas ela não as deixou cair. Tudo parecia estar dentro de uma bolha. Elas a surpreenderam, as lágrimas. Até esse ponto, ela havia estado tão ocupada tentando cuidar das coisas que não havia tido tempo para se preocupar com seus pais. Agora a preocupação a atingia bem na barriga. “Eles vão ficar bem?”

“Difícil dizer”, disse o sr. Tibbalt. “Venha cá, olhe para isso.”

Eles se sentaram em banquinhos bambos e o sr. Tibbalt abriu o álbum de fotos sobre os joelhos. Fotografias, recortes de jornal e desenhos preenchem as páginas. O sr. Tibbalt as virou lentamente. Seus dedos, roxos e roídos pelo frio, alisaram o amassado e tiraram a poeira.

“Aqui é quando eu era menino. Eu vivia aqui com meus pais.” O sr. Tibbalt apontou para duas pessoas acenando com um garoto no meio. “Eu tinha 16 anos quando aconteceu.”

“Quando aconteceu o quê?”, perguntou Victoria.

“Quando Vivian desapareceu.”

O sr. Tibbalt virou outra página e apontou para a foto de uma jovem. Tinha cachos pretos rebeldes e um sorriso torto. Usava macacão enrolado até o joelho e um chapéu largo, e trazia um cesto cheio até a borda de amoras. Ao redor de seu pescoço havia um medalhão em forma de coração de aparência barata.

Ele apontou. “Ela guardava minha foto aqui, sabe?”

“Quem é ela?”, perguntou Victoria.

“Vivian Goodfellow”, disse o sr. Tibbalt. Ele murchou um pouco em seu banco enquanto olhava a fotografia. “Tinha uma voz tão bonita. Vivia no número 8.”

“Os Baker moram lá agora.”

O sr. Tibbalt continuou a falar suavemente dela. “Vivian sempre dizia coisas que não devia, ia aonde não devia, metia o nariz onde não devia. Quando Teddy Tibbalt desapareceu, ela foi a única que notou, a única que se importou em procurar por ele.”

Surpresa, Victoria quase pisou na pata do Gallagher. “Teddy Tibbalt? É você?”

“Não. Era meu irmão.” O sr. Tibbalt voltou à fotografia do pessoal acenando. Apontou para o menino no meio, então para outro menino que Victoria não havia visto da primeira vez – um menino menor agachado ao fundo. “Viu? Lá está ele. Ele nunca gostou de fotos. Só gostava de queimar coisas, construir coisas no quintal e quebrá-las.”

“Para que construiria coisas só para quebrá-las?”, perguntou Victoria, torcendo o nariz.

“O Teddy era assim. Não era um mau menino. Era só um menino estranho e bravo.” O sr. Tibbalt inspirou e soltou o ar, sua garganta áspera. “Até ele desaparecer. E, quando voltou, não era mais o Teddy. Era outra pessoa, como se alguém tivesse quebrado o velho Teddy e construído um novo.”

“E seus pais não fizeram nada quando ele se foi de repente?”, Victoria fungou. “Acho difícil de acreditar.”

“Acha?”, disse o sr. Tibbalt, franzindo a testa.

Victoria pensou em seus colegas desaparecidos. Seus ombros de repente se sentiram pesados quando ela considerou a ideia de que ela e o velho sr. Tibbalt, que estava muito assustado e muito velho para fazer qualquer coisa, podiam ser os únicos que notaram a falta deles. “Bem... não. Acho que não. Afinal, ninguém parece se importar com..”, ela respirou fundo, “...com o fato de Lawrence ter desaparecido. Acredito em você.”

“Pois é. Nem posso explicar como aconteceu, Victoria. Num dia ele estava lá e no seguinte não estava, mas não me importei. Nem nossos pais. Havia uma neblina fria sobre nós. Os dias estavam vazios, mas pacíficos. Eu ia à escola, fazia meu dever de casa, ia para cama, tudo normal.”

Algo quebrou lá fora. Victoria correu para a janela, mas era impossível ver qualquer coisa, com a

tempestade forte e o vento soprando o lixo do sr. Tibbalt.

O sr. Tibbalt esfregou a testa suada novamente. “Vivian tentou descobrir. Foi a única a manter a cabeça no lugar. Sempre a achei ótima. Era uma beleza, sabe? Por dentro e por fora. Tentava nos dizer que algo estava errado, vinha todo dia vasculhar a casa, tudo isso. Meus pais a mandavam embora toda vez. Ela ficou tão brava comigo uma tarde...”

À janela, Victoria esperou o sr. Tibbalt continuar. Quando ele não continuou e cobriu o rosto com as mãos, ela começou a se sentir extremamente desconfortável. Odiava consolar as pessoas.

“Tudo bem, tudo bem”, ela disse, rangendo os dentes e batendo no ombro dele. “Continue.”

“Ela disse que achava que eu era diferente, que eu podia ver o valor das pessoas. Mas então disse: ‘Você é igual a todo mundo, Bernie’. E chorou. Estava tão brava! Ela partiu. Foi para o Lar – eu a vi atravessando o portão.”

O sr. Tibbalt levantou um dedo e apontou através da parede da casa em direção ao número 9 da Silldie Place.

“Teddy voltou um dia”, ele cochichou. “Eu lembro que mal o reconheci, mas não disse nada. A vida seguiu. Mas Vivian nunca mais voltou.”

“Mas como você descobriu que era a senhora Cavendish?”, perguntou Victoria. Falar parecia muito mal-educado diante das lágrimas do velho sr. Tibbalt se juntando em seus olhos, mas ela tinha de se manter focada. *Assim como na escola, Victoria, ela se lembrou. Assim como na escola, com todos aqueles idiotas tentando distraí-la.*

“Eu nunca esqueci Vivian”, disse o sr. Tibbalt, mas não estava mais falando com Victoria. Falava consigo mesmo, ou talvez com as fotos em seu colo. “Como poderia? Mas todo mundo conseguiu. E continuou acontecendo, ano após ano, e ninguém notava. Eu poderia ter sido um deles, penso eu – feliz em deixar as crianças irem e virem, feliz em ignorar o fato de que estavam voltando diferentes ou não voltando –, mas Vivian estava sempre no fundo da minha mente, não me deixando esquecer.

E um dia fui ao Lar, apenas para ver. Fui lá dentro. Pensei que iria encontrar uma casa de horrores. Mas tudo o que encontrei foi um orfanato, uma bela dama, crianças felizes brincando. Vi o que ela queria que eu visse.”

“Mas não foi normal assim, foi terrível, é muito maior do que parece, e há algo realmente bizarro nisso”, disse Victoria.

“Sim”, o sr. Tibbalt disse, esfregando os olhos. “A senhora Cavendish me provoca pesadelos com isso, penso eu. Ela sabia que eu não iria esquecer minhas perguntas – não iria esquecer Vivian –, a não ser que eu achasse que estava louco. E eu achei, e acho. E aqui estou eu, preso para sempre. Sei o que realmente aconteceu, e ainda assim... ainda assim é tão difícil pensar nisso. É como se algo se enrolasse aqui, dando nós em minhas lembranças.” O sr. Tibbalt bateu nas têmporas e acenou com o braço para a casa suja. “E não vou ser capaz de limpar tudo isso... nunca.”

“Bem”, disse Victoria após vários minutos, durante os quais questionou seriamente a sanidade do que estava prestes a fazer. “A senhora Cavendish não sabe de *tudo*.”

“Não sabe?”, perguntou o sr. Tibbalt, tocando o retrato de Vivian com um dedo trêmulo.

“Não. Por exemplo, ela não sabe que não estou com medo dela, que ainda estou pensando bem claramente, obrigada, e que não vou deixá-la fazer isso com as pessoas.” Victoria se encaminhou em direção à porta da frente. “É completamente ilegal.”

A mão do sr. Tibbalt impediu que ela tocasse a maçaneta da porta.

“Você não entende, Victoria”, ele disse. “Ninguém vai ajudá-la.”

“Mas meu pai é um advogado muito importante...”

“Isso não importa. Ele não vai ajudá-la. Nenhum deles vai.” As pestanas do sr. Tibbalt baixaram um

pouco, como se ele estivesse cansado demais para mantê-las abertas por mais tempo. “Ela vai atrás dos pais, aqueles mais próximos a você. Ela *faz* coisas com eles, os envolve, faz com que esqueçam e ignorem o que está acontecendo. Eles não podem evitar. E ninguém vai querer se meter para ajudar. Vão ficar com muito medo para se envolver. Vão ter medo demais do que possa acontecer com eles. Assim como eu.”

“O professor Alban estava ajudando”, Victoria disse, seus ombros se endireitando com o orgulho da Academia. “Ele estava na biblioteca comigo. Ele sabia que havia algo de errado. E *não* estava com medo.”

“Ah, sim? E onde está o professor Alban agora?”

Victoria fez uma pausa. “Ele... ele se foi.”

Os olhos do sr. Tibbalt se estreitaram. Ele assentiu num trunfo noturno. “Aí está.”

“Mas por que ela não me levou? E, sério, por que ela não levou *você*? Por que só *algumas* pessoas e não outras?”

“Ela pega o que lhe convém, e que utilidade eu teria?” O sr. Tibbalt riu. “Sou velho, assustado, nem saio do meu portão. Ela me esvaziou, esta *cidade* me esvaziou. Sou uma casca. Não sou perigoso. Porém você...” O sr. Tibbalt esfregou o rosto não barbeado. “Ela disse que você é como ela. Disse que gostava de você, o que duvido muito. Ela não gosta de muita gente, acho que não. Mas ela *disse* isso e pode ser algo, não é? Isso pode ser algo, de fato.”

“Algo... tipo o quê?” Victoria fechou a cara. “Não sou como ela. Não roubo pessoas.”

O sr. Tibbalt a observou sem dizer nada.

O silêncio fez Victoria se eriçar. “Bem, *não roubo*.”

“Deixe-me perguntar algo, Victoria.” O sr. Tibbalt se inclinou para a frente. “O que mais a assusta?”

“O fracasso”, disse Victoria. Nem precisou pensar. “Sou a melhor. Sou *sempre* a melhor. Tenho de ser.”

“E o que poderia evitar que você fosse a melhor?”

Victoria fez uma pausa. “Jill. Jill Hennessey, na Academia.”

“Por quê?”

“Porque ela também tira boas notas. Ela é inteligente, estuda bastante e...” Um arrepio correu pelos braços de Victoria. “Ela é igual a mim. Outras pessoas não são espertas o suficiente, não estudam duro o suficiente, posso vencê-las com muita facilidade, mas não Jill. Ela é... como eu. Mas não gosto de Jill. Eu finjo que gosto, mas não gosto. Quero que ela vá mal na escola, quero que ela caia e quebre aquela cara estúpida, quero que ela... fique fora do meu caminho...”

“Você pode dizer que essa Jill é perigosa então”, disse o sr. Tibbalt. “Ela pode impedir que você conquiste seus objetivos.”

Poderia eu ser perigosa para a senhora Cavendish?, pensou Victoria. “A senhora Cavendish disse que gostava de mim”, ela disse lentamente. “Mas talvez seja o contrário. Talvez ela só esteja fingindo.”

O sr. Tibbalt se ajeitou de novo no banco e fez um *hum* com a garganta.

“Bem, não vou ficar sentada como você”, disse Victoria, saindo. Não queria pensar em Jill ou se ela, Victoria, era ou não como a sra. Cavendish. Estava tarde; ela já havia desperdiçado muito tempo ali, e Lawrence podia estar gritando e rastejando com insetos em algum lugar, nesse mesmo minuto. O pensamento a fez abrir a porta da frente em fúria. “*Odeio* quando as coisas não fazem sentido ou ficam bagunçadas. Vou *fazer* com que tenham sentido.”

O sr. Tibbalt mancou atrás dela, usando o atizador da lareira para descer os degraus. “Isso não é a escola, Victoria.”

“Ah, não aja como se me conhecesse.”

“Acha que não conheço, não é? Não como Lawrence, de toda forma, hein?”

Victoria parou no portão.

“Se sabe o que é bom para ele, irá para casa e fará o que lhe mandam fazer”, disse o sr. Tibbalt. Gallagher andava em círculos nervosos na frente dele. “Talvez não seja tarde demais para Lawrence. Vivian foi atrás de Teddy, ele voltou diferente e ela se foi para sempre. É isso o que você quer?”

“Bem, sem querer ofender, senhor Tibbalt”, disse Victoria, abrindo o portão, “mas Vivian não era a melhor da classe, era?”

“O que isso tem a ver?”

“Obrigada por seu tempo”, disse Victoria rapidamente, batendo o portão atrás de si. Quando estava fechado, o vento uivou e acertou sua pele. Tentou empurrá-la rua abaixo, em direção ao Lar, mas Victoria baixou a cabeça e lutou contra ele. Passar por seu próprio portão e ir até a varanda da frente foi o mais difícil de tudo.

“Pare com isso”, Victoria brigou com o vento, apesar de mal conseguir fazer o som de sua voz passar por ele. A tempestade estava tão fria que a pele de Victoria coçava em arrepios dolorosos. Continuava ouvindo coisas nos jardins de flores e se virava, pronta para dar com a mochila em quaisquer baratas ou jardineiros escondidos nos arbustos – mas só viu galhos negros e folhas claras de outono caindo por força da tempestade.

“Ah, eles vão todos para a cadeia, cada um deles, quando meu pai botar as mãos neles”, Victoria grunhiu, pegando a maçaneta. Ela não girou. Victoria enfiou a chave na fechadura e ela também não girou. Ela bateu na porta...

...e algo bateu de volta.

Victoria deu um pulo.

Bang.

Isso quase afrouxou os dentes de Victoria na boca. Ela saiu correndo, esperando que talvez a porta dos fundos estivesse destrancada e ela pudesse pegar seus pais antes que fosse tarde demais.

Com certeza a sra. Cavendish não os havia pego. Com certeza eles não estariam baratinados e esquisitos como o sr. Waxman, o professor Carroll, os Prewitt – e *todo mundo*, exceto o sr. Tibbalt, que não tinha mais nada para a sra. Cavendish roubar. Não, eles não deixariam nada acontecer à sua filha.

Deixariam?

Ela teve de subir o muro de pedra do quintal porque o portão não abria. A queda esfolou seus joelhos e rasgou suas meias, mas ela seguiu em frente porque *algo* estava no seu encaixe, algo frio, escuro e sibilante, arranhando seus tornozelos.

A porta dos fundos não se abriu, nem quando Victoria puxou e chutou o trinco, nem quando jogou todo o peso contra ela.

Ela se virou e pressionou o corpo contra o vitral. Enquanto tentava recuperar o fôlego, varrendo com os olhos o jardim de rosas da mãe, sentiu picadas quentes nos braços, mãos e pernas.

Victoria havia sentido essas picadas antes. Antes até de baixar o olhar, sabia o que veria – asas resplandecentes, olhos negros de besouro, antenas afiadas, dez pezinhos entrando em sua pele.

“Mãe?”, ela sussurrou. Contraiu os olhos fechados, imaginando que a porta se abriria e revelaria seus pais, e o pai iria cumprimentá-la por ser corajosa, e a mãe iria chamar a polícia e tudo ficaria bem. “Pai? Cadê você?”

Ela engoliu em seco e olhou para baixo.

As baratas estavam por todo lado.

Tentou contá-las, reluzindo na varanda, em seus sapatos, em suas mãos, mexendo seus olhinhos pretos, balançando antenas e asas.

Finja que é uma prova, Victoria, ela disse a si mesma. Você precisa tirar A. Conte.

Um, dois, três, sete? Ela só conseguiu ir até aí antes que centenas de patinhas apertassem sua barriga, mãos e pés, como se tentassem amassá-la numa bolinha. Asas pretas voavam sobre seus olhos, sugando os sons da tempestade. Era um enxame sobre ela, cobrindo-a dos pés à cabeça, até ela quase não conseguir respirar. Estava caindo, caindo, caindo...

Estava voando, ou não? Estava sendo arrastada além de rochas molhadas, ou era um oceano preto? Ou um céu sem estrelas? As baratas agitavam-se ao redor dela, entre seus dedos, pernas e rosto, puxando-a com suas pinças perfurantes. Estavam nos subterrâneos, Victoria percebeu, talvez num túnel. Ela sentia cheiro de lama, rocha e fedor, e o ar era frio. Queria cobrir as orelhas para bloquear os estalos dos insetos e zumbidos que vinham de todos os lados, mas não conseguia mover os braços. Perninhas rastejavam em cima e embaixo dela, levando-a, picando e puxando sua pele como centenas de ganchos. Lama e sujeira entravam em sua boca, enchiam seu nariz e suas orelhas. Ela tossia, engasgava, tentava captar o ar com as mãos, mas estava coberta demais de insetos para mover os braços.

Tudo parou.

Victoria piscou e piscou novamente, e nada mudou. Quando fechava os olhos, escuridão; quando abria, escuridão. Quando se permitiu respirar, percebeu que os insetos haviam sumido. Não havia mais dor, e seus braços e pernas estavam normais novamente.

Mas estava sozinha, e o chão estava frio. Ela não ia chorar, ainda não.

“Recomponha-se”, disse, mas sua voz soava tão trêmula e diferente que a assustava. Lama agarrava-se a seus lábios, e sua garganta tinha gosto de terra.

“Olá?”, disse, esfregando a boca. O chão abaixo dela era de pedra úmida. Ela rastejou para ver ao seu redor, batendo no chão à medida que seguia. Antes de poder se mover, bateu numa parede, e em outra, do outro lado. Quando tentou ficar de pé, bateu a cabeça. Não havia espaço para ficar de joelhos. Ela teve de rastejar como um dos insetos que a tinham levado para lá.

Victoria se encolheu num cantinho. Ruídos de rastejo vinham de algum lugar – *de todos os lugares* – ou ela estava imaginando coisas? Estava morta? Isso era um caixão? Um pesadelo?

Ela torcia para que fosse um pesadelo. Puxou as pernas para junto do peito e apertou bem os olhos, o que fez as lágrimas caírem. Mas estava assustada demais para ficar brava consigo mesma.

Seguidamente, ela murmurava: “Acorde, Victoria. Acorde”.



Por alguns segundos — ou foram semanas? — Victoria ficou deitada no canto desse quatinho baixo e úmido. Era escuro demais, e ela estava assustada demais para medir o tempo. Não podia se mover ou dormir.

Começou a pensar que as paredes, que não podia ver no escuro, estavam se movendo.

Pensamentos loucos começaram a se formar em sua cabeça. Estava flutuando, ou estava de fato deitada num chão frio? Estava mesmo escuro ou as baratas haviam esmagado a película que cobria seus olhos? Estava de cabeça para baixo? Do avesso?

Coisas coçavam e a arranhavam. Ela espantou insetos que não estavam lá e percebeu que o que a arranhava eram suas unhas, deixando sua pele em carne viva.

Escutou um som de pingos e começou bater a língua contra os dentes no ritmo das gotas.

Pingo.

Pingo.

Sentia a boca mais seca a cada gota.

E recitava coisas para evitar que o silêncio ficasse mais alto.

Penser. Pensar.

Je pense. Eu penso.

Je pense beaucoup de choses. Eu penso muitas coisas.

Dans le noir. No escuro.

Le noir. O escuro.

Depois de um tempo, a mente de Victoria entrou em turbulência de tantas palavras. Todas gritavam. Começou a cantarolar uma musiquinha inventada para afogar o silêncio, raspando o chão com o dedão, porque isso evitava que ela voasse para longe.

Cantarolou, cantarolou e pensou em Lawrence. Se ele estivesse ali, estaria preso em algum tipo de jogo, e Victoria diria em voz alta que isso era idiota, mas por dentro não teria mais medo.

O chão abaixo dela se mexeu.

Victoria gritou e enterrou a cabeça entre os braços. Agora estava imaginando que o chão se mexia. Ia cair, e ela cairia para sempre. Os insetos iam pegá-la novamente e mastigar todo o seu cabelo e sua pele, até encontrarem a pele preta e brilhante de inseto por baixo. Então ela se tornaria um deles.

Ela cantarolou. Mais alto. *Lawrence. Pense no Lawrence. Lawrence cantarola quando está feliz.*

De algum lugar lá fora, passos se aproximaram, fazendo-a silenciar. Ela ouviu uma chave girar na fechadura e algo pesado deslizar. Luz branca preencheu os veios ao redor da parede oposta. Victoria recuou. Esse era o quartinho escuro *dela*. Olhou desconfiada para os raios de luz. iam se aproximar cada vez mais com batidas altas, como na noite em que o professor Alban desapareceu?

A parede oposta deslizou com um estrondo, prendendo-se num lugar que Victoria não podia ver. Os veios de luz se tornaram um retângulo brilhante que queimava os olhos de Victoria. Ela escondeu o rosto do brilho.

“Já teve o bastante deste saguão?”, disse uma voz.

Victoria piscou por vários segundos. A sombra escura na frente da luz branca se tornou o que realmente era – o sr. Alice, com o ancinho na mão enluvada, a mão sem luva esticando-se para Victoria com seus dedos brancos e tortos.

Era tão estranho ver outra pessoa depois de tanto tempo – foram meses? –, que Victoria não se encolheu. Ela o deixou pegá-la pelo colarinho e puxá-la para fora de onde quer que fosse. Enquanto o sr. Alice a levava, Victoria conseguiu olhar por sobre o ombro.

Ela viu o espaço vazio de seu quartinho, que era de fato como um gabinete numa tremenda parede preta. Viu a porta de metal aberta que o sr. Alice havia destrancado. O gabinete vazio era a única coisa numa parede que não parecia terminar nunca, alongando-se do chão a um teto inexistente e seguindo eternamente da esquerda para a direita. Uma parede infinita, como o corredor infinito. Um gabinete solitário.

“Saguão?”, perguntou Victoria, enquanto o sr. Alice a arrastava para outra sala, menor, com nada além de um banco com almofadas vermelhas encostado na parede.

O sr. Alice não respondeu. Em vez disso, apontou para o banco e disse: “Este é o vestíbulo”.

Depois de passarem por aquele cômodo, o sr. Alice deixou Victoria solta. Ela cambaleou para ficar de pé. O sr. Alice apontou com seu ancinho.

“Deixe de brincadeira”, ele disse, “ou você volta pra lá.”

De volta ao quartinho? Victoria estremeceu, mas tentou disfarçar.

“Não sei, foi bom ter um pouco de silêncio e tranquilidade”, ela disse, ajeitando os cachos. Isso não funcionou muito bem, porque seu cabelo estava emaranhado e sujo dos bichos, e sua voz um pouco trêmula.

“Ela disse que você diria isso”, falou o sr. Alice. “Ela é muito esperta. Esteve observando você. Gostou de você, mas daí você começou a ficar abelhuda, não foi? E agora é hora de aprender uma lição. Ela é muito esperta.”

“Quem é ela?”, perguntou Victoria, apesar de já saber.

“A senhora Cavendish, claro.” A língua do sr. Alice demorou-se nas palavras, tornando-as pegajosas.

Victoria levantou o queixo. “Meus pais vão estar aqui a qualquer minuto. É só esperar. Não vão *deixá-lo* fazer nada comigo. Meu pai vai processá-lo e tirar todo o seu dinheiro.”

O sr. Alice riu. O som raspou o cérebro de Victoria e não ia embora.

Eles emergiram numa varanda. Era familiar. Seus corrimãos sinuosos feitos de ferro escuro e madeira. Victoria olhou para o canto e viu, bem ao longe, o chão de madeira polida da galeria por onde havia caminhado no outro dia. Levantou o olhar e viu o teto com aqueles pássaros estranhos, tão perto agora que podia ver quão reais pareciam suas penas.

“Estranho”, ela disse, se esticando para tocar o mais próximo.

O sr. Alice puxou a mão dela. “Eu não tocaria se fosse você. Ela não gosta que suas crianças sejam deformadas. E os passarinhos ficam com fome...” Ele deu uma dentada, com dentes brancos perfeitos na direção dela. *Nhac.*

Victoria saltou para trás, apesar de parte de seu cérebro pensar em quão ansioso ficaria seu pai em discutir sistemas de limpeza de dentes com o sr. Alice.

“Os... passarinhos... ficam com fome?”, ela perguntou, quando o sr. Alice a puxou em direção às escadas. Victoria viu os pássaros se mexendo no teto. Eles farfalharam as penas e piscaram olhos de continhas para ela.

Victoria e o sr. Alice desceram cinco lances de escada escuras e estreitas. Victoria foi à frente. Sempre que ela hesitava, o sr. Alice cutucava seu ombro com a ponta do ancinho.

“Para onde estamos indo?”, perguntou Victoria finalmente. Chegaram embaixo, e agora o sr. Alice estava conduzindo-a pela galeria. Victoria olhou ao redor o máximo que o sr. Alice lhe permitia. Às vezes ele ficava impaciente e picava o ombro dela. Assim como na primeira vez que Victoria esteve lá, os balcões e quartos acima dela cintilavam e rastejavam. Diferentemente da primeira vez, ela escutou leves sons de vida – passos correndo, cochichos ecoando, pessoas chamando umas às outras.

Mas esses sons não eram reconfortantes. Pareciam pesadelos, só que eram reais.

“Apenas continue andando”, respondeu o sr. Alice.

“Eu gostaria de ter mais informações.”

“Claro que gostaria”, disse uma nova voz. “Você gosta de saber das coisas, não é, Victoria?”

“Senhora Cavendish”, disse Victoria, tentando permanecer controlada apesar de toda a gosma que a cobria. “Que prazer vê-la.”

“É disso que gosto em você, Victoria”, disse a sra. Cavendish. Ela estava parada à porta diante deles, com a mão na cintura. “Pode não saber cuidar da própria vida, mas com certeza é educada.”

Victoria mal conseguiu evitar dizer todo o tipo de coisas mal-educadas para a sra. Cavendish.

“Obrigada”, ela disse em vez disso, mas a sra. Cavendish parecia saber no que Victoria estava pensando de fato. Aquele olhar presunçoso no rosto da sra. Cavendish, o sorrisinho bondoso, o vestido bonito, os cabelos, os olhos – tudo parecia dizer: “Muito bem, Victoria. Fique quietinha como você deve ficar”.

A sra. Cavendish pensou que havia ganhado, pelo menos esse round. Victoria imaginou um quadro-negro com a pontuação. A sra. Cavendish já tinha vários pontos; Victoria nenhum. Sua mente revirou-se, enjoada. Ela simplesmente *precisava* melhorar.

“Vamos caminhar por aqui, está bem?”, disse a sra. Cavendish, apontando para a parte da galeria que Victoria não havia visto. “Eu gostaria de te oferecer um tour antes do apagar das luzes.”

Victoria seguiu a sra. Cavendish por várias portas fechadas e lampiões de óleo nas paredes. Conforme andavam, Victoria notou que, a cada momento, os lampiões ficavam mais fracos.

“O que é o apagar das luzes?”, perguntou Victoria.

“Quando as luzes se apagam, claro.”

Vindo atrás, o sr. Alice riu.

“É importante para a estrutura do Lar”, disse ela.

A palavra “estrutura” nunca soara tão sinistra antes.

“A senhora Cavendish faz seu melhor trabalho à noite, faz, sim”, disse o sr. Alice, balançando a cabeça como se estivesse muito feliz. “Com suas facas e suas cordas e sua...”

A sra. Cavendish virou a cabeça para ele. “Basta, senhor Alice.” Ele se recolheu, escondendo o rosto e olhando para o chão.

Victoria congelou. *O que foi isso?*

“Agora você vê o saguão e o vestíbulo, claro”, disse a sra. Cavendish. Sua voz era doce e suave novamente, apesar de ela lançar mais um último olhar mortal para o sr. Alice. Ele se encolheu, agarrando-se a seu ancinho. “É onde mantenho minhas novas aquisições até estar pronta para elas. É onde coloco também as crianças que se comportam mal.”

A mente de Victoria instintivamente se apegou à ideia das regras. “O que a senhora considera mau comportamento?”

A sra. Cavendish apenas sorriu. Passaram por uma longa sala, com uma longa mesa no centro. Em cada cabeceira da mesa havia duas grandes cadeiras pretas que pareciam tronos. As cadeiras na lateral eram versões menores.

“Esta é a sala de jantar”, disse a sra. Cavendish. “Fazemos as refeições aqui. É importante comermos como uma família. Além disso, gosto de observar aqueles que amo aproveitarem minha comida.”

Decidindo ignorar a forma perturbadora com que a sra. Cavendish disse “amo”, Victoria contou rapidamente as cadeiras da sala de jantar. Vinte e oito, vinte e nove...

“Eu não me importaria em contar as cadeiras, Victoria”, disse a sra. Cavendish. “Tudo depende de quantos temos em cada refeição. As crianças... vêm e vão.”

Mesmo assim, Victoria manteve o número trinta (sem contar as duas cadeironas) em sua cabeça. Talvez fosse útil mais tarde. *Mas útil para quê?*, Victoria se perguntou. Ela não tinha resposta.

“Esta é a Biblioteca, a Sala de Boas Maneiras, a Sala da Beleza, o cabideiro”, disse a sra. Cavendish, conduzindo Victoria sala após sala, com o sr. Alice como uma sombra esguia e pesada atrás delas. Mesmo com todo o seu talento de memorização, Victoria teve dificuldade em manter o registro de tudo.

“O que é o cabideiro?”, perguntou.

“Oh, você vai descobrir em breve”, disse o sr. Alice, rindo novamente.

A sra. Cavendish começou a andar mais rápido, olhando ao redor nas sombras, e Victoria teve de dar corridinhas para acompanhá-la. Cada vez que passavam por um cômodo, as luzes se apagavam um pouco mais. Quando voltaram à galeria, as paredes, o chão encerado e os balcões acima estavam praticamente ondulando. Victoria esfregou os olhos para se certificar de que não estava vendo coisas.

“Os jardins”, disse a sra. Cavendish. Seus olhos oscilavam aqui e ali, obviamente procurando algo, e ela não parava de lamber os lábios. Uma mecha de cabelo saiu do lugar, e ela a colocou atrás da orelha, irritada. Victoria não sabia o que pensar disso. Talvez não fosse nada de mais.

Saíram num terraço plano nos fundos do Lar. Lâmpadas altas iluminavam o terraço e também os jardins, que se estendem ao longe, sob as árvores, por corredores sinuosos como um grande labirinto. Quase no fundo dos jardins havia duas pequenas cabanas, iluminadas com uma suave luz âmbar.

Do lado esquerdo dos jardins, uma árvore torta se esparramava pelo terreno.

Na verdade, tudo parecia torto, como os reflexos nos espelhos de um parque de diversões. E tudo... *se movia.*

Victoria esfregou os olhos, tentando acordar.

“Temo que uma visita mais completa terá de esperar até a manhã”, disse a sra. Cavendish, deslizando seus dedos pelo corrimão da varanda. Na escuridão crescente, ela parecia mais alvoroçada do que nunca. “São meu grande orgulho, sabe? Esses jardins.”

“Aquele pedaço parece meio bagunçado”, disse Victoria apontando para a árvore torta. Era muito maior do que as outras, gorda, deformada e preta.

As mãos da sra. Cavendish se cravaram no corrimão. Ela olhou para Victoria com um sorriso doce e olhos silenciosos.

“É um ponto teimoso do jardim”, disse a sra. Cavendish. Deu o braço para o sr. Alice e acariciou a mão dele. “Porém o senhor Alice trabalha duro nele, não é, meu querido?”

O sr. Alice sorriu, sem tirar os olhos de Victoria. “Sou um excelente jardineiro.”

“Ele está comigo há muito tempo”, murmurou a sra. Cavendish, acariciando o braço dele. “Afinal, é uma casa tão grande para cuidar.” Ela ajeitou uma mecha do cabelo escuro do sr. Alice para trás da orelha. “Ele é meu projeto especial, o senhor Alice. Meu ajudante especial.”

“Sou um excelente jardineiro”, repetiu o sr. Alice. Seus olhos não paravam de se mover – *como os olhos de uma barata*, Victoria percebeu, dando um passinho para trás. Por um instante terrível, a imagem da sra. Cavendish e do sr. Alice lembrou-a dela mesma e de Lawrence. “Projeto especial”, a sra. Cavendish chamou o sr. Alice. E Lawrence era o projeto de Victoria. Ou pelo menos havia sido.

A comparação fez seu estômago revirar. Ela não era como a sra. Cavendish.

Era?

Mas até a sra. Cavendish havia dito: *Você é como eu, Victoria*. E o sr. Tibbalt não havia dito isso em voz alta, mas parecia pensar assim também.

De trás deles, dentro do Lar, algo grunhiu. Victoria saltou. O sr. Alice também, murmurando consigo mesmo, seus olhos vagando tão rápido que pareciam saltar para fora. Por sua vez, a sra. Cavendish olhava friamente para o Lar, examinando o telhado.

“Que barulho é esse?”, perguntou Victoria, com o coração acelerado.

A sra. Cavendish virou-se para ela. “Não creio que tenha lhe dado permissão para fazer perguntas, Victoria”, disse ela. Então sorriu e pegou a mão de Victoria para entrar no Lar. “Temos de levá-la para a cama. Limpa, esfregada, vestida e na cama. Toda essa sujeira nojenta.”

“Mas eu...”

“Por favor, fique quieta, Victoria”, disse a sra. Cavendish beliscando a mão de Victoria. “É quase hora de apagar as luzes.”

Os lampiões nas galerias estavam tão fracos que o chão era um oceano preto reluzente e as paredes das sacadas eram ondas elevando-se. De tempos em tempos, Victoria captou movimentos de descida com o canto do olho.

“Não se importe com os passarinhos”, disse o sr. Alice, sorrindo. “Eles não vão lhe pegar se você estiver com a gente.”

“Mas deve se lembrar, Victoria, que, depois do apagar das luzes, não devemos vagar por aí”, disse a sra. Cavendish. “Às vezes... o Lar tem sua própria vontade.”

Victoria se perguntou se era esse mesmo o caso, ou se a sra. Cavendish era a vontade do Lar, e por que a voz dela soara tão estranha naquela hora. Ela não teve muito tempo de pensar nisso, porque logo eles estavam num corredor baixo, com portas e um espelho de cada lado, como num hotel.

“Lave-se e vista-se”, disse a sra. Cavendish, empurrando Victoria num banheiro com uma banheira minúscula e uma pia. Passinhos de pés seguindo Victoria a fizeram ver duas pessoinhas agachadas com barrigonas e braços de palitos de dente.

Ela se espantou e deu um salto. As pessoinhas eram horríveis e a lembravam aqueles cachorros com rostos esmagados e enrugados. Suas costas curvavam-se estranhamente. Tinham tocos em vez de pés e mãos, e pedaços faltando na pele. Cada uma tinha só um olho grande, amarelado e aguado, e nenhuma delas falava. Só davam uns grunhidos enquanto se moviam, como se sentissem dor.

“Quem são vocês?”, perguntou Victoria.

“São meus serviçais”, disse a sra. Cavendish, observando da porta. “É uma tarefa e tanto cuidar de tantas crianças. Às vezes o senhor Alice e eu precisamos de ajuda.” Sua voz ficou dura. “Os serviçais não prestam para muitas coisas.”

Os serviçais colocaram uma toalha e um conjunto de roupas passadas ao lado da banheira. Grunhiram para Victoria, olharam para ela debaixo da pele solta sobre os olhos e cambalearam para se esconder atrás da saia da sra. Cavendish. O sr. Alice acertou os serviçais com seu ancinho, e eles se afastaram.

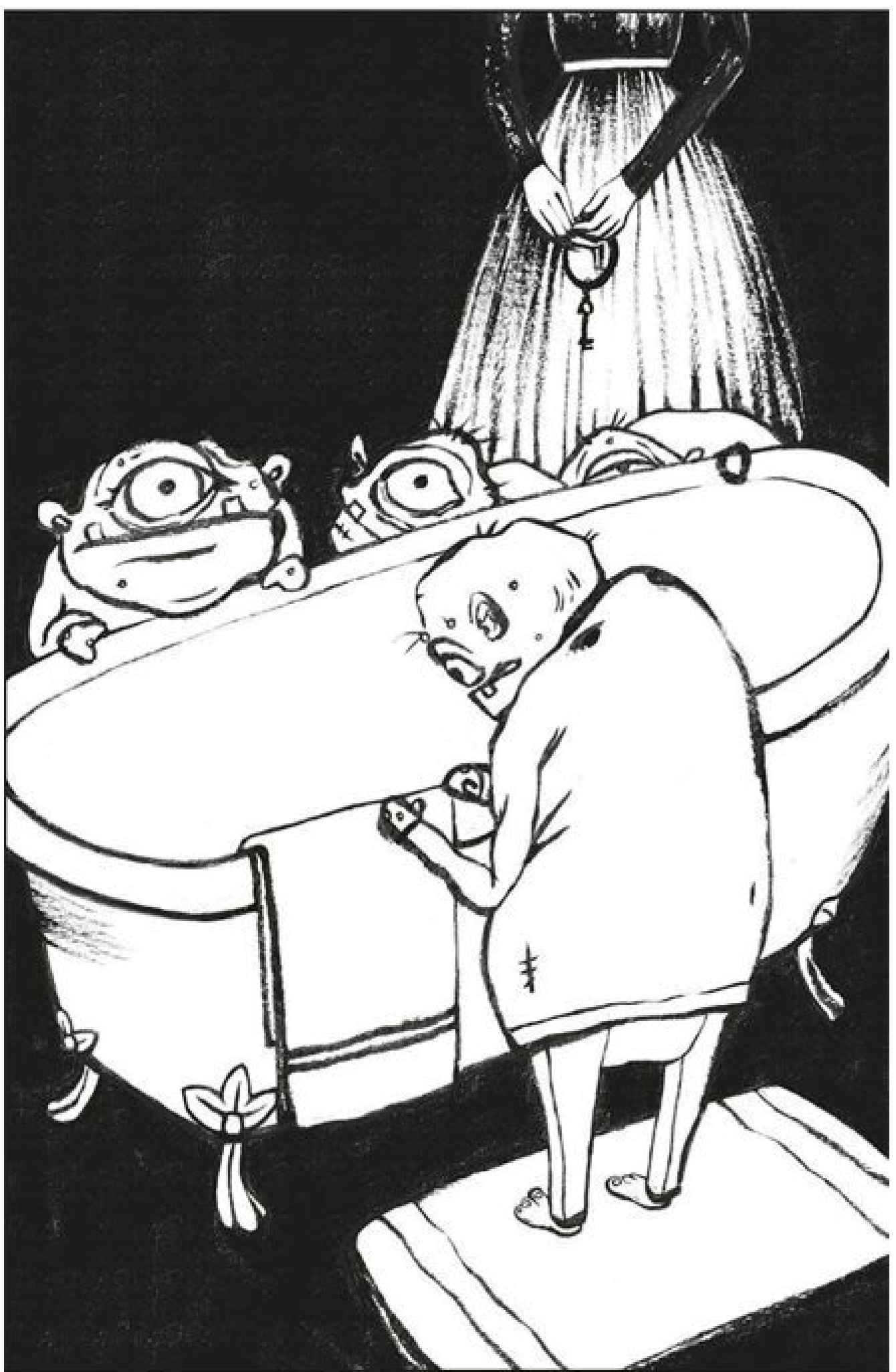
“Por que bateu neles?”, perguntou Victoria. Mesmo com os serviçais sendo nojentos, algo em seus rostos feios e olhos esbugalhados lembrava a Victoria como ela se sentia no momento: pequena e confusa.

“Depressa”, foi tudo o que a sra. Cavendish disse antes de fechar a porta.

Victoria não queria tomar banho naquela banheira. Não queria tirar suas roupas e colocar as novas, mas desobedecer a sra. Cavendish certamente era uma péssima ideia.

“Preciso tomar cuidado”, murmurou Victoria. *Por enquanto*, acrescentou silenciosamente. Havia acabado de chegar, afinal. Era melhor fazer exatamente como a sra. Cavendish a havia instruído, prestar muita atenção em tudo o que acontecia e descobrir o que estava exatamente acontecendo por lá.

Quanto mais Victoria pensava nisso, melhor se sentia. Era fácil manter os hábitos de uma vida toda, ser boa, prestar atenção e ficar em silêncio. Esse método nunca havia falhado, e não iria falhar agora.



Tinham tocos em vez de mãos e pés, e pedaços faltando na pele.

Ela tomou banho na água mais quente que podia aguentar, porque até o sabão a arranhava. Vestiu as roupas que os serviçais haviam deixado – uma camisa de pijama com colarinho e uma calça combinando.

“Ah, Victoria?”, disse a sra. Cavendish de fora. “As luzes estão quase se apagando.”

A voz da sra. Cavendish se arrastava, impaciente. Victoria abriu a porta e sorriu educadamente.

“Desculpe”, disse ela. “Eu só queria me certificar de tirar toda a sujeira.”

A sra. Cavendish não era boba, Victoria podia ver. Mas fingiu. Ela sorriu e passou seus dedos quentes pelo cabelo de Victoria. A menina observou cuidadosamente o rosto da sra. Cavendish. E a sra. Cavendish observou o rosto de Victoria com o mesmo cuidado.

“Muito melhor”, disse a sra. Cavendish. “Agora você parece uma menina decente, refrescada e pronta.”

Victoria saiu no corredor e congelou.

“Mas eu pensei...”, ela começou.

A sra. Cavendish dobrou a mão de Victoria na dela. Beliscava a pele de Victoria. “Sim? Pensou o quê?”

O corredor de antes havia desaparecido. Em seu lugar havia uma escada estreita que Victoria nunca havia visto, encaixada entre paredes de pedra polida. Uma lâmpada no topo era a única luz. O teto balançou em ondas, e então fez-se silêncio.

“Vai encontrar uma cama vazia”, disse a sra. Cavendish. “Vá dormir. O café da manhã é às oito. Espero que você seja pontual.”

“Mas...”

A sra. Cavendish agarrou o rosto de Victoria com a mão livre. Inicialmente doía, mas então seus dedos se afrouxaram e tocaram a bochecha de Victoria. Victoria olhou para ela, recusando-se a piscar. Assim de perto, podia ver o tom cinza da pele da sra. Cavendish e, por baixo de seus belos olhos azuis, um vermelho raivoso. Victoria pensou: *Ela está exausta*. Da última vez que havia visto a sra. Cavendish, ela parecia animada e feliz, mas agora seu cabelo não estava tão brilhante e sua pele não parecia tão macia. Talvez ela só tivesse tido um mau dia.

Era como se a sra. Cavendish pudesse ouvir seus pensamentos. “Vá para cama”, ela disse, empurrando Victoria em direção às escadas.

Dar as costas para a sra. Cavendish – e para o sr. Alice, que estava tirando pedaços de sujeira de seu ancinho – era a última coisa que Victoria queria fazer. Mas a luz no topo das escadas estava quase apagada e, na escuridão crescente, a imagem da sra. Cavendish tremeu nas sombras.

Victoria correu pelas escadas. No topo, esticou a mão para a maçaneta e se virou.

“Bons sonhos, Victoria”, disse a sra. Cavendish no escuro. As únicas coisas que Victoria podia ver eram as pontas reluzentes do ancinho do sr. Alice e o brilho dos quatro olhos que a observavam.

Victoria virou a maçaneta e abriu a porta.

As luzes se apagaram.



Atrás de Victoria, na escuridão, o Lar inteiro se alongou e suspirou. O chão pareceu repentinamente molhado e oscilante. Grunhidos e batidas de asas sussurravam nos calcanhares de Victoria.

Ela entrou correndo e fechou a porta.

Lá dentro havia um longo quarto de pé-direito alto onde estavam enfileiradas camas branquinhas e limpas, uma arrumação mais convencional do que Victoria havia suposto. Na parede do fundo havia uma lareira vazia. Cada cama também tinha uma lampadazinha acima, mas, logicamente, nenhuma estava acesa.

“Luzes apagadas”, Victoria cochichou.

A única razão pela qual Victoria podia ver qualquer coisa era a luz da lua, que vinha da única janela do quarto, num canto perto do teto, alta demais para ser alcançada.

A pedra fria feria os pés de Victoria. Então ela correu em direção às camas, procurando uma vazia. Viu as meninas deitadas, uma ao lado da outra, todas com o mesmo pijama. Alguns rostos eram muito magros, e alguns bem bonitos. A menina no canto estava completamente imóvel e acordada, com os olhos bem abertos. Ela não se mexeu nem quando Victoria balançou a mão sobre seu rosto.

“Olá?”, Victoria cochichou.

A menina não se mexeu. Victoria se afastou com um arrepio, dobrando os braços sobre o peito.

Victoria tentou contar o número de camas, mas sempre se perdia nas contas. Piscou mais algumas vezes e tentou novamente, mas seu cérebro virava geleia. Finalmente, ela desistiu e encontrou uma cama vazia perto da lareira. Numa placa escura na parede ao lado dela lia-se VICTORIA. Ela subiu nos lençóis brancos e percebeu que havia perdido sua mochila em algum lugar. Sozinha e com frio, deitou-se e tentou dormir. Em seus sonhos, seus pais a abraçavam e diziam sem parar: “Amamos você, Victoria”. Era maravilhoso, aconchegante e seguro. Mas então eles disseram: “Hora de ir para a cama, Victoria”, e não eram mais eles; era a sra. Cavendish, que a empurrou para uma caixa e a trancou.

Duas mãos agarraram o braço de Victoria e a sacudiram, acordando-a.

“Você é a menina nova, certo?”, disse uma voz.

Victoria acordou com um salto e se endireitou. Não estava numa caixa. Estava em sua cama, no dormitório das meninas, no Lar.

A luz do sol que entrava pela janela do alto formava um quadrado branco no meio do quarto. Várias meninas faziam fila na porta. Algumas eram da idade de Victoria, algumas mais novas, algumas um pouquinho mais velhas. Algumas pareciam evitar Victoria, olhando para qualquer canto menos para ela. Algumas cochichavam e olhavam para ela com rostos malvados ou assustados. Algumas pareciam tristes por ela. Algumas tentaram sorrir.

“Você... o quê?”, Victoria perguntou para a menina que a havia sacudido, tentando notar tudo no caso de precisar depois. Uma dúzia de meninas. Vinte meninas? Ela não tinha certeza.

A menina repetiu. “Você é a menina nova”, mas então viu o nome na parede. Seu queixo caiu. Ela se aproximou. “Victoria?”

Victoria estreitou os olhos para a menina. “Sim?”

“Sou eu”, disse a menina. Ela sorriu um sorriso animado demais, perfeito demais. “Não me reconhece? Sou eu, Jacqueline.”

“Jacqueline Hennessey?”, disse Victoria. Ela tentou não demonstrar quanto estava horrorizada, mas algo definitivamente estava errado. A menina à sua frente não era a estranha e bizarra Jacqueline, com seu cabelo amarfanhado, ombros caídos e rosto manchado. Essa menina tinha cachos vermelhos brilhantes capazes de rivalizar com os de Jill Hennessey, e até seu pijama era lindo.

“Não seja ridícula”, disse Victoria. Ela armou uma versão de seu olhar mortal que reservava a Lawrence quando ele fazia algo excepcionalmente idiota. “Fui para a escola com Jacqueline minha vida toda. Você não é ela.”

“Ah, juro que sou”, disse Jacqueline, abrindo um belo sorriso que Victoria sabia que provocaria em seu pai um surto de ciúmes.

Seu pai.

Ela havia se esforçado tanto para impressioná-lo, para ser a melhor e ele poder exibi-la para todos, para fazê-lo sorrir (o que não acontecia com muita frequência). E agora estava ali porque ele a havia esquecido. Ambos a haviam esquecido. Ou pior, eles a deixaram ir.

Uma pontada de perda e raiva no peito de Victoria provocou lágrimas em seus olhos.

“Não, não chore”, disse Jacqueline baixinho, num tom mais normal, menos animadinho. “Chorar chama a atenção para você. Precisa ficar calma, ou os outros vão tornar as coisas difíceis para você. Bem difíceis. E também há o Lar.” Jacqueline olhou ao redor das paredes cobertas pelo sol. “Se você soubesse de algumas coisas que aconteceram...”

“O que está havendo?”, perguntou Victoria. “O que quer dizer com coisas difíceis? E quem são todas essas meninas? E para onde todo mundo está indo? E...”

“Psiu. Depois eu falo. Agora é hora do café. Venha, não podemos nos atrasar.”

Alguém começou a abrir a porta com um clique metálico.

“Rápido”, disse Jacqueline, puxando Victoria para a frente. Elas chegaram ao fim da fila bem na hora em que a porta se abriu para revelar um serviçal cinza e marrom com uma boca caída e um olho amarelado pingando. As meninas começaram a sair, e Victoria apertou bem os dentes para ficar calma. *Apenas finja que este é o começo de todos os seus dias*, disse a si mesma.

Enquanto ela e Jacqueline cruzavam a soleira, o serviçal começou a fechar a porta, mas antes que ele terminasse, uma voz gritou de perto da lareira. “Espere! Espere, estou indo!”

“Ai, não”, cochichou Jacqueline, apertando mais firme a mão de Victoria. “Gabby.”

Correndo em direção a elas, tropeçando nas pontas de seus lençóis, estava a menina que Victoria havia visto na noite anterior. A menina que havia ficado bem acordada em vez de dormir.

“O que está havendo?”, disse Victoria.

“Apenas observe”, disse Jaqueline. Seus olhos endureceram quando observou Gabby correr para a porta. “Preste atenção ou poderá ser você.”

O serviçal trancou a porta antes de Gabby poder alcançá-la, embora ela gritasse para ele esperar. Victoria ouviu Gabby soluçar enquanto batia na porta fechada. Todas as meninas na escada observaram, algumas delas sorrindo, outras chorando.

“Me deixe sair, me deixe sair”, Gabby gritava, mas o serviçal cambaleou pelas escadas, grunhindo. As meninas o seguiram, enquanto os gritos de Gabby ficavam mais altos. As batidas na porta se tornaram arranhões. Seus soluços e gritos eram cada vez mais altos. Então se fez silêncio.

“O que aconteceu com ela?”, Victoria ousou cochichar quando seguia Jacqueline por um novo corredor, de pedra com pinturas de campos nas paredes.

“Ela estava atrasada”, disse Jacqueline. “Quando você se atrasa, fica trancada e é deixada para trás, como lição. E fica lá sozinha até voltarmos para o apagar das luzes.”

“Não parece tão...”

“Não queira ficar sozinha no Lar. Nem no dormitório, nem em lugar nenhum.” Jacqueline olhou bem à frente, para as costas das meninas. “Confie em mim.”

Na sala de jantar, serviçais serviam o café da manhã – ovos mexidos com pedaços grandes de carne. As meninas faziam fila na porta, e Victoria espiou além das cabeças para ver uma fila de meninos esperando na porta do outro lado da sala.

A sra. Cavendish se sentou, seguida pelo sr. Alice, ambos parecendo mais refrescados do que na noite anterior. As meninas tomaram seus assentos de um lado da mesa. Então vieram os meninos, e Victoria o viu – um menino com uma mecha prateada no cabelo preto.

Seu coração e seu estômago deram uma estranha cambalhota.

Lawrence.

Antes de pensar se era uma boa ideia, e antes mesmo de dar uma mordida em sua comida, embora estivesse morrendo de fome, ela empurrou a cadeira para trás e correu pela sala para se jogar nos braços nele. Ela riu no colarinho dele. Nem parou para pensar como parecia idiota.

“Lawrence”, ela chorou. Só quando Lawrence a soltou, com olhos esbugalhados, cochichando, “Não, não, não”, Victoria parou por tempo o suficiente para ver todo mundo olhando para ela, inclusive uma sra. Cavendish de olhos afiados.

Victoria havia cometido seu primeiro erro.



“Um comportamento desses, Victoria”, disse a sra. Cavendish, com as palavras venenosas, adocicadas, pingando de sua boca. Ela manteve o rosto fechado e parado. Seus belos e longos dedos batucavam na mesa polida.

Victoria se afastou de Lawrence e forçou seu rosto a ficar neutro, tentando ignorar Jacqueline, que balançava a cabeça dizendo *não*. Tudo bem, talvez ela não devesse ter gritado tão alto, e talvez a sra. Cavendish não gostasse que as pessoas corressem lá dentro, mas isso não explicava por que todo mundo olhava para ela com expressões tão horrorizadas.

Lawrence desviou o olhar e enfiou as mãos nos bolsos do pijama.

“Sinto muito, eu só...”, Victoria começou a dizer.

“Não se desculpe, Victoria, apenas fique quieta”, disse a sra. Cavendish. “Bolsos, Lawrence.”

Lawrence deslizou rapidamente a mão para fora dos bolsos laterais.

“Sentem-se todos. Tomem o café da manhã.”

As crianças obedeceram, puxando suas cadeirinhas pretas, desdobrando os guardanapos e pegando seus talheres. Victoria notou que algumas delas pareciam bem enjoadas enquanto atacavam seus pratos de ovos fumegantes e carne. Outras pareciam carrancudas e determinadas.

Victoria e Lawrence foram se juntar a eles, mas a sra. Cavendish falou: “Ah. Vocês dois não”.

Eles congelaram no lugar.

A sra. Cavendish se levantou de seu banco. Foi até eles e estalou a língua. Circulou lenta e suavemente ao redor deles. Victoria sentia-se como um pedaço de carne cuja qualidade é inspecionada. Captou um traço do perfume leve e floral da sra. Cavendish. Misturado aos ovos e à carne, era bem fedido.

“Você precisa entender que há regras aqui, Victoria”, disse a sra. Cavendish, parando na frente deles. Mesmo assustada, Victoria não pôde deixar de aprovar a aparência da sra. Cavendish. Ela parecia bem melhor hoje do que na noite anterior – cabelo brilhante, pele clara, roupas impecáveis (ainda que meio antiquadas). A sra. Wright a chamaria de *vintage* e pediria dicas de compras a ela.

A garganta de Victoria se apertou quando ela pensou na mãe, mas a sra. Cavendish prosseguiu.

“...claro, entendo que você é nova em nosso Lar, Victoria. Pode ser difícil se ajustar.”

Algumas das crianças pararam de comer para observar. A sra. Cavendish reparou nisso e deslizou os olhos para o lado.

O sr. Alice cochichou: “Comam, comam”, e as crianças voltaram a comer, algumas com tanto vigor que lambuzaram o rosto de ovo.

Victoria continuava tentando captar o olhar de Lawrence, mas ele não olhava para ela. Olhava para o chão, seus olhos cinza mais afiados do que nunca, e a pele de suas bochechas caída, como se algo tivesse sido sugado dele.

“Senhora Cavendish”, Victoria começou, adotando seu tom educado mais eficiente, aquele que usava com seus professores, seus pais, com todos. Era a voz que levava as pessoas a fazerem suas vontades. Elas não podiam evitar, porque a voz tinha uma intenção que dizia: “Ah, é *claro* que a senhora sabe o que é *melhor*, mil *perdões*, mas, *por favor*, se não fosse *incômodo*...”.

“Sinto muito, muitíssimo por...”, disse Victoria, mas a sra. Cavendish colocou dois dedos na sua boca.

“Psiu, psiu”, sussurrou a sra. Cavendish. “Me escute com atenção, Victoria.”

Ela não conseguia decidir se ficava ofendida ou morria de medo, mas não afastou o olhar e se esforçou para não piscar.

A sra. Cavendish se ajoelhou, tirou os dedos dos lábios de Victoria e levou-os para seu cabelo, enrolando seus cachos. Ela examinou o rosto de Victoria.

“Decidi pegar leve com você desta vez”, disse a sra. Cavendish. Sua voz estava tão suave e doce que Victoria de repente quis adormecer em seus braços. “Você é nova aqui e eu posso ser tolerante. Mas há um limite. Não nos comportamos mal aqui, você entendeu?”

As bochechas de Victoria coraram por ela ser tratada como criança. “Mas não é que eu quisesse...”

Algo afiado enfiou-se na pele de Victoria – as unhas polidas da sra. Cavendish, pegando seu pescoço.

“Ora, ora”, disse a sra. Cavendish.

O sr. Alice riu e esfregou a boca com o guardanapo para limpar fiapos de carne.

“Não corremos aqui dentro. Não desobedecemos os mais velhos. Não falamos alto. Às vezes nem falamos, hum? Às vezes as crianças não devem dizer uma palavrinha.”

Com um floreio elegante da mão livre, a sra. Cavendish fez um movimento de zíper sobre a boca de Victoria. Aquelas unhas pintadas passaram tão perto que Victoria achou que a sra. Cavendish poderia rasgar seu rosto.

“Entendeu?”

“Sim, senhora Cavendish”, disse Victoria. Sua voz transmitia uma coragem que ela não sentia.

“Infelizmente, não posso deixar o mau comportamento passar sem castigo. Alguém tem de encarar as consequências.”

A sra. Cavendish se virou para Lawrence e puxou sua bochecha caída. Ele não se moveu, mas seus olhos tremeram.

“É uma pena que você tenha de sofrer pelo erro de sua amiguinha, não é, Lawrence?” A sra. Cavendish acariciou o cabelo de Lawrence e lentamente pegou o colarinho dele. “Não é sua culpa Victoria ter se comportado tão mal, mas você quer me ajudar a educar os outros, não quer?”

Pondo-se de pé, a sra. Cavendish ganhou um ânimo terrível. “O café da manhã acabou”, disse ela, e todos largaram os garfos e facas nos pratos, enquanto ela puxava Lawrence para fora da sala. Todos a seguiram, como se fosse normal. Os serviçais começaram a limpar, enfiando tudo o que podiam em suas bocas malformadas. Alguns deles lutavam pelos maiores pedaços de carne, babando nas mãos sarnentas

uns dos outros.

“Rápido”, disse o sr. Alice, com sua mão enluvada no pescoço de Victoria, empurrando-a para a frente.

“Mas eu ainda não comi”, disse Victoria.

“Ah, você terá sua chance.”

A sra. Cavendish os conduziu por um corredor. As colunas de cada lado eram cobras com longas mãos esculpidas que agarravam o carpete. Enquanto cambaleava ao lado do sr. Alice, Victoria sentiu aqueles dedos esculpidos se aproximarem de seus pés.

“Este é outro exemplo do que falamos antes, crianças”, disse a sra. Cavendish. “Regra número quinze. Lembra-se?”

Algumas das crianças recitaram animadamente, outras engoliram as lágrimas:

Cuidado com os amigos que escolhe.
Os defeitos deles são seus, seus erros você colhe.

“Esta manhã Victoria demonstrou para nós alguns dos seus defeitos”, disse a sra. Cavendish. Ela abriu uma porta na parede e empurrou Lawrence por uma escadaria com fotos de balanços, árvores e navios pendurados do corrimão ao teto. “Podem me falar quais são?”

“Ser impetuosa”, disse um dos meninos.

“Gritar aqui dentro”, disse uma das meninas. Outra disse: “Falar fora da vez dela”.

“Associar-se a *degenerados*”, disse o menino mais alto. No fim da escada, todos saíram num quarto baixo e profundo de pedra úmida. O garoto mais alto mantinha as mãos dobradas na cintura e um sorriso cruel no rosto. Seu rosto afiado também parecia que tinha sido sugado, mas, em vez de parecer cansado e cinza, como Lawrence, esse menino tinha olhos brilhantes e um sorriso duro. *Eu o conheço*, Victoria percebeu, espantada. *Ele vai à Academia*. Lembrar-se dele era como se lembrar de um sonho.

Algumas das crianças seguravam o riso na direção de Lawrence. A palavra “degenerado” perdurava no ar.

“Muito bom, Peter”, disse a sra. Cavendish ao garoto mais alto. Ela alisou seu colarinho de maneira doce. “Talvez – apenas talvez – esteja perto da hora de você nos deixar.”

Algumas crianças se aninharam o mais próximo que ousavam. Victoria não sabia se era porque estavam assustadas ou empolgadas. Peter mantinha os olhos na sra. Cavendish, sorrindo. Ele não parecia lá muito certo; o sorriso era muito automático. Victoria se lembrou do sr. Tibbalt ter falado de quando seu irmãozinho caçula, Teddy, voltou para casa. “Ele era outra pessoa, como se alguém tivesse quebrado o velho Teddy e construído um novo.”

Era exatamente isso. Apesar de as lembranças de Victoria sobre esse Peter – sim, ela o conhecera; quanto mais olhava para ele, mais lembranças da Academia vinham-lhe à mente – estarem um pouco turvas, ela podia ver que ele parecia... diferente. Não estava lá muito certo, falso, *novo*. O sorriso duro no rosto esticava suas bochechas como borracha.

“Mas vamos começar pelo começo. Lawrence, gostaria de dizer alguma coisa a Victoria antes de começarmos?”, perguntou a sra. Cavendish, enfiando um dedo embaixo do queixo de Lawrence. “Afinal, é culpa dela que você tenha que passar um dia no cabideiro.”

“O cabideiro?”, Victoria abriu a boca para dizer, mas Jacqueline balançou a cabeça novamente.

Lawrence não disse nada, seu cabelo de gambá caía sobre a testa. Pela primeira vez, isso não irritou Victoria.

A sra. Cavendish deu um tapa no rosto de Lawrence. Victoria sentiu como se *ela* tivesse levado um tapa. Não pôde conter o espanto. A fúria esquentou sua pele, mas ela apertou os punhos até suas unhas furarem as palmas. Falar tornaria as coisas ainda piores.

“Tem algo que gostaria de dizer?”, perguntou a sra. Cavendish novamente.

“Não, senhora Cavendish”, disse Lawrence, e essa foi a pior parte, porque havia muito pouco de Lawrence em sua voz. Toda aquela coisa do Lawrence – suas travessuras, sua preguiça, as coisas que o tornavam irritante (como suas musiquinhas, seu canto e o hábito de mexer os dedos no ar como se estivesse tocando um piano invisível), as coisas que faziam as pessoas evitá-lo nos corredores da Academia e levaram Victoria a forçar a amizade entre eles pelo *bem dele* – tudo isso havia desaparecido.

“Pendure-o”, ordenou a sra. Cavendish. Ela se virou, e as outras crianças começaram a segui-la para fora.

Victoria olhou para Lawrence horrorizada.

Uma minúscula lâmpada se acendeu, encardida e zumbindo. Iluminava um aparelho de faixas finas e pouco convidativas presas ao teto e penduradas até o chão.

“Pendure-o?”, Victoria sussurrou. Sua pele se congelou.

O *cabideiro*.

“Não...”

Alguém agarrou o punho de Victoria – era Jacqueline, puxando-a para fora.

“Não!”, Victoria gritou, afundando os pés no duro chão frio. Ela se esticou para Lawrence, bateu em Jacqueline e se agarrou à parede, mas Jacqueline não parava de puxá-la. Pouco antes de um serviçal fechar a porta, Victoria viu o sr. Alice prender Lawrence no cabideiro. As paredes ao redor dele começaram a se *mexer*.

A porta se fechou, separando-os.

Lawrence havia sumido. Novamente.



“O que acabou de acontecer?”, perguntou Victoria enquanto os serviçais os conduziam escada acima. Falar em voz alta tornava mais difícil não chorar. Ela batia os pés nus em cada degrau para se distrair. Suas bochechas queimavam. Ela queria se enrolar e se esconder com Lawrence em algum lugar longe daquele quarto sujo e medonho. “O que é o cabideiro? O que estão fazendo com ele?”

“O cabideiro é para punir os degenerados”, disse Jacqueline, escondendo a boca por trás do cabelo ruivo brilhante. “É para quando ela quer que alguém sirva de exemplo. Aposto que ela o está pendurando porque não quer que ninguém goste ou confie em você. Mas o cabideiro não é tão ruim quanto o quartinho. Lembra dele?”

Victoria assentiu. A sala escura e apertada, aquele *pinga-pinga* d’água, a sensação de não saber quem era ou onde estava – ah, ela se lembrava muito bem do quartinho .

“O quartinho é para quando você faz algo muito ruim, algo tão ruim que ela só quer que você saia do caminho”, disse Jacqueline. “A maioria das pessoas que vão para o quartinho não volta. Gabby voltou. Ficou lá uma semana inteira. Nunca mais foi a mesma. Ela não dorme, mal fala. A senhora Cavendish a deixa para trás em todo canto, a deixa assustada e maluquinha. Acho que é para nos manter na linha.”

“Mas ele vai ficar bem?”, perguntou Victoria, sem se importar com Gabby, com o quartinho ou com qualquer coisa, só com Lawrence. Bem, e consigo mesma. E talvez com Jacqueline, um pouco. Talvez, por enquanto.

“Não sei”, disse Jacqueline. Ela não cruzava olhares com Victoria. “Vamos ter de esperar para ver.”

A vida no Lar era como a vida em outros lugares, mas não *exatamente*. Por um lado, eles iam para a escola, o que era normal. Mas no segundo andar as salas de aula seguiam o corredor num grande círculo. Cada classe tinha uma parede de janelas que dava para a galeria principal, e duas paredes de murais escuros e livros dando para um espaço escuro, como a saleta da sra. Cavendish. Nas janelas que davam para a galeria penduravam-se fileira após fileira daquelas cabeças de papel que Victoria havia visto antes.

Abaixo de cada cabeça pendurava-se uma placa. E cada placa mostrava uma palavra diferente. MEDO.

PRAZER. RAIVA. DESESPERO. Cada cabeça tinha uma expressão correspondente. A cabeça do PRAZER era pouco mais do que um gigante sorriso dentuço. A cabeça do MEDO pendurava-se em longas dobras como caramelo derretido. Victoria não conseguia afastar o olhar daqueles olhos afundados e daquela boca que gritava. Quanto mais olhava, mais parecia que apenas ela e essa cabeça do MEDO existiam, sozinhas no escuro e silencioso Lar.

“Temos aulas todo dia”, disse Jacqueline através dos dentes, com cuidado para falar apenas poucas palavras por vez. “São sempre diferentes... Muito confuso... Sem padrão. Ela nos ensina coisas. Como ser bom. Como ser melhor.”

Uma bela placa de ferro encimava cada porta das classes. A primeira dizia SALA DAS BOAS MANEIRAS. Tomaram seus assentos em carteiras que eram bem mais antiquadas e menos ergonômicas do que as carteiras modernas da Academia.

“Viu?”, cochichou Jacqueline.

Victoria olhou através da janela – para o cabideiro lá embaixo.

Lá, em uma espécie de balanço triste de playground, sustentado por fios monstruosos de marionete, pendurava-se Lawrence. Era uma mosca enrolada na teia de aranha.

Ao redor dele, o chão e as paredes retorciam-se.

Pela primeira vez na vida Victoria entendeu a expressão “coração partido”.

“Ele está...?”, Victoria cochichou.

“Não”, disse Jacqueline, “ele não está morto.”

Victoria engoliu em seco. “O que vai acontecer com ele?”

“Ele só vai... bem, as pessoas sempre ficam diferentes depois de penduradas.”

“Estão gostando da vista?”

Victoria e Jacqueline se viraram para encarar a sra. Cavendish, que parecia de certa forma mais alta, mais feroz e mais faminta do que antes de pendurar Lawrence. Victoria apertou bem os punhos.

“A senhora... a senhora...”, ela disse, mas não conseguia pensar em palavras que não colocasse ninguém em apuros.

A sra. Cavendish sorriu. “Você aprende rapidinho. Sente-se.”

A aula de boas maneiras, naturalmente, era sobre boas maneiras, e os livros em cada mesa eram *Guia Fitzgerald Flannagan para jovens*, 616 páginas de textos minúsculos sobre como ser bons meninos e meninas.

“Abram na página 1”, disse a sra. Cavendish. Ela apertou um interruptor na frente da sala, e um projetor ganhou vida. A página 1 apareceu numa tela na frente da sala, em todas as paredes, tremulando pela janela e sobre a pele de todos em sinuosas tatuagens iluminadas.

As crianças começaram a ler o primeiro parágrafo em uníssono. Dizia como esse livro era importante, como deveria servir de guia para os jovens que quisessem ser respeitáveis, e como Fitzgerald Flannagan estudara uma coisa e outra, o que mostrava quanto ele sabia sobre boas maneiras.

Victoria abriu o livro e olhou para a primeira página; quase não conseguiu respirar. Nunca sentira tanta raiva. O calor que corria por seu peito e por seus braços sacudiu seu corpo todo.

Que bom que eu seja tão disciplinada!, ela pensou. Anos sendo a melhor a tinham ensinado a manter a calma.

Ela começou a ler junto com os outros, embora fazer algo tão idiota enquanto Lawrence estava pendurado no cabideiro fazia cada palavra doer:

ou ignorantes, devem ser o mais silenciosas possível. Crianças não são espertas ou experientes o suficiente para julgar por si mesmas o que deve e o que não deve ser dito. Por isso, precisam sempre depender da sabedoria dos mais velhos. Nunca devem falar quando não for a sua vez. Nunca devem contrariar. Devem ser extraordinárias sem ser fora do normal.

Em cada quebra de parágrafo, as crianças paravam. Da primeira vez, Victoria observou, espantada, que eles abriam seus cadernos e começavam a escrever o primeiro parágrafo o mais rápido que podiam no papel timbrado. Escreviam tão rápido e tão juntos que parecia uma dança sincronizada e frenética.

Então recomeçavam a ler, agora o segundo parágrafo. Liam, escreviam, liam. Depois da primeira leitura e escrita, Victoria se juntou a eles. Não queria fazer isso; era uma perda de tempo ultrajante. Mas não podia ignorar a sra. Cavendish, que circulava pela sala com estalos calculados de seus belos saltos. Segurava uma fina vara preta, com uma trança de couro pendurada numa ponta. A vara reluzia como uma serpente em suas mãos, e sempre que alguém tropeçava nas palavras, ou que a escrita de alguém ficava bagunçada, a sra. Cavendish usava a vara. Ela assobiava no ar, deixando para trás pequenas marcas vermelhas em bochechas suadas e mãos trêmulas.

Após uma hora disso, a sra. Cavendish apagou as luzes, e todo mundo correu para a porta e pelo corredor para a próxima aula, e por aí foi, o dia todo de aulas sobre como se vestir e falar, o que era apropriado aprender na escola e o que não era, e o que deveriam pensar sobre ciência, presidentes, arte, poda do jardim, e tudo era repetitivo e sem sentido. Para Victoria, o pior de tudo era a falta de dignidade de ser levada de um lado para o outro de pijama.

“Nunca usamos roupas de verdade?”, ela cochichou para Jacqueline no almoço.

“Não. É para que sejamos como prisioneiros, acho”, disse Jacqueline, engolindo uma bocada de fatias frias de carne e torrada. A sra. Cavendish e o sr. Alice não estavam lá. De acordo com Jacqueline, eles nunca almoçavam. Ninguém sabia para onde eles iam na hora do almoço. Mas os serviçais ficavam de butuca nas sombras, e mesmo se Victoria tentasse qualquer coisa arriscada – como escapar ou ajudar Lawrence, embora não soubesse como fazer nada disso – qualquer coisa no Lar poderia delatá-la. Cada uma das lâmpadas e vigas curvas parecia um olho ou um braço pronto para pegá-la.

“Para que sejamos como prisioneiros?”, Victoria repetiu.

O garoto do outro lado da mesa assentiu. “É para nos fazer sentir como animais, como se não fôssemos ninguém.”

“Bem, ela vai ter de se esforçar um pouco mais”, disse Victoria. “Não sei quanto ao resto de vocês, mas eu definitivamente não sou uma ninguém.”

“Só porque você é a Senhorita Boazinha não a deixa segura”, disse o menino. “Pode até piorar as coisas. Sou Harold, por falar nisso.”

Victoria o cumprimentou. Algumas das outras crianças lançaram olhares para eles e cochicharam por trás de seus sanduíches.

“Enfim, não sei”, disse Harold. “Mas ser uma esnobe o tempo todo pode de fato ajudar você aqui. Pode evitar que as coisas cheguem até você, sabe?”

Victoria finalmente o reconheceu. “Harold? Harold Hiena?”

“É”, disse Harold. Ele riu, mas soou estranho. “Sou eu.”

Dando uma mordida em seu sanduíche, Victoria pensou nisso. Lembrava-se apenas vagamente de Harold Hiena. Harold... Norbett? Noble? Algo assim. Era um encrenqueiro na Academia, o palhaço da sala. Adorava pregar peças e truques, e, quando ria, guinchava e uivava, deixando todos os alunos maluquinhos. Então se tornou o Harold Hiena.

Mas isso foi anos atrás. Em outra cidade, talvez. Ou fora um sonho? Essas memórias eram mesmo memórias ou ela estava imaginando coisas?

Victoria estreitou os olhos para Harold.

“Não se lembra muito bem de mim, hein?”, ele disse. “Tudo bem. É assim mesmo. Você vem para cá e as pessoas esquecem de você. As pessoas não querem notar. Elas se viram para o outro lado.”

“Ela as vira para o outro lado”, disse Jacqueline. “Ela os empurra, os confunde. Mas eles permitem. É mais fácil do que lutar.”

“Há quanto tempo você *está* aqui?”, perguntou Victoria. Ela desistiu do sanduíche. A carne era borrachuda e malcheirosa, com um tempero esquisito.

“Eu? Ah, alguns meses”, disse Harold. Ele forçou a vista para o teto. “Acho.”

“Estou aqui há oito semanas”, disse Jacqueline.

Uma garotinha com duas tranças pretas gritou: “Para mim faz cinco dias”.

“Quanto tempo ela nos mantém aqui?”, disse Victoria.

“Depende de quão bem fazemos o que ela quer”, disse Harold.

A menina de tranças pretas engasgou com a comida. Jacqueline bateu em seu ombro e disse. “Recomponha-se, Caroline.”

“Então não sabemos realmente quanto tempo alguém fica aqui”, Harold continuou.

“Mas sabemos *com certeza*”, disse Jacqueline se aproximando, “que ninguém fica além de seu aniversário de 13 anos.”

As crianças mais próximas assentiram solenemente enquanto comiam.

“O meu é semana que vem, sabe?”, disse Harold sorrindo. “Eu vou sair logo.”

“O que acontece no seu aniversário de 13 anos?”, questionou Victoria.

“Ou você sai antes ou... ela pega você”, disse Harold.

“Todo mundo?”, perguntou Caroline lacrimejando.

“Todo mundo”, disse Jacqueline.

“Mas para onde ela leva a gente?”, disse Victoria. “O que ela faz com a gente?”

“Ninguém sabe ao certo”, disse Jacqueline.

“Eu não pensaria nisso se fosse você”, disse Harold através de uma bocada de carne e torrada. “Mas não se preocupe. Desde que você faça o que ela manda, você fica bem.”

Victoria largou seu almoço sem dar uma mordida. “Mas o senhor Tibbalt me disse...”

Uma brisa fria assobiou sobre a mesa, como Victoria havia sentido na Academia. Ela olhou ao redor, mas a sra. Cavendish não estava em nenhum lugar à vista.

“Ele me disse”, ela continuou, baixando a voz, “que o irmão dele foi trazido aqui e, quando voltou, estava bem diferente. Que não era o mesmo.”

“Acontece”, disse Harold, lambendo os dedos. Foi só então que Victoria notou como tudo parecia falso em Harold, dos movimentos de suas sobrancelhas à forma como ele mastigava a comida. Sua pele parecia de cera. Como aquele menino, Peter, Harold parecia novo e diferente do que deveria ser. Falso. Como um boneco ou um brinquedo.

“A melhor coisa que você pode fazer é tentar se dar bem com ela e ficar em silêncio, daí você pode

voltar para casa.” Harold esfregou a boca. Seus olhos brilhavam um pouco demais. Quando sorria para Victoria, esticava o rosto numa forma feia. “É sopa no mel. Oh, espero que ela faça sopa hoje à noite. É ótima.”

Naquela noite, Victoria deitou-se na cama depois da luz se apagar, olhando para o teto. Teria gostado de dormir, mas não podia apagar o sorriso falso de Harold de sua visão.

Ninguém fica além de seu aniversário de 13 anos.

O aniversário de Victoria era em agosto do ano seguinte. Isso era fácil. Havia muito tempo até lá. E com certeza seus pais começariam a procurar por ela em breve, não importa o que o sr. Tibbalt ou Harold dissessem. Eles eram Wright. Não podiam cair muito tempo nos truques da sra. Cavendish.

Mas o aniversário de Lawrence era em 1º de novembro. Dali a duas semanas.

Ela se lembrava disso porque foram as únicas festas de aniversário que já fora. O sr. e a sra. Prewitt e às vezes o sr. e a sra. Wright, todos usando chapeuzinhos de festa (Victoria odiava chapeuzinhos de festa porque bagunçavam seus cachos). Uma vez na sala de jantar dos Prewitt, uma vez na mesa do parque (que ofendia o senso de higiene de Victoria), uma vez num bistrô chique no bairro rico. Victoria dizia que Lawrence não estava apagando as velas direito e ensinava-o *como* apagar as velas direitinho, e Lawrence debochava dos presentes chiques de que não gostava e perguntava se seus pais nunca dariam a ele algo relacionado à música como ele pedia. As festas eram na verdade acontecimentos muito sérios.

Só agora Victoria percebia o quanto se divertira.

Suas mãos apertavam os cobertores. *Como a senhora Cavendish ousara levá-lo tão perto de seu aniversário?*, ela pensou. *Ele não teria a menor chance.*

Mas então ela se lembrou de quão pequeno, esvaído e derrotado Lawrence pareceu quando o sr. Alice o tirou do cabideiro depois do jantar. A sra. Cavendish fez todo mundo assistir à cena. Havia marcas vermelhas nos pulsos e tornozelos de Lawrence, onde as faixas o haviam prendido. Sua cabeça estava baixa, como se seu pescoço tivesse virado borracha. O sr. Alice teve que arrastá-lo pelo colarinho.

Talvez Lawrence tivesse mais chance do que ela pensava. Talvez ele já estivesse prestes a ser mudado.

Victoria saiu da cama, ignorando os soluços baixos que podia ouvir de várias camas – e o completo silêncio da cama de Gabby –, e bateu no ombro de Jacqueline.

“Assustada demais para dormir?”, perguntou Jacqueline.

“Preciso falar com Lawrence”, disse Victoria. “Como posso fazer isso?”

Jacqueline se sentou. “Não pode. Ele está no dormitório dos meninos.”

“E como chego lá?”

Jacqueline olhou-a, horrorizada. “Não pode andar por aí depois que as luzes se apagam, lembra? Não é seguro.”

“Mas a porta está trancada?”

“Claro que está.” Jacqueline fez uma pausa. “Já tentaram, sabe. Andar por aí antes de dormir. Passaram pelos serviçais quando eles nos trancavam para a noite e correram pelo corredor. Mas daí as luzes se apagaram e eles nunca voltaram.”

Victoria ignorou a pontada de medo em sua garganta. “Tem de haver uma forma. Não vou ficar simplesmente sentada aqui como um cachorrinho. Preciso falar com o Lawrence.”

“Mas não há como...”

“Claro que há.” Victoria foi para o canto mais perto e começou a olhar pelo quarto, tocando nas paredes. “Eu sempre encontro uma maneira.”

Jacqueline a seguiu. “As pessoas estão olhando, Victoria.”

E estavam. Enquanto andava perto das paredes, chutando as sombras e espiando atrás dos móveis, Victoria sentiu os olhos das outras meninas sobre ela. Algumas estavam dormindo, outras estavam bem despertas e algumas cochichavam coisas umas para as outras. Victoria estava feliz de não poder ouvir o que elas diziam.

“Não me importo, deixe que olhem”, ela disse. “Tem de haver outra forma de escapar, e vou descobrir.”

“Mas *não* há. Vamos voltar para cama.”

Na porta, Victoria balançou a maçaneta e as dobradiças. Empurrou com força. Enfiou os dedos embaixo da porta, no corredor que estava atrás dela.

Algo farfalhou passando por seus dedos. Picando-os.

Ela puxou a mão de volta, olhando as marcas vermelhas na pele.

“Victoria, *por favor*”, sussurrou Jacqueline. “Não gosto disso.”

Victoria debochou. *Não é à toa que Jacqueline não está entre as primeiras da classe*, pensou. *Ela resmungava demais*. Victoria se virou e olhou de volta para a fileira de camas, tentando ignorar o olhar das outras meninas. No fundo da parede oposta havia um pedacinho preto.

A lareira.

“Imagino”, disse Victoria, e ela se encaminhou para lá com o queixo erguido. Todas as meninas encarando-a, cochichando e se escondendo sob as cobertas a estavam irritando. Por que elas se importavam com o que ela fazia? Se tivesse tempo, ela lançaria olhares mortais a cada uma delas em suas camas.

A lareira era pequena, e quando Victoria se ajoelhou diante dela, suas mãos raspavam pedaços de cinza e sujeiras, como comida velha ou unhas encrostadas. Tentando não pensar no nojo que sentia, Victoria rangeu os dentes, engatinhou alguns centímetros e balançou a mão na escuridão. Era tolo, era idiota, mas ela tinha de tentar. Ela *tinha* de falar com Lawrence. Cada minuto que passava era um minuto mais próximo do aniversário dele, um minuto mais próximo de ele desaparecer ou mudar para sempre. Ela não conseguia decidir qual era pior.

Meu nome é Victoria Wright, ela recitou para si mesma, *e vou fazer isso funcionar*.

Jacqueline a segurou pela calça. “O que está fazendo? Perdeu a cabeça?”

Victoria a afastou e engatinhou um pouco além, então mais ainda. Buscou na escuridão, e seus dedos tocaram uma parede suja de tijolos.

Ela suspirou e se sentou nos calcanhares. Era um beco sem saída.

“Como eu disse”, começou Jacqueline, mas então um ar frio soprou e acertou o rosto de Victoria, e o chão sujo na frente dela... *tremeu*.

Jacqueline se afastou, com olhos esbugalhados. “O que está acontecendo?”

“Eu não sei”, disse Victoria. Parecia estranho admitir tal coisa em voz alta. Ela engatinhou seguindo adiante, mantendo uma mão à frente. Onde esperava tocar a parede sem saída, ela só encontrou mais ar frio, e mais e mais. Esse novo espaço escuro e frio a engolia até que ela só podia ver seus próprios dedos à sua frente.

“Você vai entrar em grandes apuros por causa disso”, veio a voz de Jacqueline de algum lugar bem atrás dela.

Apesar de Victoria querer ver Lawrence mais do que tudo, avisá-lo para não ser idiota e garantir que ele soubesse sobre a coisa do aniversário de treze anos, porque ele provavelmente não havia prestado atenção nisso –, a frase “você vai entrar em grandes apuros” provocou-lhe arrepios na espinha.

Ela engoliu em seco, mas não se virou. “Não se preocupe, nunca entro em apuros.”

“*Eu* podia entrar em apuros, só por falar com você enquanto você faz isso. Alguém podia estar

olhando, alguém podia nos delatar.”

“Peço desculpas por isso.”

“Você está agindo como uma *degenerada*.”

“Bobagem”, disse Victoria. “Só quero falar com Lawrence.”

Após um momento, Jacqueline disse baixinho. “Este lugar não é como em casa, Victoria.”

“É, já reparei nisso, obrigada”, Victoria retrucou.

“Arrumar encrenca aqui não é como arrumar encrenca em casa.”

Com o medo na voz de Jacqueline, Victoria quase se virou e voltou para a cama, mas seu orgulho não a deixaria parar agora. E, além disso, Lawrence estaria perdido sem ela; ele precisava dela.

Victoria voltou a rastejar mais para o fundo da lareira, espirrando por causa da fuligem – *ela esperava* que fosse fuligem –, e continuou rastejando. O chão se tornou mais liso, escorregadio, com uma leve cobertura de gosma. Ela esfregou o rosto com a manga e pegou uma fragrância azeda de seus dedos. Quando olhou de volta sobre o ombro, não viu mais a lareira, nada de Jacqueline – nada além da escuridão.

Então as paredes começaram a se mexer.



Começou atrás de Victoria, perto da abertura da lareira, um suave rugir e farfalhar, como algo enorme e lento revirando em seu sono.

Então o chão escorregadio e arenoso começou a ondular.

As paredes de cada lado se expandiram e se contraíram.

Se não estivesse acostumada, ela teria pensado que o pequeno túnel estava *respirando*. Por todo lado, as paredes se elevavam. Um zumbido baixo começou de todos os lados. Ela tentou se afastar, primeiro para um lado, depois para o outro, mas as paredes de pedra úmida se moviam rápido demais. Logo elas a cercavam por todos os lados, e o zumbido virou um sibilo e depois um bater de asas úmidas. A escuridão se aproximou a poucos centímetros do rosto dela, mais próximo, mais próximo...

Victoria se enrolou numa bola, respirando rápido. “Não, não”, murmurou, mas as paredes não a ouviam. Iriam esmagá-la, iriam parti-la em pedacinhos sangrentos, iriam *devorá-la* com seus dentes. Enrolando-se numa bolinha no chão, Victoria afundou a cabeça nos braços, como havia feito no quartinho. “Arrumar encrenca aqui não é como arrumar encrenca em casa”, Jacqueline a alertara, mas Victoria não lhe dera ouvidos e agora estava de novo no quartinho. Tinha de ser. De alguma forma, a sra. Cavendish a havia prendido ali e dessa vez não a deixaria sair.

“Não, não”, Victoria quis dizer novamente, mas não conseguiu recuperar a voz. Então teve de se conformar em dizer mentalmente: *não, não, não...*

Ela começou a cantarolar.

Inicialmente, ela nem percebeu. Tudo o que ela via era a escuridão fria e pesada, pressionando-a, e as asas passando acima dela como se tentassem escavar sua pele. Mas logo o zumbido interminável se aquietou. Então só havia algumas batidas solitárias de asas à medida que as paredes ao redor se afastaram. Daí fez-se silêncio.

Victoria abriu os olhos e espiou. Claro que não podia ver nada, mas a escuridão parecia de certa forma mais silenciosa do que um momento antes. Parecia de fato estar segurando o fôlego.

Concerto para piano no 3 de Rachmaninoff. Victoria reconheceu a melodia quando se levantou com

pés instáveis. Quase podia visualizar as mãos de Lawrence batendo e voando pelas teclas. Enquanto estava ali, tremendo, esperando, os sons de insetos voltaram – silenciosamente, de longe. As paredes ao redor começaram a se mexer novamente, rangendo um pouco dessa vez, como se lutando contra algo que tentasse contê-las.

“Não, espere”, Victoria sussurrou, afundando no chão e escondendo sua cabeça novamente. Era tudo um truque; eles estavam voltando. A sra. Cavendish estava brincando com ela, atraindo-a para aquele lugar escuro apenas para prendê-la, soltá-la e prendê-la novamente entre pedras, insetos e escuridão. Victoria escondeu o rosto entre os joelhos, dobrando-se tão apertadinho quanto podia e forçando-se a cantarolar novamente. Pelo menos se pensasse em Lawrence e em seu maravilhoso piano idiota, e imaginasse que estava sentada na sala dele ouvindo-o tocar, presa entre inveja e espanto, ela se distrairia quando os insetos voltassem e comesçassem a tirar camadas de sua pele com suas pinças.

O zumbido parou. As paredes pararam. O silêncio voltou. O único som lá na escuridão era sua própria voz trêmula cantarolando os acordes de abertura do concerto de Rachmaninoff sem parar. Ela não levantou a cabeça. Havia segurança nisso, na ideia do rosto sorridente de Lawrence debruçado sobre o piano, nas notas trêmulas e feias da voz de Victoria. Ela nunca fora uma boa cantora.

Finalmente, após o que lhe pareceram horas, Victoria não teve fôlego para continuar. Levantou o olhar devagar, dando lentas e trêmulas respiradas para se controlar.

Imediatamente um sussurro de vento passou por ela de um corredor no escuro. Dizia “*não pare*”.

Victoria se encolheu na parede mais próxima. “O quê?”

“*Sozinha, tão sozinha*”, o sussurro veio novamente, mas mais parecia milhares de sussurros misturados num só. As palavras não se alinhavam bem, ecoando umas nas outras como uma tagarelice, mas o trecho “*sozinha, tão sozinha*” permanecia claro.

Estou ouvindo coisas, Victoria pensou. *Isso não pode ser boa coisa.*

“*Não pare*”, os ecos sussurraram novamente. Victoria sentiu uma respiração atrás dela, à sua frente, o traço de um dedo, o toque de um pé contra o dela.

“Isso é loucura”, ela disse, e começou a engatinhar. Seu coração certamente iria explodir em seu peito, batia com tanto medo.

“Não posso ter medo.” Suas palavras se encolhiam no escuro, mas ela não iria pensar onde. “Tenho de encontrar Lawrence.” Lawrence, que cantarolava quando estava feliz. Bem, Victoria estava muito distante da felicidade, mas teria de funcionar. Ela começou a cantarolar novamente, e as paredes suspiraram e se mexeram, pegando-a de guarda baixa.

Ela congelou e ficou em silêncio. Assim como as paredes.

Estranho, ela pensou. Ela rastejou mais alguns passos hesitantes à frente, cantarolando novamente. As paredes se moveram outra vez, empurrando-a gentilmente para a direita, numa direção diferente.

Ridículo, ela pensou, mas ao mesmo tempo uma pequena emoção correu por seu peito. O chão caiu, e degraus se formaram abaixo dela, fazendo-a tropeçar, mas ela subiu e subiu. Quanto mais rápido subia, mais cantarolava, e mais rápido tudo se movia. O teto se encolheu tão baixo que ela teve de rastejar escada acima de barriga. Ela não gostava da proximidade do teto; lembrava-lhe a saleta.

Então, em movimento ondeante, o chão caiu.

Ela estava caindo.

Através do ar frio e da escuridão, Victoria despencou, batendo os joelhos e pés contra a pedra. Ela buscou algo em que se agarrar, mas seus dedos apenas raspavam em pedra gosmenta, depois em pedra seca, então em coisas borrachudas e vibrantes que pareciam asas.

Victoria finalmente pegou ar suficiente para gritar e empurrou as mãos para longe. Então acertou algo, a barriga primeiro – *huf* – e ficou parada. Algo a havia apanhado. Cuidadosamente, ela apalpou ao redor

e sentiu uma coisa longa e esponjosa, com cantos ásperos. Tentou se levantar, mas a coisa desapareceu, saltando para longe como uma mola, e ela caiu novamente...

...mas só alguns centímetros, num chão acarpetado.

O coração de Victoria bateu tão alto que ela mal conseguia ouvir seus pensamentos.

Quando percebeu que nada mais se movia, Victoria ficou de pé usando a parede mais próxima, que não estava mais gosmenta; era suave, com placas de madeira polida. Victoria flexionou os dedos dos pés para sentir um carpete felpudo abaixo. Estava num corredor iluminado por uma luz pálida que vinha da janela bem no fundo. Só emitia luz suficiente para que ela visse que o que a havia apanhado era um longo emaranhado de raízes de uma árvore, em forma de dedos, que agora se arrastavam para longe dela... e afundavam numa parede?

“Espere”, ela murmurou, e correu para elas, mas elas pareciam estar apressadas. Quando chegou ao canto, elas haviam desaparecido numa fenda entre o chão e a parede. Victoria puxou o carpete e, rolando os olhos, disse: “Volte. Por favor!”. Elas não voltaram. Tudo ficou em silêncio.

Victoria se afastou e se virou. Levantou o olhar para ver o túnel da lareira em que havia caído, mas era apenas um teto, com mofo nos cantos e pintado com retratos de porcos mordiscando os pés de crianças que dormiam.

“Onde estou?”, Victoria sussurrou.

Uma leve risada respondeu, um eco sussurrado de uma risada de menina.

Victoria pressionou seu corpo contra a parede, colocando a mão sobre a boca para silenciar a respiração. Pelo que lhe pareceu horas, ela esperou a menina que ria se mostrar, mas nada aconteceu.

Engatinhou para a frente, mantendo-se junto à parede em direção ao corrimão de madeira escura à sua esquerda. Afundou no chão e rastejou até poder espiar entre o corrimão e olhar para baixo...

...para baixo e para baixo, para o chão de madeira reluzente da galeria.

Sua cabeça rodava. Já tonta de tentar não respirar alto demais, ela se imaginou deslizando pelo corrimão e caindo para sempre. Ou pior, abrindo a cabeça ao meio.

“*Não vá, não vá*”, alguém disse atrás dela. Era um garoto dessa vez.

Victoria se virou. “Lawrence?”

Novamente ela não viu nada – apenas o corredor com a janela ao fundo. Virou para a esquerda: uma escadaria íngreme. Virou para a direita: outro corredor, com o corrimão de um lado e pinturas do outro, emolduradas em pesados peixes e arabescos dourados.

“O que está havendo aqui?”, perguntou Victoria, recuando no corrimão. Acima dela, algo farfalhou. Asas molhadas zumbiram por sua orelha, seguidas por um grito distante e frustrado. Victoria quase berrou, e seu cotovelo bateu no corrimão. Então o corrimão não estava mais lá.

O chão ondulou, jogando Victoria no ar. A escada se desmanchou abaixo dela em câmera lenta. Sem acreditar, ela caiu, deslizou e estava dando cambalhotas, revirando-se num nó de asas raivosas e pinças rascantes...

Caiu num quarto escuro. O ar fedia a cebola e a algo pior, um cheiro pesado de podre. Era tão nojento que Victoria quase vomitou. Ela piscou várias vezes para ver melhor e captou as formas de uma mesa, de prateleiras e de um par de painéis. Pilhas de coisas se espalhavam pelo chão. Ferramentas brilhantes.

Uma nuvem de moscas voava sobre o fogão.

É a cozinha, Victoria percebeu, reconhecendo o lugar em que havia conhecido a sra. Cavendish. *E, se essa é a cozinha, a porta deve estar... aqui!*

Ela correu cega para a esquerda e encontrou uma maçaneta rangente, mas ela não girava e a porta não se mexia.

Vozes chamavam de um lugar que parecia muito longe. Do outro lado do cômodo veio um estalo

agudo – uma cacofonia de asas assobiando. As paredes tremeram. Alguém estava *dentro* das paredes, batendo para sair. O chão da cozinha saltou e algo serpenteou em direção a Victoria sob o chão, rachando os azulejos. Mas esse não era o som de asas de insetos, era o eco de vozes.

As vozes ficaram mais altas e mais próximas, até que uma delas sussurrou seu nome. Veio da rachadura do chão.

“*Não pare, Victoria*”, cochichava tristemente.



Através do ar frio e da escuridão, Victoria despencou...

Um pensamento selvagem ocorreu a Victoria. Ela se lembrou do cantarolar e não cantarolar na escuridão da lareira; como os ruídos dos insetos haviam sumido enquanto ela cantou e voltaram quando ela não cantou; como as vozes lhe pediram tristemente para não parar e disseram que estavam solitárias; e como aqueles degraus estreitos haviam aparecido do nada quanto mais ela cantava, até que ela se sentiu segura na escuridão, amparada por aquele emaranhado de raízes em forma de dedos.

Ela fechou os olhos e começou a cantarolar. Os ruídos raivosos nas paredes se afastaram como se tivessem levado um tapa, e aquele grito frustrado se ouviu novamente. Às cegas, Victoria correu pelo corredor, esperando não tropeçar e cair, torcendo para que o que quer que estivesse prestes a explodir do chão a deixasse em paz.

Mas aquilo não a deixou em paz; algo longo, retorcido e coberto de arbustos irrompeu do chão, a empurrou para a frente e ela caiu de cabeça pelo corredor, seguramente para fora da cozinha. A escuridão se estendeu e a agarrou enquanto o zumbido e o grito frustrado desapareciam no nada, e ela caía e caía como da primeira vez. Então caiu com tudo de quatro, com um estrondo e um baque.

Ela sussurrou: “Ai”.

Sem poder ser visto na escuridão, alguém disse: “Isso deve ter doído”.



Victoria levantou a cabeça para olhar na escuridão. “Quem está aí?”

“Oi?”, respondeu uma voz. “Você acabou de cair da lareira? Estou sonhando?”

Victoria piscou e balançou a cabeça de um lado para o outro. Uma luz fraca na frente dela iluminava uma pequena figura escura.

Victoria prendeu o fôlego e rastejou em direção à figura. O chão abaixo dela tinha a mesma sensação arenosa e suja da lareira em seu dormitório. Na verdade, essa era *outra* lareira, Victoria notou, vendo o contorno surgir à luz diante dela – ou talvez fosse a mesma? Será que tinha encontrado o caminho de volta ao dormitório? Victoria engatinhou para fora cuidadosamente e encontrou duas longas fileiras de camas, mas nelas havia meninos no lugar de meninas. Um garotinho de olhos esbugalhados se debruçava perto da lareira, olhando para ela.

“Escutei um barulhão”, ele murmurou. Era a mesma voz de um momento atrás. “Você é a menina nova?”

“Sou eu”, disse Victoria, saindo da lareira e ficando de pé.

Sim, era o dormitório dos meninos. Havia tantos choramingos aqui e ali quanto no das meninas, mas o cheiro era diferente, e lá, a poucas camas da lareira, sentava-se Lawrence. A luz da lua que vinha da janela alta dos meninos fazia sua mecha de gambá brilhar.

Victoria espanou seu pijama e caminhou até ele, como se fosse a coisa mais normal do mundo entrar por uma lareira e ser jogada por uma casa cheia de insetos e que se movia como se estivesse viva. O garoto alto, Peter, sentou-se quando Victoria passou por ele.

“É melhor você tomar cuidado, Victoria”, ele cochichou. Os ângulos de seu rosto brilhavam à luz da lua. “Vou para casa em breve. Não vou deixar você nos meter em apuros.”

“Ninguém vai se meter em apuros”, disse Victoria, apesar de não saber se acreditava no que dizia. Ela se sentou ao lado de Lawrence, assim como havia feito no almoço no quarto ano, e disse: “Lawrence, você nunca vai acreditar no que aconteceu. Eu queria vir falar com você, então entrei na lareira do dormitório das meninas e rastejei e rastejei. Nunca acabava, não era como uma lareira normal, tinha uma passagem secreta ou algo assim. No começo fiquei presa e achei que era a senhora Cavendish me

prendendo lá, e talvez até fosse, mas daí – você não vai acreditar *mesmo* nisso – comecei a cantarolar. E acho que fiz algo, porque de repente eu não estava mais presa. Degraus surgiram do nada, e eu os subi, daí eu caí e saí no... quarto andar, acho que era. Eu estava naquela cozinha fedida. Tudo ficava se movendo e me cuspiendo para um lugar diferente. Havia vozes e zumbidos – eram aqueles bichos, aquelas baratas, estão *por todo canto* – e alguém gritando, e era quase como se os insetos e as vozes estivessem lutando uns com os outros. As vozes diziam que estavam solitárias e... e...”, ela se forçou a parar e respirar fundo. “Sinto muito. Sobre o cabideiro, quero dizer. Ela colocou você lá por minha causa. Sinto muito.”

Levou um minuto para Lawrence olhar para ela. Quando ele olhou, sua expressão estava turva, seus olhos tão estranhos que ele não parecia o mesmo. De repente, Victoria se sentiu idiota por ter despejado tudo nele assim.

“Ah, Lawrence, você não pode desistir”, ela disse. “Não sabe que seu aniversário está chegando? Você vai fazer 13 anos. Não sabe o que acontece quando as crianças fazem 13 anos?”

Lawrence assentiu lentamente. “Ou você vai embora ou... não vai.”

“Sabe o que acontece com quem não sai?”, Victoria cochichou. “Jacqueline não sabia.”

“Tenho uns palpites.”

Victoria parou para ver a escuridão repentina da expressão dele. Decidida a tentar algo diferente, colocou a mão no braço dele e lhe falou comoalaria com uma criança pequena, pronunciando cada palavra claramente.

“Lawrence Prewitt. Sabe quem eu sou?”

Lawrence suspirou. “Vicky, não sou idiota. Só estou cansado.”

O coração de Victoria saltou ao ouvir seu terrível apelido. “Oh, você *não* sumiu afinal.”

“Não, não sumi. Mas talvez suma.”

“O que quer dizer?”

“Estão tentando me fazer desistir da música, Vicky”, ele disse, e, com essa menção à música, um pouco de luz voltou aos olhos dele. “É por isso que estou aqui. Minha mãe e meu pai ficaram cansados disso. Eles a *deixaram* me trazer.”

“Bem, o que há de errado afinal com a música?”

“Para eles, tudo. Você sabe disso. Não é o que eles querem. Não é respeitável.”

“Mas você *deve* tocar música, obviamente”, disse Victoria.

Lawrence olhou para ela surpreso. “Fala sério? Achei que você odiava.”

“Falo sério”, disse Victoria. Ela mesma estava chocada. “Às vezes é irritante – bem, muitas vezes na verdade –, mas é obviamente a coisa em que você é melhor. Então por que não fazer?” Envergonhada diante da felicidade visível de Lawrence, ela tentou ajeitar seu pijama sujo e amassado. “Quero dizer, é apenas lógico, não é?”

“Se você não fosse, bem, *você*... eu a beijaria agora mesmo.”

Era bom que o quarto estivesse tão escuro. As bochechas de Victoria ficaram bem vermelhas.

“Bem”, ela disse. “Bem.”

Lawrence sorriu. “Então você veio aqui me avisar, é?”

“Sim. Eu pensei – bem, depois de ser pendurado...”

“Não se preocupe com isso. Já estive lá antes. E, enfim, fiquei tão feliz em ver você que não me importei.”

As bochechas de Victoria ficaram ainda mais vermelhas. “Você não pareceu feliz em me ver.”

“Bem, inicialmente eu só fiquei assustado por você estar aqui. Eu não queria que você ficasse presa por minha causa.” Lawrence fez uma pausa, mexendo em seu pijama. “É por isso que você veio, certo?”

Por minha causa?”

“Eu vim porque *ela* me trouxe”, disse Victoria. “Quero dizer, sim, eu estava tentando descobrir para onde você tinha ido. Acho que fui muito abelhuda, e ela não gostou disso e...”

“Estava me procurando?”

Victoria se perguntou se ficaria vermelha pelo resto da vida. “Sim.”

“Olha só que coisa. Victoria, a rainha do gelo, buscando esse velho gambá aqui.”

Victoria fez uma careta. “Não sou a rainha do gelo.” Ela nem podia ficar brava direito. Parecia estranho estar lá, com todos aqueles meninos chorando manhosamente em suas camas, o alto Peter num canto do quarto, encarando-a, e Lawrence se mostrando arrasado num minuto e malvado no próximo.

Lawrence colocou a mão no braço dela. “Sinto muito. Eu não quis dizer isso. Você sabe que não falei sério, Vicky. Não eu.”

Victoria tirou a mão dele.

“Espere”, Lawrence disse lentamente. “Você estava dizendo algo sobre... passar pela lareira para chegar aqui?”

“Sim”, disse Victoria, corando. A verdade soava tola quando Lawrence dizia.

“Não entendo.”

“Bem, nem eu, mas aconteceu. De que outra forma você acha que eu chegaria aqui?”

Lawrence coçou a cabeça. “Acho que posso entender que haja uma passagem entre as lareiras. Quero dizer, casas velhas têm essas coisas esquisitas, certo? Mas como caiu num corredor? E daí na cozinha? E... você disse algo sobre cantar?”

“E vozes”, disse Victoria, e, quanto mais pensava nisso, mais turva a lembrança de toda aquela queda e aqueles tropeços se tornava. Aconteceu *mesmo?*, ela se perguntava, espiando de volta na lareira. “Não sei. Mas aconteceu, acho.”

Lawrence franziu a testa. “Talvez você esteja imaginando coisas.”

“Minha imaginação não é lá *tão* boa. Ou... não sei, talvez... bem, agora não consigo lembrar.”

“Tudo bem, Vicky”, disse Lawrence, batendo no braço dela. “Esse lugar faz essas coisas com as pessoas. Acredite em mim, os sonhos que eu tive...” Ele estremeceu.

Victoria engoliu seus protestos. *Havia* acontecido, ela sabia – ou achava que sabia. Mas, quanto mais tentava se lembrar do corredor, daquelas vozes, da cozinha fedida e do som de sua voz lutando através de Rachmaninoff, mais as imagens se afastavam, como num sonho. Talvez tivesse sido um sonho. Talvez ela tivesse rastejado pela lareira por tanto tempo que adormeceu e sonhou com tudo. Mas tinha de ter chegado ao dormitório dos meninos de *alguma forma*. Era apenas uma passagem entre as lareiras, como uma casa velha poderia ter?

Um som suave ecoou pelos cantos de sua mente. Suave como a risada de uma mulher.

“Tudo bem com você?”, perguntou Lawrence, aproximando-se mais.

Victoria se endireitou de pé, ajustando a camisa. Não gostava de se sentir louca. “Bem, então, o que vamos fazer sobre isso?”

“Isso?”

“É, isso!”, Victoria apontou para o quarto. “Como estamos todos aqui, e por quê, e como podemos ir embora. E o que está havendo com essa casa, afinal? Mesmo sem a coisa da lareira, é estranho.”

“Não fale tão forte”, disse Lawrence.

“Tão alto.”

“Tanto faz. Olhe, você não pode falar dessas coisas onde todo mundo pode ouvir.” Victoria notou que Lawrence virou-se para bloquear seu rosto da vista de Peter. Ela sorriu. Havia conseguido martelar *um pouco* de bom senso na cabecinha cheia de música dele afinal.

“A gente chegou aqui com aqueles besouros”, disse Lawrence. “Não me pergunte como – eu sei lá. Mas eles fazem tudo o que ela manda. Às vezes me pergunto...”

Lawrence parou.

“O quê?”, disse Victoria.

“Bom, às vezes me pergunto se esses besouros são ela. Sabe o que quero dizer. Como se fossem parte dela. Então ela pode controlá-los.”

Victoria levantou uma sobrancelha. “Isso é ridículo.”

“E engatinhar por lareiras não é?”

Nunca em sua vida Victoria achou que iria discutir se uma mulher era ou não feita de besouros. Porém, Lawrence tinha um bom argumento.

“Tudo bem, ótimo, vamos seguir isso por enquanto”, ela disse. “Não que eu tenha ideias melhores.”

“Certo. Então, *por que* estamos aqui? Pelo que todos dizem, é porque há algo errado com todo mundo aqui. A senhora Cavendish acha que as crianças estão erradas, traz elas para cá e tenta corrigi-las. Degenerados, ela nos chama.”

“Sim, isso eu já supunha, e, se ela corrige você, você pode ir embora”, cochichou Victoria, lembrando-se do almoço com Jacqueline e Harold Hiena. “Mas se não consegue...”

Lawrence não disse nada.

“Bem? Daí o que ela faz?”, perguntou Victoria.

“Não sei”, respondeu Lawrence, mas ele obviamente tinha alguma ideia. Você aprende coisas sobre uma pessoa quando essa pessoa é sua única amiga, e Victoria podia ver no rosto dele que ele sabia algo, mas não queria saber. Tinha medo de dizer em voz alta.

Victoria apertou bem os punhos. Tinha vontade de socar algo. “Mas como ela pode fazer isso? Ninguém percebe de fato que nós sumimos? Com certeza nossos pais não vão deixar...”

Mas, enquanto falava, Victoria já sabia que não era verdade. Queria acreditar que alguém em Belleville iria perceber que eles haviam sumido e tentaria encontrá-los, mas, sempre que isso acontecera antes – com Vivian, por exemplo, e com o professor Alban –, quem quer que tenha tentado não voltou. E Jacqueline estava lá há oito semanas, e Harold há meses...

Lawrence sacudiu a cabeça. Alguém por perto começou a chorar mais forte. Victoria se lembrou do sr. Tibbalt, de seu irmão Teddy e de Vivian Goodfellow. O sr. Tibbalt disse que não havia sentido saudades realmente do irmão quando Teddy desapareceu. Disse que parecia viver numa neblina branca e fria. Era pacífico. Fazia você esquecer coisas e não se importar com as pessoas com quem você deveria se importar.

Victoria engoliu em seco, forte. As pessoas estavam se esquecendo deles. E, se eles saíssem de lá, todo mundo em casa, na escola, na cidade, iria esquecer que tinha se esquecido de seus filhos, e as coisas iriam continuar como antes. A sra. Cavendish continuaria roubando crianças. Ninguém diria uma palavra. Não era a maneira de Belleville lidar com coisas desagradáveis.

Victoria rangeu os dentes até que as lágrimas e as imagens de seus pais desapareceram. Havia coisas a descobrir primeiro. *Não podemos amolecer, Victoria*, disse a si mesma.

“E o Lar?”, ela disse. Lembrou como o chão havia ondulado sob seus pés e a cozinha rachado como num terremoto. “Acha que ele pode estar...” Ela engoliu em seco. Não queria dizer. “Acha que pode estar vivo?”

Lawrence franziu a testa. “Não sei.”

“Acho que sim”, sussurrou uma vizinha na cama ao lado. “Faz tudo o que ela quer. Assim como aquelas baratas e o senhor Alice. Ela faz quartos aparecerem do nada, e os corredores são diferentes todos os dias. Você vai ver.”

“Volte a dormir, Donovan”, disse Lawrence.

“Eu deveria saber, não deveria? Todas aquelas noites no quartinho...”

Victoria reconheceu o garoto esparramado como um saco na cama ao lado, e perdeu o fôlego.

“Donovan? Donovan Gorducho – quero dizer, O’Flaherty?”

Lawrence a cutucou com o cotovelo.

“Sou eu”, disse Donovan. Ele se virou, e então Victoria pôde ver as camadas de pele penduradas das bochechas dele, como a cabeça do MEDO pendurada na sala de aula. “Oi, Victoria.”

Ignorando a vontade de chutar a feia versão de Donovan para longe como a sra. Cavendish faria com um serviçal, Victoria disse: “O que *aconteceu* com você?!”.

“Treinamento”, disse Donovan. Ele suspirou. Seu rosto caiu ainda mais. “Você vê. Acontece com todo mundo, de um jeito ou de outro.”

“Mas o que é isso? O que é o treinamento?”

“É quando a senhora Cavendish tenta fazer com que você pare de fazer o que está errado”, respondeu Lawrence baixinho.

“Mas como ela pode mudar uma pessoa assim?”, perguntou Victoria.

“Apenas pode. Eu nunca pensei antes, nunca, que eu poderia odiar música, mas agora...”

“Lawrence Prewitt”, disse Victoria. Sua voz estava trêmula. Ela ficou de pé e lançou um olhar tão feroz que até Donovan pareceu despertar. “Nem ouse falar assim novamente ou, quando eu sair daqui, vou deixar você para trás com os serviçais.”

Lawrence sorriu. “Senti falta de suas ameaças, Vicky.”

“Ouvi alguém mencionar ir embora?”, questionou Peter se aproximando. Ele se sentou aos pés de Donovan e olhou para Victoria. Sua boca e seus dedos agitaram-se, como se ele fosse um lobo.

Victoria apertou os olhos. Ela reconheceu aquele olhar. Os professores da Academia o tinham. Assim como Jill e os Prewitt, quando não estavam animados e sorrindo. Victoria tinha a sensação de que, quando as pessoas estavam assim, a sra. Cavendish estava em algum lugar bem perto.

“Sim, você ouviu alguém mencionar ir embora, Peter”, disse Victoria, ajeitando seu pijama. “*Eu* vou embora. Vou voltar para a cama.”

Com isso, Victoria se levantou e se encaminhou para a lareira. Desejava estar usando seus belos sapatos da Academia, com fivelas e saltos. Sumir assim descalça não tinha o mesmo efeito.

“Cuidado com o escuro, Victoria”, disse Peter, de repente do lado dela, apoiando-se na parede da lareira e olhando para ela. “Às vezes... as coisas mudam. Nunca se sabe.”

Victoria revirou os olhos. “Ah, fique quieto. Você não consegue me assustar.”

Peter agarrou o braço dela.

“Não vou deixar você me causar problemas, Victoria”, ele sussurrou, com os olhos duros e amedrontados. “Apenas se lembre disso. Já tive o bastante, sou um novo Peter agora. É minha hora de ir embora. Não vou deixar você estragar isso.”

“Obrigada pela informação”, disse Victoria. Ela soltou o braço e engatinhou até estar no escuro novamente, e a fuligem se tornar gosma.

“Não vou deixar você me causar problemas, Victoria”, ela disse, tirando sarro da voz trêmula de Peter. “Sou um novo Peter agora, blá, blá, blá.”

Mas sua própria voz soava fraca na passagem retorcida que se alterava, e o chão triturava-se e inchava-se abaixo das mãos dela. *Não me jogue de um lado para o outro novamente*, ela pensou. *Por favor.*

Ela se concentrou em engatinhar, movendo-se para a frente pouco a pouco, apertando os dentes até a mandíbula doer. Dessa vez não teve de cantarolar nada; uma passagem negra esperava por ela, seguindo

reto no escuro. Victoria parou. Não gostava nada disso. Até pensou em dar meia-volta e se esconder no dormitório dos meninos, mas achava que isso não cairia bem para os serviçais quando voltassem para destrancar a porta de manhã.

“Olá?”, ela sussurrou. Ninguém respondeu – nenhum zumbido, nenhuma voz fantasmagórica. A passagem permaneceu fixa e sólida. Victoria olhou por sobre o ombro, Peter permanecia na lareira, uma figura preta curvada, observando-a.

Victoria engoliu em seco. “Não tenho medo.” Levantou o queixo e apertou bem a boca. “Não tenho. Não tenho. Sou Victoria Wright.” Começou a engatinhar novamente, cantarolando só por via das dúvidas, esperando que o chão caísse debaixo dela novamente ou uma escadaria saísse da parede – mas, antes que pudesse pensar bem nisso, suas mãos acertaram a grelha da lareira, e ela estava de volta ao dormitório das meninas. Seu nome reluzia na parede. Jacqueline havia ido para a cama. Todo mundo dormia. Victoria sentiu-se tão aliviada em voltar que se sentou na fuligem por vários minutos antes de poder se levantar. Olhou para trás e só viu uma parede de tijolos sujos. A passagem havia desaparecido.

O que isso significa?, ela se perguntou, franzindo a testa. Imaginei o Lar se movendo desse jeito e me cuspiendo para todos esses cômodos diferentes?

“Devo ter imaginado”, ela disse a si mesma, deslizando para sua cama e fechando bem os olhos. “Eu imaginei, imaginei. Casas não se mexem assim. Casas não estão vivas.”



“E aí?”, disse Jacqueline na manhã seguinte, enquanto elas se reuniam na porta para ir tomar o café da manhã. “O que aconteceu na noite passada?”

“Nossa lareira dá no quarto dos meninos”, disse Victoria. “Há uma passagem que conecta as duas. Então fui lá e falei com o Lawrence.” Ela deu de ombros, tentando dar a impressão de que não fizera nada demais. A queda infinita, a saída no corredor, as vozes estranhas, a cozinha fedida, o que o canto havia causado ou *não havia* causado – não, não contaria nada disso a Jacqueline. Além do mais, não havia acontecido mesmo.

Casas não estão vivas. Ela tinha de acreditar nisso; não iria deixar a sra. Cavendish enlouquecê-la. *Casas não estão vivas. Casas não estão vivas.*

“Simplesmente não consigo acreditar”, disse Jacqueline. “Eu vi você atravessando, e *ainda* não acredito. As pessoas tentaram mexer na lareira antes. Até eu tentei. Mas sempre há apenas uma parede de tijolos. Ninguém nunca passou através dela.”

Então, Victoria pensou, isso foi especial para mim, senhora Cavendish? A senhora me deixou atravessar de propósito? Estava tentando me assustar?

Devia ter sido isso. Claro. Fazia muito sentido. A sra. Cavendish fizera algum truque e mandara Victoria num passeio maluco para assustá-la e fazê-la não causar problemas. Victoria sorriu e deu a si mesma alguns pontinhos em seu placar mental. Obviamente, a sra. Cavendish achava que ela era uma oponente digna. E afinal, por que não seria? Ela era Victoria Wright.

Mas então...

Certos pensamentos irritantes não iam embora.

“Ou talvez...”, Victoria começou. Ela franziu a testa e olhou para a lareira.

“Você parece estranha. Está tudo bem?”, perguntou Jacqueline.

Talvez a senhora Cavendish não tivesse nada a ver com o fato de o túnel se mover, Victoria pensou. Ela lembrou que nos jardins, duas noites antes, a sra. Cavendish olhava ao redor do Lar como se estivesse buscando algo. A própria Victoria havia visto a frente do Lar se mover quando veio questionar

a sra. Cavendish no outro dia.

Deixar Victoria passar pelas lareiras e jogá-la de um lado para o outro para assustá-la era uma coisa, mas por que a sra. Cavendish faria o Lar se mover naquele dia, quando estava empurrando Victoria pela varanda, tentando fazê-la sair?

“Eu me pergunto por que eu pude passar”, Victoria disse lentamente. “Por que eu?”

Jacqueline inclinou a cabeça. “Talvez fosse uma armadilha. Talvez ela estivesse nos espiando.”

“Talvez”, disse Victoria, mas aí um serviçal veio buscá-las e Victoria mudou de assunto. Aquele terrível sentimento *indefinido* estava de volta, e Victoria não sabia o que pensar.

Em cochichos dispersos, a caminho da sala de jantar, Victoria e Jacqueline discutiram o que achavam que a sra. Cavendish fazia com as crianças que fracassavam no treinamento, e por que Jacqueline estava ali. Ela era feia, com ombros caídos, cabelo emaranhado e rosto manchado, e insistia em pintar aquela arte bizarra e feia dela. Victoria estudou o rosto de Jacqueline. O treinamento estava deixando ela diferente, mais bonita, mais normal – supostamente melhor. Victoria não tinha certeza se concordava. Uma coisa seria Victoria ajudar Jacqueline a ser mais bonita e mais normal enquanto ambas estavam seguras em casa. Ora, seria como ajudar Lawrence a manter o cabelo penteado e lembrá-lo de, por favor, não cantarolar em público.

Mas o que a senhora Cavendish faz é diferente, Victoria pensou. *Não é?*

A sensação desconfortável perdurou enquanto elas percorriam um novo corredor de pedra cinza, com globos encravados de pedras preciosas como maçanetas. Na galeria, serviçais se apressavam em suas tarefas, e os pássaros de olhos sombreados se alojavam de volta no teto.

No café da manhã, Victoria comeu os ovos e evitou os pedaços de carne. Eles pareciam estranhos e tinham um gosto ainda mais estranho, e ela não conseguia deixar de pensar naquela cozinha horrível com cheiro podre. Quando pegou a sra. Cavendish encarando-a da cabeceira da mesa, Victoria encarou-a de volta, mas não prestou atenção no seu garfo e acabou comendo um pedaço de carne borrachuda, fedida e apimentada. A sra. Cavendish sorriu e, a caminho da primeira aula do dia, acariciou o cabelo de Victoria.

Enquanto caminhavam numa fila única pelo corredor de classes do segundo andar, Victoria tentou se distrair planejando a fuga dela e de Lawrence – mas não sabia como começar.

Sair pela porta da frente não adiantava. Com certeza, antes de chegarem lá, o Lar iria se desdobrar e prendê-los em algum lugar até que a sra. Cavendish os encontrasse.

Eles podiam persuadir a sra. Cavendish a deixá-los ir, mas Victoria achou que poderia ser ou engraçado, ou assustador. Talvez a sra. Cavendish risse.

Victoria estremeceu. Não, não era uma opção. Preferiria ver a sra. Cavendish brava a vê-la rindo.

Talvez, se procurassem bastante, pudessem encontrar uma saída secreta do Lar. Se estava sempre mudando, se aquela lareira se abriu para Victoria, talvez uma porta se abrisse em algum lugar também e os deixasse sair.

Talvez fosse possível... *pedir* ao Lar para deixá-los sair? Daria para negociar?

Mas se o Lar *era* a sra. Cavendish ou o que fosse, certamente iria delatá-la, ou a sra. Cavendish saberia por si mesma, e aí provavelmente ela estaria em grandes apuros.

Ou não? O Lar *era* parte da sra. Cavendish? Ela poderia controlá-lo e mudá-lo de um jeito e de outro tão facilmente quando caminhava e acenava? Ou o Lar era algo separado? E, se não era parte da *sra. Cavendish*, o que era?

E o que o fazia ondular e grunhir? O que o fazia se mexer? O que o fazia parecer diferente a cada dia? Se a sra. Cavendish não fazia o Lar se mexer, o que fazia?

Victoria estava tão enrolada nesses pensamentos que entrou na sala de boas maneiras, sentou-se na carteira e tirou seu caderno antes de perceber o que estava havendo.

Donovan O’Flaherty sentava-se na frente da sala, num banquinho alto, e, numa mesa alta ao lado dele, havia uma pirâmide de doces de marshmallow. Victoria reconheceu a cobertura amarela e branca imediatamente. Afinal, havia visto Donovan lambuzar o rosto com eles durante anos no refeitório da Academia.

Agora que ele estava na frente, para todos o verem, Victoria percebeu quão triste e disforme Donovan parecia. Sua pele estava pastosa e suada, e ele não parecia saber o que fazer consigo mesmo. Pendurava-se frouxo em braços e pernas que não eram nem gordos nem magros.

Ao lado de Donovan estava a sra. Cavendish, bem à altura do olhar. Por algum motivo, ela estava mais bonita do que nunca. Victoria se viu hipnotizada, como se a sra. Cavendish tivesse colocado um feitiço nela. Seus olhos azuis brilhavam. Sua boca sorridente se alargou.

O estômago de Victoria revirou. Por todo lado, as outras crianças pareceram hipnotizadas e apreensivas.

“Já faz um tempo que você comeu, não faz, Donovan?”, perguntou a sra. Cavendish.

Donovan assentiu silenciosamente. A mão da sra. Cavendish se apertou ao redor do braço de Donovan.

“Não faz?”, ela repetiu.

“Sim, senhora”, disse Donovan. Seus olhos estavam repletos de lágrimas. Ele continuava olhando para a pilha de doces como se fosse a única coisa que amava no mundo.

Victoria pensou novamente no café da manhã e percebeu, com um aperto terrível no peito, que no prato de Donovan não havia... nada. Ele se sentou em silêncio, enquanto todo mundo atacava suas pilhas fumegantes de ovos e carne.

“Bem, sorte sua que é dia de comer novamente”, disse a sra. Cavendish. Ela amarrou um guardanapo ao redor do pescoço de Donovan e colocou uma colher em sua mão. “E, lembre-se, precisamos ser limpinhos.”

Por vários minutos, Donovan apenas olhou de um lado para o outro, dos doces para a colher. Finalmente, a sra. Cavendish perdeu a paciência. Bateu em sua mesa de professora. Todo mundo deu um salto. Então, do nada, ela voltou a ser a doce e sorridente sra. Cavendish.

“Coma, Donovan”, ela disse. “Você não vai mais ter essa chance por uma semana. Vamos, vamos, você já sabe disso agora, não é?”

“Sim, senhora”, disse Donovan, começando a chorar.

Enquanto tirava um pedaço do doce com a colher, seus braços e lábios tremeram, e seus olhos mostravam a sensação de loucura e vazio que Victoria sentia no estômago sempre que ficava com fome.

Donovan trouxe o doce esmigalhado aos lábios. Era um longo caminho, e alguns pedacinhos caíram no seu colo e no chão. Ele começou a mastigar, e inicialmente parecia tudo bem. Seus olhos se iluminaram, e Victoria achou que nunca ele se sentiu mais feliz em toda a sua vida, mas então o rosto dele ficou verde, seu estômago se apertou e ele vomitou por todo o chão.

A sra. Cavendish o observou, de olhos frios, até ele se recuperar.

“Continue”, ela acrescentou, e, à medida que ele continuou, Victoria viu, horrorizada, que as outras crianças observavam sem tanto horror, porque já tinham visto aquilo antes. Donovan continuou pegando pedaços dos bolos e obrigando-se a comê-los. Às vezes conseguia engolir, e às vezes ficava enjoado de novo ou tinha de parar para recuperar o fôlego. Sua pele brilhava de suor.

Depois que se forçou a comer dez daqueles doces, Donovan abaixou a colher e desmontou em sua cadeira. Afundou até suas bochechas descansarem nos restos do prato, apertava a barriga e grunhia sem parar. Parecia que sua pele havia se transformado em marshmallows, branca, amarela e macia.

“De que regra Donovan nos lembrou, pessoal?”, perguntou a sra. Cavendish.

As crianças recitaram, com lágrimas nos olhos, frias, também um pouco enjoadas.

Não coma muito pra não ficar gordo e roto

Como um ratão que mora no esgoto.

“Parabéns”, Lawrence cochichou para Victoria quando deixavam Donovan para trás a caminho da próxima aula. Ele bateu no braço dela. “Você sobreviveu ao primeiro treinamento. Bem, o treinamento de outra pessoa, enfim.”

Victoria não sabia o que dizer. Não conseguia apagar da mente a imagem do pobre Donovan enjoado. Seu estômago revirava como se ela estivesse lá, presa entre querer comer e se sentir enjoada demais para comer.

Ela se perguntou como seria o seu treinamento.

“Melhora”, Lawrence disse. “Não se preocupe.”

“Como pode melhorar?”, disse Victoria. Ela ouviu o tremor raivoso em sua voz, mas não pôde evitar. “Você viu o que ela acabou de fazer? Esse tipo de treinamento? Como você pode *aguentar*? Não é *educado*.” Ela encontrou Donovan na frente da fila, lutando para seguir todo mundo e ocasionalmente golfando no chão. A visão fez seu estômago revirar. Que falta de educação! Que desrespeito insolente pela etiqueta social! Que sujeira, com vômito por todo o lado! Que má nutrição!

“Donovan.” Victoria marchou até ele e agarrou seu braço. Estava furiosa demais com a sra. Cavendish para deixar de cochichar: “Não se preocupe. Você pode comer um pouco do meu jantar, tá? Vou passar escondido por baixo da mesa, se precisar”.

Donovan olhou para ela com olhos turvos e pele verde e úmida. Mas, apesar de tudo, ele sorriu, cansado. “Sério?”

“Sério. Quero dizer, sinceramente, ela não pode se safar de... é completamente ilegal, tenho certeza...”

“Fico feliz de ouvir que você tem tantas opiniões, Victoria”, disse a sra. Cavendish vindo de trás dela e cantarolando como para alguém que ela amasse muito (se é que era possível que a sra. Cavendish amasse alguém, do que Victoria duvidava seriamente). Ela colocou a mão atrás do pescoço de Victoria e a afastou das outras crianças. Victoria viu os rostos aterrorizados de Lawrence, Jacqueline e Donovan, e então viu espelhos.

A sra. Cavendish a conduziu por um corredor de espelhos, só que eles não refletiam Victoria e a sra. Cavendish. Mais pareciam janelas abertas para outro lugar, com balanços, árvores e parques, e pessoas dançando, só que os parques eram feitos de piche, as árvores de vidro vermelho, e os dançarinos tinham olhos severos e presas saindo de suas bocas.

“Para onde está me levando?”, perguntou Victoria calmamente, embora não estivesse nada calma. Ela se manteve ereta para evitar gritar e tentou lançar seu olhar mortal para todas as imagens horríveis no espelho.

“Como eu lhe disse antes, gosto de você, Victoria”, disse a sra. Cavendish. “E estou interessada em ver como você... progride aqui. Você tem potencial. Mas há outras crianças em quem pensar, não é? Não posso deixar você provocar encrenca.”

“Não causo encrenca.”

A sra. Cavendish riu e empurrou Victoria pela saleta cor de ameixa do primeiro dia, mas elas passaram rapidamente por lá, descendo um lance de escadas para uma sala terrivelmente familiar.

O cabideiro.

“Mas não fiz nada de errado”, disse Victoria. Sua garganta saltou com a visão do cabideiro vazio e

da pequena lâmpada, mas ela engoliu firme porque, ainda que fosse forçada a usar pijamas sujos, certamente não iria se envergonhar vomitando.

“Honestamente, só passei pela passagem entre os dormitórios”, Victoria deixou escapar. Não disse nada sobre as outras coisas, a queda e as vozes. “Só isso. E sério. Se não quer que as pessoas façam isso, a senhora devia bloquear a lareira.”

A sra. Cavendish olhou para ela, congelada, exceto nos olhos, que se esbugalharam um tantinho. Uma mecha de seu cabelo caiu na testa. Ela o afastou, irritada. “A passagem entre os dormitórios.”

Victoria se sentiu encolher. *Como pode ter sido tão idiota, Victoria?*, ela pensou rapidamente. “Ah, na verdade deve ter sido um sonho. Sim, foi um sonho. Esse lugar me dá pesadelos. A senhora deveria fazer algo em relação a isso.” *Pare de falar, Victoria.* Ela começou a suar. “Então viu só? Não fiz *nada* de errado.”

A mentira pareceu terrível até para os ouvidos de Victoria. Ela tentou parecer inocente com olhos esbugalhados, mas não deve ter funcionado. A sra. Cavendish sorriu, e seus dentes eram como presas.

“Estou tão decepcionada com você, Victoria. Como pôde ter se comportado tão mal?”

“Mas eu só queria ver o Lawrence!”

“Associando-se com degenerados novamente, tsc, tsc.” A sra. Cavendish conduziu Victoria ao centro da sala, mas não a colocou no cabideiro. Em vez disso, inclinou-se e pegou a bochecha de Victoria.

“Você pode pensar que pode me deixar, que você faz falta e que qualquer um lá fora sente falta de alguém daqui”, disse a sra. Cavendish. Ela fez uma pausa. Passou um dedo por um dos cachos dourados de Victoria. “Mas está errada.”

A sra. Cavendish abriu um sorriso animado. “Eu só queria que você entendesse isso aqui e agora. Não queremos mais ninguém arrumando encrenca por sua causa, não é, Victoria?”

Então ela partiu.

Victoria chutou o cabideiro. Ele rangia devido ao couro velho e às correntes, uma coisa chacoalhante. Investigação parecia ser a melhor coisa a fazer, em vez de apenas ficar parada ali, tentando imaginar o que a sra. Cavendish queria dizer ao deixá-la no cabideiro, mas não *no* cabideiro.

Mas, quanto mais próximo Victoria chegava das paredes, mais as sombras se moviam, e mais as coisas pareciam farfalhar, estalar e brilhar. Ela caminhou cuidadosamente pelo cômodo, com medo de fazer movimentos que acordassem algo terrível – ou *várias* coisas terríveis. *Cliques, farfalhos, zumbidos*, as coisas continuavam deslizando suavemente no ar sobre ela.

Depois de não achar nada útil, Victoria viu algumas coisas borradas no fundo da sala. Ela forçou a vista e se aproximou na ponta dos pés de um pedaço de vidro sujo preso numa parede. Estava tão sujo que Victoria quase o perdeu nas sombras. Ela tentou ignorar as manchas de dedos e de mãos na janela.

Mais próxima agora, viu que as cores borradas eram formas – pessoas, mobília. Os móveis e paredes eram familiares. Cor de ameixa. Pequenos. Arrumados. Era a saleta da sra. Cavendish.

As pessoas também eram familiares. Victoria forçou mais a vista. Lá em sua cadeira se sentava a sra. Cavendish. O sr. Alice era uma alta forma corpulenta num canto. Sentadas num sofá havia duas cabeças, uma careca e outra brilhante como uma moeda.

“Mãe”, Victoria cochichou, com o nariz e a testa pressionados em todas aquelas marcas de mãos. “Pai.”

Através da sujeira, ela viu uma leve preocupação em seus rostos sorridentes, mas nada mais. Ela pressionou a orelha na janela escura e escutou seu nome.

A sra. Cavendish sorriu. Balançou a cabeça.

“Estou aqui”, sussurrou Victoria. Então gritou: “Estou aqui!”. Bateu os punhos contra a janela e percebeu que o que havia visto no primeiro dia na saleta da sra. Cavendish fora alguém no cabideiro

batendo no vidro e pedindo atenção.

Agora *ela* batia, mas seus pais não pareciam notar ou se importar. Eles se levantaram, parecendo idiotizados, e agradeceram a sra. Cavendish pelo chá.

“Mãe?”, Victoria chamou. “Pai?” Ela continuou batendo até ferir as mãos.

Seus pais partiram, sorrindo. A sra. Wright acenou: “Oh, apenas um mal-entendido, tenho certeza”. O sr. Wright piscou tolamente para a mulher. “Querida, por que estamos aqui afinal? Não podemos ir para casa?”

Por muitos minutos depois que eles se foram, Victoria cochichou: “Mas eu estou *aqui*”. Fugiu de volta ao cabideiro, porque o chão não estava tão assustador lá. Ela se encolheu sob a fraca luz e chorou em sua manga.



A sra. Cavendish soltou Victoria do cabideiro na hora do jantar.

“E como foi seu dia?”, perguntou a Victoria, acariciando seu cabelo.

Normalmente, Victoria teria olhado a sra. Cavendish bem nos olhos e dito: “Foi excelente”. Não deixaria de forma alguma a sra. Cavendish ver que o dia realmente havia sido o pior de todos.

Mas aquela não era uma situação normal. Victoria olhou para a parede coberta de baratas. Elas não estavam se movendo agora, batendo as asas nem nada; a parede continuava brilhando, em silêncio, e parada. Victoria deu de ombros.

“Foi bom.”

A sra. Cavendish puxou o queixo de Victoria para cima. “Você deve me olhar nos olhos quando falar comigo.”

Victoria fez isso. “Foi bom”, ela disse novamente.

Um sorriso surgiu nos lábios vermelhos da sra. Cavendish. “Boa menina.”

Victoria a seguiu para fora do cabideiro. Ela se empenhou em se arrumar num toalete cravado de joias que a sra. Cavendish abriu numa parede com uma chave de metal. As joias eram mãos douradas, dentes perolados e corações brilhantes de rubi.

Victoria foi jantar. Comeu cada pedacinho da carne de seu guisado e limpou o prato. A sra. Cavendish a observou animada da cabeceira da mesa. O mesmo fez o sr. Alice.

Ela seguiu as outras meninas para o segundo andar. Sentou-se em sua cama. Com o apagar das luzes, entrou embaixo da cobertura e olhou para o teto.

Jacqueline veio de mansinho e cochichou: “O que aconteceu? Onde você esteve o dia todo? O que há de errado?”.

Victoria não disse nada. Mal ouviu Jacqueline. Não ouvia nada.

“Ela colocou você no quartinho escuro?”, perguntou Jacqueline.

Ainda assim, Victoria não disse nada. Jacqueline desistiu.

Victoria não dormiu muito naquela noite. Toda vez que fechava os olhos, o lugar negro atrás de seus

olhos se tornava a janela suja no cabideiro. A luz vermelha e amarela se transformou em seus pais, deixando-a, não se importando com ela.

Estavam esquecendo-a. Todo mundo a esquecera. Todo mundo se esquecia de todos eles.

Victoria nunca havia pensado muito se as pessoas se importavam com ela ou não. Seus pais a tratavam bem, ela tinha Lawrence para dar uma de mandona, tinha o respeito e medo de seus professores e colegas. Isso havia sido o bastante.

Mas agora a ideia de seus pais indo embora sem ela, sem nem perceber que a estavam deixando para trás, a fazia estremecer por dentro. Vê-los através da janela suja do cabideiro havia sido maravilhoso. Ela sentia saudades de vê-los, de se orgulhar por eles serem tão bonitos, de eles se gabarem dela.

Ela queria se enrolar dentro dos lençóis brancos e ásperos e se esconder, mas não conseguia encontrar forças para se mover. Em vez disso, virou o rosto no travesseiro e olhou para a parede.

No dia seguinte, Victoria foi ao café da manhã. Comeu seu ovo mexido e todos os pedacinhos de carne, deixando apenas a gordura. Quando começou a seguir todos para a sala de aula, a sra. Cavendish agarrou seu braço e a puxou para longe.

“Ah, não, Victoria”, disse a sra. Cavendish, puxando-a num abraço. “Nada de aula para você hoje.”

Victoria encontrou os olhos preocupados de Lawrence e timidamente se esticou para ele, mas a sra. Cavendish a puxou para longe. Então beijou o cabelo de Victoria. “Não me obrigue a castigá-la mais do que eu deveria, Victoria.”

“Para onde estamos indo?”, Victoria conseguiu perguntar, com a garganta seca. Ela tentou ser corajosa, mas estavam indo na direção do cabideiro, e cada passo a fazia querer vomitar.

“Não seja estúpida. Você sabe para onde estamos indo.”

Lágrimas se formaram. Victoria as segurou. Ela podia ter medo, mas não iria deixar a sra. Cavendish vê-la chorar. “De novo? *Por quê?*”

“Porque já vi seu tipo antes”, disse a sra. Cavendish. Ela abriu a porta do cabideiro e empurrou Victoria na escada. “Metida. Atrevida. Teimosa. Você se acha especial. Ah, Victoria.” A sra. Cavendish se abaixou e acariciou seu cabelo. “Você finalmente vai aprender umas boas maneiras. Vai aprender como ficar em silêncio e *cuidar da própria vida.*”

A sra. Cavendish fechou a porta. Victoria engatinhou para o aconchego abaixo do cabideiro, sob o brilho da lâmpada. O silêncio tomou a sala, exceto pelos sons de todas as baratas nas sombras, estalando e esperando as luzes se apagarem.

“*Une bestiole*”, Victoria sussurrou, tapando as orelhas. “Um inseto é *une bestiole.*”

Uma luz surgiu numa parede distante. Victoria forçou a vista e viu formas.

“Mãe”, ela disse sem ar, saltando de pé. “Pai.”

Ela cambaleou até a parede onde havia a janela. Através do vidro, viu novamente as formas borradas de seus pais – cabeça careca, cabeça brilhante. Viu a sra. Cavendish. Escutou sons abafados da conversa.

“Me tirem daqui”, disse Victoria. Começou a bater na janela. Baratas se espalhavam por todo lado, caindo da parede aos pés dela, balançando suas perninhas no ar. “Me deixem sair! Mãe! *Pai!* Estou aqui! Eu, Victoria! *Me deixem sair!*”

Novamente, eles não a escutaram. Ela bateu e gritou até que as mãos doíam demais. Então, rastejou de volta para a luz e tentou dormir em meio a pesadelos. Mais tarde, acordou com dúzias de olhinhos pretos de insetos olhando para ela a poucos centímetros.

Novamente a sra. Cavendish a buscou para o jantar. “E como foi seu dia, Victoria?”

“Foi bom”, Victoria murmurou. Ela tentou levantar a cabeça, mas por algum motivo isso a fez querer chorar mais, e então ela baixou o queixo, foi jantar e foi para a cama.

O dia seguinte se passou igual – no cabideiro, cercada por pilhas de insetos, pressionando o rosto na

janela suja e chamando seus pais. No quarto dia, não podia mais gritar. Mal conseguia se arrastar até a janela.

Ouviu vozes.

“Essas entrevistas foram bem”, dizia a sra. Cavendish. Victoria podia escutá-la através da janela – uma voz abafada, mas fácil de compreender. “Estou *tão* feliz.”

“Nós também”, disse a sra. Wright.

O sr. Wright disse. “*Tão* feliz”.

A sra. Cavendish estendeu um monte indistinto de papéis. “Vou mandar estes para vocês em casa então. Adoção é um processo complicado, temo eu, mas tenho certeza de que vão conseguir.” Ela sorriu. Mesmo através da janela manchada, Victoria podia ver seus dentes brancos brilhantes. “Antes que vocês se deem conta, vão ter uma das minhas preciosas crianças com vocês.”

Victoria desmontou diante da janela. “O quê?”

O sr. Wright colocou a mão no ombro da sra. Wright. “Sempre quisemos ter uma criança.”

“Uma garotinha, acho”, disse a sra. Wright, sonhando. “Sempre quisemos uma garotinha.”

“Claro”, disse a sra. Cavendish, e continuaram conversando enquanto a sra. Cavendish os conduzia para fora. Antes de partir, ela virou para a janela e sorriu para que apenas Victoria a visse.

“Mas eles me *amam*”, Victoria sussurrou. “Não *amam*?” Ela não podia mais se lembrar.

Ela afundou no chão. Levou uma hora para rastejar de volta para a luz, porque continuava parando para chorar, caía no sono e acordava novamente com os olhos queimando.

“Eles me esqueceram”, ela disse sem energia, e caiu no sono nas sombras do cabideiro.

No jantar, como sempre, a sra. Cavendish veio buscá-la. “E como foi seu dia, Victoria?”

Victoria não conseguia dizer nada. Era difícil demais. A sra. Cavendish riu lindamente, seu sorriso se esticando até seu cabelo castanho-brilhante.

“Excelente!”, disse a sra. Cavendish.

Victoria foi jantar. Foi ao dormitório das meninas. Subiu na cama, olhou para o teto, ignorou Jacqueline, que tentava atrair sua atenção, e caiu no sono. Em seus sonhos, a sra. Cavendish comia seus pais no jantar e fazia um piano com seus ossos.

Na manhã seguinte, ela esperou que a sra. Cavendish a levasse ao cabideiro novamente, mas em vez disso o sr. Alice a empurrou em direção às salas de aula com as outras crianças.

Victoria piscou, confusa, mas não disse nada. Qual era o sentido de dizer algo? Ninguém se importava com o que ela tinha para dizer. Todos os seus esforços para ser perfeita não significavam nada. Seus pais não se importavam com ela, com seus troféus, medalhas de honra e prêmios. Ninguém se importava. E, sem isso, quem era Victoria? Nada. Ela era nada.

Ela seguiu todos para as salas de aula, os pássaros nas galerias dando rasantes e voando na escuridão acima. Ser nada era quase igual ser algo. Talvez ela nunca tivesse sido *algo* afinal.

Quando os pássaros batem as asas, o ar fica fedido, Victoria pensou. Mas não estava enojada, assustada ou brava. Apenas... estava. Notava as coisas sem se importar.

Victoria olhou sem reação para o nome sobre a porta da primeira sala em que entraram. SALA DE ARTES, dizia.

Arte, Victoria pensou. Ela tomou seu assento. *Arte é pintura, desenho e escultura*, ela pensou. Tirou o caderno e um lápis de sua carteira e esperou.

“Vicky”, Lawrence cochichou atrás dela. Uma mão dura cutucou seu ombro. “Vicky, o que há de errado? O que aconteceu? Onde você esteve?”

Não parecia haver sentido em responder a Lawrence, e, mesmo que quisesse, Victoria não conseguia achar energia para fazer nada além de esperar com aquele lápis sobre o caderno.

“Vicky, *por favor*”, insistiu Lawrence. “O que foi?”

“Nada”, murmurou Victoria.

“Tome assento, Jacqueline”, disse a sra. Cavendish, colocando-se na frente da sala, com a vara preta brilhando e curvando-se em sua mão. Jacqueline subiu num banquinho alto ao lado da sra. Cavendish e ficou encarando um cavalete com uma tela em branco e uma seleção de pincéis e tintas. O sr. Alice sorria do outro lado de Jacqueline, com a mão enluvada no pescoço dela. Sujeira o cobria, como se ele tivesse saído do jardim.

Através da névoa sedada de pensamentos sobre seus pais e seu desejo de voltar ao dormitório para se esconder, Victoria viu como Jacqueline estava pálida e como ela apertava a boca numa linha fina.

“Quando estiver pronta, Jacqueline querida”, ronronou a sra. Cavendish. Ela apertou a mão de Jacqueline.

Jacqueline respirou fundo, pegou um dos pincéis mais largos e afundou no azul.

Victoria esperou e olhou seu papel em branco, seu lápis pronto para quaisquer notas que a sra. Cavendish os instruisse a copiar.

Smack!

Levantando o olhar sem muito interesse, Victoria viu uma marca vermelha na mão de Jacqueline que pintava. Os olhos afiados da sra. Cavendish observavam o rosto da menina.

“Cuidado, Jacqueline querida”, sussurrava a sra. Cavendish, fechando os dedos ao redor da vareta preta em sua mão. “Isso foi um pouco feio, não foi?”

“Sim, senhora”, disse Jacqueline. Pinceladas suaves de um belo azul cobriram o topo da tela. Uma pequena protuberância na pintura mostrava onde a sra. Cavendish havia batido na mão de Jacqueline. Ela respirou fundo novamente e recomeçou, mas não antes de a sra. Cavendish estalar a língua.

“Que vista e tanto, Jacqueline. Espero que você não esteja incomodada.”

“Não, senhora”, disse Jacqueline. Sua voz brilhava tão bela e inofensiva quanto seu novo cabelo lindo.

A sra. Cavendish passou duas longas unhas brilhantes ao redor da boca, pensando. “Continue.”

Jacqueline continuou, pintando silenciosa e cuidadosamente – exceto quando a sra. Cavendish pegava uma pincelada forte demais, uma cor que chamava muita atenção. Sempre que isso acontecia, a sra. Cavendish levantava a vara para bater na mão de Jacqueline. Após algumas vezes, Jacqueline gemia cada vez que apanhava. Sua mão e seu pulso estavam ficando vermelhos.

Victoria escutou Lawrence ficando impaciente atrás dela.

“Ela está machucada”, ele cochichou.

Bem, sim, parece que sim, Victoria pensou. Ela deu de ombros. *É o que acontece no treino*, Victoria imaginou.

Lawrence fez um pequeno som de desgosto e empurrou sua mesa o mais longe possível de Victoria.

Enquanto Jacqueline continuava a pintar, Victoria deixou seus olhos desfocarem e observou as cores crescerem na tela. Em sua visão borrada, ela notou as exatas mesmas cores ao redor dela. Ela piscou e focou os olhos novamente.

Nas paredes, cobrindo as janelas da sala (exceto pela janela que dava para o cabideiro), no teto, em todo lugar – havia pinturas. Na verdade, era a mesma pintura em que Jacqueline estava trabalhando agora. Todas pareciam as mesmas, como se tivessem passado por uma copiadora – uma bela casa cinza com crianças sorrindo nas janelas, árvores verdes, um céu azul, sol, flores. Era uma versão mais clara e ensolarada do Lar.

Era perfeitamente entediante – lindo, mas entediante. Victoria se lembrou dos retratos que Jacqueline costumava desenhar por todos os seus livros e anotações, e às vezes até em sua pele, enquanto se sentava

curvada no fundo da sala – monstros e pessoas mortas e coisas mortas. Eles provocavam um mal-estar em Victoria se os olhasse por muito tempo. Esses retratos do Lar eram exatamente o oposto. Eram respeitáveis. Victoria podia imaginar seu pai pendurando um deles ao lado das outras pinturas entediadas e respeitáveis na escadaria de casa.

Victoria sabia que deve ter sido difícil para Jacqueline pintar isso seguidamente, mas não conseguia se importar muito. Pensar na saleta da mãe a fazia se sentir ainda mais morta por dentro. Ela se jogou no assento e observou a sra. Cavendish bater em Jacqueline toda vez que ela passava errado o pincel ou tentava acrescentar um pouco de amarelo nas árvores ou um pássaro no céu.

“Não ouse”, a sra. Cavendish chiava. “Não *ouse* se desviar do que eu mandei você pintar nesse quadro, Jacqueline. Você deve fazer exatamente como eu digo.” Seus lábios se curvaram. “Não há lugar para sua feiura aqui – nem em seu rosto, nem nesta tela.”

Jacqueline começou a chorar. “Estou tentando”, ela dizia à sra. Cavendish. O sr. Alice apertou mais o pescoço dela. Suas mãos gigantes e sujas deixavam marcas no pijama de Jacqueline. Ela começou a suar e tremer.

“Não vou deixar você arruinar meus belos quadros”, disse a sra. Cavendish batendo novamente em Jacqueline. “Agora termine. Direitinho. Ou vai querer fazer uma visitinha aos meus queridinhos?”

A sra. Cavendish olhou delicadamente pela janela do cabideiro, onde seus “queridinhos” se juntavam na escuridão. Alguns deles traçaram imagens sinistras no vidro com suas antenas e pernas perfurantes.

“Não.” Jacqueline começou a soluçar.

“Muito bem, então”, disse a sra. Cavendish passando os dedos pelo cabelo ruivo e sedoso de Jacqueline. Ela encontrou um nó crespo e puxou até o cabelo se soltar. Jacqueline gemeu, e os lábios da sra. Cavendish se curvaram. “Vejo que você vai precisar ser arrumada de novo.”

Jacqueline balançou a cabeça. “Não, eu... por favor, isso não.”

“Mas não é melhor ser bonita?”

“Eu...”

“Cuidado, cuidado”, disse o sr. Alice, rindo.

A pequena Caroline, com suas tranças negras, que seguia Jacqueline para todo lado, começou a chorar também.

“Sim”, Jacqueline disse baixinho. “É melhor ser bonita.” Daí voltou à sua pintura.

A sra. Cavendish sorriu. No final do treinamento, a mão de Jacqueline estava vermelha e sangrando das feridas da vara da sra. Cavendish. Eles deixaram a pintura para secar na frente da classe. A última coisa que Victoria viu quando saía para o corredor foi uma menina sorridente na janela do Lar pintado. A menina tinha cachinhos dourados, iguaizinhos aos de Victoria.

Isso continuou por dias, semanas, horas. Victoria não conseguia realmente manter controle do tempo. *Mas não podem ter se passado duas semanas ainda*, seu cérebro a lembrava de tempos em tempos, *porque Lawrence ainda está aqui, não está?* Algum dia, em breve, ele teria 13 anos.

Então iria embora ou... sumiria.

Às vezes, quando Victoria pensava nisso, o medo a mantinha acordada por um segundo ou dois. Mas então algo a lembrava de quão grande o Lar era, e quão estranho, e como seus pais a estavam substituindo, que todos em Belleville não se importavam com ela ou com qualquer das outras crianças, e como ela não era nada e ninguém, e então dava de ombros e ficava em silêncio. Se ela não era nada e nem ninguém, isso significaria que as outras crianças não eram nada e ninguém também, e não importaria o que acontecesse a elas. E não importava.

Todo dia havia um novo treinamento, e todo mundo participava e observava.

Peter havia sido uma vergonha para seu pai porque, sendo alto, pálido e magrelo, preferia seus jogos

de computador a sair lá fora, e o pai de Peter havia sido um astro do futebol. A sra. Cavendish o fazia dar voltas e mais voltas correndo pelo jardim até ele perder a cor e desmaiar, de novo e de novo.

“Obrigado por sua paciência, senhora Cavendish”, ele disse depois que o sr. Alice jogou um balde de água gelada do poço para acordá-lo. Peter estava tremendo e mal conseguia ficar de pé, e mais tarde naquela noite ficou acordado, com câimbras terríveis, e chorou no travesseiro de dor – mas não mostrou isso à sra. Cavendish. Ele sorria adoravelmente para ela e a deixava abraçá-lo e beijar sua testa.

A pequena Caroline tinha notas terríveis, tão ruins que os professores da Academia começaram a chamá-la de “causa perdida” e a considerar coisas como “recuperação” e “recolocação”. Então a sra. Cavendish baforava no pescoço dela enquanto Caroline passava pela tabuada num banquinho alto na aula de Matemática. Enquanto as outras crianças observavam, Caroline tentava resolver os problemas na lousa, e, sempre que cometia um erro, a sra. Cavendish batia na mão dela com a vareta. Lawrence, Jacqueline e algumas das outras crianças afastavam o olhar e ficavam pálidas quando pequenos pontos vermelhos pingavam na lousa das mãos de Caroline, mas Victoria apenas observava em silêncio. Então era sangue. Então a sra. Cavendish estava machucando Caroline, que só tinha 8 anos e talvez ficasse anos lá.

Ah, bem, Victoria pensou. Ela deu de ombros. Não há nada que ninguém possa fazer. Não somos nada nem ninguém. Devemos mesmo estar aqui.

O treinamento de Lawrence era o mais duro de assistir. Acontecia na sala com todos os pianos arruinados, com as cordas partidas caindo no chão em carretéis de arame.

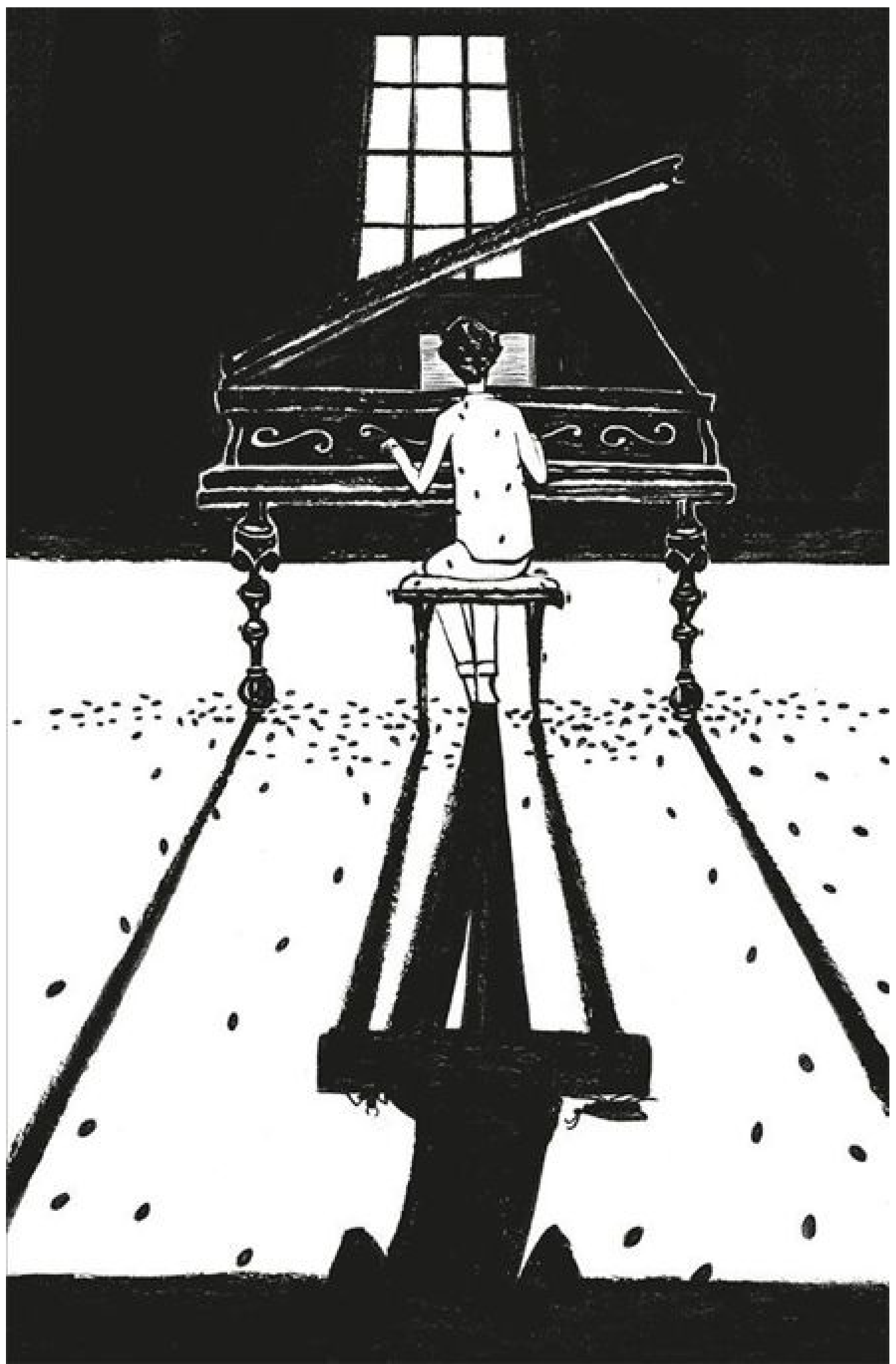
A sra. Cavendish o sentava no maior dos pianos, no centro da sala. Lawrence colocava as mãos nas teclas, e por um momento a esperança passava por uma fila de crianças que o observavam, porque Lawrence sorria e parecia uma pessoa real novamente. Até Victoria se animou um pouco.

Então a sra. Cavendish colocou as mãos na tampa aberta do piano. Suas mangas inflaram. Elas *rastejavam*. A sra. Cavendish se afastou um pouco e balançou mais algumas coisas da borda de suas mangas. Tirou um alfinete brilhante do bolso e colocou-o entre os dentes. Uma última coisinha rastejante saiu de seu colarinho e pousou no piano.

“Vá em frente, Lawrence”, disse a sra. Cavendish, passando os dedos pelo braço de Lawrence e bagunçando seu cabelo. Ela fez uma careta vendo a mecha branca. “Toque.”

Com as cordas cortadas, o piano não emitia som. Os martelos só atingiam o ar, e às vezes o fundo do interior do piano, com pancadas suaves e truncadas.

O piano começou a rastejar, assim como as mangas da sra. Cavendish. Coisas pretas saíam da tampa aberta para o teclado sujo. Algumas das crianças se encolhiam, assim como Lawrence, mas o sr. Alice pôs a ponta de seu ancinho no pescoço dele, com as pontas enferrujadas entrando na pele. Lawrence continuou tocando sua música invisível. As baratas se reuniram em confusão. Corriam pelos dedos voadores de Lawrence. Algumas delas enfiavam as pinças nele e picavam, forte. Lawrence começou a chorar, apesar de torcer o rosto e tentar parecer corajoso.



O piano começou a rastejar, assim como as mangas da sra. Cavendish.

A fúria ferveu dentro de Victoria, se revirou e voltou a dormir. Ela continuava a ver Lawrence sendo mordido e chorando. Ela chorou também. Sentiu-se cansada.

Mas então algo aconteceu. Lawrence tocou e tocou, e algo na forma como seus dedos tocavam as teclas silenciosas cheias de insetos despertou uma lembrança no fundo da memória de Victoria. As notas que ele apertava, o ritmo, a forma como suas costas se moviam – eram familiares.

Olhando para Lawrence, sem vê-lo direito, Victoria começou a cantarolar.

Inicialmente, ela não percebeu. Mas então Jacqueline deu uma cotovelada em suas costelas. Victoria piscou, mas continuou cantarolando. *Que extraordinário!*, ela pensou, piscando acordada. *Parece que estou cantarolando.* Sua voz combinava com os toques dos dedos inchados e picados de Lawrence e cantava os sons silenciosos que Lawrence tentava tocar. A música era familiar, mas Victoria não conseguia lembrar como sabia disso.

Lawrence sorriu através de suas fungadas e bateu mais forte nas teclas. Suas batidas começaram a parecer tambores pesados.

A sra. Cavendish olhou para Victoria em choque. O sr. Alice quase derrubou seu ancinho, parecendo pela primeira vez não malvado, apenas idiota. Os serviçais que esperavam às portas caso a sra. Cavendish precisasse deles fizeram sons horríveis de empolgação.

As baratas se espalharam, correndo para os próximos cômodos e para a roupa da sra. Cavendish, para longe da vista, batendo asas numa confusão furiosa.

O Lar se *mexia*.



Não demorou muito. Foi como se um trem passasse por perto e o chão rugisse.

Victoria fez uma pausa na cantoria, sentindo a pele quente com o choque. Dessa vez, não era a única a ouvir; essa não era uma passagem imaginada no escuro, nenhum passeio maluco pelo Lar que ela poderia se convencer de que fora um pesadelo. Isso acontecia no meio do dia; todo mundo estava ao redor dela, e todo mundo sentiu a mesma coisa: o chão se mexia. Ela havia cantarolado, Lawrence havia batido mais forte nas teclas silenciosas e o Lar havia se movido. Mas por quê? E como? O que isso significava?

Os outros olharam ao redor, confusos. A pequena Caroline soltou: “O que foi isso?”.

De algum lugar, em todos os cantos escuros dos quartos ao redor deles, algo grunhia, rangia, gemia. Nas portas, os serviçais murmuravam, empolgados, e batiam os pés no chão. As janelas mais próximas rangeram. Do teto choveram pedaços de poeira e tinta.

A sra. Cavendish saiu de seu transe congelado de olhos esbugalhados. “Silêncio!”

Os serviçais caíram no chão e se esconderam atrás das mãos se tivessem mãos, choramingando.

Olhando para a frente, a sra. Cavendish bateu no rosto de Lawrence com tanta força que a vareta lhe caiu da mão. O rosto dela tinha manchas vermelhas. Seus olhos brilhavam. Ela lançou um olhar para Victoria, pegou a vareta e bateu novamente em Lawrence, terrivelmente bela em sua raiva. Seus olhos eram um fogo azul, pontas afiadas de adaga.

“O que discutimos sobre cantar, crianças?”, ela sibilou.

Ninguém disse nada; estavam ocupados demais olhando ao redor, curiosos, para saber o que eram aqueles ruídos estranhos.

A sra. Cavendish bateu sua vareta no ar. Até o sr. Alice saltou.

“Eu perguntei: *o que* discutimos sobre cantar? Ou falar alto, ou fazer qualquer barulho desnecessário?”

Imediatamente um coro de vozes assustadas disse:

Ninguém quer ouvir você cantar.

Ou falar, ou gemer ou gritar.

Para sua surpresa, Victoria se viu recitando a rima junto com todos os outros. Ela não sabia realmente as palavras, mas lá estava ela, dizendo-as. Era como se alguém estivesse movendo sua boca e fazendo sua voz soar.

Era isso, Victoria percebeu, quase sem surpresa: ela havia começado a se sentir como se não fosse mesmo Victoria. Havia se tornado um nada e um ninguém, puxada de um lado para o outro, obrigada a fazer coisas, como um brinquedo. Essa fora a única vez em que ela não se sentiu assim, quando cantara aquela música que estava cansada demais para lembrar o nome. Mas, quanto mais pensava nisso, mais pesada se sentia; tudo isso era demais para um ninguém idiota pensar.

“Ah, bem”, ela disse mais tarde, suspirando, deitada na cama. “Não há nada o que fazer.”

Naquela noite, os sonhos de Victoria foram cheios de farfalhos estranhos que vinham em ondas, e as ondas eram feitas de antenas, pinças e asas batendo. Ela acordou depois do quinto desses sonhos e se sentou na cama.

O farfalhar não acontecia apenas em seus sonhos. Era real. O Lar estava se mexendo como se tivesse sido construído sobre água. Acontecia só vez ou outra, e subitamente, mas Victoria viu pequenas nuvens de cinza soprando da lareira. Sim, estava se mexendo.

Mas *por que* o Lar estava se mexendo tanto assim, e do nada? Perguntas começaram a se formar na mente de Victoria. Como um velho relógio enferrujado que move suas engrenagens novamente, Victoria começou a pensar. Ela dobrou seu lençol e sentou-se de pernas cruzadas enquanto esperava o próximo farfalhar.

Quando aconteceu, ela saiu da cama. Foi necessário todo esforço possível. Era como se estivesse acordando de um longo e pesado sono. Foi para a cama de Jacqueline. Era fácil encontrá-la, mesmo que só houvesse uma fatia de lua naquela noite, porque Jacqueline tinha o cabelo mais brilhante e estava chorando sobre a mão ferida.

“Jacqueline”, chamou Victoria lentamente. Era tão difícil mover seus lábios! Ela tinha de senti-los para se certificar de que não havia pontos mantendo-os fechados. Ela colocou uma mão no ombro de Jacqueline; mover o braço era quase impossível, o ar ao redor dela estava pesado e grudento. Ela balançou a cabeça. *Acorde, Victoria*, ela pensou. *Não há tempo de sentir pena de si mesma.*

“O que você quer?”, disse Jacqueline. “Me deixe em paz. Sou uma *degenerada*, não sabe? Você não vai querer ser vista perto de gente como eu, Victoria. Não você, não a favorita da senhora Cavendish.”

Victoria se enfureceu. “*Não sou a favorita.*”

“É sim. Cale a boca. Vá para a cama.”

“Mas... você sente isso?”

“Sente o *quê?*”

“Escute.” Victoria se sentou na cama. Levou tanto tempo para acontecer que Victoria pensou que Jacqueline iria chutá-la da cama impaciente, mas finalmente...

Um leve rugido soou fundo abaixo delas, de dentro das paredes. No fundo do quarto, Gabby balançava de um lado para o outro com o travesseiro sobre os ouvidos. “De novo não”, ela gemeu. “Vá embora, vá *embora.*”

“O que é isso?”, perguntou Jacqueline.

Elas esperaram por um longo tempo, mas não aconteceu de novo. O Lar havia silenciado.

Ainda era difícil *pensar*. Victoria não parava de sacudir a cabeça para clareá-la, o que a deixava

tonta. Ela olhou ao redor do quarto: todas as meninas perdidas, assustadas, revirando-se em seus pesadelos. Algumas dormiam calmamente porque iriam em breve para casa. A sra. Cavendish as havia ensinado a ser diferentes, as havia assustado para transformá-las exatamente no que uma menina de Belleville deveria ser.

“Ninguém está vindo nos buscar”, disse Victoria.

“Você descobriu isso agora?”, perguntou Jacqueline, fungando.

“Estamos sozinhas”, continuou Victoria lentamente. Dizer em voz alta ajudava-a a aceitar a verdade.

“Sabe, isso não está me fazendo sentir melhor.”

“Não podemos depender dos nossos pais, da polícia, nem de ninguém”, disse Victoria, “mas talvez possamos fazer isso nós mesmas.”

Era como juntar as peças de um enigma confuso. Victoria viu a luz da lua reluzindo na placa de seu nome sobre a cama: VICTORIA. Isso a lembrava de sua placa de rua favorita perto da Academia: VITÓRIA. Seu coração acelerou como se ela tivesse acabado de colocar as mãos nas cópias de uma nova prova. Ela sorriu. Jacqueline a encarou.

“Você surtou *mesmo*”, disse Jacqueline. “Bem que o Lawrence disse.”

“Não importa”, disse Victoria. “Eu já volto.”

“Para onde está indo?”, cochichou Jacqueline, mas Victoria já havia marchado para a lareira e começou a rastejar. Quando chegou a um beco sem saída, a parede de tijolos nos fundos da lareira, ela colocou a ponta dos dedos na parede e se sentiu apenas um pouco tola quando começou a cantarolar. Sua voz soava alto no escuro, e ela se perguntou por um momento se iria acordar a sra. Cavendish e trazê-la ao dormitório enfurecida, chicoteando e batendo nela com a vareta.

Mas Victoria continuou cantarolando mesmo assim, novamente Rachmaninoff, e murmurou: “Oi? Está aí?”, apesar de não saber para quem cochichava. *Essas vozes*, ela pensou, *quem quer que sejam*.

Finalmente a parede cedeu, lentamente, rangendo terrivelmente como uma dobradiça enferrujada. A mesma passagem escura apareceu, mexendo-se e encaixando-se no lugar entre paredes pretas, teto preto e ar preto, úmido e frio.

Victoria sorriu e começou a engatinhar. *Não sei bem o que estou fazendo*, ela pensou, *mas estou começando a descobrir*. Estalos e sibilos raivosos rolavam nos seus ouvidos, como se coisas tentassem pular nela através das paredes, mas a passagem permanecia vazia.

“*Rápido*”, as vozes fantasmas sussurravam em eco. “*Rápido, agora.*”

Victoria tinha medo, mas deixou-o de lado. O sono pesado que cobrira sua mente nos últimos dias se afastava mais e mais. Ela começava a formular um plano, e havia poucas coisas de que gostava mais do que formular planos. Depois de rastejar por longos minutos, com os zumbidos raivosos cada vez mais bravos e mais altos, e pequenas coisas cheias de penas mordendo e raspando em seus tornozelos, Victoria saiu no dormitório dos meninos. Foi direto para a cama de Lawrence e o sacudiu.

“Vá embora, Vicky”, ele disse.

“Não. Ouvi esses rugidos?”

“Eu disse...”

“Eu sei o que você disse, mas não vou a lugar algum.” As palavras vinham mais fáceis agora. “Veja, o Lar estava rugindo agora mesmo. Eu ouvi, Jacqueline também. Foi como no nosso treino, quando comecei a cantarolar. E eu já ouvi antes. Na primeira noite, quando a senhora Cavendish me mostrou a casa, estávamos no jardim, e houve esse estranho grunhido, como um monstro, e vinha do Lar, e a senhora Cavendish não pareceu gostar. Mas não sei o que isso significa. E eu cáí, *sim*, pela lareira naquela noite. O Lar me levou por todos esses quartos. Sei que soa idiota, mas aconteceu, *sim*. Aconteceu agora mesmo; aconteceu mais cedo hoje, na sala do piano. Lembra? Você estava batucando no teclado, eu estava

cantarolando e o Lar se moveu. Então a senhora Cavendish nos disse para ficarmos quietos. Bem, então fiz a mesma coisa agora, cantei, cantarolei, e a passagem reapareceu, e foi como cheguei aqui.”

Lawrence se sentou. “Não ouço nada.”

“Vai acontecer de novo. Espere só. Às vezes leva alguns minutos.”

“Está tentando me dizer que o Lar gosta de música?”, questionou Lawrence, franzindo a testa.

Victoria franziu também. “Talvez. Certamente parece que sim. Mas talvez não apenas música. Toda aquela batida no piano não era música realmente. Talvez só goste de barulho. É mesmo muito quieto neste lugar na maior parte do tempo.”

“Você faz parecer que o Lar está vivo, como Donovan disse. Achei que você não acreditava nisso. Não estou certo de que *eu* acredito nisso.”

“Veja”, disse Victoria. Ela estava ficando impaciente. Cochichando, as vozes tinham dito: “Rápido. Rápido, agora”. E isso não estava acelerando as coisas. “Eu também não entendo, mas vou descobrir, e você pode vir comigo, motivo pelo qual vim pegar você, ou pode ficar sentado aqui sem acreditar em mim, e se eu encontrar uma saída? E se não puder voltar para buscar você?”

Lawrence balançou a cabeça, seu rosto pálido com manchas escuras abaixo dos olhos. “Não entendo nada disso.”

“Bem, eu também não. Apenas venha comigo – vamos descobrir. Confie em mim.”

“Por que eu deveria? Você é igualzinha ao senhor Alice. Fica aí sentada, vendo-a machucar as pessoas e nem se importa.”

Victoria sentiu como se Lawrence tivesse batido nela. “Só estava chateada.”

“Você não é a única a estar chateada.”

Victoria lançou o olhar mais mortal que pôde. “Para sua informação, ela me deixou no cabideiro por dias, e vi meus pais. Gritei para eles, mas eles não me ouviram. Ou talvez tenham ouvido, mas não prestaram atenção. Daí foram embora.” Ela parou. “Estão planejando adotar uma das crianças daqui. Estão planejando me substituir. E quem quer que seja não vai se lembrar de mim, nem eles. Eu só...” Ela fez uma pausa. “Vou ser uma órfã.”

Lawrence disse: “Oh!”, e remexeu em suas mangas.

“É isso.” Victoria fungou.

“Sinto muito, Vicky.”

“Tudo bem.”

“Sério, mesmo.” Ele deu tapinhas na mão dela.

“Tudo bem, obrigada.”

“Fui eu aquele dia, batendo na janela para atrair sua atenção”, disse Lawrence. “Quando você veio da segunda vez. E da primeira vez, na cozinha, o aviãozinho – fui eu também.”

“Desculpe demorar tanto”, disse Victoria baixinho.

Lawrence sorriu. “Mas está aqui. Eu sabia que viria. Eu sabia.” Ele esfregou as mãos juntas e fez uma careta pelas picadas de todos os insetos. “Então, qual é o plano?”

“Quero investigar este lugar”, disse Victoria, “e descobrir o que está por trás de tudo isso – os insetos, o Lar, por que se movimenta como um terremoto e muda e cria corredores do nada, tudo isso.”

“Eu me pergunto por que nunca notei essas coisas”, disse Lawrence, franzindo a testa para pensar.

“Não sei. Talvez você não estivesse prestando muita atenção.”

Lawrence lançou um olhar para ela. “Talvez eu tivesse com muito medo.”

“Talvez. Mas *está* se movendo, e quero descobrir o motivo.”

“Por mim tudo bem”, disse Lawrence, saltando ao chão. Era como nos velhos tempos – Victoria vindo com algum grande plano para os exames do final do semestre, e Lawrence acompanhando-a porque

é o que os amigos fazem, e ele não tinha outros amigos. “Qual é o plano?”

Victoria queria abraçá-lo, mas se conteve. “Bem, não sei. Vamos apenas começar a explorar, acho. Talvez, se você vier comigo, consiga passar pela lareira também.”

“E daí? Se descobirmos tudo, o que faremos?”

“Nós saímos”, disse Victoria com firmeza. “Nós escapamos.”

“E as outras crianças?”

O peito de Victoria se torceu um pouco. “Se houver tempo, voltamos e as pegamos. Mas só se houver tempo.” Victoria deu a Lawrence um olhar rígido antes de ele poder dizer qualquer coisa. “Olhe, este é meu plano, certo?”

“Mas vamos tentar ao máximo voltar para pegá-los, não vamos?”

“Sim, vamos tentar. O máximo, máximo possível. Juro pelo meu boletim.”

Lawrence bufou. “Eu deveria ficar surpreso de você dizer isso, mas não estou, não estou mesmo.”

“Estou falando *sério*.”

“Eu sei. A graça é essa.”

Victoria lançou um de seus olhares para ele. Lawrence tossiu, pigarreou e engoliu a risada. “Tudo bem, e quanto à senhora Cavendish?”

“Que *tem* ela?”

“Vamos apenas fugir e deixá-la aqui para fazer o que ela faz? Pelo que sabemos, ela pode nos pegar de volta no momento em que sairmos pelo portão.”

Victoria franziu a testa. A verdade é que ela não tinha ideia do que fazer com a sra. Cavendish. Tinha a impressão de que se livrar dela não seria fácil. “Eu não sei mesmo. Mas talvez, se explorarmos tempo o suficiente, vamos encontrar algo para ajudar.”

Lawrence olhou para ela com ceticismo.

Victoria levantou uma sobrancelha imperiosa. “A não ser que você tenha uma ideia melhor.”

“Não, na verdade não.”

“Muito bem, então.”

“Mas por onde começamos a procurar?”, perguntou Lawrence.

“Não tenho certeza...”, respondeu Victoria, mas então viu uma sujeira persistente no pescoço de Lawrence, onde o sr. Alice havia pressionado seu ancinho mais cedo. “Na verdade, eu sei. Vamos para o jardim.”

“Lá fora?” Lawrence assobiou. “Você é mais louca do que eu pensava. Esses jardins me dão arrepios.”

Franzindo a testa e pensando furiosamente, Victoria o conduziu à lareira. “Quando ela me mostrou o jardim, disse que era o seu orgulho. Mas qual é o sentido dele? Nunca vamos lá fora, exceto para os treinos. E o senhor Alice está sempre trabalhando no jardim, certo? Por que ele passa tanto tempo lá? Não faz sentido, a não ser que seja algo importante. Sim. Começaremos por lá.”

“Eu não faria isso”, disse uma voz atrás deles. Eles se viraram para ver Peter parado no final das camas, alto e de pé, inclinando-se para um lado porque estava dolorido do treino do outro dia. Ele conseguiu abrir um pequeno sorriso. Mas não era o dele. “Não é uma boa ideia.”

“Muito obrigada pelo conselho”, disse Victoria, sentindo-se quase ela mesma novamente e sem ânimo para moleques bizarros. Ela empurrou Lawrence à frente, em direção à lareira, ignorando Peter e a sensação desconfortável que o olhar dele havia deixado em sua barriga, e começou a engatinhar nas sombras da lareira.

Depois de rastejar um pouco, ela respirou fundo e olhou de volta para Lawrence. “Então?”

“Mas passou do apagar das luzes”, disse Lawrence, vendo a lareira, desconfortável. “As pessoas...”

“Sim, sim, elas já escapuliram depois da hora de dormir e nunca mais voltaram. Já sei. Mas fiz isso na noite passada e estou bem, não estou?”

“Mas... *lá fora?*”

“Pode ser nossa única chance de descobrir o que está de fato acontecendo e como sair, não acha?”

Lawrence suspirou, se abaixou e rastejou ao lado dela. Juntos, eles espiaram pela passagem, que havia permanecido aberta desde que Victoria a tinha atravessado. Era escuro demais para ver algo além de um metro.

“Hum, oi?”, Victoria cochichou. “Eu, é, voltei. E Lawrence está aqui comigo.”

Lawrence olhou para ela como se houvesse brotado uma segunda cabeça nela.

Victoria o ignorou e começou a cantarolar, tentando não se queimar de vergonha. Sua voz vacilante e rouca descia pela passagem e era engolida por uma repentina onda de estalos e batidas de asas. Lawrence escondeu o rosto, mas Victoria rangeu os dentes e forçou a vista na escuridão até parecer que seus olhos saíam do crânio.

“*Rápido*”, as vozes cochicharam. Quando as escutou, Lawrence gritou. Victoria colocou uma mão sobre a boca dele.

“Oi? Nós... estamos tentando sair.” Victoria fez uma pausa. A qualquer momento eles seriam dominados e comidos vivos. Ela lutou para não gritar. “Para o jardim.”

As paredes se expandiram e contraíram, torcendo e mudando. Degraus se formaram na frente deles, levando-os bem para baixo. Algumas silhuetas pretas desciam por eles, pulando das paredes, com as perninhas acenando inutilmente no ar. O teto rugiu com asas e olhos negros.

“*Rápido*”, as vozes repetiram. “*Brava. Tão brava.*”

Lawrence se encolheu mais perto de Victoria, agarrando a mão dela.

“Vicky, estou com um pressentimento ruim sobre isso”, ele cochichou.

“Eu também”, disse Victoria, mas puxou a mão dele de toda forma, para ajudá-lo a ficar de pé, levantar a cabeça, e, segurando firme os dedos suados de Lawrence, começou a descer as escadas em direção ao escuro.



“Não estou gostando disso”, disse Lawrence enquanto desciam, apalpando, pela escadaria sinuosa. O chão estava escorregadio, e eles tinham de se segurar nas paredes para evitar escorregar. “O que está aqui com a gente?”

“Você sabe o que é”, Victoria cochichou. Asas passavam no pescoço dela, emaranhando-se em seus cabelos. Ela as espanava para longe, com sua garganta torcendo-se num enjoo. Não havia muitos deles, ainda assim..

Lawrence grunhiu. “Esses *bichos*.”

“Espero que eles não contem a ela o que estamos fazendo. Se eles são parte dela, como você acha que são...”

“Ah, ótimo, eu nem tinha pensado nisso.”

Victoria afastou algumas asas de barata de seu cabelo. Queria gritar e correr, e sua pele se arrepiava, mas ela se obrigava a ir devagar. Se caíssem e se machucassem, isso tudo seria a troco de nada.

“*Rápido, por favor*”, as vozes incitaram, deslizando pelas escadarias ao lado deles, vozes de meninas e meninos e adultos, mas Victoria não tinha certeza disso. As vozes estavam todas misturadas, roucas e tristes.

“O que é isso?”, Lawrence perguntou. Seus dentes batiam.

“Não sei”, disse Victoria. Ela não tinha certeza de que queria saber.

Quando chegaram ao fim da escada, o último degrau os empurrou para a frente e uma parede ondulou forte atrás deles. Um par de besouros bravos saltou nas costas deles, agitando suas perninhas para se virarem para o lado certo e correram para longe. A escadaria havia sumido.

“Isso não é bom”, Lawrence cochichou. Ele bateu a parede para encontrar uma abertura, mas a parede havia desaparecido completamente. “Onde estamos?”

“Não sei muito bem”, disse Victoria.

O chão embaixo deles se mexeu, ondulando por um longo corredor que se estendia da esquerda para a direita de cada lado deles. No escuro, as paredes e o tapete vermelhos estavam pretos como lama. Dez

perninhas agitadas passaram milhões de vezes para longe deles e para as sombras. Através das altas e estreitas janelas à frente, entrava um pouco de luz da lua, mostrando rostos sorridentes de metal dourado nas paredes – lábios extravagantes, línguas remexendo-se, longas mãos fazendo sinal para que eles se aproximassem.

Victoria e Lawrence congelaram.

“Quer voltar?”, cochichou Lawrence.

Sim, Victoria queria dizer. Mas engoliu em seco e disse: “De jeito nenhum. E você?”.

Lawrence olhou para ela. “Eu... não. Nem sei como voltaria mesmo. Estamos presos.”

Eles passaram por uma fenda naqueles rostos sorridentes e babosos, e desceram por uma escada estreita que nunca haviam visto antes. Longas serpentes de esmeralda formavam os corrimãos. Era largo o suficiente apenas para que eles pudessem descer juntos, de mãos dadas. Victoria apertou os dedos de Lawrence tão forte que achou que poderia quebrá-los. Ele os apertou de volta.

Seguiram degraus abaixo por uma eternidade. No fundo, passaram por uma cortina de contas que estranhamente se pareciam com dentes, dando para a galeria do primeiro andar.

“*Finalmente*”, disse Lawrence, suspirando de alívio. “A galeria. Pelo menos sabemos onde ela fica. Agora, para onde vamos?”

Victoria não teve tempo de dizer que não sabia, porque um fedor repentino passou por cima deles. Penas cinza caíram aos seus pés e se dissolveram no ar.

“Abaixe-se!” Victoria atirou-se no chão e puxou Lawrence com ela. Um dos enormes pássaros pintados do teto não os pegou por pouco, passando com suas garras afiadas de marfim estendidas.

“Está voltando!”, gritou Lawrence, puxando Victoria para baixo. Eles correram para o centro do Lar, mas de repente a galeria era muito maior do que antes. Quanto mais corriam, maior ela ficava. Mais pássaros caíam do teto como morcegos. Bicos buscavam a barra de seus pijamas. Uma garra raspou no cabelo de Victoria. Ela olhou de volta para ver uma língua preta e penas afiadas como navalha passando por ela.

“Por aqui!”

Chegaram à sala com pianos quebrados, e Lawrence arrastou Victoria atrás dele pela porta, que se encolhia. Victoria mal havia colocado o pé para fora e a porta se fechou. Estrondos enormes e guinchos soaram do outro lado, com pássaros voando para a parede.

“Eu... *nunca*... mais... vou olhar para esses pássaros... do mesmo jeito”, disse Lawrence sem fôlego, enquanto corriam pela sala dos pianos. “*Viu* como eles mordiam com aqueles dentes?”

“Psiu”, disse Victoria, esticando uma mão para detê-lo. Eles chegaram à sala de espelhos pela qual a sra. Cavendish havia conduzido Victoria até o cabideiro.

“Não queremos ir por esse lado”, disse Victoria, mas, quando se virou para partir, Lawrence ficou no lugar. “Lawrence, *vem* logo, isso aqui leva ao cabideiro.”

Mas Lawrence não se movia. Estava olhando para algo nos espelhos e começou a caminhar em direção ao mais próximo.

“O que está fazendo?”, perguntou Victoria, forçando a vista no espelho para ver o que haveria lá de tão fascinante. Só viu o reflexo de Lawrence acenando para ele o seguir.

“*Venha*”, disse o reflexo, piscando. “*É mais seguro por aqui.*”

“Ah, tenho certeza.” Victoria agarrou o braço de Lawrence, mas ele a empurrou de volta e ela tropeçou.

“O que você acha que está...?” Victoria parou. O reflexo de Lawrence estava mudando. Estava ficando mais alto, mais magro. Seu cabelo cresceu num mar castanho que ondulava, seu rosto ganhou lábios vermelhos e suas unhas brilhavam quando acenavam para Lawrence ir, mais perto, mais perto...

“Ah, não, você não”, Victoria disse para o reflexo da sra. Cavendish. Ela correu até Lawrence e bateu forte no rosto dele. Ele piscou e cambaleou para trás e, enquanto dúzias de senhoras Cavendish no espelho uivavam de ódio, Victoria puxou Lawrence de volta através dos pianos para os quartos escuros que nunca haviam visto antes.

Lawrence colocou a mão na bochecha. “Isso doeu mesmo, viu?”

“Bem, da próxima vez não fique olhando para espelhos estranhos, que tal?” Victoria retrucou.

“Espere...”

“Estou falando sério. Você já não está aqui há tempo o suficiente para saber que não deve confiar...”

Lawrence apertou a mão sobre a boca de Victoria. “Vicky, olhe!”

Na frente deles, por uma porta que parecia levar ao terraço e para fora, espiavam vários serviçais. Seus olhos – e cada um deles só tinha um – estavam amarelos e redondos como as balas que a sra. Cavendish guardava na cozinha. Eles mordiam seus lábios. Pingavam baba no carpete. Esperavam.

“Lawrence”, sussurrou Victoria. Ela não podia parar de olhar para os olhos amarelos dos serviçais. “Você acha que...? Os olhos deles... e essas balas da cozinha... Parecem iguais.”

Lawrence engoliu em seco. “Não é possível... certo?”

“Não, você está certo. Com certeza não.” Victoria não tinha tanta certeza. Fazia muito, muito sentido. A sra. Cavendish odiava os serviçais. Eram seus escravos. Mas ela *realmente* iria tão longe a ponto de tirar os olhos deles?

“Comi duas dessas balas”, disse Victoria. Ela se inclinou contra Lawrence para buscar fôlego, e suas mãos suavam.

“Eu também”, disse Lawrence soturnamente. “Quando acordei na saleta, tinha algumas no chão. Eu estava com tanta fome, não pude evitar!”

Victoria resistiu ao impulso de raspar a língua com as unhas.

“Acha que podemos passar por eles?”, perguntou Lawrence.

“Podemos tentar”, disse Victoria. Ela não estava certa de acreditar nisso, mas o que mais poderia fazer? Cuidadosamente, eles seguiram em direção à porta. Quanto mais perto chegavam, mais silenciosos os serviçais ficavam.

Na ponta dos pés, Victoria passou entre eles, segurando Lawrence firme pela mão. Ela apertou os olhos e rangeu os dentes. Vários olhos amarelos arregalados os seguiram, mas os serviçais não se moveram ou soltaram um único som.

Lawrence suspirou, enquanto saíam da sala. “Bem, eles me dão arrepios, mas pelo menos eles não.. ai!”

Lawrence veio ao chão.

“Lawrence!” Victoria engasgou, mas algo a puxou para baixo – as mãos marrons e ossudas de um serviçal agarraram seus pés. Outro segurava Lawrence, e os dois estavam sendo puxados de volta para onde estavam os serviçais, esperando, saltando para cima e para baixo.

“Gula”, eles murmuravam, “gula, gula”, e batiam as bocas sem dentes.

“Parem!” Victoria se esticou e acertou as orelhas dos serviçais, mas eles não soltavam. Ao lado dela, Lawrence lutava com o tapete, tentando se soltar. Seu serviçal se abaixou e começou a mordiscar os pés de Lawrence.

Victoria ficou vermelha de raiva. “Afaste-se dele!”

“Ele está me comendo!”, Lawrence gritou, agarrando a parede em pânico.

O serviçal de Victoria grunhiu algo e começou a enrolar a perna da calça dela. Baba amarela pingava em seus pés, mas, quando ele se abaixou, seus ombros reluziam. Victoria estreitou os olhos e viu uma ferida escorrendo – um ferimento causado pela sra. Cavendish, talvez.

“Não se eu puder evitar”, disse Victoria. Ela se torceu para trás com toda a força e bateu forte o punho contra o ombro do serviçal.

Ele gritou e saltou em direção aos outros. Victoria ficou de pé e chutou o serviçal de Lawrence, mirando as feridas nas costas dele.

“Gula”, ele disse, com dor, e saltou, apertando as costas.

“Vamos, vamos *logo*”, disse Victoria, ajudando Lawrence a ficar de pé. Juntos, eles cambalearam em direção ao terraço, com os serviçais gemendo atrás deles.

“Estão trancadas?”, perguntou Lawrence, apontando para as portas do terraço.

“Se estiverem, vamos ter de arrombá-las”, respondeu Victoria, mas, quando tentou virar a maçaneta, a porta se abriu de uma vez, e eles estavam lá fora. Lawrence caiu contra a porta, ofegante.

Victoria limpou a baba de sua perna. “Como está seu pé?”

“Está bem”, respondeu Lawrence, pálido e suando. Ele lhe deu um sorriso fraco. “Pelo menos eles não têm dentes. Você está bem?”

“Estou. Mas esses serviçais vão se dar mal se chegarem perto de mim novamente. Feiosos idiotas.”

“O que você acha que eles são exatamente? E como a senhora Cavendish os conseguiu?”

“Não sei”, disse Victoria, apesar de ter uma sensação ruim em relação aos serviçais. Uma sensação *bem* ruim. Quando ela espiou pelas portas do terraço, os olhos amarelos haviam ido embora.

Eles ficaram parados por um minuto para entender onde estavam e recuperar o fôlego. A lasquinha de lua era suficiente para lhes permitir vislumbrar o que Victoria vira na primeira noite: jardins sinuosos bem cuidados, um emaranhado de árvores crescidas demais e arbustos selvagens no canto; as duas cabaninhas.

“Vamos”, disse Victoria. “Vamos dar uma olhada por aí.”

“O que está procurando?”, cochichou Lawrence, enquanto rastejavam sob arbustos e flores gigantes e fedidas.

“Não sei ao certo. Mas tem de haver algo aqui. Algo importante. Por que mais haveria esses jardins gigantes? Não acho que o senhor Alice goste de jardinar só por hobby, sabe.”

À medida que seguiam na ponta dos pés pelos jardins, um terrível cheiro de podre começou a invadir seu nariz. Era pior do que o fedor dos pássaros no teto. Vinha de uma das cabanas, lá onde o terreno e os jardins mudavam, mostrando agora árvores grossas e arbustos espinhosos. Pilhas de ferramentas e equipamentos enferrujados tomavam o chão.

“O que há *ali*?”, perguntou Lawrence, tapando o nariz com a camisa.

Victoria achou que iria vomitar. “Nem quero saber. Mas precisamos verificar.”

Seguiram na ponta dos pés por um emaranhado de arbustos até o canto do jardim, onde chegaram à cabana fedida. Lama e sujeira cobriam as janelas, mas Victoria esfregou a mão no vidro até poder limpá-lo um pouco. Juntos, ela e Lawrence espiaram lá dentro. Coisas prateadas reluziam à pouca luz da lua: facas, serras, lâminas curvas, foices, ganchos pendurados do teto.

Picadinhas acertaram o pescoço de Victoria. Ela as espantou e percebeu que o ar estava cheio de moscas.

“O que... o que você acha que é isso tudo?”, Lawrence cochichou.

Só então Victoria percebeu como estavam próximos para olhar pela janela; suas bochechas haviam se tocado; estavam tão próximos que ela podia ouvir Lawrence, nervoso, engolir em seco.

Ela se afastou rapidinho, espantando as moscas do pijama. “Sei lá, mas não quero entrar lá a não ser que sejamos obrigados. Concorde?”

Lawrence pegou a mão dela mais uma vez. “Concordo.”

Victoria engoliu um comentário irritado e permitiu que ele segurasse sua mão. Eles seguiram pelo

labirinto do jardim. Os arbustos pareciam rastejar. Victoria os ignorou, abrindo espaço entre espinhos, arbustos e folhas que pareciam baratas, concentrando-se não nelas, mas no aperto dos dedos de Lawrence. *Hummm*, ela pensou. *Acho que isso de alguma forma é útil*. Depois disso, não se importou tanto que ele segurasse sua mão.

“Olhe”, Lawrence apontou para a segunda cabana, um pouco à frente deles. “Tem uma luz naquela ali.”

Uma luz âmbar brilhava nas janelas. Ela se movia, como se alguém carregasse uma lâmpada. Lawrence se afastou, mas Victoria apertou mais forte a mão dele e caminhou em direção à cabana. “Precisamos ver”, ela cochichou, e ele fechou bem a boca e assentiu.

Na janela, eles se abaixaram e espiaram para dentro. Victoria se certificou de manter a bochecha bem longe dessa vez. Na cabana, um par de lâmpadas sobre um par de mesas trazia a luz, mas não foi a primeira coisa que Victoria e Lawrence notaram. A primeira coisa que eles notaram foi que a cabana estava cheia de marionetes – pendurados do teto, presos na parede, sentadinhos nas mesas e cadeiras, cobrindo cada ponto de superfície plana.

“O que...?”, Lawrence murmurou.

Victoria estreitou os olhos, tentando contar as marionetes, mas elas eram muitas. Estavam penduradas em suas cordas do teto, balançando de um lado para o outro. Na ponta das cordas havia cruzetas de madeira. É como o titereiro os controla, Victoria pensou.

Foi Lawrence quem reparou primeiro; ele apertou um dedo trêmulo contra o vidro. “São eles”, cochichou. “Olhe. São marionetes. São *todas* marionetes.”

Era verdade. Dentro da cabana havia uma maquete de Belleville. Victoria viu tudo em tamanho pequeno: a Academia vermelha, a biblioteca, a praça principal, os belos bairros com suas cercas verdes e portões pretos, a casa de Lawrence... *e a minha casa*, Victoria notou, com um nó na garganta. E por todo lado, pontilhando a cidade aqui e ali como se estivessem apenas fazendo suas tarefas, estavam as marionetes dos bellevillianos.

“Meus pais.” A voz de Lawrence soou entrecortada. “Eles estão bem ali.”

Victoria os viu – retratos perfeitos do sr. e da sra. Prewitt, com rostos duros de madeira e brilhantes sorrisos duros de madeira. Seus olhos mortos de marionete olhavam sem piscar.

“É todo mundo”, disse Victoria soturnamente. O dr. Hardwick estava parado nos degraus da Academia das marionetes. O sr. e a sra. Everett, pendurados do teto, balançando lentamente em suas cordinhas.

Um pensamento terrível perfurou o coração de Victoria. *Mãe*, ela pensou. *Pai*. Ela procurou na selva de marionetes uma cabecinha careca e um cabelo brilhante cor de cobre...

No canto da cabana, alguém se moveu.

Lawrence deu um grito. Victoria se moveu rapidamente e enfiou a mão sobre a boca dele novamente, mas nem podia ficar brava com ele, porque lá, saindo do canto com uma marionete numa mão e uma tesourona de tosa na outra, estava a sra. Cavendish.

“O que ela está fazendo?”, Lawrence perguntou. Seus lábios tocavam a mão de Victoria quando ele falava, e ela apertou com mais força.

“Quieto”, ela chiou. *Que maravilha*, ela pensou. *A baba do Lawrence*.

Juntos, assistiram a sra. Cavendish trabalhando, porque certamente era isso – ela se movia aqui e ali, arranjando uma marionete no canto e prendendo aquela outra no teto. De tempos em tempos, a sra. Cavendish colocava a ponta da tesoura na boca, espremendo seus lábios vermelhos como sangue contra a lâmina. Então, abria um sorriso horrível de dentes brancos brilhantes e voltava a trabalhar – prendendo cordas aqui, prendendo de novo acolá, colocando uma marionete na praça principal, rearranjando as

marionetes por toda Belleville ao seu bel prazer.

A mente de Victoria rodopiava sem parar num pensamento desesperado. *O que isso significa?*

Por alguma razão, esse pensamento decidiu se manifestar como um espirro. Victoria espirrou forte.

Lawrence olhou para ela horrorizado.

Dentro da cabana, a sra. Cavendish congelou. Abriu as lâminas da tesoura. Começou a se virar.

Imediatamente, Victoria e Lawrence correram de volta para os jardins. Chegaram ao local mais escuro – o canto cheio de mato à sombra do Lar.

“Por que você espirrou?”, cochichou Lawrence freneticamente.

“Não foi por querer”, disse Victoria. Ela continuava olhando por sobre o ombro a cabana iluminada, mas a sra. Cavendish permanecia lá dentro, com as janelas ainda iluminadas. Eles esperaram mais alguns minutos, observando a cabana, mal conseguindo respirar. Lawrence agarrou novamente a mão de Victoria, e ela nem se importou. Na verdade, ficou feliz com isso. Ela se viu se encolhendo para perto dele sem realmente planejar fazer isso.

“O que ela estava *fazendo?*”, perguntou Lawrence finalmente. “Todas essas marionetes... e eram todas pessoais reais! Eram pessoas que conhecemos, pessoas da cidade!”

“Brincando de boneca? Sei lá! Como posso saber o que ela estava fazendo?”, respondeu Victoria, lambendo os lábios secos. Se soltasse a mão suada de Lawrence, certamente começaria a chorar. Ou pior, gritar. Ela deu um passo atrás.

Crac. Algo se quebrou abaixo dos pés de Victoria.

“Ai”, ela disse, puxando o pé. Algo feito de vidro cintilou. Ela o pegou.

“Óculos?”, perguntou Lawrence.

“Conheço esses óculos”, cochichou Victoria. Ela se debruçou e começou a escavar a terra.

“O que você está fazendo?”

“Espere um minutinho, espere um minutinho... ah!”

Victoria saltou para trás da mão retorcida que descobriu entre as folhas.

Lawrence a pegou antes que ela pudesse cair. Juntos, seguiram o braço até a parede do Lar, onde um rosto familiar olhava boquiaberto para eles do emaranhado de tijolos, raízes e vinhas.

“Professor *Alban?*”, disse Lawrence. Victoria estava ocupada demais tentando limpar a gosma de sua pele para dizer qualquer coisa naquele momento.

De alguma forma – impossível – o professor Alban havia crescido para dentro do Lar. Ele era *parte* do Lar, caído no chão e enrolado nos tijolos e na argamassa. Sua pele parecia casca de árvore e lama. Quando piscava, suas pestanas estalavam e rangiam. Flocos de tijolos se soltavam e flutuavam até o chão.

“Mrrmmf”, disse o professor Alban.

De algum modo, Victoria meio que se recompôs. “Encontrei seus óculos, professor”, ela disse, segurando a armação quebrada.

“Mrrrrmf.” Punhados de larvas e pequenas traças saíam da boca do professor Alban.

“O que ela fez com você?” Lawrence se ajoelhou na frente dele. “Isso é porque você tentou ajudar Victoria? Tentou nos ajudar?”



De alguma forma - impossível - o professor Alban
havia crescido para dentro do Lar.

A garganta arbórea do professor Alban saltou. Parecia que ele estava tentando falar novamente, mas seus olhos logo perdiam o brilho. Estavam endurecendo. O mesmo acontecia com o resto de sua pele. Ele estava se tornando parte dos jardins, parte do Lar. Estava morrendo.

“Professor Alban?”, disse Victoria. Ela estalou os dedos na frente do rosto dele. “Não sabe quem eu sou? Sou Victoria Wright, lembra? Da Academia? E esse é Lawrence Prewitt, e precisamos da sua ajuda. Você não pode simplesmente virar uma pilha de tijolos inútil para nós.”

Uma lágrima de seiva se formou no canto do olho esquerdo do professor Alban. Victoria afundou em seus calcanhares e evitou fugir de horror. Ela se perguntava se doía ficar sugado numa casa daquele jeito.

“Professor?”, ela cochichou. “Fique acordado, por favor. Precisamos sair daqui. Há *muitos* de nós, e estamos todos sozinhos.”

Victoria se afastou para lutar contra as lágrimas, incapaz de dizer mais nada. Tentou dizer a si mesma que não era sua culpa. O professor Alban havia sido pego, mas isso não estava funcionando. Ruídos secos de estrepitos soavam atrás dela, como uma árvore se fechando. Victoria se abaixou e colocou a mão nos joelhos, tentando não ficar enjoada.

“Ele se foi”, disse Lawrence baixinho, a mão no ombro cheio de nós e folhas do professor Alban. “Bem, acho que sim, de qualquer modo.” Ele limpou a bochecha na manga e pegou a mão de Victoria. “Vicky, você está...?”

Mas Victoria estava olhando para outra coisa – aquela grande árvore selvagem no canto, tão crescida que parecia cinco árvores em uma. Havia algo familiar nela. No centro do tronco, a casca tinha uma forma distinta. Parecia quase um...

“Tem algo nos arbustos”, disse Lawrence, apontando para uma pilha farfalhante de folhas todas enroladas nas grandes raízes das árvores. Ele pegou os óculos do professor Alban e os empunhou como uma espada. “Não se preocupe, Vicky, vamos escapar disso de alguma forma.”

“Sim, com óculos quebrados, com certeza”, disse Victoria, mas desejava ter algo a que se segurar também, porque os arbustos agora estavam *rosnando*. Ela se abaixou atrás de Lawrence bem a tempo de algo vir voando na direção deles.

“Gallagher!”, Victoria sussurrou, esticando os braços. Gallagher saltou até eles e acertou um beijo de bigode no nariz de Victoria. Ele estava totalmente coberto de sujeira, mas Victoria não se importou. “Nunca fiquei tão feliz em ver algo tão fedido.”

“Esse não é o cachorro do senhor Tibbalt?”, perguntou Lawrence.

“Sim, o nome dele é Gallagher. Mas por que ele veio até aqui?”

Lawrence chutou os arbustos em que Gallagher estava escondido. “Parece que ele está aqui há um tempinho. Ele trouxe um osso. Um monte de ossos, na verdade.”

“Olha lá na base daquela árvore”, disse Victoria, soltando Gallagher para examinar a árvore mais de perto. Ele a seguiu, gemendo e farejando as raízes.

“Talvez ele possa nos levar para fora daqui, de volta pelo quintal”, disse Lawrence. “Quero dizer, ele teve de entrar de alguma forma, certo?”

Como se em resposta, um vento frio passou por eles, jogando terra e folhas em seus rostos.

Lawrence cuspiu uma lesma de seus lábios. “Certo, deixa pra lá, talvez não.”

“Esta marca”, disse Victoria, correndo um dedo sobre um nó na madeira. “O que parece para você?”

“Parece um coração”, respondeu Lawrence. Ele colocou o dedo no nó também. Tocou o dedo de Victoria e ela o puxou de volta. “Quero dizer, não que eu pense nessas coisas, ou, bem, você sabe.”

“E não parece um pouco um rosto aqui?”, disse Victoria. Ela apontou para os galhos, os nós da casca entre eles, as folhas sinuosas.

“Na verdade, parece”, respondeu Lawrence. “Que esquisito.” Ele fez uma pausa. “Você acha que... talvez haja *outras* pessoas como o professor Alban aqui? Outras pessoas que tentaram ajudar antes que fossem apanhadas?”

Victoria se afastou para ter uma visão melhor da grande árvore. A lua iluminava o que era claramente um rosto na casca e nas folhas. Os galhos pareciam selvagens cachos negros. E a marca de coração ficava exatamente onde deveria haver um pescoço, exatamente onde Victoria havia visto aquela forma de coração antes. O dedo retorcido do sr. Tibbalt havia acariciado na fotografia em seu colo um medalhão em forma de coração.

“Vivian Goodfellow”, Victoria sussurrou. Gallagher ganiu mais alto, olhando para os jardins. “Não acredito. Não pode ser.”

“Quem é ela?”, disse Lawrence.

Nesse momento, Gallagher começou a latir com tanta raiva que tropeçou.

“Olhe”, disse Lawrence, apontando em direção à cabana iluminada. A porta se abriu, tornando-se um retângulo amarelo vivo. Então a luz se apagou. A porta bateu. Algo escuro, longo e magro deslizou para os jardins.

“Vamos!”, disse Victoria. De mãos dadas, ela e Lawrence avançaram para um canto, cruzaram o terraço e atravessaram as portas (que felizmente, de forma sinistra, permaneciam destrancadas). Correram pela galeria e subiram a escadaria com os corrimões de cobra (elas se contorciam e sibilavam em línguas douradas: “Não olhe para elas!”, avisou Lawrence), de volta pelo corredor de rostos dourados sorridentes e para a parede de onde tinham chegado à escadaria da lareira.

“Vamos, deixe-nos entrar”, disse Victoria, batendo na parede o mais forte que ousava.

“Alguém está vindo, Vicky”, cochichou Lawrence, virando o pescoço para o corredor. Luz de vela refletia-se nas escadarias de cobra esmeralda. Sombras se projetaram pelos rostos de metal dourado, e seus sorrisos derreteram-se em carrancas e rosnados dentuços.

Victoria afundou os dedos entre as placas de madeira e empurrou com força, mas a parede não se movia. “Hum”, ela disse, com a voz trêmula. “Hum, tudo bem.” Ela começou a cantarolar. Era uma música bem desconjuntada. Não era lá grande coisa. Ela tinha medo de cantarolar alto demais.

Lawrence se afastou, colocando-se na frente dela. A luz da vela ficou mais forte. Quem quer que fosse, estava quase no topo da escada.

“Vicky... Vicky, depressa...”

“Não consigo encontrar a porta!”, Victoria cochichou, mas naquele momento o chão se abriu abaixo deles, e eles caíram na escuridão. Acima deles, o chão se fechou com uma pancada.

Lawrence gritou enquanto eles caíam, mas Victoria o encontrou na escuridão da queda e o cutucou. “Tudo bem. Isso aconteceu da última vez.”

“Isso... isso *não* está bem..”, disse Lawrence sem ar.

Eles acertaram um chão macio e molenga, e então rolaram por um morro de pedra e terra farelenta. Quando pararam, estavam na lareira do dormitório dos meninos.

“Brava”, aquelas vozes sussurrantes vieram até eles, farfalhando em seus cabelos. “*Tão, tão brava. Corra. Corra.*”

“Rápido”, disse Victoria, empurrando Lawrence em direção às camas. “Vólte para a cama. E se alguém perguntar o que fizemos, pelo amor de Deus, não *conte!* Ainda não.”

“Mas o que descobrimos?”

“Não sei. Preciso de tempo para pensar. Vá!”

Victoria se virou e rastejou correndo pela passagem da lareira, tateando pela parede, tentando agarrar em algo. O chão rugiu, mas ficou no lugar. *Espero que isso não signifique que a senhora Cavendish esteja brava*, Victoria pensou.

“*Rápido, rápido*”, cochichou uma voz, mas não era uma voz de criança; era de um homem, e por um louco momento Victoria pensou que era do professor Alban.

“O professor Alban se foi”, ela disse a si mesma, mas seus dentes ainda batiam. Uma vez no dormitório das meninas, ela arrumou o cabelo e esfregou as roupas, caso alguém viesse procurar por ela, e se sentou em sua cama para pensar.

“O que aconteceu?”, perguntou Jacqueline, correndo até ela. “Para onde foi? Descobriu por que o Lar estava se mexendo daquele jeito?”

Victoria contou a Jacqueline o que vira no Lar, os pássaros, os serviçais e seus olhos (Jacqueline pareceu um pouco enjoada nesse ponto), os jardins, a cabana fedida (Jacqueline definitivamente parecia enjoada) e a cabana das marionetes (Jacqueline perdeu o ar e tremeu), e o professor Alban (Jacqueline cobriu a boca). Quando Victoria chegou à parte do Gallagher e da grande árvore negra, do sr. Tibbalt e de Vivian Goodfellow, Jacqueline perguntou com olhos esbugalhados: “O que você acha que isso significa?”.

“Não tenho certeza.” O cérebro de Victoria nunca trabalhou tão rápido em toda a sua vida. “Mas aquela árvore... com raízes crescendo por todo lado, subindo pelo Lar, onde o professor...” – Victoria engoliu o enjoo – “...onde o professor Alban estava. Acho que o senhor Alice tenta manter tudo bacana e sob controle, mas...”

“Talvez ele não consiga”, cochichou Jacqueline.

“Talvez haja *outros* no jardim”, disse Victoria, lembrando-se do que Lawrence dissera. Ela engoliu em seco. “Parece loucura, mas... e se for verdade?”

Os olhos de Jacqueline se esbugalharam ainda mais. “Outros? Como o professor Alban?”

“Sim. Mas o que podemos fazer em relação a isso eu ainda não sei. Eu me pergunto...”

Elas ficaram de cochichos por um tempo, mas sempre ouviam ruídos e sentiam coisas observando-as das sombras. Jacqueline não conseguia parar de tremer e voltou para a cama, e Victoria não parou de se perguntar sobre tudo por um longo tempo, até a luz da lua no alto da janela ser substituída pela luz do sol.

Ela ainda se perguntava enquanto eles desceram para o café da manhã por corredores que eram de fato normais, para variar. Agradáveis retratos de pessoas agradáveis fazendo coisas agradáveis estavam pendurados nas paredes. Nenhuma das pessoas nas paredes tinha chifres ou asas de couro, e não estava sorrindo maldosamente para as crianças quando elas passavam. Os corrimãos não eram feitos de cobras, os pássaros estavam parados, e as sombras não rastejavam com insetos.

“Não gosto disso”, cochichou Jacqueline quando entraram na sala de jantar. “Está silencioso demais aqui.”

“Hummm”, disse Victoria, pensando profundamente – até avistar o banco vazio de Harold Hiena na frente dela. Ela franziu mais ainda a testa. “Jacqueline, olhe. Harold não...”

Victoria avistou o rosto horrorizado de Lawrence na mesa. Ele estava olhando para um serviçal – um serviçal que jogava ovos e carne no prato de Caroline. Um serviçal que, quando ficou com pimenta no nariz, espirrou de uma forma familiar – alto e estrondoso como a risada de uma hiena.

“Não”, disse Victoria, olhando para o olho amarelo do serviçal, a boca babando sem língua. Só tinha uma mão, tocos como pernas, e pedaços faltando em todo o seu corpo retorcido.

Na cabeceira da mesa, a sra. Cavendish coçou a lateral da boca com uma unha brilhante.

O serviçal grunhiu enquanto colocava o ensopado no prato de Victoria. Os pedaços de carne fumegantes pareciam mais frescos hoje – mais gordos e suculentos. Tinha cheiro de uma galinha nojenta e daquela cabana fedida no jardim.

Victoria observou o serviçal cambalear até o assento de Jacqueline. Ela olhou para seu prato e de volta para o serviçal, várias vezes.

A sra. Cavendish começou a cortar o seu guisado, educadamente. Tinha um sorriso terrível. Caldo de carne escorria de seus lábios.

Victoria não acreditava. Não fazia sentido. Era horrível demais para ser real. Mas mesmo assim...

Ela transformou Harold num serviçal, Victoria concluiu. Todos os serviçais eram crianças. E os pedaços faltando deles – suas línguas, suas mãos...

Victoria olhou para o seu prato. Seu estômago revirou e se apertou.

...ela nos alimenta deles.



Dois dias depois, Victoria, Lawrence, Jacqueline, Donovan e Caroline se aninhavam juntos na lareira do dormitório das meninas. Victoria havia conduzido os meninos do dormitório deles. Era tarde, e estava muito escuro. A lua era uma mera fatia.

Parecia estranho conversar; a sra. Cavendish os havia deixado em silêncio por dois dias seguidos. Se alguém falava, a não ser que fosse chamado, se alguém ria, tossia ou pigarreava alto demais, levava tapas, chicotadas e socos. Todos tinham ferimentos e arranhões para provar isso, até Victoria. “Ninguém quer ouvir você”, berrou a sra. Cavendish depois que Lawrence tossiu durante o jantar naquela noite mesmo. “Ninguém, ninguém!” Ela bateu no rosto dele. O Lar se mexeu e grunhiu, e a sra. Cavendish empalideceu e chiou para eles. “Comam sua comida, comam sua carne”, gritou, com olhos loucos.

Agora eles cochichavam juntos num pequeno nó. Era estranho e emocionante cochichar. Apenas aquela pequena ação parecia um triunfo.

“Então, deixe eu entender direito”, disse Lawrence, marcando pontos nos dedos. “Se você não sai daqui ao fazer 13 anos, a senhora Cavendish te decepa e alimenta as outras crianças com você.”

Caroline escondeu o rosto. Donovan cobriu a boca como se quisesse vomitar. Jacqueline não podia parar de tremer. Victoria não se permitiu fazer nada disso. Alguém tinha de manter a cabeça no lugar. Ela engoliu em seco e respirou fundo.

“Certo”, ela disse.

“Então ela transforma o que sobra de você num serviçal, para ajudá-la a cuidar de tudo.”

“Certo.”

“E qualquer um que tente ajudar, como o professor Alban ou a amiga do senhor Tibbalt, aquela tal de Vivian...”

“Vivian Goodfellow”, disse Jacqueline.

“É, isso. Qualquer adulto como eles que tente ajudar é engolido pelo jardim, do qual o senhor Alice cuida.”

Victoria bufou. “Certo. Quero dizer, a não ser que alguém ache que estou errada.”

Houve um silêncio pesado. Caroline começou a chorar na manga de Jacqueline. Donovan murmurou “Não”, e limpou a testa úmida.

“Bem, agora que está tudo esclarecido”, disse Victoria, “temos de fazer algo. Quero dizer. Não podemos nos sentar por aí e deixá-la nos picar e nos transformar em serviçais, podemos?”. Ela começou a andar de um lado para o outro. “Não podemos deixá-la nos usar dessa forma – nos cortar e nos deixar com medo demais para impedi-la.”

“E quanto às marionetes que você e Lawrence viram?”, perguntou Donovan. “O que elas são?”

Victoria tinha pensado sobre isso. Tinha visualizado a cabana de marionetes em sua mente uma centena de vezes e visualizado a sra. Cavendish prendendo cordas e arrumando-os aqui e ali, direitinho. Quando não se pode falar por dois dias seguidos, é muito fácil pensar e reunir as ideias. Victoria fez uma careta. *Você não planejou isso, planejou, senhora Cavendish*, ela pensou.

“Olhe o que eu acho”, disse Victoria, inclinando-se para mais perto. “Sabem como todo mundo esquece de nós quando estamos aqui? E as pessoas não se importam em vir nos encontrar? E agem de maneira tão estranha, como seus pais, Lawrence, e os meus também, e o senhor Waxman e os professores da Academia...”

“E minha irmã Jill”, acrescentou Jacqueline.

Caroline fungou. “Meu irmão mais velho, Adam. Ele agia como se me odiasse. Mas ele sempre me chamou de sua minduinzinha antes, *antes*.” Ela fungou novamente.

Todo mundo assentiu. Todo mundo se lembrava de como havia sido *antes*. Victoria imaginou seus pais sorrindo friamente para ela, como eles ficaram em seu quarto, como não tinham vindo quando ela chamou por eles naquele dia em que os insetos a levaram embora.

“Certo, então”, ela continuou. “Acho que é como ela faz todo mundo agir assim, como ela faz todo mundo fazer o que ela quer. De que outra forma eles poderiam *realmente* nos esquecer assim? Simples: ela controla suas marionetes, e suas marionetes controlam a cidade.”

“Mas... mas...”, Donovan cuspiu um pouco. “*Como? Como é possível?*”

Victoria se lembrou do que o sr. Tibbalt havia dito. “Há truques mágicos, como pegar uma carta e tirar coelhos brancos, e há outros truques. Truques feios. Acho que a senhora Cavendish lida com isso. Mas eu certamente não quero descobrir.”

Ela balançou a cabeça. “Não importa como ela faz. O que importa é que vamos detê-la.”

“O aniversário de Lawrence é amanhã”, cochichou Jacqueline do nada.

Outro silêncio se fez. Donovan bateu solenemente nas costas de Lawrence.

“Sim, bem, não vamos pensar nisso agora, vamos?”, disse Victoria, apesar de não conseguir pensar em outra coisa. Não conseguia parar de imaginar um serviçal de Lawrence, com uma faixa de cinza num cabelo gorduroso e desgrenhado.

“Em vez disso, vamos focar no seguinte: tenho um plano”, disse Victoria.

“Tem?”, perguntou Caroline, fungando.

Victoria evitou torcer o nariz com a visão do rosto melecado de Caroline. Em vez disso, limpou-o com a manga, deu tapinhas no ombro de Caroline e tentou sorrir. Ela não iria pensar na meleca de Caroline em sua manga; havia coisas mais importantes.

“Claro que tenho”, ela disse rapidamente.

Lawrence também tentou sorrir, mas parecia um pouco doente. Victoria se perguntava se ele também estava imaginando um Lawrence serviçal. “Vicky sempre tem um plano na manga.”

Victoria corou com prazer e jogou seus cachos sem realmente pensar nisso. Era bom. Parecia estar na escola, dirigindo os projetos em grupo e cuidando das tarefas. Ela podia fazer isso. Endireitou o pijama sujo.

“Sim, tenho sim”, ela disse, “e esse deve funcionar; mas todo mundo precisa ajudar.”

“Todo mundo?”, grunhiu Caroline.

“Sim. Mas não se preocupe, vai ficar tudo bem.”

“Como você sabe?”

Victoria levantou uma sobrancelha. “Porque meus planos sempre funcionam. Agora escutem...”

Conforme Victoria cochichava instruções, outras crianças se aproximaram para ouvir – algumas meninas e também três meninos que Lawrence recrutou do quarto ao lado. Quando estavam todos reunidos na lareira para sair, já eram uma dúzia.

“Tem certeza de que o Peter ainda está dormindo?”, perguntou Lawrence aos meninos.

“Ele não se mexeu nem quando tropecei no escuro”, disse um deles.

Victoria estava preocupada com isso. De todo mundo, Peter era o mais provável de ir encontrar a sra. Cavendish e arruinar o plano. Mas esse era um risco que eles teriam de correr.

Victoria rastejou para dentro primeiro, Lawrence logo atrás dela, e todo mundo atrás deles. (“Pare de me *agarrar*, Caroline”, Jacqueline retrucou.)

“Bem”, disse Victoria, parando, “isso é novidade.”

Uma porta preta, com uma maçaneta escura e curva, postava-se diante deles, bem no fundo das sombras da lareira. Ela nem teve de cantarolar ou cochichar para o Lar para ter ajuda.

“Uma porta”, cochichou Lawrence. “Bem, isso é terrivelmente conveniente, não é? E se for uma armadilha?”

“Pode ser”, disse Victoria, mas então viu que a maçaneta era um noduloso galho de árvore, e as dobradiças também. Elas lhe lembravam o rosto seco do professor Alban e seus braços, e ela sorriu com tristeza. “Mas não podemos voltar agora. Vamos.”

Ela buscou a maçaneta. Duas baratas de olhos radiantes saíram da maçaneta e se afundaram na parede. Caroline gritou.

Apenas lembre-se do plano, Victoria pensou. Ela virou a maçaneta. A porta rangeu, como algo velho e enferrujado abrindo a boca num bocejo. Atrás da soleira havia uma galeria.

“Bem, pelo menos isso nos coloca no lugar certo desta vez”, disse Victoria tentando sorrir.

“Não se preocupe, vou estar lá fora com você assim que puder”, cochichou Lawrence, espiando sobre o ombro dela. “Podemos libertar todos eles.”

Victoria assentiu, mas estava começando a sentir os primeiros traços de pânico. “E se cortarmos todas as marionetes e não adiantar nada? E se a senhora Cavendish só ficar mais brava e todos ficarmos presos aqui?”

“Saímos correndo ou lutamos com ela. Não podemos apenas ficar sentados aqui até sermos todos serviçais, podemos? Precisamos pelo menos tentar.” Lawrence apertou a mão dela. “É um bom plano, Vicky. Ninguém mais teve a coragem de tentar algo assim. Ninguém mais teve coragem de ir lá fora, como você fez.” Ele apertou a mão dela novamente, se aproximou um pouco mais e seu rosto ficou todo bobo, com um sorrisinho vacilante.

Victoria afastou o olhar. Sentia a garganta travada. Se alguma coisa acontecesse aos outros por causa dela, se alguma coisa acontecesse a Lawrence...

“Seu colarinho está bagunçado”, ela disse, estalando a língua e recusando-se a fitá-lo nos olhos. Ela o arrumou e se virou. “Bem, vamos nessa.”

Victoria se levantou o mais alto que podia. Então cochichou: “Vamos!”

Todos se espalharam. Alguns foram para a esquerda, outros para a direita, alguns pela primeira escadaria no canto, alguns pela segunda. Victoria observou Lawrence até ele desaparecer na galeria. Quando ele se foi, ela ficou sozinha.

Não lhe pareceu tão legal quanto costumava ser.

Victoria fechou bem os punhos e seguiu em frente pela galeria. Era sua imaginação ou as paredes da galeria estavam se fechando para ela? Parou para escutar e olhar ao redor, segurando a respiração. Quando focou o suficiente, pôde sentir as ondulações abaixo de seus pés nus e um lento e baixo farfalhar no teto, nos corrimãos e escadarias próximos, no corredor atrás dela. As paredes *estavam* se fechando, depois se abrindo e se fechando novamente.

Então tudo ficou em silêncio. Victoria foi até a parede mais próxima e esticou um dedo para cutucá-la.

“Oi?”, ela sussurrou. Ninguém, nem nada, respondeu. A parede parecia normal. Ela esperou um pouco mais e então se repreendeu e se obrigou a se concentrar no plano. Ser a responsável a ajudava a se sentir mais como si mesma novamente, a velha Victoria que nunca acreditaria que paredes podiam se mover ou que espelhos podiam falar. Era uma boa sensação, uma sensação familiar e forte, mas ela não a deixou voltar totalmente. Ali as paredes e os espelhos *podiam* falar. Ela tinha de estar pronta para tudo.

Na galeria, Victoria ouviu as outras crianças saltando lá de cima nas salas de aula e pelos corredores. Elas quebravam janelas, partiam quadros e arrancavam cortinas das paredes. Uma gota azul caiu nos pés de Victoria enquanto ela corria pela galeria escura. Jacqueline e Caroline estavam jogando bolas de tinta da Sala de Artes. Dois dos novos meninos batiam o pé pela sala de jantar, derrubando cadeiras e gritando o mais alto que podiam. Com sorte, isso seria uma boa distração, e Victoria poderia sair sem que ninguém a impedisse.

Mas, apesar do barulho, tudo mais estava quieto. Victoria não viu serviçais saindo de seus esconderijos para atacá-los, nada do sr. Alice e seu ancinho. Nada da sra. Cavendish com seus dedos sorridentes. Até os passarinhos estavam quietos, Victoria notou, olhando para os altos tetos pontudos. Aqui e ali, ela viu uma batida nervosa de penas e um olho negro brilhante, mas os pássaros ficaram parados em suas árvores pintadas.

Mas eles são pintados?, Victoria se perguntou. Acima dela, as árvores acenavam e farfalhavam como se seus galhos fossem reais, mas não soavam como árvores reais. Quando as folhas raspavam umas contra as outras, um leve farfalhar agudo flutuou para onde Victoria havia parado, embaixo de uma lâmpada escurecida.

Lá de cima, um dos meninos soltou um grito de ferir os ouvidos. Seguiu-se o som de um vidro quebrado e então, bem abaixo da galeria, algo escuro, magro e longo caiu do teto.

Ela correu para as portas dos terraços, mas uma forma escura entrou na frente dela. Ela saltou para trás, assustada demais para gritar. Era Peter, olhando para ela com um olhar duro e torto no rosto.

“Eu te segui”, ele cochichou. Puxou suas mangas, nervoso. “Eu fiz isso, eu a segui pela lareira.”

Victoria abriu e fechou a boca, chocada demais para falar.

“Senhor Alice!”, Peter gritou de repente. “Há crianças fora da cama!”

Enquanto Victoria corria terraço afora, Peter continuou gritando para o sr. Alice e correu de volta ao Lar. Victoria mal podia ouvi-lo, porque seu coração batia demais.

No jardim escuro, sem qualquer luz acesa, era difícil distinguir a cabana das marionetes. Para onde quer que Victoria se virasse, havia uma árvore ou um emaranhado de arbustos. O vento a empurrou para um lado e para outro, o início de uma tempestade.

De sua direita veio o ruído de um arranhão: *scrich, scrich*.

Victoria deu um giro e engoliu em seco. “A senhora não me assusta, senhora Cavendish.”

O *scrich* virou um pequeno gemido. Um focinho molhado com bigodes apareceu à luz da lua.

“Gallagher!” Victoria correu para ele e esticou a mão, mas ele não estava no clima de carinhos. Sua pele estava toda arrepiada, e sua cauda batia, incerta. Suas orelhas se voltaram para onde ele estava

raspando – a porta da cabana das marionetes.

“Ah, bom cãozinho”, ela disse. Pegou Gallagher nos braços e colocou a mão na maçaneta da porta. Gallagher começou a grunhir, o que provocou arrepios em Victoria. Então a porta ficou um pouco aberta, o que fez Victoria parar, mas então ela rangeu os dentes e deslizou para dentro. Tinha de tentar. Não podia desistir, não com todo mundo quebrando o Lar para que ela pudesse fazer o que precisava ser feito, não com o aniversário de Lawrence tão próximo.

Victoria abriu a porta e procurou um interruptor de luz. Não havia um, mas havia uma mesa e um lampião com fósforos. Ela colocou Gallagher no chão e grunhiu: “Odeio fósforos. Muito imprecisos”. Levou um tempo para acender, porque suas mãos tremiam muito, mas, quando acendeu, ela se virou e olhou...

...ela olhou o povo de Belleville pendurado do teto, na mesma floresta de marionetes de antes. O chefe de polícia e seus oficiais, seus professores, o sr. Waxman, o dr. Hardwick, o sr. e a sra. Prewitt... e, perto do centro, pendurados felizes em cordas prateadas, seus pais. Uma cabeça careca, uma cabeça cor de cobre, dois sorrisos animados.

“Mãe”, Victoria cochichou. “Pai.” Ela fechou os punhos com força e entrou, iluminada pela luz do lampião, em direção às marionetes sorridentes.



Por todo lado, incontáveis rostos brilhantes de madeira a encaravam.



Um vento gelado soprou da porta aberta da cabana e mordeu os tornozelos de Victoria. Ela fechou a porta atrás de si. Não havia tranca, ao menos não que ela pudesse ver.

“Ela provavelmente nunca achou que alguém iria chegar tão longe”, murmurou Victoria. Ela teria se sentido bem melhor com uma fechadura na porta.

Gallagher começou a farejar ao redor. “Sim”, disse Victoria. “Isso mesmo, investigação.” Ela respirou fundo (era difícil) e olhou os marionetes. Era uma espessa floresta de marionetes. Alguns pendurados das vigas, pequenos como bonecas, e outros ao redor da maquete de Belleville. Curiosa, Victoria espiou dentro da biblioteca; sim, lá estava o sr. Waxman em sua mesa. As cordas partiam de suas mãos, pernas e cabeça, terminando numa cruzeta encostada contra a parede da biblioteca em miniatura. Em volta dela, incontáveis rostos brilhantes de madeira a encaravam. Tinham sorrisos animados, limpos e perfeitos.

“Jill”, cochichou Victoria, vendo o cabelo brilhante de Jill Hennessey. “Professor Carroll. Senhor e senhora Baker. Os *Prewitt*.” Os pais de Lawrence sorriam para ela, com olhos pretos brilhantes. Victoria parou pouco antes de seus pais, que se penduravam do teto. Ela esticou a mão em direção a seus pés. A mãe usava sapatos vermelhos lustrosos. Talvez, se tocasse esses pais marionetes, eles ganhassem vida.

Ela esticou mais a mão, mais perto, ainda *mais* perto...

Um choramingo de Gallagher a interrompeu. Ela o encontrou num canto empoeirado, farejando montes de poeira. Ele havia encontrado outra marionete, toda suja, toda enrolada em cordas embaraçadas.

“Senhor Tibbalt?”, disse Victoria. Ela se ajoelhou para limpar seu rosto, mas uma visão terrível piscou diante de seus olhos – a marionete ganhou vida, mordendo seus dedos com fortes dentes de madeira. Não era uma ideia tão ridícula, quanto se tratava da sra. Cavendish.

Ela se ajoelhou e se sentou sobre os pés, olhando as centenas e centenas de pés de marionetes pendurados. Do outro lado da sala, a marionete do dr. Hardwick sorriu para ela. *Marionetes*, Victoria pensou. *Marionetes têm cordas, e o mestre deles move as cordas.*

Ela engoliu em seco. O ar estava frio, espesso e cortante. A sra. Cavendish era a mestra ali. Ela tinha a cidade toda amarrada.

Por mais horroroso que fosse, parte de seu cérebro aprovava. Era um plano eficiente. Victoria não assumia sempre os trabalhos em grupo da escola para garantir que eles fossem bem feitos? Desconfortável, ela se lembrou do que o sr. Tibbalt havia dito: “Você gosta que as coisas sejam bem feitas, não importa a que custo. O mesmo acontece com ela. O mesmo acontece com todos aqui”.

Victoria apertou bem os punhos e pensou. E se Lawrence nunca mais tocasse, ou Donovan nunca mais comesse bolo ou Jacqueline só pintasse quadros entediantes? Eles não seriam melhores; seriam *outras pessoas*.

“Não sou como *ela*, não sou”, ela disse, e o som de suas palavras lhe deu coragem. “Nunca vou ser como ela.” Ela buscou a marionete do sr. Tibbalt e olhou para Gallagher, que se sentou, observando, esperando. “Acha que ele vai arrancar meus dedos fora?”

Victoria podia jurar que Gallagher levantou suas sobrelanceiras de cachorro.

“Não, certo, claro”, disse Victoria, e limpou o rosto da marionete. Era o sr. Tibbalt, sim. Não havia como se confundir. Quem quer que tenha feito as marionetes era muito bom. Mas a sra. Cavendish aparentemente não havia sido capaz de prender devidamente o sr. Tibbalt. Ela havia tentado, as pilhas e pilhas de cordas haviam provado isso. E ainda assim, lá estava ele, escondido num canto.

Victoria sorriu, perguntando se aquela poeira toda levava para o sr. Tibbalt seus pesadelos sem fim. “Ela nunca *conseguiu* pegá-lo de jeito, não é?”

Gallagher lambeu a cabeça gasta do sr. Tibbalt.

No canto, gavetas e cubículos faziam uma linha, com cabeças lisas de marionetes, baldes de tinta, carretéis com corda e um perfeito tesourão. Quando Victoria o avistou, ele cintilou à luz do lampião.

Victoria não queria tocar naquela tesoura; a sra. Cavendish a havia encostado em seus lábios vermelhos; a sra. Cavendish a havia segurado e usado para fazer sua mágica de marionetes. Mas Victoria não tinha escolha. Ela buscou o tesourão cuidadosamente. Quando seus dedos tocaram um carretel próximo, doeu como se ela tivesse sido mordida. Ela se afastou e olhou para seus pais. Seus dedos tremiam ao redor do cabo da tesoura. Cada uma das longas lâminas era do tamanho de seu braço. Pareciam sorrir para ela. Quando ela flexionou a mão, preparando-se para cortar, o rangido do metal soou como alguém distante gritando.

Os pelos de Gallagher se arrepiaram novamente.

“Bem, isso é desnecessário, não acha?”, disse Victoria entre dentes, quase assustada demais para respirar. “Um pouco dramático.” Seus pelos se arrepiaram também nos braços e no pescoço.

Ela ergueu o tesourão para o ponto onde as cordas encontravam os ombros de sua mãe. Um sopro forte lá de fora, vindo pelas paredes rachadas, fez as marionetes balançarem lentamente. Suas bocas sorridentes eram grandes demais, seus braços e pernas longos demais.

“Se eu cortar as cordas”, Victoria sussurrou, “vou machucá-los? Só vai estragar a mágica dela, não é? Eles não vão... *morrer*, vão?”

As orelhas e a cauda de Gallagher se abaixaram, mas Victoria não viu. Ela só podia ver as lâminas afiadas e a cabeça brilhante da mãe. Se era assim que a sra. Cavendish controlava todo mundo e fazia com que todos fizessem o que ela queria, o que aconteceria quando ela cortasse as cordas? *Sem cordas, uma marionete não é uma marionete*, Victoria pensou. *É só um boneco. O que isso fará com eles?*

Mas não havia tempo de ficar lá e pensar. Ela ergueu a tesoura para a corda mais próxima e a abriu, pronta para cortar. Será que a mãe, folheando os catálogos em casa, não iria cair morta quando Victoria começasse a cortar as cordas?

“Não, não seja tola”, disse Victoria, mas lágrimas queimavam em seus olhos. Como a sra. Cavendish

ousara fazê-la se preocupar se salvar a mãe iria de fato matá-la?

Aquela explosão de raiva surtiu efeito. Victoria ajeitou seus cachos.

“Sinceramente”, ela disse. “Foco.” Fechou os olhos e cortou.

Com um pequeno golpe, o braço da mãe caiu de lado.

Victoria abriu um olho. Esperou, mas não ouviu nada... inicialmente.

Então escutou um *plop*. Algo escuro caiu do teto. Com o olhar, ela acompanhou o *plop* até seus pés, onde uma barata balançou suas dez patas no ar, virou-se e rastejou para baixo de um gabinete.

Victoria grunhiu. “Mais baratas.” Mas ela levantou o tesourão e cortou novamente – o outro braço da mãe, a perna direita, a perna esquerda – *plop, plop, plop*. Mais três baratas. Só faltava a corda presa à cabeça.

Mas, antes de Victoria poder chegar a ela, mais *plops* soaram de trás dela. Mais baratas rastejaram nas sombras em círculos loucos, caindo do teto, das paredes...

Gallagher começou a latir como nunca. Eles não estavam mais sozinhos, ou talvez nunca houvessem estado.

Victoria *nunca* temeu algo tanto assim na vida, mas ela se virou. De tudo o que havia acontecido para ela no Lar, isso era certamente o pior.

Erguendo-se das sombras da porta, tão alta que seus ombros tocavam o teto e sua cabeça pendurava-se como uma cobra, estava a sra. Cavendish.



“Estou muito decepcionada com você, Victoria”, disse a sra. Cavendish, sua voz doce e densa. Ela esticou um braço que brilhava como se tivesse escamas. “Você poderia ter sido ótima, sabe? Uma das melhores. Um triunfo. Achei que poderia ajudá-la, talvez até *mantê-la*. O senhor Alice não vai durar para sempre, e você é tão talentosa, Victoria. Tão completa. Tão... *boa*.”

Victoria deu um passo atrás. Não conseguia evitar abrir a boca, horrorizada. A beleza da sra. Cavendish derreteu como a pele de uma cobra, e agora ela parecia uma grande barata branca, com uma língua preta saindo dos lábios vermelho-sangue, seus olhos que nunca piscavam, seus longos braços e pernas se esticando, se enrolando.

“Uma... uma das melhores?” Victoria queria correr, mas a sra. Cavendish bloqueou sua única saída.

A sra. Cavendish traçou seus lábios com a língua, gargarejando fundo. Suas bochechas se alargaram, seu cabelo ficou até mais brilhante. Era tão brilhante que quase não se podia olhar para ele.

“Quer saber qual é sua doença, Victoria Wright?”, perguntou a sra. Cavendish. “Quer saber o que está *errado* com você? Por que está aqui?”

Victoria tentou olhar ao redor sem dar muito na vista. “Minha doença?”

A sra. Cavendish chutou a mesa perto da porta, onde o lampião estivera. “Não repita o que eu digo. Eu realmente não tenho paciência, *Vicky*.”

“Me diga”, disse Victoria, tremendo. Ela podia jogar o tesourão na sra. Cavendish, mas ele era muito grande e ela não confiava que poderia jogá-lo na direção certa. “O que está errado comigo? Por que sou uma degenerada?”

A sra. Cavendish balançou, pronta para dar o bote. “Ora, você é igualzinha a ela, *Vicky*.”

Algo prateado reluziu no canto do olho de Victoria: as cordas que seguravam seu pai. “Igualzinha a quem, senhora Cavendish?”

A palavra escorregadia foi muito baixa para Victoria ouvi-la claramente, mas ouvira o bastante. Soava como “*Vivian*”.

Victoria nunca teve tanto medo em sua vida – mas também estava mais segura de si, e isso dizia muita

coisa. Suas mãos apertaram o tesourão com mais força. “O que há de errado conosco, senhora Cavendish? Comigo e com Vivian?”

A sra. Cavendish sorriu. O sorriso tomou mais de metade de seu rosto. “Vocês não sabem quando ficar *quietas*.”

Rapidamente, Victoria jogou o tesourão para o alto. Inúmeras cordas foram cortadas. Gritos distantes tomaram a cabana, e uma dúzia de marionetes veio ao chão. Assim como uma cascata de besouros se contorcendo.

A sra. Cavendish soltou um guincho e caiu de joelhos, raspando, enfiando as garras, tentando reunir as marionetes caídas em suas mãos escorregadias. Victoria pegou Gallagher com um braço e correu para a porta, acertando todas as cordas que podia alcançar. Mais marionetes caíram com estrondos de madeira. E, enquanto Victoria avançava para a noite, a sra. Cavendish guinchava atrás dela. “O que você fez? O que você fez?”

Victoria correu pelo jardim o mais rápido que pôde. O vento furioso jogava arbustos e pedaços de terra em seu caminho. Era difícil manter o equilíbrio, com o tesourão numa mão e Gallagher na outra. Mesmo com o vento e as árvores balançando, Victoria podia ouvir a sra. Cavendish na cabana atrás dela, gritando. A porta da cabana se abriu e se quebrou, voando pela noite. Voou para perto da cabeça de Victoria; ela teve de se abaixar numa moita para se esquivar.



Algo longo e escuro abriu caminho pelos jardins atrás dela, no seu encalço...

Algo longo e escuro abriu caminho pelos jardins atrás dela, em seu encalço, ofegante, rangendo os dentes. Ficou mais próximo e mais próximo. Um hálito quente e fedido acertou o pescoço de Victoria. Alguém que soava como a sra. Cavendish, mas com uma voz mais baixa, grave, chiando: “Victoria.” Ela correu mais rápido, mas era tão difícil enxergar. Se conseguisse sair dos jardins, do labirinto de roseiras e moitas pretas com espinhos e – *Oh, Victoria pensou, e se os jardins estão cheios de gente seca, como o professor Alban, como Vivian? E se eles se esticarem, me agarrarem e me prenderem aqui para sempre?* Ou pelo menos até que a sra. Cavendish chegasse e a fiasse em pedacinhos.

“Não!”, Victoria gritou quando saiu cambaleando do jardim para o terraço. Estava tão assustada, a palavra irrompeu dela. Ela girou para encarar a sra. Cavendish e abriu o tesourão, introduzindo-o no escuro.

Com um ganido, Gallagher saltou dos braços de Victoria e correu para a esquerda.

No portão do jardim, a sra. Cavendish se pôs de quatro, balançando para frente e para trás, mostrando a língua. Seu belo vestido branco flutuava ao redor dela como asas. Seus olhos estavam tão azuis, seu sorriso tão largo, abrindo-se e fechando-se. Seus braços eram longos demais para serem reais, serpenteando degraus acima em direção aos tornozelos de Victoria.

Victoria atacou com o tesourão. “Fique longe de mim!”

“Oh”, disse a sra. Cavendish. Baratas caíram de sua boca quando ela falou, e do canto de suas mangas, flutuando. “Eu não faria isso se fosse você.”

Aquela voz fez Victoria piscar. Era tão doce, tão bondosa. Talvez, se apenas se deitasse lá um momento, poderia ter um sono belo e repousante...

Em algum lugar nas sombras tempestuosas, Gallagher latiu. Isso despertou Victoria. Ela levantou a tesoura mais alto e rangeu os dentes.

“Não fale assim comigo”, ela disse, erguendo o queixo. “Faço o que eu quero.”

“Oh”, disse a sra. Cavendish. Sua cabeça se virou até ficar pendurada para baixo. Ela riu uma doce risada de ponta cabeça. Baratas deslizaram de seu colarinho e do seu cabelo. “Vai fazer exatamente o que eu disser.”

“E por quê?”

“Vicky”, veio uma voz abafada – a voz de Lawrence. Fraca, com medo, Victoria olhou em direção ao Lar, sem nunca abaixar o tesourão.

Lá, reunidos num monte assustado, estavam todos: Donovan, Caroline, Jacqueline, os outros que a haviam ajudado. Peter, presunçoso e um pouco desequilibrado.

Lawrence.

O sr. Alice segurava Lawrence pelo colarinho, o ancinho na sua garganta. As pontas enferrujadas afundavam no pescoço, mas não havia sangue – ainda. Segurando as crianças no lugar com atizadores de lareira estavam os serviçais. Seus olhos piscavam à luz amarelada da lua. Eles estalavam suas bocas estupidamente. Pareciam inseguros, enquanto prendiam as crianças no lugar.

“Não os machuque”, disse Victoria. Ela não podia pensar em mais nada a dizer, e o sr. Alice parecia feliz demais, seu ancinho pronto para atacar. Victoria podia talvez jogar a tesoura na sra. Cavendish, pegando o sr. Alice de surpresa, agarrar Lawrence e correr. Mas qualquer movimento errado da parte de Victoria e Lawrence poderia...

Victoria achou que fosse desmaiar de medo. De um lado, a sra. Cavendish se aproximava, subindo os

degraus do terraço, arrastando-se. Cuspindo e sussurrando, com baratas saindo de suas roupas, ela se aproximava cada vez mais.

Do outro lado havia Lawrence, o sr. Alice e todos os amigos de Victoria – *todos os meus amigos*, Victoria pensou, surpresa. *Eles são meus amigos. Eu tenho amigos agora. Que estranho!*

“Tenho algo especial planejado para você, Vicky”, disse a sra. Cavendish, seu rosto ficando mais longo e mais magro, distintamente *não* humano. “Oh, sim, você vai ficar comigo e vai me ajudar por um longo, longo tempo. Eu a teria tratado bem, eu a teria ensinado coisas nas quais você jamais acreditaria... mas agora você arruinou isso.”

Victoria apontou a tesoura para ela. Os serviçais se agitaram. Lawrence fez um som de engasgo, porque o sr. Alice continuava pressionando os dentes do ancinho contra sua garganta. Algumas das crianças mais novas choravam.

“Por que você faz isso?”, perguntou Victoria. Ela encarou a sra. Cavendish entre as lâminas abertas.

A longa língua preta da sra. Cavendish saiu da boca, soltando uma única barata. Ela rastejou até o pé de Victoria. “Faço o quê?”, ela disse, rindo.

“Por que nos traz aqui? Tenta nos corrigir?”

“Porque eles querem”, disse a sra. Cavendish, rindo docemente, esticando mãos de garra, seguindo a barata em direção às pernas de Victoria. “Seus pais, seus professores. Todos. Eles querem que eu os faça perfeitos, e eu faço. Eu mantenho a cidade bonita, eu a mantenho perfeita. E eles ficam felizes. Ou ficavam, até algumas pessoas começarem a xeretar, como aquele seu professorzinho, como você mesma, Vicky.”

Acima da risada que conduziria Victoria a seu fim ouviram-se frenéticos latidos – era Gallagher, nas sombras da árvore que era Vivian Goodfellow, mantida no jardim por anos, porque não ficou quieta. Era uma parte do Lar, que tinha vinhas e raízes crescendo por todos os cantos.

Victoria pensou rapidamente, lembrando-se do treinamento de Lawrence. Ela havia cantarolado enquanto ele tocava piano e batucava nas teclas silenciosas, e o Lar havia se movido, e ficou se movendo a noite toda, em ondas, como se houvesse algo *abaixo*, rugindo, acordado. Ela havia cantarolado e falado com o Lar, e ele a ajudara a ir de um lugar para o outro. E nesta noite havia evitado que os insetos saíssem pelas paredes e os levassem, e, com todos eles correndo, gritando, batendo e quebrando coisas, havia se movido ainda mais. Mesmo agora, o chão balançava como se houvesse uma leve água abaixo.

E a sra. Cavendish, feia, horrorosa e bestial, ainda movia os olhos brancos nervosamente em direção às paredes cinza do Lar...

Dentro da mente de Victoria, tudo se encaixou: o Lar móvel, incansável, os insetos nas paredes, as raízes da árvore que a pegaram quando ela caiu; o professor Alban crescendo para dentro do muro de tijolos; a árvore Vivian Goodfellow; as tristes vozes sussurrantes.

“Claro”, disse Victoria. Ela bateu na testa. “Ai, pelo amor de Deus! Por que não pensei nisso antes? Tão óbvio! O professor Alban teria me dado um B por isso, e eu mereceria.”

“O que está dizendo?”, perguntou a sra. Cavendish, deslizando mais para perto. Suas mãos se abriram. Suas garras roçaram o tornozelo de Victoria. “Fale logo, fale logo, pequena Victoria.”

“Hum”, disse Victoria. Então começou a cantar a mesma música do outro dia, do treinamento de Lawrence – o dueto de Fauré. Ela se lembrava como era agora. Durante o treinamento ele havia batido nas teclas silenciosas. Eles tocaram juntos essa música na manhã anterior ao desaparecimento de Lawrence.

De repente tudo estava claro, especialmente o lugar suave, amistoso, que Lawrence ocupava em seu cérebro e que ela tentou ignorar. Focar nesse lugar e no rosto de Lawrence, no de Caroline, Jacqueline e Donovan a ajudou a cantar além dos terríveis nós na garganta.

“Ba-dum-dum-dum, DUM. Ba-da-dum-dum-dum DUM. Ba-da-dum-dum-dum-dum-dum-DUM-DUM-DUM-DUM-DUM!” cantava Victoria.

Ela não levou muito tempo para cantar, porque era uma peça rápida (Victoria se lembrava dos dedos de Lawrence voando leves como penas), e ela também não tinha uma boa voz.

Mas foi o suficiente. Todo mundo congelou.

Imediatamente, algo rugiu abaixo de seus pés, abaixo da pedra do terraço e da lama dos jardins. Idiota (ou talvez nem tanto, considerando as circunstâncias), Victoria achou que o ar de tempestade de repente parecia um pouco mais amistoso.

A sra. Cavendish se encolheu, cuspiando, olhando freneticamente ao redor para a noite. “Quieta”, ela retrucou. “*Quieta!*”

Lawrence se juntou a Victoria no canto, sorrindo para ela dos braços do sr. Alice. Sua voz estava forçada, porque ele mal conseguia respirar, mas cantou algumas notas junto com Victoria, até que o sr. Alice o apertou para ficar quieto.

“Cantem!”, Lawrence conseguiu soltar, enquanto Victoria continuava no *dum-dum*, se afastando cuidadosamente da sra. Cavendish. “Cantem algo, qualquer coisa!”

“Berrem!”, gritou Victoria. “Gritem! Apenas façam barulho!” Ela se lembrou das vozes cochichando. “Sozinho, tão sozinho.” “Ele gosta de canto, gosta de barulho!”

As outras crianças se olharam, confusas. A sra. Cavendish viu o medo delas e sorriu. Avançou para Victoria, com três línguas pretas e três conjuntos de dentes brilhantes prontos para o bote...

“Ahn... Rema, rema, remador”, cantou Jacqueline, sua voz um pouco rouca. O serviçal ao lado dela apertou seu braço, mas ela o chutou e continuou: “quero ver depressa o meu amor”.

Então ela recomeçou, e as outras crianças começaram a cantar também, a gritar, berrar, assobiar e tumultuar como sirenes. Cantavam todo tipo de coisas, como rock, música de ninar e o hino da Academia Impetus. E a pequena Caroline, tremendo, entrou com uma ária de ópera, para a surpresa de todos. As notas cortaram o ar como pássaros dourados. Um dos meninos menores, que não podia ter mais de 5 anos, começou a voar, zumbindo pelo terraço como um avião.

“Parem!”, guinchou a sra. Cavendish, seu rosto caindo em terríveis dobras de pele. Ela tentou avançar em Victoria novamente, mas dessa vez o terraço saltou também. A pedra ondulou, e uma enorme raiz de árvore quebrou o corrimão, batendo na sra. Cavendish. Agarrados às raízes estavam braços cobertos de casca e pequenos pés nus, apodrecendo. Mas era apenas uma raiz, e o terraço ainda não estava se movendo o suficiente; o Lar cambaleava, mas não caía.

“Cantem mais alto!”, gritou Victoria, balançando loucamente seu tesourão. “Berrem! Gritem! O mais alto que puderem – estão despertando eles!”

Ver uma raiz gigante atacar a sra. Cavendish foi uma inspiração e tanto. Caroline garganteou mais alto, e um dos novos meninos tocou uma guitarra imaginária com as mãos, enquanto cantava o seu rock, e Jacqueline continuou remando feliz, com um sorriso largo no rosto. Mais crianças saíam do Lar, aquelas que haviam tido medo demais para ajudar. As portas estavam caindo; as janelas despencando. Todos começaram a correr ao redor, se esgoelando de tanto gritar, batendo em tudo o que podiam encontrar, soltando gritos de guerra. As músicas se transformaram num ruído raivoso de gritos e caos.

“O que está havendo?”, perguntou o sr. Alice, colocando as mãos na orelha e soltando Lawrence. Alguns dos serviçais colocaram as mãos nas orelhas como o sr. Alice, mas outros começaram a grunhir e bater os atijadores de lareira nas paredes do terraço. Um serviçal de barriga gorda quebrou uma janela e guinchou.

“BANG BANG BANG”, ele gritou. Os outros serviçais começaram a ecoá-lo, suas vozes tão altas e roucas que fizeram o ouvido de Victoria zumbir.

“Bang!”, repetiram as crianças menores, e elas e os serviçais começaram a pegar as pedras do terraço, ajudando a liberar o jardim subterrâneo.

O sr. Alice começou a desmontar e secar, como se coisas estivessem se movendo embaixo de sua pele, e, quando Lawrence soltou um alto rugido, o sr. Alice gemeu terrivelmente. Sua pele se partiu ao meio, e ele caiu se tornando uma pilha brilhante de baratas confusas, que se espalharam por todo lado. Lawrence fez uma dancinha, chutando cascatas delas em direção ao Lar. Elas subiram por suas pernas, e Victoria correu para ele, mas Lawrence fez sinal para ela se afastar.

“Vá, Vicky!”, ele berrou, e Victoria se abaixou bem na hora, porque a sra. Cavendish vinha rastejando em direção a ela, através da massa de raízes que chicoteavam. Havia muitas delas agora, vindo pelo terraço e do Lar. Victoria lançou o tesourão no rosto da sra. Cavendish, mas ela desviou dele e saltou para Victoria com os braços estendidos.

“Mas eu posso *consertar* você”, gritou a sra. Cavendish no encalço de Victoria, avançando impetuosamente pelos jardins como uma fera selvagem. Ela não parecia nem remotamente humana agora, apenas brilhante como uma aranha, um monstro se arrastando mais e mais perto, horrível demais para se desviar o olhar. Seus dedos em garras rasgavam a lama em busca de Victoria, alcançando, alcançando...

“Eu não *quero* ser consertada”, Victoria gritou, e finalmente chegou à grande árvore selvagem. Ela se lançou atrás dela e pressionou o corpo contra a casca, ofegante. Gallagher estava lá, suas patinhas no tronco, latindo como louco. Victoria o pegou e olhou para cima.

O jardim nem era mais jardim. O canto e os gritos das crianças, o caos e o barulho, o tumulto dos serviçais o haviam despertado e trazido à vida. Galhos acenavam no ar, o chão rugia como um terremoto, e aqui e ali, grunhindo, o solo irrompeu em morros e penhascos. Victoria também viu *coisas* encolhidas levantando-se do jardim. Com formas vagamente humanas, as coisas subiam do jardim retorcido, as cabeças torcidas de modo estranho, os movimentos súbitos e instáveis. Victoria viu braços e pernas podres, faces boquiabertas no emaranhado torcido de árvores e flores, mas não olhou de muito perto por muito tempo.

“Vivian?”, sussurrou Victoria. A árvore grunhiu, seus galhos e raízes livres no ar. “Por favor, nos ajude. Sei que você tentou antes – e que tem tentado, não é? Você e os outros. Mas agora você realmente pode ajudar a maioria. Por favor, por favor...”

A sra. Cavendish desviou dos galhos que a atacavam. Saltou sobre as raízes que surgiam e se retorciam por cima da terra. Atrás dela, o Lar começou a despencar, as chaminés oscilando perigosamente no ar, tijolos, insetos e braços secos explodindo em cascatas, mas a sra. Cavendish não parecia se importar. Ela avançava para Victoria, a boca bem aberta, mais larga que uma janela, mais larga que uma porta.

Victoria escondeu o rosto no pelo de Gallagher. *Bem, então este é o final*, ela pensou. Depois de tudo, parecia fácil deixar acontecer.

Mas se Victoria pensou que a árvore estava viva antes, não era nada comparado ao que acontecia agora. A árvore avançou, mais alta, tantas raízes e galhos se projetando no ar que se tornou uma floresta, cercanda-a. E o resto do jardim avançou também, e o Lar virou uma massa de coisas brilhantes estalando. Não era mais uma casa, e toda ela avançava para a sra. Cavendish em ondas de baratas, galhos raivosos e óculos e dedos e botas e outras coisas que estiveram nas outras pessoas que foram dadas de comer ao Lar durante os anos, incluindo um feio medalhão em formato de coração. Cheio de ferrugem e lama, o medalhão caiu das grandes raízes da árvore, e Victoria o agarrou antes que ele pudesse ir mais longe. As raízes machucaram suas mãos, e ela cerrou os dentes de dor, mas não poderia deixar aquele medalhão desaparecer.

Um dos galhos da árvore empurrou Victoria para longe, e ela aproveitou a deixa, correndo o mais

rápido possível na direção oposta do jardim que sucumbia, indo ao encontro de Lawrence e das outras crianças.

“Vicky, tudo bem com você?”, Lawrence cochichou, e a abraçou tão apertado que ela não conseguia respirar, mas Victoria nunca sentira nada tão maravilhoso. Junto com as outras crianças, eles observaram o Lar e seus jardins engolirem a sra. Cavendish. Ela guinchou de raiva, avançando de um lado para o outro até que o mar negro de espinhos e lama a cobrisse, engolindo-a. Nenhuma das crianças cobriu as orelhas para bloquear seus gritos.

Quando terminou, não havia mais Lar, nenhum jardim, nenhuma cabana fedida. Eles estavam numa clareira nua no meio de um bosque vazio e solitário. O solo rugiu suavemente algumas vezes. Luzes fracas piscaram dos subterrâneos profundos como trovões. Então se fez silêncio. A única coisa que restou foi um ponto escuro no chão onde a sra. Cavendish havia sumido.

A brisa ficou gostosa e fresca, e as árvores que sobraram ao redor do terreno farfalhavam pacificamente. Todos se olharam, tontos, tremendo, e tentaram sorrir. Afinal, estavam todos livres agora, não estavam?

“Olhe, Victoria”, disse Peter, dando um passo à frente. Ele piscava, como se estivesse acordando, e talvez, Victoria pensou, ele estivesse. “Eu sinto muito... quero dizer, não era *eu*...

“Tudo bem”, Victoria respondeu, apesar de não acreditar totalmente nele. Nem todas as coisas ruins que Peter fizera tinham sido culpa da sra. Cavendish. Assim como nem todas as coisas ruins em Belleville se deviam à sra. Cavendish. As pessoas a deixaram agir. *Quiseram* que ela fizesse, inicialmente, anos atrás.

Victoria não gostava de pensar nisso, mas pensou mesmo assim. Não adiantava esquecer. Com sorte, não se esqueceria de nada.

Todos remexeram o entulho por um tempo, mas não havia muito o que ver – apenas pedaços secos do jardim, como se algo tivesse queimado todos os gravetos e espinhos.

“E quanto aos serviçais?”, gritou a pequena Caroline. “O que aconteceu com eles?”

Lawrence se remexeu desconfortavelmente. Victoria colocou as mãos na cintura e chutou ao redor do ponto preto da sra. Cavendish. Cinzas voaram, e terra, e pedaços do que Victoria esperava que *não* fossem ossos.

“A senhora Cavendish os fez”, ela disse. “Então, quando ela se foi, acho que eles se foram também.”

Algumas das crianças afastaram o olhar. Outras abaixaram a cabeça. Donovan olhou como se fosse despejar quaisquer doces que tivessem sobrado em seu estômago.

“Então não podemos esquecê-los”, disse Victoria. Ela ouviu sua voz soando mandona, mas não se importou. Às vezes era certo ser mandona. “E não podemos deixar acontecer de novo. Concordam?”

Todos assentiram, seus rostos de repente bravios e solenes. A noite ao redor deles estava quieta e fresca, escassamente prateada pelo luar.

“Bem”, disse Lawrence por fim. Ele pegou a mão de Victoria.

“Bem”, Victoria concordou. Ela apertou os dedos de Lawrence e não soltou por um bom tempo.

Gallagher caminhou para longe em direção à rua, latindo feliz. Uma luz se mexeu em direção a eles e, quando chegou mais perto, Victoria viu que era o sr. Tibbalt e uma lanterna.

“Olá todo mundo”, ele disse. Olhou ao redor onde o Lar outrora esteve, seus olhos demorando no ponto onde a grande árvore negra costumava estar. Era estranho vê-lo fora no mundo real, fora de sua casa. Ele parecia pequeno abaixo das árvores, e perdido.

“Senhor Tibbalt”, disse Victoria, correndo para ele. Ela enfiou a mão no bolso, encontrou o velho medalhão sujo, meio quebrado, e o colocou na mão dele. “Isto é seu agora.”

Os enrugados dedos roxos do sr. Tibbalt fecharam-se trêmulos sobre o medalhão. Ele não levantou o

olhar por um longo tempo. Victoria se perguntava se deveria dizer mais alguma coisa, mas decidiu que era melhor não; já havia sido dito – e feito – o suficiente. O sr. Tibbalt entenderia.

Finalmente, ele levantou o olhar. Por baixo de seus óculos, seus olhos brilharam e sua boca tremeu, mas ele estava um pouco mais alto agora. Podia endireitar seus ombros caídos. Depois de uns minutinhos, e pela primeira vez na vida de Victoria, ele até conseguiu sorrir.

“Alguém gostaria de vir tomar um chocolate quente enquanto chamamos seus pais?”, ele disse. Todos aceitaram.

EPÍLOGO

Vários anos depois, Victoria abraçou os pais cinco vezes ao se despedir na estação de trem até eles a deixarem ir. Eles haviam sido excessivamente afetivos desde aquela noite de tempestade, quando Victoria tinha 12 anos e chegou em casa num pijama sujo que eles nunca haviam visto. Eles até começaram a dizer “eu te amo” vez ou outra, embora nunca em público. Não era a coisa mais digna de se dizer, afinal, mas para Victoria era o suficiente. Ela sabia que eles nunca mais a esqueceriam, e ela não permitiria.

“Bem, adeus”, ela falou. Então disse: “Amo vocês”, e os abraçou uma última vez e entrou no trem, sentou-se em seu lugar e pegou seu caderno. Sua bagagem já havia sido mandada para a cidade. Era para onde ela ia, e no trem só tinha de se preocupar em terminar seu cartão postal para Lawrence.

“Oi, Lawrence”, ela começou, e então contou como estava empolgada de finalmente ir para a cidade, e sim, havia recebido a carta dele, e naquele fim de semana queria uma turnê pela elegante escola de música onde ele estudava, e estava ansiosa pelo seu recital de outono.

Quase seis anos haviam se passado desde aquele dia em que Lawrence desaparecera, quando eles tinham 12 anos e apenas um ao outro.

Victoria olhou pela janela, à medida que Belleville passava em vermelhos e dourados. Dali a pouco, o trem iria passar pela rua que levou seus pais de volta ao número 3 da Silldie Place.

“Estou tão feliz que você descobriu o que quer fazer, e que faz tão bem”, Victoria escreveu. “Ainda não sei o que fazer, mas acho que gostaria de ser professora – uma boa, como o professor Alban. Ou jornalista, para poder investigar as coisas. Ou talvez uma detetive.” Então ela seguiu para a lista de prós e contras dessas e de várias outras carreiras em potencial e descreveu alguns cenários hipotéticos do resto de sua vida, dependendo de qual profissão acabasse escolhendo. Quando terminou, sua minúscula letrinha limpa tomava todo o verso do cartão postal.

Victoria assinou rapidamente, carimbou o cartão e sorriu, correndo os dedos sobre o nome de Lawrence. Enviaria o cartão para ele na estação de trem da cidade, e ele receberia no dia seguinte, pouco antes de ela aparecer de surpresa, e ele a pegaria com a força de seu abraço e a rodopiaria, e ela iria brigar com ele para não fazer isso, pelo amor de Deus, mas ela saberia – e ele também – que ela gostaria muito que ele o fizesse.

Victoria sorriu novamente. Recostou-se e viu as árvores passando, rápido demais para ela ver onde estavam e, enfim, estava muito ocupada pensando nas listas que acabara de fazer, e em como era bom ser rodopiada no ar.

Agora, as árvores que ladeavam os trilhos ocupavam a velha propriedade do número 9 da Silldie Place, perto do portão desgastado no qual, naquele mesmo momento, estavam três pessoas.

Uma delas era o corretor, com todos os devidos papéis, sorrindo animado porque queria mesmo fazer essa venda. Era uma tremenda propriedade. Seria uma comissão extravagante.

“Nunca foi explorada”, disse o corretor, conduzindo seus clientes pelo velho portão bambo e pela entrada ladeada de árvores. “Uma verdadeira vergonha também. É uma propriedade adorável, não

acham?”

A mulher, que tinha lábios vermelhos-vivos e parecia estar no comando, sorriu. “É perfeita. Não acha, querido?”

O homem, vestido de preto numa roupa de jardineiro, disse. “É perfeita, sim, perfeita.”

O corretor olhou desconfortável para o homem de preto que segurava uma marionete em sua mão. Estava entalhando um rosto na cabeça, que parecia de certa forma familiar. O corretor esfregou o nariz. O homem de preto começou a entalhar o nariz da marionete.

Tentando ser educado, o corretor disse: “Então, de onde vocês são?”.

“Oh, de muito, muito longe”, disse a mulher. “Nós fizemos... uma longa viagem. Mas é hora de nos estabelecermos novamente.”

“Entendo”, disse o corretor. Ele estreitou os olhos para o rosto da marionete. Era mesmo bem extraordinário aquele nariz. “É um brinquedo ou o quê?”

A mulher sorriu mais largo. “Planejo abrir um lar para crianças aqui. É uma marionete. Para as crianças, sabe? Elas adoram brincar.”

“Oh”, disse o corretor, aliviado. “Sim, entendo. Bem, fantástico. É mesmo muito bom. Agora, se quiserem vir por aqui...”

“Não é preciso”, disse a mulher. Seu cabelo brilhava, e o corretor de repente gostou muito dela. Ela esticou a mão para a chave do portão. “Vamos ficar com ela.”



“É uma marionete. Para as crianças, sabe? Elas adoram brincar.”

Copyright © 2012 Claire Legrand
Copyright © 2012 Sarah Watts (ilustração)
Copyright © 2014 Editora Gutenberg

Título original: *The Cavendish Home for Boys and Girls*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL REVISÃO
Alessandra J. Gelman Ruiz Priscila Justina
Eduardo Soares

EDITOR ASSISTENTE DIAGRAMAÇÃO
Denis Araki *Christiane Morais*

ASSISTENTES EDITORIAIS
Felipe Castilho
Carol Christo

CAPA
Diogo Droschi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Legrand, Claire

O misterioso Lar Cavendish / Claire Legrand ; ilustração Sarah Watts ; tradução Santiago Nazarian. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014.

Título original: *The Cavendish Home for Boys and Girls*
ISBN 978-85-8235-180-2

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

14-08379 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

A **GUTENBERG** é uma editora do **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br